00046067

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 25 June, 2016

46067

# DA ASIA

DE

# JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NO DESCUBRIMENTO, E CONQUISTA DOS MARES, E TERRAS DO ORIENTE.

## DECADA PRIMEIRA

### *PARTE SEGUNDA.*

Vol I Pt 2

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

1777

*Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.*

P08915
Bar! ASI

00046067

# INDICE
## DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE II.
## DA DECADA I.

## LIVRO VI.

CAP. I. *Como ElRey D. Manuel, depois que Pedralvares Cabral veio da India, por razão deste descubrimento, e conquista della, tomou o titulo, que ora tem a Coroa deste Reyno de Portugal, e a razão, e causa delle.* Pag. 1.

CAP. II. *Como o Almirante D. Vasco da Gama partio deste Reyno o anno de quinhentos e dous com huma grande frota: e o que passou neste caminho té chegar a Moçambique.* 21.

CAP. III. *Como partido o Almirante de Moçambique, foi ter á Cidade Quiloa, onde se vio com o Rey della, e o fez tributario: e dahi se partio pera a India, onde, antes de chegar a Cananor, tomou a náo Merij do Soldão do Cairo.* 29.

CAP. IV. *Como o Almirante se recolheo para Cananor, e das vistas que houve entre elle, e ElRey: e depois sobre o assentar o preço das especiarias, se partio para Cochij desavindo delle, e o que sobre isso succedeo.* 39.

CAP. V. *Como o Almirante se partio via de Calecut: e o que fez chegando a elle, e dahi se partio caminho de Cochij, ficando em maior quebra com o Çamorij do que estava dantes.* 47.

CAP. VI. *Como ElRey de Cananor por meio de Payo Rodrigues tornou a conceder as cousas que o Almirante lhe requeria, o qual recado lhe levou Vicente Sodré a Cochij, onde elle já estava: e das cousas que em sua chegada passou com ElRey de Cochij.* 55.

CAP. VII. *Como o Almirante, per hum artificio de engano, que hum Bramane teve com elle, foi ter ao porto de Calecut, onde passou grande risco de lhe queimarem a náo, e o que sobre isso fez: passado o qual trabalho, partio pera este Reyno, onde chegou a salvamento.* 65.

# LIVRO VII.

CAP. I. *Como o Çamorij Rey de Calecut por nossa causa fez guerra a ElRey de Cochij, e o que succedeo della.* Pag. 77.

CAP. II. *Como ElRey D. Manuel o anno de quinhentos e tres mandou á India nove náos repartidas em tres capitanías, de que eram Capitães móres Affonso de Alboquerque, Francisco de Alboquerque, e An-*

*e Antonio de Saldanha : e como Vicente Sodré se perdeo , e de algumas cousas , que os Alboquerques fizeram por restituir a ElRey de Cochij , que tinha perdido na guerra , que lhe fez o Çamorij.* 85.

CAP. III. *Como a Rainha de Coulão mandou pedir aos Capitães que fossem duas náos tomar carga ao seu porto : e da paz que o Çamorij fez com elles , a qual logo quebrou , e tornou á guerra , por a qual causa Duarte Pacheco ficou com a sua náo , e duas caravelas em guarda de Cochij : e do que os outros Capitães passáram vindo para este Reyno.* 98.

CAP. IV. *Do que Antonio de Saldanha , e dous Capitães , obrigados a sua bandeira , passáram depois que partíram deste Reyno o anno passado de quinhentos e tres , depois da partida dos Alboquerques té chegarem á India.* 103.

CAP. [illegible] *o Çamorij veio com grande poder de gente , e apparato de guerra per terra , e per mar sobre ElRey de Cochij : e das victorias , que os nossos delle houveram.* 116.

CAP. VI. *De algumas victorias , que os nossos houveram do Çamorij : e das industrias , e ardis de guerra , que os Bramanes , e Mouros do seu arraial lhe inventáram pera o consolar das perdas ,*

que

*que houve, e perigos per que passou.* 123.

CAP. VII. *De algumas cousas, que o Çamorij Rey de Calecut ordenou, e commetteo contra os nossos, e ElRey de Cochij na guerra, que tinha com elle: e do que Duarte Pacheco nisso fez.* 131.

CAP. VIII. *Como o Çamorij de Calecut com humas máquinas de castellos em barcos, e elle per terra veio commetter os nossos: e destas, e de outras vezes, que commetteo querer passar o rio, ficou tão desbaratado, que se recolheo pera seu Reyno.* 141.

CAP. IX. *Como ElRey por as novas, que teve da India per o Almirante D. Vasco da Gama, o anno seguinte de quinhentos e quatro, mandou huma grande Armada, de que foi por Capitão mór Lopo Soares: e do que passou da partida de Lisboa té chegar a Cochij.* 148.

CAP. X. *Como Lopo Soares [illegible]equerimento d'ElRey de Cochij deo [illegible] Cranganor, e o destruio: e da ajuda que mandou a ElRey de Tanor, e as causas porque.* 156.

CAP. XI. *Como Lopo Soares, depois de feita sua carga de especiaria, e espedido d'ElRey de Cochij, de caminho deo em hum lugar d'ElRey de Calecut chamado Panane, onde pelejou com alguns seus Capitães, que estavam em guarda de*

*dez-*

*dezesete nâos, as quaes queimou; e acabado este feito, partio pera este Reyno, onde chegou a salvamento.* 163.

# LIVRO VIII.

CAP. I. *Do modo, que se navegavam as especiarias té virem a estas partes da Europa ante que descubrissemos, e conquistassemos a India per este nosso mar Oceano: e das embaixadas, que os Mouros, e Principes daquellas partes mandáram ao Soldão do Cairo, pedindo-lhe ajuda contra nós.* Pag. 174.

CAP. II. *Como o Soldão do Cairo escreveo ao Papa per hum Religioso da Casa de Sancta Catharina de Monte Sinay, aqueixando-se das nossas Armadas da India: e como o Papa mandou o proprio Religioso a este Reyno, e do que se lhe respondeo.* 182.

CAP. III. *Como neste anno de quinhentos e sinco mandou ElRey huma grossa Armada á India, de que foi por Capitão mór Dom Francisco de Almeida, que depois foi intitulado por Viso-Rey della.* 191.

CAP. IV. *Em que se descreve a parte da costa de Africa, em que está situada a Cidade Quiloa, á qual terra os Arabios propriamente chamam Zanguebar, e Ptholomeu Ethiopia sobre Egypto.* 204.

CAP. V. *Como D. Francisco de Almeida sahio em terra, e tomou a Cidade de Quiloa, fugindo ElRey pera a terra firme..* 216.

CAP. VI. *Como a Cidade Quiloa se fundou, e os Reys que teve té ser tomada per nós: e como D. Francisco de Almeida novamente fez Rey della a Mahamed Anconij.* 223.

CAP. VII. *Como acabada a fortaleza de Quiloa, e provído Capitão, e os Officiaes della, D. Francisco se partio pera a Cidade Mombaça, a qual determinou de tomar pelo que nella passou.* 235.

CAP. VIII. *Como D. Francisco de Almeida tomou a Cidade Mombaça, e a queimou.* 244.

CAP. IX. *De algumas cousas, que D. Francisco de Almeida fez, em quanto se trabalhava na obra da fortaleza de Anchediva: e os recados, que alli teve d'ElRey de Onor per seus Embaixadores: e assi de alguns Mouros vizinhos á fortaleza procurando sua amizade.* 255.

CAP. X. *Como partido D. Francisco de Anchediva, deo em Onor, onde queimou as náos do porto: e do que passou com Timoja.* 268.

LI-

# LIVRO IX.

CAP. I. *Em que se descreve toda a costa maritima do Oriente, com as distancias que ha entre as mais notaveis Cidades, e povoações per modo de roteiro, segundo os navegantes.* Pag. 284.

CAP. II. *De alguns Reys, e Principes das partes Orientaes, Mouros, e Gentios, com que tivemos communicação, assi per via de conquista, como de commercio.* 313.

CAP. III. *Como a terra da Provincia Malabar se repartio em Reynos, e Estados: e o fundamento do Estado do Çamorij, e de algumas cousas dos Naires, e gente Malabar.* 322.

CAP. IV. *Como o Viso-Rey se vio com El-Rey de Cananor, e espedido delle, chegou a Cochij, onde lhe deram nova que Antonio de Sá Feitor de Coulão era morto pelos Mouros, sobre o qual caso mandou logo lá D. Lourenço.* 339.

CAP. V. *Como o Viso-Rey se vio com El-Rey de Cochij em hum acto solemne, em que lhe entregou certas cousas: e como acabada a carga das náos as espedio pera este Reyno.* 351.

CAP. VI. *Como ElRey D. Manuel mandou Pero da Nhaya á Mina de Çofala: e do que*

*que passou no caminho té chegar ao porto della, onde fez huma fortaléza.* 360.

# LIVRO X.

CAP. I. *Em que se descreve a região do Reyno de Çofala, e das minas d'ouro, e cousas que nella ha: e assi os costumes da gente, e do seu Principe Bonomotápa.* Pag. 372.

CAP. II. *Como os Mouros de Quiloa foram povoár em Çofala: e o que Pero da Nhaya passou no fazer da fortaleza té espedir os Capitães, que haviam de passar á India: e do que aconteceo a elles, e a seu filho Francisco da Nhaya.* 388.

CAP. III. *Como Pero da Nhaya foi cercado per os Cafres da terra, donde se causou ir elle matar ElRey: e do que mais passou té ser alevantado hum seu filho, que poz a terra em paz.* 396.

CAP. IV. *Como o Çamorij Rey de Calecut fez huma grossa Armada, a qual D. Lourenço filho do Viso-Rey desbaratou.* 405.

CAP. V. *Como o Visò-Rey mandou seu filho D. Lourenço descubrir as Ilhas de Maldiva, e Ilha Ceilão: e o que fez nesta viagem té tornar a Cochij.* 423.

CAP. VI. *Da viagem, que fez Cyde Barbudo com Pero Quaresma: e como por cau-*

*causa das novas, que elle levou ao Viso-Rey, que Pero da Nhaya era falecido em Çofala, e divisões, que havia em Quiloa, por ser morto ElRey Mahamed, elle Viso-Rey mandou a Nuno Vaz Pereira a prover nestas cousas, e a servir de Capitão em Çofala: e das mais cousas, que succedêram em Quiloa, té que de todo a leixámos.* 430.

DE-

# DECADA PRIMEIRA.
## LIVRO VI.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente, em que se contém o que fez o Almirante D. Vasco da Gama, com huma Armada, que o anno de quinhentos e dous partio deste Reyno pera a India.

### CAPITULO I.

*Como ElRey D. Manuel, depois que Pedralvares Cabral veio da India, por razão deste descubrimento, e conquista della, tomou o titulo, que ora tem a Coroa deste Reyno de Portugal, e a razão, e causa delle.*

ANTES que João da Nova viesse desta viagem, que fez á India, (segundo neste precedente livro fica,) per quem ElRey D. Manuel soube como fora recebido nella, e nossas cousas eram acce-

ptas ácerca do Gentio, e Mouros daquellas partes, já deste Reyno no Março passado de quinhentos e dous era partido D. Vasco da Gama com huma frota de vinte vélas a esta conquista. Antes da partida do qual teve ElRey muitos conselhos; porque como a sua ida assi poderosamente se causou por razão dos trabalhos do mar, e perigos da terra, que Pedralvares Cabral passou, e por outras cousas que vio, e experimentou na communicação, que teve com os Principes daquellas partes, fizeram todas estas cousas muita dúvida no parecer de pessoas notaveis deste Reyno, se sería proveitoso a elle huma conquista tão remota, e de tantos perigos; peró que algumas destas pessoas, quando ElRey teve conselho na primeira ida de D. Vasco da Gama, approváram este descubrimento, que elle hia fazer, e depois a ida de Pedralvares. Porque nestas primeiras viagens não mostrou o negocio tanto de si, como com a vinda delles, posto que a sua informação ainda foi mui confusa, pera o que nas seguintes Armadas se soube da grandeza daquella conquista. Porém sómente com as cousas, que Pedralvares passou, faziam esta differença, dizendo, que huma cousa era tratar se sería bem descubrir terra não sabida, parecendo-lhe ser habitada de Gentio tão pacifico, e obediente, co-

mo

mo eram de Guiné, e de toda Ethiopia, com que tinhamos communicação, que sem armas, ou outro algum apercebimento de guerra, per commutação de cousas de pouco valor haviamos muito ouro, especiaria, e outras de tanto preço: e outra cousa era consultar se sería conveniente, e proveitoso a este Reyno, por razão do commercio das cousas da India, emprender querellas haver per força d'armas. Porque, segundo a experiencia mostrava, e os Mouros defendiam, que as não houvessemos da mão do Gentio da terra, mais havia de valer ácerca delles grande numero de náos, e muita gente d'armas, que outra mercadoria alguma. E ainda a muitos, vendo sómente na carta de marcar huma tão grande costa de terra pintada, e tantas voltas de rumos, que parecia rodearem as nossas náos duas vezes o Mundo sabidó, por entrar no caminho d'ouro novo, que queriamos descubrir, fazia nelles esta pintura huma tão espantosa imaginação, que lhes assombrava o juizo. E se esta pintura fazia nojo á vista, ao modo que faz ver sobre os hombros de Hercules o Mundo, que lhe os Poetas puzeram, que quasi a nossa natureza se move com affectos a se condoer dos hombros daquella imagem pintada, como se não condoeria hum prudente homem em sua consideração ver este Reyno, (de

que elle era membro ; ) tomar sobre os hombros de sua obrigação hum Mundo, não pintado, mas verdadeiro, que ás vezes o podia fazer acurvar com o grão pezo da terra, do mar, do vento, e ardor do Sol, que em si continha: e o que era mais grave, e pezado que estes elementos, a variedade de tantas gentes, como nelle habitavam. Porque ainda que a experiencia tinha mostrado quão grandes trabalhos eram os daquelle caminho, pois de treze náos d'Armada de Pedralvares, as quatro leváram carga de homens pera mantimento dos peixes daquelles mares incognitos que navegáram, as quaes em hum instante foram mettidas no profundo do mar, isto furia foi dos elementos, que tem seus impetos a tempo; e como são effectos da natureza que he regulada, levemente se evitam os taes perigos, quando os homens tem prudencia pera saber eleger o curso dos temporaes. Peró communicar, conversar, e contratar com gente da India, cujas idolatrias, abusos, vicios, opiniões, e sectas, hum Apostolo de Christo Jesus per elle enviado, como foi S. Thomé, temeo, e receou ir a ella, sómente a lhe dar doctrina de paz, e salvação pera suas almas; como se podia esperar que a nossa doctrina, ainda que Catholica fosse, por ser com mão armada, e não per boca de Apostolos, mas

de

de homens ſubjectos mais a ſeus particulares proveitos, que á ſalvação daquelle povo Gentio, podia fazer nelles impreſsão, principalmente ácerca dos Mouros, que por razão deſta doctrina Evangelica eram noſſos capitaes imigos; os quaes eram já tantos entre aquelle Gentio, aſſi dos naturaes da terra, a que elles chamam Naiteas, como eſtrangeiros, que não contando os de toda a coſta da India, ſómente começando da Cidade Goa, que eſtará quaſi no meio della té Cochij, que ſerão pouco mais, ou menos cento e vinte leguas per coſta, (ſegundo ſe dizia, e depois ſe ſoube em verdade;) havia mais Mouros que em toda a coſta de Africa, que temos defronte entre a noſſa Cidade Cepta, e Alexandria. A maior parte dos quaes, principalmente os eſtrangeiros, como tinham uſurpado do Gentio d'aquellas partes todo o navegar das eſpeciarias, e comiam eſte fruto dellas, eram feitos tão abſolutos ſenhores de toda a riqueza dos portos de mar, que alguns delles em ſubſtancia de fazenda eram tão poderoſos, que mais levemente podiam fazer huma guerra, e comportar as deſpezas della per muito tempo, do que o podem fazer os Reys de Belez, Tremecem, Ourão, Argel, Bugia, e Tunes, que he a flor de todolos Principes, que tem a coſta de Africa que vizinhamos.

E como com a nossa entrada na India estes Mouros tão poderosos perdiam o trato das especiarias, e commercio, que lhes dava este grão poder; todos conjuráram em nossa destruição, e pera isso convocavam as adjudas do Gentio da terra, como fizeram per mão do grande Çamorij de Calecut. Outros homens do mesmo conselho d'ElRey D. Manuel, e pessoas mui notaveis do Reyno, tambem faziam estas considerações, e tenteavam estas cousas que apontamos; porém contra ellas punham outros bens, que prevaleciam sobre estes temores, os quaes eram a denunciação do Evangelho, ainda que não fosse per boca dos Apostolos, nem per o modo com que elles o denunciavam, porque então assi conveio pera gloria de Christo no principio da congregação da sua Igreja; mas o presente per qualquer modo, e pessoa Catholica que fosse, muito havia de accrescentar no estado da Igreja Romana a nossa entrada na India. E quanto ás contradicções que tinhamos nos Mouros, e Çamorij por parte delles, tambem tinhamos dous Reys pola nossa mui amigos, e leaes, como eram ElRey de Cochij, e Cananor, e assi o Reyno de Coulão; os quaes desejavam tanto nossa amizade, que começavam entre si contender a quem nos daria carga de especiaria, e nos teria por amigos, por verem logo na-

quel-

quella primeira ida de Pedralvares Cabral quão proveitoso lhes era o nosso commercio, assi no que recebiam, como no que davam. E mais, como a substancia da guerra he o dinheiro, e este adjunta náos, artilheria, homens, e toda outra munição dellas, era tamanho o proveito que se havia da mão daquelles dous Reys nossos amigos, por elles serem senhores da flor della, que deste grande proveito se podiam supprir as necessidades da guerra, (quando os Mouros a quizessem comnosco,) e mais faria este Reyno de Portugal mui rico. Porque foi tamanho o ganho das mercadorias, que foram naquella Armada de Pedralvares, que em muitas cousas com hum se fez de proveito no retorno, sinco, dez, vinte, e trinta até sincoenta; per experiencia das quaes cousas ficavam todalas outras razões subditas a este bem de proveito, que sempre prevaleceo em todo conselho. Porém as primeiras, nem as segundas razões, que assima apontámos, que procediam do parecer, e juizo dos homens principaes do Reyno, não tinham no coração d'ElRey D. Manuel tanta parte pera o mover a este descubrimento, e conquista, quanta tiveram as inspirações de Deos, que o demoviam pera effecto della. E ainda parece que o mesmo Deos permittia as razões, e dúvidas movidas, pera com mais cuida-

do,

do, e providencia ſe proverem as couſas pera eſte deſcubrimento, e conquiſta. Finalmente ElRey ſe determinou, que pois Noſſo Senhor lhe abríra eſte caminho nunca deſcuberto, no qual ſeus anteceſſores tanto trabalháram per continuação de ſetenta e tantos annos, elle o havia de proſeguir; e mais vendo ſer já maior o fruto delle naquella primeira ida de Pedralvares, do que eram os trabalhos paſſados, e temores do que eſtava por vir. Quanto mais que as grandes couſas, (e principalmente eſta, de que toda a Europa ſe eſpantou,) não ſe podiam conſeguir ſenão per muitos, e mui varios caſos, e perigos, dos quaes exemplos o Mundo eſtava cheio, por ſer couſa mui racional, que os grandes edificios pera ſerem perpétuos, e firmes, ſobre profundos alicerces de trabalho ſe fundam. A qual determinação, que foi logo como Pedralvares veio, obrigou tambem a ElRey fazer outra obra de muita prudencia, e de tal animo, como convem aos Principes, que ſe prézam de leixar nome de feitos glorioſos. Nenhum dos quaes ſe póde comparar áquelles, em que a Coroa do ſeu Reyno he augmentada, não per accreſcentamento de rendas della, nem per ſumptuoſidade de grandes, e magnificos edificios, ou qualquer outra util, e proveitoſa obra, mas per accreſcentamento de algum

no-

novo titulo a ſeu Eſtado. Porque como ácerca dos homens, a que Deos não concede eſta dignidade real, poſto que adquiram muita ſubſtancia de fazenda, e com ella ſe façam poderoſos em edificar, plantar, e obras mecanicas, que procedem mais da cópia do dinheiro, que da grandeza do animo, e forças do engenho; e em ſua vida, e depois da morte, nenhuma obra, por grande que ſeja, lhes dá mais louvor, que mudar o nome, com que naſcêram, com alguma denotação de honra, ſegundo o Reyno onde vive: aſſi ácerca dos Reys, por muitas couſas que façam, de qualquer genero que ſejam, nenhumas lhes dá maior nome que aquella, pela qual accreſcentáram á ſua Coroa algum juſto, e illuſtre titulo. E he eſte deſejo de creſcer em nome tão natural aos homens de claro entendimento, que té adquirir, e ajuntar dinheiro, o fim delle he pera eſte creſcer em nome; poſto que os meios ás vezes o fazem diminuir, e de todo perder, porque poucas ſe adjunta o muito ſem infamia. Porém como de couſa ſuſpeitoſa fazem os homens eſta differença do dinheiro, na vida he mui accepto, porque ſabem que a elle obedecem todalas couſas; e que não ha monte, por alto que ſeja, a que hum aſno carregado d'ouro não ſuba, como dizia Filippe pai de Alexandre. Mas quando vem á hora da mor-

morte, onde este dinheiro já não serve, não querem os homens que na chronica de sua vida, que he a campa de sua sepultura, se faça menção delle, (posto que a capella, em que ella está, com elle se fizesse, e o morgado applicado a ella delle se constituisse.) Sómente querem que naquelle summario de todalas honras se ponha, e se escreva algum bom nome de honra, se o tiveram na vida, por saberem per sentença daquelle sapientissimo Salamão, que mais val o bom nome, que todalas riquezas da terra. E que isto assi seja ácerca do geral dos homens, entre elles, e os Reys ha esta differença. Os homens como são subditos, pera terem nome basta qualquer obra, com que aprazem a seu Rey, porque esta complacencia lhes póde dar o que elles estimam pera sua sepultura. Peró os Reys como não tem superior, de quem possam receber algum novo, e illustre nome pera a campa de sua sepultura, que he a chronica do discurso de sua vida, lançam mão não de obras communas, e possiveis a todo homem poderoso em dinheiro, mas de feitos excellentes, que lhes podem dar titulos, não em nome, mas em accrescentamento d'algum justo, e novo estado, que per si ganháram. Assi que fallando propriamente, os homens como são subditos, e não Soberanos, toda a honra que ac-

acquirem he nelles nome; e nos Reys, quanto conquistarem he nelles titulo. Pois vendo ElRey D. Manuel esta universal regra do Mundo, e que seus Antecessores sempre trabalháram per conquista dos infieis, mais que per outro injusto titulo, accrescentar o de sua Coroa, e ElRey D. João seu Primo como de caminho, por razão da empreza, que este Reyno tomou em descubrir a India, tinha tomado por titulo Senhor de Guiné; continuando com elle, accrescentou estes tres, *Senhor da Navegação, Conquista, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India.* O qual titulo não tomou sem causa, ou acaso, mas com muita aução, justiça, e prudencia; porque com a vinda de D. Vasco da Gama, e principalmente de Pedralvares Cabral em effecto per elles tomou posse de tudo o que tinham descuberto, e pelos Summos Pontifices lhe era concedido, e dado. A qual doação se fundou nas muitas, e grandes despezas, que neste Reyno eram feitas, e no sangue, e vidas de tanta gente Portuguez, como neste descubrimento per ferro, per agua, doenças, e outros mil generos de trabalhos, e perigos perecêram. E porque póde ser que algumas pessoas não entenderáõ este titulo, que ElRey tomou, antes que se mais proceda, faremos huma declaração, dizendo, que cousa he titulo, e que

que direito comprehende em ſi eſte delRey. Eſte nome Titulo, ácerca dos Juriſtas, tem diverſos ſignificados, por ſer hum nome commum, que lhe ſerve de genero, debaixo do qual eſtam muitas eſpecies de couſas, porque ás vezes ſignifica preeminencia de honra, a que chamam Dignidade, como he a do Duque, Marquez, Conde, &c. e outras vezes ſignifica Senhorio de propriedade, donde as meſmas eſcrituras, que cada hum tem de ſua fazenda, ſe chamam Titulos. Porém fallando propriamente, e a noſſo propoſito, Titulo não he outra couſa, ſenão hum ſinal, e denotação do direito, e juſtiça, que cada hum tem no que poſſue, ora ſeja por razão de dignidade, ora por cauſa de propriedade. O uſo dos quaes Titulos, ácerca dos Reys, he hum; e toda outra peſſoa, que vive ſubdita a elles, tem niſſo outro modo: cá o titulo dos Reys não requere mais eſcritura do ditado com que ſe elles intitulam; que ſuas proprias Cartas, quando no principio dellas ſe nomeam, e os homens pera ſe lhes guardar o Titulo de ſua Dignidade, (ſe a tem,) hão de ter eſcritura dos Reys, de cuja mão recebêram a tal honra; e ſe forem propriedades, apreſentaráõ eſcritura donde as houveram. Aſſi que, fallando propriamente, ao Titulo da honra podemos-lhe chamar Dignidade, e ao Titu-

tulo da propriedade Senhorio, per este seguinte exemplo. Este nome Rey tem dous respectos: quando se refere á dignidade Real, denota jurisdicção sobre todos que vivem no seu Reyno; e referido ao Reyno, e não aos vassallos, denota Senhorio, como cada hum o tem sobre as propriedades de sua fazenda, as quaes póde dar, vender, &c. o que elle não póde fazer dos vassallos, fallando conforme a Direito. Assi que quanto a este nome Rey, se havemos de guardar a etymologia do verbo, donde elle procede, que he de reger, propriamente diremos Rey dos Portuguezes, Rey dos Castelhanos, e Senhor de Portugal, Senhor de Castella; e porque per este nome Rey elles se intitulam do melhor subjecto, que he da jurisdicção dos homens, chamam-se Reys, e não Senhores, ou diremos que o fazem, porque nomeando-se por Reys da terra, entende-se que o são dos homens que vivem nella. Isto seja dito quanto á declaração deste titulo de Rey, e Senhor. Conforme ao qual direito, e propriedade de nome, El-Rey D. João o Segundo, (como atrás fica,) se intitulou por Senhor, e não Rey de Guiné, porque sobre os póvos da terra não tinha jurisdicção, e porém teve Senhorio della. Cá ninguem lha defendeo, nem entre os Negros havia demarcação de estados, e pude-

dera-se esta terra conceder ao primeiro occupante, quanto mais a elle, que tinha a doação dos Summos Pontifices, que são Senhores universaes pera distribuir pelos Fieis da Catholica Igreja as terras que estam em poder daquelles, que não são subditos ao jugo della. Per o qual modo, e aução ElRey D. Manuel tambem se chamou Senhor da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, porque, (como já repetimos per vezes,) os Summos Pontifices tinham concedido a este Reyno tudo o que descubrissem do Cabo Bojador, té a Oriental Plaga, em que se comprehendia toda a India, Ilhas, mares, portos, pescarias, &c. segundo mais compridamente se contém nas proprias doações. E como elle neste descubrimento, que mandou fazer per D. Vasco da Gama, e Pedralvares Cabral, descubrio tres cousas, as quaes nunca nenhum Rey, nem Principe de toda a Europa cuidou, nem tentou descubrir; destas tres, que eram as essenciaes de todo Oriente, quiz tomar titulo. Descubrio Navegação de mares incognitos, per os quaes se navega destas partes de Portugal pera aquellas Orientaes da India: tomou posse deste caminho da navegação per o titulo della: descubrio terras habitadas de Gentio idólatra, e Mouros hereticos, pera se poderem con-

conquiſtar, a tomar das mãos delles, como de injuſtos poſſuidores, pois negam a gloria que devem a ſeu Creador, e Remidor, intitulou-ſe por Senhor dellas: deſcubrio o commercio das eſpeciarias, as quaes eram tratadas, e navegadas per aquelles póvos infieis, per o meſmo modo; pois era Senhor do caminho, e da conquiſta da terra, tambem lhe convinha o Senhorio do Commercio della. Pera os quaes titulos não houve miſter mais eſcritura que a primeira doação Apoſtolica, e trazellos elle em ſeu ditado, quanto mais que ao preſente já são confirmados per o Direito de *Uſucapionis*, (como dizem os Juriſtas,) de mais de ſincoenta e tantos annos de poſſe, ſegundo ſe verá no proceſſo deſta noſſa hiſtoria per eſte modo. Quanto á Navegação, foi ſempre tão grande a potencia de noſſas Armadas naquellas partes Orientaes, que por ſermos com ellas ſenhores dos ſeus mares, quem quer navegar, ora ſeja Gentio, ora Mouro, pera ſegura, e pacificamente o poder fazer, pede hum ſalvo conducto aos noſſos Capitães que lá andam, ao qual elles commummente chamam Cartaz; e ſe eſte infiel he achado, não ſendo dos lugares onde temos fortalezas, ou que eſtam em noſſa amizade, com juſto titulo o podemos tomar de boa guerra. Porque ainda que per direito commum

mum os mares são communs, e patentes aos navegantes, e tambem per o mesmo direito somos obrigados dar servidão ás propriedades, que cada hum tem confrontadas comnosco, ou pera que lhe convenha ir, por não ter outra via pública, esta lei ha lugar sómente em toda a Europa, ácerca do povo Christão; que como por Fé, e Baptismo está mettido no gremio da Igreja Romana, assi no governo de sua policia se rege pelo Direito Romano. Não que os Reys, e Principes Christãos sejam subditos a este direito imperial, principalmente este nosso Reyno de Portugal, e outros, que são immediatos ao Papa per obediencia, e não por serem feudatarios, mas acceptam estas leis em quanto são justas, e conformes á razão, que he madre do Direito. Peró ácerca dos Mouros, e Gentios, que estam fóra da Lei de Christo Jesus, que he a verdadeira que todo homem he obrigado ter, e guardar, sobpena de ser condemnado a fogo eterno, quem no principal, que he alma, está condemnado, a parte que ella anima não póde ser privilegiada nos beneficios das nossas leis, pois não são membros da Congregação Evangelica, posto que sejam proximos por racionaes, e estam, em quanto vivem, em potencia, e caminho pera poderem entrar nella. E ainda conformando-nos com o mesmo

Di-

Direito commum, não fallando nestes Mouros, e Gentios, que tem perdida esta aução por não receberem nossa Fé, mas qualquer membro della não pode pera aquellas partes Orientaes pedir servidão, porque ante da nossa entrada na India, com a qual tomámos posse della, não havia algum que lá tivesse propriedade herdada, ou conquistada; e onde não ha aução precedente, não ha servidão presente, ou futura. Porque como todo acto, pera se continuar per muito tempo, requere principio natural; assi as auções pera serem justas, dependem de hum principio de precedente justiça, que no Direito Commum he hum centro universal, a que hão de concorrer todolos actos dos homens, que vivem segundo a Lei de Deos. Quanto ao titulo da Conquista, hoje per ella são mettidos na Coroa deste Reyno estes Reynos, Çofala, Quiloa, Mombaça, Ormuz, Goa, Malaca, Maluco com todalas Ilhas do seu estado, e os Senhorios da Cidade Dio, e Baçaim, com todas suas terras, que são do Reyno de Cambaya, e adiante Chaul, Baticalá, em todalas quaes partes temos nossas fortalezas com Officiaes, e Ministros do governo da terra. Peró ao presente temos leixado Quiloa, e Mombaça, por serem partes mui doentias, custosas, e sem fructo, como leixámos a

Ilha Çocotorá, e Anchediva por não serem necessarias. E assi temos tambem outras muitas terras, posto que não sejam intituladas em Reynos, cujos portos estam á nossa obediencia, e recebem nossas náos com reverencia, como suas superioras. Do titulo do Commercio, como elle requere duas vontades contrahentes em huma cousa, o qual acto presuppõe paz, amizade, e obediencia; o testemunho que temos da posse delle, são quantas náos cada anno vem carregadas daquellas partes a este Reyno, com muita especiaria, e todo genero de cousas, que se nellas produzem, e fazem; isto he, fallando em geral, que em particular deste commercio temos uso per tres modos. O primeiro he, quando se faz nas terras, e senhorios assima nomeados, que houvemos per conquista, contratamos com os póvos da terra, como vassallo com vassallo de hum Senhor, cujos direitos das entradas, e sahidas são da Coroa deste Reyno. O segundo modo he, termos contractos perpétuos com os Reys, e Senhores da terra de a certo preço nos darem suas mercadorias, e receberem as nossas, assi como está assentado com os Reys de Cananor, de Challe, de Cochij, de Coulão, e Ceilão, os quaes são senhores da flor de toda a especiaria, que há na India. E porém este modo de con-

contractar he ſómente ácerca das eſpeciarias, que elles dam aos Officiaes d'ElRey, que allì reſidem em ſuas Feitorias pera carga das náos, que vem a eſte Reyno; e todalas outras couſas, que não são eſpeciaria, eſtas taes são livres, e communas pera todo Portuguez, e natural da terra poder tratar; o preço das quaes couſas eſtá na vontade dos contrahentes, ſem ſer atado, nem taxado a huma juſta valia. O terceiro modo, he navegarem noſſas náos, e navios per todas aquellas partes, e conformando-nos com o uſo da terra, contrahemos com os naturaes della per commutação de huma couſa per outra ao ſeu preço, e ao noſſo. E poſto que eſtes tres titulos, Conquiſta, Navegação, e Commercio ſejam actos em tempo não terminados, e finitos, e em lugar tão grandes, que comprehendem tudo o que jaz do Cabo Bojador té o fim da terra Oriental, &c. e neſte anno de quinhentos e hum, ElRey D. Mauuel ſe intitulou delles, não podia tomar outros mais proprios á juſtiça, e aução que tinha naquella Oriental propriedade, ao preſente ſalvos elles bem ſe póde a Coroa deſte Reyno intitular deſtes Reynos, que tem conquiſtado: Na Ethiopia de Çofala, Quiloa, e Mombaça; e na Arabia, e Perſia do grande Reyno Ormuz, cujo eſtado com muitas Villas, e Lu-

e Lugares está nestas duas partes de terra. E na India dos Reynos de Goa, Malaca, e Maluco, com todolos mais senhorios, que nestas quatro Provincias têm navegado, e conquistado; e assi na Provincia de Sancta Cruz occidental a estas, a qual ao presente ElRey D. João o Terceiro Nosso Senhor repartio em doze capitanías dadas de juro e herdade ás pessoas que as tem, como particularmente escrevemos em a nossa parte intitulada *Sancta Cruz*. Os feitos da qual, por eu ter huma destas capitanías, me tem custado muita substancia de fazenda, por razão de huma Armada, que em praçaria de Aires da Cunha, e Fernão Dalvares d'Andrade Thesoureiro mór deste Reyno, todos fizemos pera aquellas partes o anno de quinhentos trinta e sinco. A qual Armada foi de novecentos homens, em que entravam cento e treze de cavallo, cousa que pera tão longe nunca sahio deste Reyno, da qual era Capitão mór o mesmo Aires da Cunha; e por isso o principio da milicia desta terra, ainda que seja o ultimo de nossos trabalhos, na memoria eu o tenho mui vivo, por quão morto me leixou o grande custo desta Armada, sem fructo algum.

CA-

## CAPITULO II.

*Como o Almirante D. Vasco da Gama partio deste Reyno o anno de quinhentos e dous com huma grande frota: e o que passou neste caminho té chegar a Moçambique.*

POr as causas, que atrás apontámos, com que se ElRey D. Manuel determinou proseguir o descubrimento, e conquista da India, e tomar os titulos della, quiz neste anno de quinhentos e dous mandar vinte vélas, sinco dellas haviam de ficar d'Armada na India em favor de duas Feitorias, huma em Cananor, outra em Cochij, que haviam de estar em terra com Officiaes a ellas ordenados, por causa da amizade, e commercio, que estes dous Reys desejavam ter com elle, como lhe enviáram dizer per seus Embaixadores, que Pedralvares Cabral trouxe. E além destas sinco vélas ficarem pera favor destas duas Feitorias, tambem no verão alguns mezes haviam de ir guardar a boca do estreito do mar Roxo, pera defender que não entrassem, e sahissem per elle as náos dos Mouros de Méca, que eram aquelles, que maior odio nos tinham, e que mais impediam nossa entrada na India, por causa de trazerem entre as mãos o manejo das

das especiarias, que vinham a estas partes da Europa per via do Cairo, e Alexandria. A capitanía mór das quaes vélas deo ElRey a Vicente Sodré tio de D. Vasco da Gama, irmão de sua mãi; e os outros Capitães, que haviam de andar com elle, eram Braz Sodré seu irmão, e Alvaro de Taíde natural do Algarve, e Fernão Rodrigues Badarças d'alcunha, filho de Ruy Fernandes d'Almada, e Antonio Fernandes, o qual posto que logo daqui não fosse em navio, em Moçambique lhe havia de ser dada huma caravela, que se alli havia de armar, da qual a madeira hia daqui lavrada, como se fez. E por razão que esta Armada havia de ficar na India pera este fundamento que ElRey fazia, quiz que partisse diante das outras quinze vélas, que aquelle anno tambem hiam. Pedralvares Cabral, a quem ElRey tinha dada a capitanía mór de toda esta Armada, quando vio este apartamento de vélas, e ainda o Regimento, que ElRey dava a Vicente Sodré, em modo que quasi o fazia izento delle, não ficou contente. E como elle era homem de muitos primores ácerca de pontos de honra, teve sobre este negocio alguns requerimentos, a que ElRey lhe não satisfez. Finalmente elle não foi, e a Armada toda deo ElRey a D. Vasco da Gama, com o qual juntamente partio Vicen-

conte Sodré, que levava a succesſão delle; e porque ao tempo da ſua partida outras ſinco vélas não eram de todo preſtes, ficáram, e partíram o primeiro dia d'Abril, a capitanía mór das quaes levou Eſtevão da Gama, filho d'Aires da Gama, e primo com irmão delle D. Vaſco da Gama. E os Capitães, que hiam debaixo de ſua bandeira, eram Lopo Mendes de Vaſconcellos filho de Luiz Mendes de Vaſconcellos, Thomaz de Carmona, Lopo Dias criado de D. Alvaro irmão do Duque de Bragança, e João de Bonagracia Italiano. E os Capitães, que partíram a dez de Fevereiro juntamente com D. Vaſco da Gama, eram D. Luiz Coutinho, filho de D. Gonçalo Coutinho, d'alcunha Ramiro o ſegundo Conde de Marialva: Franciſco da Cunha das Ilhas terceiras, João Lopes Pereſtrello, Pedraffonſo d'Aguiar filho de Diogo Affonſo d'Aguiar: Gil Matoſo, Ruy de Caſtanheda, Gil Fernandes, Diogo Fernandes Correa, que hia por Feitor pera ficar em Cochij, e Antonio do Campo. E ſómente eſte, de todas eſtas vinte vélas, aquelle anno não foi á India, do qual ao diante faremos relação. E antes de partir eſta frota, eſtando ElRey em Lisboa, a trinta de Janeiro foi ouvir Miſſa á Sé, e depois de acabada, com ſolemne falla, relatando os meritos de D. Vaſco da

Ga-

Gama, o fez Almirante dos mares de Arabia, Persia, India, e de todo o Oriente. No fim do qual acto ElRey lhe entregou a bandeira do cargo que levava, e dahi foi levado per todolos principaes Senhores, e Fidalgos, que eram presentes, com grande pompa té o cais da ribeira, onde embarcou. Partido de restello, fazendo sua derrota via do Cabo Verde, o derradeiro dia de Fevereiro surgio no rosto delle, onde os nossos chamam Porto Dale, no qual esteve seis dias fazendo sua aguada, e alguma pescaria, e alli veio ter com elle huma caravela, que vinha da Mina, de que era Capitão Fernando de Montaroyo, o qual trazia duzentos e sincoenta marcos d'ouro todo em manilhas, e joias, que os Negros costumam trazer. O Almirante, porque levava comsigo Gaspar da India, que elle tomou em Anchediva, e assi os Embaixadores d'ElRey de Cananor, e d'ElRey de Cochij, quiz-lhe dar mostra delle; não tanto pola quantidade, quanto porque o vissem assi, como vinha por lavrar, e soubessem ser ElRey D. Manuel Senhor da Mina delle, e que ordinariamente em cada hum anno lhe vinham doze, e quinze navios, que traziam outra tanta quantidade. A' vista do qual ouro houveram estes Indios por tão grande cousa, que vieram descubrir a D. Vasco da

Ga-

Gama huma prática, que em Lisboa tiveram com elles huns Venezeanos, em que lhe fizeram crer que as cousas deste Reyno de Portugal eram bem differentes do que elles viam naquella somma d'ouro; e o caso foi per esta maneira. Ao tempo que esta Armada da India se fazia em Lisboa prestes, estava nella hum Embaixador dos Venezeanos, homem nobre, e prudente, a vinda do qual a este Reyno era pedirem elles a ElRey D. Manuel ajuda contra o Turco, que lhe tinha tomado Modon, e procedia na guerra contra elle, de que se esperava poder sobrevir grão damno á Christandade, o qual soccorro lhe elle mandou, segundo escrevemos em a nossa Africa. E como este negocio do commercio das especiarias era huma grão parte de que o estado de Veneza se sustentava, vendo estes Embaixadores da India em Lisboa, ou per mandado do Embaixador Venezeano, ou per qualquer outro modo que fosse, alguns familiares seus, mostrando curiosidade de querer saber as cousas da India, foram fallar com elles. Tendo secretamente prática sobre o tracto da especiaria, assi os induziam, que lhes fizeram crer que o Embaixador de Veneza era vindo a este Reyno a dar adjutorio de dinheiro, e mercadorias pera se fazer aquella Armada, em que elles haviam de tornar

pe-

pera a India; porque efte Reyno de Portugal era mui pequeno, e pobre, e não fe atrevia a tamanho negocio, como era o tracto da efpeciaria, e a fenhoria de Veneza era a maior potencia de toda a Chriftandade; a qual fenhoria defque houve tracto no Mundo, fempre negociára com os Mouros do Cairo, que traziam efta efpeciaria pelo mar Roxo do Reyno de Calecut, e de toda a cofta Malabar, donde elles eram naturaes. Que o final defta verdade elles o podiam lá ver, e faber, porque quanta moeda d'ouro os Mouros levavam pera a compra della, tudo eram ducados Venezeanos; e as fedas efcarlatas com todalas outras policias, que eftes Mouros levavam da mão dos Venezeanos, fe havia em os portos de Alexandria, e Barut, onde elles mandavam fuas náos a fazer com os Mouros commutação deftas coufas com a efpeciaria que alli traziam. Que fe efpantavam muito como os Reys, e Principes d'aquellas partes leixavam de contractar com os Mouros, como té li fizeram, pois per elles podiam haver todalas coufas, que a Senhoria de Veneza tinha per modo tão pacifico, como fempre ufáram. O qual modo elles eram teftemunha não terem os Portuguezes; porque como eram homens de guerra, e não ufados na mercadoria, todo o feu negocio per efte

no-

novo, e comprido caminho, que tinham descuberto, havia de ser á força de armas, e trabalharem por destruir os Mouros d'aquellas partes, por serem seus capitaes imigos nestas Occidentaes de Africa, por andarem em contínua guerra com elles. Finalmente per este modo assi enchêram os Venezeanos as orelhas dos Embaixadores, que levavam elles maior opinião do estado de Veneza que deste Reyno, e que o mais d'aquella Armada era adjudas desta grande Senhoria. Peró quando elles víram o ouro, que lhe o Almirante D. Vasco da Gama amostrou, ainda que não era muito em pezo, como vinha em manilhas, e joias parte delle, e outro assi como nasce, fazia tão grande volume, que houveram elles que Portugal em ter aquella Mina era mais poderoso, e rico, que todolos Reys da India, porque nella principalmente em todo o Malabar não ha ouro, e todo lhe vai de fóra. O Almirante, porque ElRey D. Manuel soubesse gratificar ao Embaixador de Veneza, que ficava em Lisboa, esta informação, que os seus deram a estes Indios, per o mesmo Capitão Fernão de Montaroyo lho escreveo. E acabada de fazer sua aguada, hum Domingo seis de Março com a maior parte da gente sahio em huma Ilha, a que chamam Palma, pegada no porto de Bezeguiche, onde ou-

vio

vio Miſſa, e prégação, e ao ſeguinte dia ſe fez á véla, fazendo ſua viagem. Na qual té o parcel de Çofala teve alguns temporaes, que lhe deſapparelháram algumas náos; e chegado áquelle parcel na paragem della, mandou a Vicente Sodré ſeu tio que ſe foſſe a Moçambique com todalas náos groſſas, em quanto elle hia dar huma viſta a Çofala com quatro navios pequenos, por lho ElRey mandar em ſeu Regimento. Na qual ida elle Almirante não fez mais que algum reſgate de ouro com os Mouros, que eſtavam na povoação: por iſſo a relação das couſas deſta terra leixamos pera outro lugar, e continuamos com Vicente Sodré, que chegou a Moçambique, onde armou huma caravela, de que a madeira hia de cá lavrada, a qual quando o Almirante chegou a Moçambique, que foi a quatro de Junho, achou já quaſi de todo acabada, havendo quinze dias que Vicente Sodré era chegado.

CA-

## CAPITULO III.

*Como partido o Almirante de Moçambique, foi ter á Cidade Quiloa, onde se vio com o Rey della, e o fez tributario, e dahi se partio pera a India, onde ante de chegar a Cananor, tomou a náo Merij do Soldão do Cairo.*

O Almirante D. Vasco da Gama, depois que chegou a Moçambique, deo pressa a se lançar ao mar a caravela, que estava armada, e fez Capitão della a João Serrão, hum cavalleiro da casa d'ElRey. E em quatro dias que se alli deteve, por algumas náos fazerem agua pelo costado, lhe mandou dar pendor, e tambem assentou paz com hum Xeque da povoação, que já era outro, e não aquelle, com quem tinha passado o que atrás fica, quando descubrio aquelle caminho. Na mão do qual achou huma carta de João da Nova, em que dava conta a qualquer Capitão que per alli passasse do que lhe acontecêra per toda aquella costa, e na India, dando-lhe aviso de algumas cousas. Por razão da qual Carta, o Almirante leixou na mão do Xeque huma pera Estevão da Gama, que partíra deste Reyno com sinco náos, e ainda não era chegado; e outra pera Luiz Fernandes, e An-

e Antonio do Campo, dous Capitães, que antes de chegar ao Cabo das Correntes, com hum temporal que alli teve, se apartáram delle Almirante, nas quaes cartas dava Regimento a todos do que haviam de fazer, que era differente do que lhe dera antes que partisse deste Reyno, e isto por causa dos que achou na carta de João da Nova. Feitas estas cousas, partio-se pera Quiloa, onde chegou a doze de Julho, a qual Cidade ficou assombrada, vendo o terror com que o Almirante entrou, por ser tudo fogo, e hum contínuo torvão da artilheria; porque como o Rey desta Cidade estava mui izento, e com Pedralvares Cabral, e João da Nova tinha usado de cautelas de muita maldade que nelle havia, quiz o Almirante entrar com este furor pelo assombrar. E posto que tambem com elle quizera andar em dilações, em quanto mettia dentro na Ilha gente pera se defender; o Almirante lhe não deo tempo pera usar destes seus modos, cá teve com elle outros de mais conclusão, com que o fez vir á praia, e se metteo em hum batel com sinco homens principaes a lhe fallar aos bateis, em que o Almirante já vinha pera sahir em terra, e metter a Cidade a fogo, e sangue. Ao qual Rey, per nome Habrahemo, o Almirante fez mais gazalhado, e hon-

honra do que elle merecia, pelo que tinha feito aos Capitães passados, e por quão revel fora em querer vir alli. Finalmente o Almirante lhe deo huma carta d'ElRey D. Manuel, sobre ella tratou com elle, que se fizesse seu vassallo pera ficar em sua amizade, e debaixo de sua protecção com tributo de quinhentos miticaes de ouro, pezo que amoedado podiam ser da nossa moeda quinhentos oitenta e quatro cruzados, isto mais em sinal de obediencia, que por a quantidade delle. Em retorno do qual, o Almirante lhe mandou huma Patente em nome d'ElRey D. Manuel, em que relatava acceptallo por vassallo com aquelle tributo, promettendo de o defender, e amparar, &c. e mais lhe mandou huma bandeira das Quinas Reaes deste Reyno, como sinal da honra da vassallagem que recebia, e algumas peças pera sua pessoa. A qual bandeira foi arvorada em huma aste, e levada em hum batel acompanhada de outros com muita gente vestida de festa, e trombetas, e ElRey a veio receber á praia, fazendo-lhe reverencia, como quem reconhecia aquelle sinal de sua protecção. E tomada per suas proprias mãos, a levou hum bom pedaço, e de si a entregou a hum Mouro dos principaes, o qual andou per toda a Cidade, e o povo trás elle bradando *Portugal*, *Por-*

*tu-*

*tugal*, e per derradeiro foi posta á vista das nossas náos em huma torre das casas d'El-Rey. Acabado esta solemnidade, espedio-se o Almirante delle, e assi de Mahamede Encônij, que foi parte mui principal pera El-Rey vir áquella obediencia, e o Almirante folgou muito de o ver, por quão fiel amigo sempre se mostrou aos Capitães que alli foram. E posto que elle Almirante, depois que partio desta Cidade Quiloa, levasse determinado de passar per Melinde, pera ver ElRey, e lhe gratificar o gazalhado, que delle recebeo, quando per alli passou, eram tão grandes as correntes que o escorreo, e foi tomar huma enseada abaixo, que sería de Melinde oito leguas. ElRey, quando soube que elle estava alli, escreveo-lhe huma carta per mão de Luiz de Moura, que era hum dos degredados, que Pedralvares alli leixou, e elle lhe respondeo, dizendo a causa de ir ter áquella parte, não trazendo cousa que mais desejasse ver que sua pessoa; mas pois o tempo lhe não deo lugar, quando embora tornasse da India, esperava em Deos de o ter melhor pera se ver com elle. Partido o Almirante daquella enseada, atravessou o grão golfão caminho da India, no qual foi dar com elle Estevão da Gama com tres náos; e depois que chegáram á Ilha de Anchediva, vieram as mais de-

de toda aquella Armada, sómente Antonio do Campo, que não passou aquelle anno á India. E nesta Ilha convalesceo toda a gente que levava enferma, e dahi se foi lançar ao monte Delij, por ser hum Cabo mui notavel, que está no principio da costa Malabar: Na qual parte ordenou suas náos, huma em vista d'outra, começando no rosto do Cabo, té quinze leguas ao mar, porque não passasse véla alguma sem ser vista, e per outros navios pequenos mandou correr toda a costa daquella paragem. E como achavam té hum barco, era logo levado ante elle Almirante a dar razão de si, a maior parte dos quaes, que alli foram tomados, por serem de Cananor, mandou soltar, e aos de Calecut reter por causa de ser nosso imigo. ElRey de Cananor tanto que soube parte destas obras, que elle andava fazendo tão vizinhas ao seu porto, o mandou visitar, e assi lhe escrevêram os nossos, que lá estavam com elle, dando-lhe novas do estado da terra, aos quaes elle respondeo, e a ElRey de Cananor, dando-lhe agradecimento pelo bom tratamento delles. Tambem nestes dias que alli andou, respondeo a certos mercadores de Calecut, que lhe escrevêram per mão de hum Portuguez chamado Fernão Gomes, que era dos cativos que lá ficáram do tempo de Pedralva-

res, e a reſpoſta foi mui differente do que elles eſperavam. Porque a ſubſtancia da carta, que elles eſcrevêram, era eſpantarem-ſe como elle tratava mal as couſas de Calecut, o qual eſtava com grande deſejo de o receber pera aſſentar paz, amizade, e commercio da maneira que elle quizeſſe, por terem ſentido que o Çamorij nenhuma couſa mais deſejava; e elle Almirante reſpondeo-lhe, que ainda não fizera couſa contra Calecut igual á maldade, que commettêra na morte, e roubo dos Portuguezes; e que té não haver emenda diſto, elle não cumpria o que ElRey D. Manuel ſeu Senhor lhe mandava fazer ſobre iſto. Que eſtas novas podiam dar ao ſeu Çamorij, em quanto lhe não mandava outras ácerca de algumas náos de Méca, que elle alli andava eſperando, e a primeira ſería a chamada Merij, tão eſperada de todos. Paſſados alguns dias, nos quaes ſempre o Almirante teve que fazer em dar audiencia a Mouros, que lhe levavam eſtes navios, que andavam ao longo da terra, veio-lhe cahir na mão huma náo, que elle eſperava, de que tinha nova per algumas perguntas, que fazia a eſtes Mouros, que, ſegundo lhe tinham dito, era do Soldão do Cairo, Capitão, e Feitor hum Mouro per nome Joar Fiquim, a qual, partida de Calecut carregada de eſpeciaria, e

por

por ser mui grande, e segura, foram nella muitos Mouros honrados em romaria á sua abominação de Méca, e tornava com estes romeiros, e tambem carregada de muita riqueza. O Almirante como vio, que o navio Capitão Gil Matoso a tinha rendido, por vir dar primeiro com elle quasi á vista de todos, metteo-se em o batel grande da sua náo com o Feitor Diogo Fernandes Correa, Diogo Godinho, e Diogo Lopes Escrivães, e foi-se ao navio de Gil Matoso, porque o tempo acalmou, e não podia vir a elle. E tanto que foi em o navio, per o batel mandou vir ante si o Capitão da náo, e os principaes mercadores della, a que fez algumas perguntas, entre as quaes foi saber que cabedal traziam pera empregar em especiaria; e levemente sem os forçar muito, disse, que se tornassem á náo, e que as cousas de pouco volume, que traziam pera este emprego, que lhas trouxessem. Os Mouros parecendo-lhes que isto era huma honesta maneira, que o Capitão tinha de lhe pedir alguma cousa, assentáram terem feito hum grande sizo em se render ao navio, porque com algum presente que levassem ao Capitão mór acabariam tudo: cá se elles presumíram o que depois passou, caro houvera de custar sua entrega. Finalmente tornados ante o Almirante com huma somma de dinheiro amoeda-

dado em ouro, e alguma prata lavrada, brocados, ſedas, que tudo poderia valer té doze mil cruzados, mandou elle Almirante entregar tudo ao Feitor; e elles que ſe tornaſſem á ſua náo, que ao outro dia os deſpacharia por ſer já mui tarde. Quando veio a manhã, que as náos da frota eſtavam já ahi juntas derredor deſta, que todos andavam eſperando, entrou o Almirante com algumas peſſoas nella, e mandou-lhe tirar ſobre a cuberta mais fazenda, e entregalla a Diogo Fernandes; e depois que per eſte modo não pode haver mais dos Mouros, tornou-ſe á ſua náo S. Jeronymo. E vindo pera ſe pôr ao longo do coſtado da náo dos Mouros, e mandar baldear della na ſua toda a fazenda que trazia, per deſaſtre ficou hum criado delle Almirante entalado entre os coſtados das náos, de que morreo, com que elle houve tanto pezar, que ſe affaſtou da náo, e mandou a Eſtevão da Gama, e ao Feitor Diogo Fernandes Correa que a levaſſem mais ao pégo por não fazer nojo ás noſſas vélas, e depois que lhe fizeſſem baldear quanta fazenda trazia, lhe puzeſſem o fogo. Haveria neſta náo duzentos e ſeſſenta homens de peleja, e mulheres, e meninos mais de ſincoenta; os quaes Mouros, em quanto lhe tomáram a fazenda, e armas, vendo tanta náo derredor de ſi, ſof-

frê-

frêram o que té alli lhes foi feito. Peró quando elles víram que os bateis das noſſas náos eſtavam em torno da ſua, poendo-lhes fogo, que era perigo da vida, e não damno da fazenda, determinados de morrer, como cavalleiros, com algumas armas que eſcondêram, ás pedradas fizeram apartar os bateis. A eſte tempo hum dos noſſos navios, que andava em vigia de outras náos, vinha á véla demandar a náo capitania; e quando vio os bateis andar derredor deſta náo, veio inveſtir com ella. Mas como o navio era pequeno, e a náo mui grande, e os Mouros não faziam já conta das vidas, e queriam morrer vingados, em o navio chegando, ſaltáram no caſtello davante, mettendo-ſe tão rijo com os noſſos, que os fizeram recolher aos caſtellos da popa grão parte delles, de que feríram muitos, e matáram tres, ou quatro. Na qual entrada havendo elles algumas armas dos noſſos, peró que andavam mui feridos, a furia os trazia tão vivos, que lhe houvera de ficar o navio em poder. Porém ſobreveio a náo Julioa Capitão Lopo Mendes de Vaſconcellos, com que os Mouros ſe recolhêram á ſua náo, e em eſta de Lopo Mendes, prepaſſando per ella, cuidando que a afferrava, lançáram-lhe dentro huma chuva de pedras, que lhe eſcalavrou muita gente. O Almi-

mirante, que eſtava de largo, vendo como eſta náo eſpedia de ſi os que chegavam a ella, paſſou-ſe ao navio S. Gabriel de Gil Matoſo, e chegando a ella, achou que a tinha afferrado D. Luiz Coutinho com a ſua náo Lionarda, ao qual ſe elle paſſou, donde pelejáram tanto com ella, matando-lhe muita gente, té que a noite apartou a peleja. Quando veio ao outro dia, ainda com muito trabalho, e perigo dos noſſos, a poder de fogo acabáram com ella, e ſómente deſte incendio, por lhe quererem dar vida, mandou o Almirante recolher vinte e tantos meninos, e hum Mouro corcovado, que era Piloto, os quaes meninos elle mandou fazer Chriſtãos. E porque no feito deſta náo, Antonio de Sá moço da camara d'ElRey D. Manuel, foi o primeiro que entrou nella, e fez como homem de ſua peſſoa que elle era, o armou Cavalleiro.

## CAPITULO IV.

*Como o Almirante ſe recolheo pera Cananor, e das viſtas que houve entre elle, e ElRey: e depois ſobre o aſſentar o preço das eſpeciarias, ſe partio pera Cochij deſavindo delle, e o que ſobre iſſo ſuccedeo.*

ACabando o Almirante de ſe deſapreſſar deſta náo, que era a principal couſa que o fazia andar naquella paragem pola fama que tinha della, aſſi de ſua riqueza, (da qual elle houve mui pouco em comparação do que trazia,) como dos Mouros de Calecut, que vinham nella, recolheo-ſe dentro no porto de Cananor, onde, depois que foi viſitado d'ElRey per recados, aſſentou com elle, que ſe viſſem em huma ponte tão mettida dentro no mar, que pudeſſe elle Almirante eſtar em huma caravela, e elle na ponte praticando ambos. Feita eſta ponte, e aſſentado o dia deſtas viſtas, ſahio o Almirante das náos na ſua caravela toldada de veludo verde, e roxo, com muitas bandeiras de ſeda, e per derredor todolos bateis tambem embandeirados, e nelles, e na caravela a mais limpa gente da Armada, e em guarda de ſua peſſoa vinha outra caravela, que tudo era artilheria, e gente armada, porque quem

olhaſ-

olhaſſe pera a galanteria das cores dos veſtidos, tambem viſſe reluzir armas, e ſe ouviſſe trombetas, ouviria bombardas. El-Rey como ſoube que o Almirante D. Vaſco da Gama partia das náos com eſte apparato, tambem por lhe moſtrar o ſeu, ſahio de ſuas caſas, que eſtavam a hum cabo da povoação, tomando ao longo da praia pera lhe verem os noſſos ſua pompa. Diante do qual vinha muita gente ſolta, cujo officio nas taes couſas he poer-ſe onde melhor poſſa ver, e detrás deſte povo vinham dous Elefantes adeſtrados per dous Indios, que de ſima delles em modo de porteiros faziam affaſtar a gente, leixando hum grande terreiro ante a peſſoa delRey. E de quando em quando remettiam os Elefantes ao cardume dos homens, como que os queriam fazer apartar; e em modo de prazer, tomavam hum com a tromba, e andava volteando com elle no ar, e per derradeiro o lançavam em ſima da outra gente. ElRey vinha em hum andor dos que elles uſam, ás coſtas de certos homens, mui bem veſtidos a ſeu modo com pannos de ſeda, e per ſima o cubriam tres, ou quatro ſombreiros de pé de copa de hum grande eſparravel, que faziam ſombra, não ſómente á peſſoa d'ElRey, mas ainda aos homens, que o traziam aos hombros. Outros traziam huns

abe-

abanos altos com que abanavam, como quem lhe queriam refrescar o ar per onde passava; e junto delle vinha hum homem, que lhe trazia hum vaso de prata dourado a modo de cópa pera lançar a feiba, que fazem do batel, que o mais do tempo andam remoendo entre os dentes, cousa entre elles mui costumada, do qual em os Livros do nosso Commercio no Capitulo deste batel mui particularmente tratamos delle, e deste uso geral daquellas partes. Toda a outra gente, que acompanhava a ElRey, vinha posta em ordenança, parte detrás, e parte diante, os quaes seriam quatro mil homens de espada, e adarga, e delles alguns por festa em boa ordem se sahiam do fio do seu lugar, e jogavam de esgrima mui leve, e soltamente, quasi ao som dos instrumentos, que traziam pera animar o furor da guerra, como vemos usar na Ordenança dos Soiços nesta nossa Europa. Posto cada hum em seu lugar, ElRey no cadafalso da ponte, e o Almirante na popa da caravela, tão chegados hum a outro, que parecia estar em hum mesmo assento, fallá-ram hum pedaço per meio de seus Interpretes. Na qual prática não houve mais que offerecimentos de parte a parte, e apresentar hum ao outro o que traziam pera se darem, segundo o uso da terra. ElRey co-

mo

mo era homem, que parecia de sessenta annos, debilitado em suas carnes, e mui escrupuloso em sua religião, por ter huma certa dignidade ácerca dos Bramanes, a quem sob grave excommunhão he defezo tocar-se com outra gente por averem que se profana, e sobre tudo mui temeroso das nossas armas, e medos, que lhe os Mouros faziam ter de nós, espedio-se do Almirante, dizendo, que como homem velho já não podia soffrer a grande calma, que lhe perdoasse, que se queria recolher. Que quanto ao negocio do trato da especiaria, elle mandaria logo ao outro dia os seus Officiaes, e assi os principaes mercadores da terra pera estarem com elle nisso, e que tudo se faria, pera que ElRey de Portugal seu irmão fosse servido: e sem mais prática ElRey se recolheo a seus Paços na ordem em que veio, e o Almirante pera as náos; dando tambem sua mostra. Tanto que passáram estas vistas, quiz o Almirante escrever ao Çamorij por lhe confundir seus propositos, e artificios, dando modo como os mercadores de Calecut lhe escrevessem a carta, que ante da tomada da náo Merij elles lhe escrevêram, mostrando ser feita sem o Çamorij o saber. A substancia da qual era denunciar-lhe elle Almirante como ficava naquelle porto delRey de Cananor; e por

quan-

quanto elle tinha mandado dizer a alguns ſeus naturaes, que lhe eſcrevêram, andando naquella paragem de Cananor, que como acabaſſe huma obra que alli tinha por fazer, logo lhe havia de mandar recado della; a obra era ter queimada a náo Merij do Soldão, e que aquelle Mouro portador da carta, que fora Piloto della, lhe daria razão do caſo. E porque per ventura elle não contaria todalas novas, lhe fazia ſaber, que de duzentos e ſeſſenta homens que vinham nella, ſómente áquelle mandou dar vida, e a vinte e tantos meninos. Os homens foram mortos á conta dos quarenta e tantos Portuguezes, que matáram em Calecut; e os meninos foram baptizados á conta de hum moço, que os Mouros leváram a Méca a fazer Mouro. Que iſto era huma moſtra do modo, que os Portuguezes tinham em tomar emenda do damno que recebiam, que o mais ſería na propria Cidade Calecut, onde elle eſperava ſer mui cedo. Dada eſta carta ao Mouro, que o Almirante mandou veſtir de cores, foi levado per Pedraffonſo d'Aguiar Capitão da náo S. Pantalião, que o poz em Pandarane, que era perto de Calecut; o qual quando chegou ante o Çamorij, elle era ſabedor da tomàda da náo Merij per cartas de Mouros de Cananor. Ao dia ſeguinte, que ElRey de

Ca-

Cananor disse ao Almirante, que lhe havia de mandar homens, que assentassem com elle o negocio do trato, vieram quatro dos principaes da terra, dous Mouros, e dous Gentios, aos quaes o Almirante recebeo com honra, e gazalhado. E começando de praticar com elles em os preços da especiaria, achou-os em suas palavras mui differentes do que lhe ElRey tinha dito, dizendo elles, que ElRey não tinha das especiarias, assi das que se davam na terra, como das que vinham de fóra, sómente os direitos dellas, tudo o mais era dos mercadores que nisso tratavam. Que elle não podia pôr preço á fazenda alheia, e mais per este preço, que lhe elles diziam, levava o Capitão João da Nova as que alli carregou, e em Calecut, antes que fosse o alevantamento, as que Aires Correa houve, a este preço foram. O Almirante posto que replicou, repetindo sempre que per os preços porque as davam aos Mouros de Méca, a esse lhe haviam de ser dadas, espedíram-se estes Mouros delle, dizendo, que iriam dar disso conta a ElRey. O que elle Almirante não houve por estranho, parecendo-lhe serem modos de contratar a seu prazer, segundo o tinha avisado Gonçalo Gil, que estava em Cochij, e assi Payo Rodrigues, que ficava alli em Cananor d'Armada de João da Nova. Po-

rém

rém depois que elle vio que não tomavam conclusão, e que tudo era querer dilatar o negocio pera se chegar o tempo de sua partida, e que ElRey estava dalli duas leguas, com titulo que se affastava do mar por lhe fazer nojo á sua má disposição, mandou a elle Antonio de Sá, acompanhado de tres, ou quatro homens, com huns apontamentos, pedindo-lhe que se determinasse segundo fórma delles. Em resposta dos quaes Antonio de Sá trouxe, que pois elle Almirante não era contente dos preços, e modo per que se lhe dava a especiaria, podia ir em boa hora a Cochij, e segundo o partido que lá fizesse, assi o fariam os mercadores de Cananor. Da qual resposta o Almirante ficou tão indignado, que mandou logo chamar a Payo Rodrigues, e os que ficáram com elle, dizendo que se recolhessem, por quanto elle se mandava per huma carta espedir delRey com taes palavras, que não convinha ficar alli algum Portuguez. Payo Rodrigues vendo a determinação do Almirante, pedio-lhe que houvesse por bem ser elle a pessoa, que havia de enviar a ElRey, com tanto que a carta fosse hum pouco moderada, porque sendo assi, esperava tomar com elle alguma boa conclusão, por saber já o modo de negociar com aquella gente. O Almirante, porque lhe pareceo que não

se

ſe perdia muito tempo em tentar ElRey outra vez per Payo Rodrigues, o mandou a elle, aqueixando-ſe da mudança que achava em ſuas palavras, tomando por concluſão, que pois os Mouros de Cananor tinham tanto poder em ſua vontade, que lhe faziam mudar, elle tambem pela manhã ſe mudava dalli pera Cochij, onde eſtava hum Rey de muita verdade, e que tinha mais conta com os Portuguezes que com os Mouros. Que leixava alli huma caravela pera recolher aquelle menſageiro, e os outros de ſua companhia; e lhe fazia ſaber, que onde quer que achaſſe Mouros de Cananor, havia de tratar como aos de Calecut, e lhe havia por alevantados os ſeguros que lhes tinha dado pera poderem navegar, porque gente perturbadora de paz, e concordia, não merecia que alguem a tiveſſe com elles; e com eſte recado eſpedio Payo Rodrigues, e elle Almirante partio-ſe ante manhã, leixando naquelle porto de Cananor a Vicente Sodré em ſua náo, e huma caravela pera recolher Payo Rodrigues.

## CAPITULO V.

*Como o Almirante se partio via de Calecut: e o que fez chegando a elle, e dahi se partio caminho de Cochij, ficando em maior quebra com o Çamorij do que estava dantes.*

PArtido o Almirante, desavindo d'ElRey de Cananor, e fazendo seu caminho ao longo da costa, veio ter com elle hum zambuco, em que vinham quatro homens Gentios do mais nobre sangue da terra, os quaes lhe deram huma carta d'ElRey de Calecut. A substancia da qual era, se elle Capitão mór leixára de ir a seu porto por razão do damno, que fora feito ao Feitor Aires Correa, elle lhe entregaria os auctores daquella união; e que além disto por amor da amizade, que desejava conservar com ElRey de Portugal, naquella Cidade Calecut lhe sería dado carga de especiaria pera todalas náos que levava. Que pera isso mandava aquelles quatro homens dos mais nobres de sua casa, dos quaes ficaria hum com elle, em quanto os tres lhe tornavam com resposta. O Almirante como vinha quebrado com ElRey de Cananor, recebeo estes Naires com honra, e gazalhado, mostrando ter muito contentamento del-

Rey

Rey por lhe mandar este seu recado per taes pessoas, dizendo, que lhe parecia que esta vinda delles havia de succeder em bem, por não entrar neste negocio homem da casta dos Mouros. Per o qual modo respondeo a ElRey; e quanto a sua ida a Calecut elle estava em caminho, que assi o faria, como lhe mandava pedir. Espedidos os tres Naires, e ficando hum per sua propria vontade com o Almirante, veio dar entre as caravelas, que hiam ao longo da terra, hum zambuco com obra de trinta almas naturaes de Cananor, aos quaes leixou ir em paz, por ter já da noite passada vindo a elle hum criado de Payo Rodrigues com huma carta, em que lhe dava razão do que passára com ElRey, e como estava submettido a toda razão, e a conceder os capitulos que lhe mandára, e que Vicente Sodré levaria resolução de tudo per carta assinada d'ElRey. Seguindo o Almirante seu caminho sempre pegado com terra, per tres vezes o foi detendo o Çamorij com recados, hum no porto de Chomba, outro em Padarené, e outro duas leguas antes de chegar a Calecut. E a este derradeiro porto, em resposta do que o Almirante lhe requeria, lhe mandou dizer, que quanto ao pagamento da fazenda, que os Portuguezes perdêram no alvoroço, que o povo de Calecut commet-

teo;

teo, por as afrontas que lhe os mesmos Portuguezes faziam, que elle Capitão mór se devia contentar com a tomada da não de Méca, que importou mais em substancia de fazenda, e em morte de gente, que dez vezes o que Pedralvares tinha perdido. Que se de huma parte, e da outra se houvessem de a sommar perdas, damnos, e mortes, que elle Çamorij era o mais offendido; e pois não requeria destas cousas restituição, sendo requerido com muitos clamores do seu povo, que lhe désse emenda dos males, que tinha recebido dos Portuguezes; e dissimulava este clamor por desejar ter paz, e amizade com ElRey de Portugal. Que elle Almirante não devia mais repetir em cousas passadas, e se devia contentar ir ter áquella sua Cidade Calecut, onde acharia as especiarias que houvesse mister. E quanto ao que dizia, que lançasse do seu Reyno todolos Mouros do Çairo, e de Méca, a isto não respondia, por ser cousa impossivel haver de desterrar mais de quatro mil casas delles, que viviam naquella Cidade não como estrangeiros, mas naturaes, de que o seu Reyno tinha recebido muito proveito. Que se elle Almirante, sem estas capitulações tão impossiveis, como apontava, quizesse assentar paz, e tracto de commercio, que folgaria de o fazer. O Almirante quan-

do vio tão differentes palavras do que té li tinha ouvido per recados da parte delle Çamorij, porque as houve em lugar de afronta, não respondeo mais senão, que elle sería a resposta, e não seriam com o Çamorij os mensajeiros, que trouxeram este recado, quando elle Almirante estava já surto ante a Cidade Calecut. Mandando logo tomar dous barcos pequenos com seis homens, que vieram ter ás náos, e isto com tenção de os mandar hum, e hum com recados a ElRey, temendo-se que não os havendo per este modo, pera que huns ficassem em arrefens do que mandasse, per propria vontade nenhum lhe havia de acceptar levar recado a ElRey. E parece que assi a tomadia destes, como dos outros, que o Almirante veio tomando per o caminho, fez, obrigáram tanto, que logo aquella noite lhe veio recado do Çamorij, aqueixando-se que não sabia porque queria reter os seus naturaes em modo de cativos. Que se o fazia por razão do odio, que tinha aos Mouros, que os prezos pouca culpa tinham na causa deste odio; e se era como reprezaria pera haver o que dizia terem perdido os Portuguezes no alevantamento passado, que já lhe tinha enviado dizer quanto mais damno, e mais fazenda elle Almirante tinha havido que perdido em Calecut, e que fosse huma

per-

perda por outra. O Almirante como já dos recados, que ao caminho elle Çamorij lhe mandára, vinha indignado, este o indignou mais, e a resposta que levou foi, que não viesse mais a elle com outro recado, senão trazendo comsigo o preço das cousas, que foram tomadas aos Portuguezes; e depois que fizesse esta entrega, então entenderia em o negocio da paz, e trato da especiaria. O Bramane, que trouxe este recado, quando vio a indignação do Almirante, sem replicar cousa alguma, se espedio com mais temor do que trouxera. E porque elle pudesse contar ao Çamorij o que víra, mandou o Almirante em sua presença tomar huma náo, que estava surta diante da Cidade carregada de mantimentos, e levar a bordo da sua; e assi mandou passar toda a artilheria das náos grossas, e as outras mais pequenas, que podiam bem chegar á terra, pera com esta artilheria varejar a povoação, dizendo, que logo ao seguinte dia havia de começar esta obra. A qual cousa, temendo o Çamorij, pelo damno que Pedralvares Cabral fizera, quando lhe varejou toda a Cidade, mandou per toda a frontaria da Cidade ao longo do mar fazer huma estacada de grossas palmeiras, entulhada per dentro de maneira, que lhe ficava em lugar de muro; não sómente pera defender a sahida em terra,

ra, se os nossos a quizessem commetter; mas ainda pera cegar toda a artilheria, com que a povoação não recebesse damno. Porém como a tenção do Almirante não era sahir em terra, mas esbombardear a Cidade, quando veio ao outro dia, mandou chegar todalas vélas pequenas a terra espaço conveniente; assi pera que a artilheria de ferro, que os Mouros tinham assentada na principal frontaria da Cidade lhe não pudesse fazer nojo, como pera que a sua pudesse sobrelevar a estacada, e fosse pescar á povoação. E antes que procedesse na obra deste apparato, em que estava, o escreveo primeiro ao Çamorij per hum dos Gentios, que se tomáram nos barcos, denunciando-lhe, que não vendo té o meio dia recado seu, com effecto do que lhe per tantas vezes mandára dizer, elle abrazaria em fogo aquella sua Cidade. Passado o qual têrmo, porque não houve resposta, mandou a todalas náos, que estavam com recado pera isso, que cada huma enforcasse no lais da verga os Mouros, que lhe elle mandára: e sobre esta obra, que foi hum espectaculo de muita dor a toda a Cidade, começáram de ver, e ouvir outro de maior sua confusão, tirando toda artilheria naquelle espaço do dia, que foi hum contínuo torvão, e huma chuva de pelouros de ferro, e pedra,

que

que fizeram huma mui grande deſtruição, em que tambem morreo muita gente. Quando veio ſobre a tarde, por eſpedida, e maior terror, mandou cortar aos enforcados, que eram trinta e dous, cabeça, mãos, e pés, e foram mettidos em hum barco com huma carta, em que dizia, que ſe aquelles, não ſendo os proprios, que foram na morte dos Portuguezes, ſómente por terem parenteſco com os moradores, recebiam aquelle caſtigo, eſperaſſem os auctores deſta traição outro genero de morte mais cruel. O qual barco mandou per hum André Dias, que depois foi Almoxarife do armazem do Reyno; e os toros dos corpos deſtes membros mandou lançar ao mar a tempo que a maré vinha, pera irem ter á praia entre os olhos da gente, e verem quanto cuſtava huma traição feita a Portuguezes, e quão vingado havia de ſer qualquer damno que lhes fizeſſem. A qual couſa aſſi aſſombrou toda a Cidade, que quando veio ao outro dia, que elle Almirante tornou a mandar fazer outra tal obra, não apparecia couſa viva per toda a praia; porque o Gentio, como gente mais temeroſa, deſamparava os lugares da frontaria do mar; e os Mouros, a quem era commettido a guarda delle, não ouſavam apparecer, enterrando-ſe na arêa dos valos, e repairos, que tinham fei-

feito. Tudo eſtava tão deſamparado, que bem pudéra o Almirante ſaquear a Cidade ſem muita reſiſtencia; mas como eſtas mortes de gente mais eram feitas pera terror de ElRey deſiſtir dos conſelhos dos Mouros, que por vingança do paſſado, não quiz executar quanto damno pudéra fazer, por dar tempo a ElRey que ſe arrependeſſe, e não cauſa, que ſe indignaſſe com tão grande perda, como fora, ſe lhe deſtruíra a Cidade de todo. E porque não pareceſſe a ElRey que aos Portuguezes mais os obrigava a cubiça que a honra, neſtes dous dias, que toda a Armada ſe occupou em varejar a Cidade, nunca o Almirante quiz mandar encetar a náo, que mandára tirar do porto, e trazer junto da ſua, eſperando que havendo algum bom concerto com ElRey, lha mandar reſtituir aſſi carregada como eſtava. Peró depois que paſſáram os dous dias daquella furia de fogo, por eſpedida mandou deſcarregar a náo de muitos mantimentos, que ſe repartíram per toda a Armada, e lhe foi mui bom refreſco; e deſcarregada de tudo, foi-lhe poſto fogo, ardendo toda á viſta da Cidade té onde lhe chegava a agua, com a qual eſpedida ſe partio o Almirante caminho de Cochij, aonde chegou a ſete de Novembro.

## CAPITULO VI.

*Como ElRey de Cananor por meio de Payo Rodrigues tornou a conceder as cousas que o Almirante lhe requeria, o qual recado lhe levou Vicente Sodré a Cochij, onde elle já estava: e das cousas que em sua chegada passou com ElRey de Cochij.*

ELRey de Cananor com o recado, que lhe Payo Rodrigues levou do Almirante, vendo que era partido desavindo delle, teve não sómente com o mesmo Payo Rodrigues grandes práticas, mas ainda com os Gentios principaes da terra, que não eram tão suspeitosos a nós, como os Mouros. E a primeira cousa, que logo fez naquelle dia da chegada de Payo Rodrigues, foi pedir-lhe pela amizade que com elle tinha; se tornasse a Vicente Sodré, e acabasse com elle que não partisse, e se detivesse per espaço de dous, ou tres dias, em quanto elle mandava ajuntar todolos mercadores da terra, no qual tempo esperava tomar tal assento, com que ElRey de Portugal fosse servido, e o Almirante contente. Porque como este negocio das especiarias dependia mais da vontade daquelles, que andavam neste tracto, que da sua, e em cousa de proveito os homens eram máos de concordar,

e o

e o Almirante mui impaciente dos vagares dos Mouros, e mais ſendo imigos, queria que o ſerviſſem tão preſtes, como ſe os tiveſſe ganhado de muito tempo por amigos: não o devia culpar, ſe neſte caſo té então não tinha mais feito, e tambem as couſas de tanta importancia geralmente mais ſe acabavam com amor, que com indignação. Vicente Sodré, porque á mingua de elle não eſperar aquelles dias, não ſe perdeſſe eſta vontade, que ElRey moſtrava, (ſegundo lhe dizia Payo Rodrigues,) eſperou eſte tempo, em o qual teve conſelho com os ſeus, que zelavam a paz, e bem do Reyno, e determinou-ſe de todo: mandando dizer ao Almirante per Vicente Sodré, que elle podia mandar carregar as náos que quizeſſe das ſortes da eſpeciaria que lhe tinha promettido, aſſi, e pela maneira que elle Almirante queria em ſeus apontamentos; e que a perda que niſſo houveſſe, elle a refaria aos mercadores em os direitos, que lhe haviam de pagar; porque mais eſtimava a amizade d'ElRey de Portugal, que o accreſcentamento das rendas de ſeu Reyno, poſto que os Officiaes de ſua fazenda lho tinham contradito. E com eſte recado mandou a Payo Rodrigues, e aos que eſtavam em ſua companhia, que ſe não foſſem; porque elle eſperava que o Almirante acceptaſſe

ſe

ſe ſua offerta, e ambos tornaſſem á primeira paz que tinham, e neſte tempo acabariam elles de desbaratar ſua fazenda, e fazer ſeu emprego pera ſe poderem ir em as náos que foſſem pera Portugal. O Almirante aſſi por razão deſte recado d'ElRey de Cananor, como por em alguma maneira ter caſtigado o Çamorij, que eram as duas couſas que elle mais deſejava, quando chegou a Cochij hia já mui confiado que não havia de achar ElRey tão mudado, como lhe tinha eſcrito Gonçalo Gil Barboſa. E a cauſa, por que elle Gonçalo Gil tinha eſte receio, era por eſtas couſas, que elle contou ao Almirante, as quaes ante de ſua vinda eſtavam ordenadas. O Çamorij per meio d'alguns Bramanes, gente, em que eſtá a religião de todo o Gentio daquellas partes, tinha convocados em ſua amizade a ElRey de Cananor, e a ElRey de Cochij, liandoſe todos em noſſa deſtruição. Pera que ordenavam huma Armada de mais de duzentas vélas entre náos, e zambucos com grande apparato de armas, e numero de gente; a qual ſahindo dos portos, onde cada hum tinha armado a ſua pera ſe ajuntarem todas em Calecut, Deos acudio com hum pouco de temporal traveſsão, que deo com a maior parte deſtas vélas á coſta, com que ficáram tão quebrados, que não ouſáram de bolir

mais

mais com couſa alguma. Porém entre elles eſtava ordenado, pois com as armas não podiam, que ſe ajudaſſem deſta induſtria: ir cada hum per ſi detendo, e gaſtando o tempo, deſavindo-ſe em os preços da eſpeciaria, de maneira, que paſſada a monção da carga pera vir a eſte Reyno, forçadamente invernarem na India. E como as náos grandes não tinham portos pera iſſo, a maior parte dellas haviam de vir á coſta; e ſe metteſſem os navios pequenos em os rios, ſegundo coſtume da terra, tinham certo poderem logo ſer queimados. Que lhe parecia que daqui procedêram os modos, que ElRey de Cananor tivera com elle, em ſe deſconcertar nos preços da eſpeciaria, e aſſi os recados do Çamorij, tudo a fim de lhe gaſtar o tempo. E pois era vindo a ſe concertar com ElRey de Cochij, lhe pedia que foſſe logo, e não curaſſe de muitos eſcrupulos com elle; e aſſi proveſſe na offerta delRey de Cananor, ante que o Çamorij teceſſe com elles outra nova têa, que o fizeſſe invernar na India, por eſtarem já em oito dias de Novembro. O Almirante, como já tinha experimentado parte deſtas couſas, bem vio que Gonçalo Gil fallava como homem, que tinha tenteado, e ſentido a tenção daquelles Principes Gentios; e porque ſobre iſſo queria logo prover, ajuntou

os

os Capitães, e principaes pessoas da frota em conselho, onde Gonçalo Gil tornou a resumir o que dissera a elle Almirante. Do qual conselho sahio espedir elle logo a Vicente Sodré com os navios da Armada, que haviam de ficar na India: mandou-lhe que andasse na paragem de Calecut té Anchediva, porque não entrasse, ou sahisse barco d'algum porto daquella costa, que não fosse visto per elle, e aos imigos désse o castigo que mereciam; e daqui mandasse recado a ElRey de Cananor, como elle Almirante ficava tomando carga em Cochij, e que logo sería com elle. ElRey de Cochij neste tempo não se tinha visto ainda com o Almirante; e porque soube que andava pera entrar em seu porto huma náo de Calecut, que vinha de Ceilão, a qual era de hum Mouro de Calecut chamado Ninc Mercar, temendo que em Vicente Sodré sahindo a tomasse, mandou pedir ao Almirante que não impedisse aquella náo, que queria entrar naquelle seu porto, posto que de Calecut fosse. Ao que o Almirante respondeo, que o porto, e as náos eram suas, as quaes estavam ao que mandasse, e que este era o principal mando que trazia d'ElRey seu Senhor: por tanto que aquella, e todalas mais de Calecut, que elle quizesse, ainda que eram dos maiores imigos;

que

que os Portuguezes tinham naquella terra, ellas feriam tratadas como as proprias fuas. Do qual recado ElRey ficou tão contente, que logo ordenou de fe ver ao outro dia com elle Almirante, fobre as quaes viftas andava Gonçalo Gil; e porque quafi foram ao modo das delRey de Cananor, leixaremos de particularmente tratar do apparato dellas. Sómente que paffadas as palavras geraes de fua vifta, quando veio ao fallar em o negocio do trato da efpeciaria, e preços della, fobre que logo o Almirante quiz entender, tambem achou ElRey do bordo do de Cananor, donde entendeo fer certo o que lhe Gonçalo Gil tinha dito, com que fe apartáram hum do outro não mui contentes. Na qual efpedida teve ElRey hum artificio com elle Almirante, por lhe moftrar que não á força de palavras, mas que de fua propria vontade, procedia o que niffo queria fazer; porque indo elle Almirante pelo rio abaixo na caravela, em que veio a eftas viftas, leixando ElRey todo o apparato com que viera a ellas, fómente com feis, ou fete homens principaes metteo-fe em hum barco, e veio á força de remo bufcar o Almirante. E como homem confiado no que vinha fazer, metteo-fe com elle na caravela, e diffe-lhe, que elle o vira hum pouco defcontente, e que lhe pare-

re-

recia que isto procedia de elle ser máo de contentar, mais que de elle ser duro em conceder; e porque ambos não ficassem infamados de mal avindos, que elle se vinha metter em seu poder, e pois lhe entregava a pessoa, que entregava a vontade, que alli tinha tempo de se vingar da menencoria, que trazia delle. Quando o Almirante vio a confiança com que ElRey se metteo na sua caravela, e a graça, com que lhe dizia estas palavras, creo que tudo isto procedia da bondade de Deos, e que elle guiava o coração deste Principe Gentio por este modo não esperado; porque assi o descubrimento da India, como o governo de paz, e concordia de tão barbara gente, cressemos vir de sua mão, e não da nossa industria. E depois que com muitas palavras agradeceo a ElRey aquella confiança, e modo de conceder nas cousas, que lhe ElRey seu Senhor mandava per elle requerer, vieram assentar nos preços das especiarias, de que logo fizeram solemnes contratos de escritura, os quaes duram té hoje. ElRey de Cananor tanto que soube parte destas cousas, ficou mui temeroso que o Almirante não fosse mais ao seu porto, posto que per Vicente Sodré lhe mandasse recado que o não havia de fazer, e isto lembrando-lhe as differenças, que teve com elle, e quanta mais

fa-

facilidade ElRey de Cochij moſtrou no modo de ſe com elle conſervar, ſegundo lhe era dito per aviſos, que os Mouros mercadores de Cochij mandáram aos de Cananor. E como homem deſconfiado, ſabendo que Vicente Sodré andava ſobre o porto de Calecut, ordenou de mandar dous Embaixadores, que foſſem a elle com hum Portuguez dos que eſtavam em companhia de Payo Rodrigues pera os encaminhar, pedindo-lhe per huma carta, que déſſe ordem como aquelles ſeus Embaixadores em hum navio dos ſeus foſſem á Cochij, porque os mandava ao Capitão mór com negocio, que importava muito ao ſerviço delRey de Portugal. A qual couſa Vicente Sodré fez com diligencia, mandando huma caravela das ſuas que os levaſſe, e o Almirante os recebeo honradamente, e tornou logo a eſpedir, mandando dizer per elles a ElRey, que tiveſſe ſua ida por mui certa a Cananor aſſentar as couſas, que lhe mandava requerer, ſegundo fórma do que elle tinha aſſentado com ElRey de Cochij. Neſte meſmo tempo vieram a elle Almirante outros Embaixadores, que diziam ſer da gente Chriſtã, que habitava per as comarcas de Cranganor, quatro leguas de Cochij, que em numero ſeriam mais de trinta mil almas. A ſubſtancia da qual embaixada era ſerem Chri-

Christãos da linhagem daquelles, que o Apostolo S. Thomé baptizára naquellas partes, os quaes se governavam per certos Bispos Armenios, que alli residiam, e per meio delles davam sua obediencia ao Patriarca de Armenia. E por quanto elles estavam entre Gentios, e Mouros, de que eram mal tratados, e tinham sabido ser elle Capitão de hum dos mais Catholicos, e poderosos Reys da Christandade da Europa, lhe pediam pelos meritos da Paixão de Christo os quizesse amparar, e defender daquella infiel gente que os perseguia, por se não perderem de todo aquellas reliquias de Christandade, que o Apostolo S. Thomé alli tinha, como memoria dos trabalhos, e martyrios, que alli passára. E que elles com zelo de salvar suas almas, e pessoas, se vinham entregar a elle per meio daquelles seus Embaixadores, como se puderam entregar a ElRey de Portugal, se presente fora; pois elle representava a sua, por quanto elles queriam ser governados, e regidos per elle, e em sinal de obediencia lhe entregavam a vara da justiça, que entre si tinham. Com as quaes palavras lhe apresentáram huma vara vermelha tamanha como hum sceptro, guarnecida nas pontas de prata, e na de sima tinham tres campainhas de prata. O Almirante, depois que os ouvio,

mos-

mostrando ter grande contentamento disso, e assi do que lhe apresentáram, respondeo, que a mais principal cousa, que ElRey seu Senhor lhe encommendára, era, que trabalhasse por ter communicação com Christandade daquellas partes, por ter noticia que havia muita, e mui avexada dos Infieis. Porém como elle em chegando á India com esta propria gente de infieis tivera muito trabalho, como elles ouviriam dizer, estas differenças lhe gastáram todo o tempo, sem poder entender em outra cousa. E vendo elle que per si o não podia já fazer, por estar de caminho pera Portugal, leixava este cuidado a hum Capitão, que havia de ficar naquellas partes com huma Armada, o qual ao presente estava em Cananor com ella, e a elle, quando tivessem necessidade, podiam requerer qualquer ajuda, e favor, porque elle o faria com tanto amor, como aos proprios Portuguezes, que havia de leixar em Cochij, e Cananor. E quanto ao que tocava a elle Almirante, podiam ser certos, que depois que Deos o levasse a Portugal, elle representaria suas cousas a ElRey seu Senhor, de maneira, que na primeira Armada provesse como elles fossem consolados. Finalmente o Almirante per este modo os satisfez, e lhes deo algũmas cousas, com que os espedio, depois que se

in-

informou do modo de ſua religião, e vida. E porque da Chriſtandade deſta gente, e do que ſe ácerca delles tem de S. Thomé, ao diante particularmente trataremos, e principalmente em a noſſa Geografia, leixamos de o fazer aqui.

## CAPITULO VII.

*Como o Almirante, per hum artificio de engano, que hum Bramane teve com elle, foi ter ao porto de Calecut, onde paſſou grande riſco de lhe queimarem a náo, e o que ſobre iſſo fez: paſſado o qual trabalho, partio pera eſte Reyno, onde chegou a ſalvamento.*

EM quanto o Almirante paſſou eſtas couſas com eſtes Embaixadores d'ElRey de Cananor, e da Chriſtandade de Cranganor, eſtava o Feitor Diogo Fernandes Correa com os Officiaes da Feitoria, que de cá hiam ordenados, e principalmente com Gonçalo Gil Barboſa, dando ordem á carga da eſpeciaria. O qual negocio ſe fazia em hum recolhimento de madeira tão perto das náos, que ainda que a terra foſſe ſuſpeitoſa, o ſitio do lugar, e favor dellas os ſegurava de qualquer temor. E o que mais neſta parte deſcançava os noſſos era não haver alli aquelle tráfego de mercadores de Méca,

 co-

como havia em Calecut, e Mouros da terra eram poucos, e não mui poderosos, e a povoação dos Gentios cousa mui fraca, e as casas delRey mettidas dentro polo rio, de maneira, que assi da parte da povoação dos Mouros, e Gentios, como reparo de força, que o Almirante nisso fez, tudo estava seguro pera qualquer caso, que sobreviesse, segundo o estado da terra, do sitio da qual ao diante faremos maior relação. Andando o Almirante no maior fervor deste negocio de carregar as náos, veio a elle hum Bramane, que entre os Indios he a pessoa mais estimada por sua religião, o qual trazia comsigo tres pessoas, dous dos quaes dizia serem filho, e sobrinho, e o outro seu servidor, pedindo-lhe que houvesse por bem dar-lhe licença pera vir em sua companhia ao Reyno de Portugal ver o modo da Christandade, pera mais facilmente ser doctrinado nas cousas da nossa Religião. O Almirante vendo nas suas palavras, e pessoa ser homem pera estimar, e mais com tal proposito, como elle dizia, o mandou agazalhar em sua náo, e certos bahares de pimenta, que dizia trazer pera sua provisão, e outra fazenda, de que a principal era alguma pedraria de preço. Passados dous, ou tres dias, tendo o Almirante com elle prática, disse-lhe este Bramane, que el-

le lhe queria deſcubrir a verdade da cauſa da ſua vinda a Portugal, per ventura ſe o aſſi não fizeſſe, a elle Almirante lhe pezaria de o vão ter ſabido a tempo, dizendo que o Camorij ſeu ſenhor o enviava a ElRey de Portugal ſobre concerto de pazes, e preço das eſpeciarias pera aſſentar com elle eſtas couſas, de maneira que ficaſſem firmes, e perpetuas; por quanto lhe parecia que ſendo feitas per os ſeus Capitães, não podiam ſer muito duraveis, porque cada anno vinha hum, e ſegundo ſua condição, aſſi movia os partidos da paz. O Almirante lhe reſpondeo, que ſe por razão de as pazes ficarem firmes, e tudo o mais que o Camorij aſſentaſſe, conforme ao ſerviço d'ElRey ſeu Senhor, o enviava a Portugal, a elle Almirante parecia couſa eſcuſada; porque os poderes, que ElRey dava a ſeus Capitães, eram tão ſolemnes, e de tanta auctoridade naquellas couſas, que elles faziam ſegundo ſuas inſtrucções, que tinham a propria força, e vigor, como ſe per elle meſmo foſſem feitas. Finalmente tanto praticáram ambos neſta materia de paz, que veio o Bramane a dizer, que ſe elle Almirante quizeſſe algum tanto abrandar de ſeus queixumes, elle ſería medianeiro entre elle, e o Camorij, com que os negocios vieſſem a melhor eſtado do que eſtavam; e que devia

E ii que-

querer que esta paz, e concerto fosse feita ante per elle, que vir hum novo Capitão de Portugal, e acabar isto com o Çamorij; e mais pois lhe tanto amor, e graça mostrára a primera vez que com elle se vio, e tanto procurára de o livrar das mãos dos Mouros seus imigos. E que em penhor desta offerta, que promettia de si, não podia mais dar que sua pessoa, e as de seu filho, e sobrinho, que não sahiriam da náo té acabar tudo, querendo tornar ao porto de Calecut. O Almirante vendo a constancia das palavras deste Bramane, e a seguridade de sua pessoa, e confiado na entrega, que fazia de si, e do filho, e sobrinho, deo-lhe licença que fosse a Calecut dar conta ao Çamorij desta prática, que ambos tiveram, o qual não tardou muito com sua resposta; e pola mais auctorizar, trouxe comsigo hum homem, que elle dizia ser Naire, dos principaes da casa do Çamorij, dizendo da sua parte que era contente de pagar em especiaria por as cousas, que foram tomadas no alevantamento contra Aires Correa té quantia de vinte mil pardaos, moeda da terra, que da nossa são de trezentos e sessenta reaes cada hum. Vendo o Almirante tal recado, pareceo-lhe que este modo de vir aquelle Bramane assi dissimulado, não era tanto pera vir a este Reyno, segundo elle di-

dizia, como por artificio do Çamorij, por estár já arrependido, sabendo que ElRey de Cananor, e ElRey de Cochij estavam com elle concertados, e elle ficava de fóra. Finalmente o Almirante por não perder este negocio, que lhe a elle parecia estar mui certo, encommendando a frota a D. Luiz Coutinho Capitão da náo Lionarda, metteo-se em a náo Flor de la mar, Capitão Estevão da Gama, por ser mui poderosa, e sem querer levar comsigo mais que huma caravela, se partio pera Calecut, parecendo-lhe que podia lá achar as outras de Vicente Sodré, por haver poucos dias que per a caravela, que levou os Embaixadores de Cananor, tinha recado delle como ficava sobre Calecut, peró não sabia o que lhe alli acontecêra; porque se elle Almirante fora sabedor disso, não viera da maneira que veio sobre as palavras do Bramane. E o que Vicente Sodré tinha passado era, que havendo alguns dias que estava sobre Calecut tolhendo que não entrasse, ou sahisse navio, estreitou isto em tanta maneira, que té os barcos dos pescadores, que sahiam a pescar, perseguia com os bateis das náos. O Gentio da Cidade, como o principal mantimento de que se sustenta he pescado, vendo não ter modo de poder ir pescar, ordenáram huma cilada aos bateis de Vicente

So-

Sodré, lançando-lhe ao mar huns poucos de barcos dos peſcadores, como que hiam a ſeu officio. Os noſſos bateis tanto que os víram, a grão preza foram-ſe a elles, os quaes começáram de ſe recolher artificioſamente té os metter na boca de hum eſteiro, onde jazia a cilada. Do qual lugar ſubitamente ſahíram mais de quarenta zambucos, e paráos, com tamanho impeto, todos remo em punho, que em breve cercáram os noſſos, e cubríram a todos de huma chuva de fréchas, que logo naquella primeira chegada encravou muita gente. Com o qual ſobreſalto eſtiveram em muito perigo, por a multidão dos imigos, e a fréchada ſer tanta que coalhava o ar, ſem os noſſos ſe poderem revolver com elles; mas quiz Deos que o tiro de huma caravela remediou tudo, porque foi dar o pelouro de huma bombarda no meio do cardume dos zambucos, com que arrombou o principal, em que vinha o Capitão de todos. Por ſoccorrer ao qual deſapreſsáram os noſſos, com que tiveram tempo de ir buſcar abrigada das náos, onde elles não ouſavam chegar, porque começou a artilheria dellas metter alguns no fundo, que os fez recolher ao lugar donde ſahíram. E porque ficáram bem caſtigados daquelle ſeu ardil, o qual lhes não ſuccedeo como cuidáram, leixou Vi-

cente Sodré o porto de Calecut, e foi dar vista a Cananor ao tempo que o Almirante chegou alli, e esta foi a causa por que o não achou. O qual, depois que espedio a caravela, que dissemos em busca delle, confiado nas palavras do Bramane, e em leixar taes refens, como eram o filho, e o sobrinho, e o Naire, deo-lhe logo licença que fosse a terra com recado a ElRey. A resposta do qual foram palavras brandas, que dobráram a confiança ao Almirante; a conclusão das quaes era, que elle tinha mandado chamar certos homens principaes do seu Reyno, que haviam de ser presentes ao assentar daquellas pazes, e contratos das especiarias, por ficarem mais firmes, que lhe pedia houvesse por bem esperar que viessem, cá não podiam tardar dous dias. Nos quaes o Bramane hia, e vinha muitas vezes á terra, ora com causa, ora sem ella, fingindo necessidade disso; e quando veio ao terceiro dia, quizera per modo dissimulado levar o filho comsigo, mas não o consentio o Almirante, de que teve má suspeita. Finalmente aquella noite elle ficou em terra sem vir dormir á náo, como quem temia ser logo pago dos enganos em que andava, e apparecêram ante menhã. Os quaes enganos foram obra de cem paráos, que no quarto d'alva cercáram mui caladamente

te

te a náo do Almirante, e vinham os Mouros, e Indios tão ouſados, que começáram trepar per as cadeias das mezas da guarnição. Os noſſos, que vigiavam ſeu quarto quando deram rebate nos outros que dormiam, com o ſomno, (peró que o temor muito eſperta,) era tamanha a confusão, que não ſabiam onde haviam de acudir, porque toda a náo eſtava cercada em torno deſtes paráos. O qual ſobreſalto lhes deo muito trabalho, porque não ſe aproveitavam da artilheria, cá lhes ficava tão alta, que não podia peſcar os zambucos, e barcos, que eſtavam pegados no coſtado da náo, e ſómente lhes ſerviam béſtas, eſpingardas, e pedradas. A eſte tempo, (como diſſemos,) tinha o Almirante eſpedido a caravela, que viera em ſua companhia, com hum recado a Vicente Sodré, que ſegundo ſoubera, andava ſobre Cananor, o qual lhe leixára per popa da ſua náo hum paráo grande, que tomára, vindo elle Almirante de Cochij; os Mouros do qual, dando-lhe eſta caravela caça, ſe ſalváram em terra. Os Mouros, que tinham cercado o Almirante, vendo eſte paráo, e quão animoſamente os noſſos defendiam a entrada da náo, e quanto damno recebiam delles, quizerám-ſe aproveitar deſte artificio, que traziam, que eram dous barcos juntos com muita lenha, e ma-

te-

teriaes pera quando lhe puzessem o fogo, se accender mais prestes, ainda que lhe acudissem com agua. Os quaes barcos foram amarrar ao parão, que estava por popa da náo; posto o fogo nelles, começou logo levar tão furiosamente, que em breve se ateou a labareda pelos castellos da náo. O Almirante quando vio tão grande perigo, não achou outro remedio mais prompto que mandar cortar as amarras, humas das quaes o deteve muito; porque temendo elle que de noite os Mouros, segundo seu uso, a remo surdo, ou a nado, lhe viessem cortar as amarras pera lhe darem com a náo á costa, a da parte do mar todo o descuberto della era huma grossa cadeia, que estava de maneira, que a não pode alargar, senão cortando a mesma cadeia, que lhe deo muito trabalho. Peró como a náo se achou livre, e obedeceo á véla, começou de abrir caminho por meio dos paráos dos imigos, leixando o que tinha per popa entre elles, os quaes por se livrarem da labareda delle, desapressáram o costado da náo, que deo causa a que os nossos se pudessem aproveitar da artilheria. Finalmente tanto andáram aquelles infieis perseguindo a náo ás fréchadas, e bombardadas té que amanheceo; no qual tempo, posto que da terra concorriam muito mais paráos, sobreveio Vicente Sodré,

dré, que com as caravelas que traziã, fez tal destruição nelles, que lhe conveio tornarem-se todos ao estreito donde sahíram. Tanto que o Almirante se vio desapressado deste trabalho, por pagar ao Bramane a maldade que commetteo, mandou enforcar nas vergas das caravelas os tres refens que lhe leixou, andando com elles ao longo da Cidade á vista de todos hum pedaço, e per derradeiro os mandou metter em hum paráo com huma carta pera o Çamorij, as palavras da qual eram conformes ao engano, que usára per meio do Bramane. Acabado este acto de castigo, partio-se o Almirante pera Cochij, onde chegou a tempo que estavam já as náos tão prestes, que espedido d'ElRey, ordenou como o Feitor Diogo Fernandes Correa ficasse seguro no recolhimento de madeira, que lhe tinha feito. Ao qual leixou trinta homens, e por Escrivães de seu officio Lourenço Moreno, e Alvaro Vaz, e espedido delles, partio-se pera Cananor a dezoito de Janeiro, onde chegou. ElRey como já estava sobmettido a toda a razão, e aos apontamentos, que lhe elle Almirante mandára sobre o contrato, e preço das especiarias, não houve mais detença que assinarem ambos estes contratos, e receber gengivre, e outras cousas, que elle Almirante havia de tomar. E tambem

bem lhe leixou alli feitoria em outra força como em Cochij, e por Feitor Gonçalo Gil Barbosa, e Escrivães de seu cargo Bastião Alvares, e Diogo Godinho com té vinte homens. Acabadas estas cousas, partio o Almirante de Cananor, em companhia do qual todo aquelle dia veio Vicente Sodré com sua frota, té que se apartáram. Na qual viagem não fez o Almirante mais detença que quanto em Moçambique carregou algumas náos, e peró que com tempos arribáram, todavia trouxe-o Deos a este Reyno a dez de Novembro, entrando pela barra de Lisboa com nove vélas. Em a qual maré entráram com elle duas caravelas, que vinham da fortaleza de S. Jorge da Mina, e duas náos de Ourão com lambeis pera o mesmo tracto da Mina, e huma de Levante chamada Annunciada, que foi das mais formosas vélas, que se vio em toda a Europa; e assi entráram outras náos, que vinham de Flandes, que fizeram esta vinda do Almirante melhor afortunada. E como neste tempo ElRey estava em Lisboa, quando foi a elle, levou as pareas, que houvera d'ElRey de Quiloa, as quaes com grande solemnidade a cavallo, levava em hum grande bacio de prata hum homem nobre em pelóte com o barrete fóra ante elle Almirante com trombetas, e atabales, acompanhado de todo-

los

los ſenhores, que havia na Corte. Das quaes pareas ElRey mandou fazer huma cuſtodia d'ouro tão rica na obra, como no pezo; e como primicias daquellas victorias do Oriente, offereceo a Noſſa Senhora de Bethlem á obra da qual caſa applicou todalas prezas, que pertenceſſem a elle, e mais em quanto foſſe ſua mercê a vintena do rendimento dos fructos daquella conquiſta, com que ſe faziam as obras da caſa.

# DECADA PRIMEIRA.

## LIVRO VII.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém a guerra, que o Çamorij de Calecut por nossa causa fez a ElRey de Cochij, e o que os nossos fizeram nisso, e assi as Armadas, que deste Reyno partíram os annos de quinhentos e tres, e quatro, Capitães móres Affonso de Albuquerque, Francisco de Albuquerque, Antonio de Saldanha, e Lopo Soares.

### CAPITULO I.

*Como o Çamorij Rey de Calecut por nossa causa fez guerra a ElRey de Cochij, e o que succedeo della.*

TAnto que o Almirante D. Vasco da Gama partio da India pera este Reyno, como o Çamorij Rey de Calecut ficava mui indignado com os máos succedimentos de seus negocios, e mais vendo crescer o estado delRey de Cochij, e o seu di-

diminuir, depois que entrámos na India, determinou buscar novo modo de se vingar destas cousas, e principalmente del Rey de Cochij. Porque não sómente achava nelle em algumas cartas, que sobre este feito lhe tinha escrito, huma maneira de o estimar em menos do que fazia ante da nossa entrada na India; mas ainda mandando a elle alguns Bramanes pera o provocar per modo de sua religião a se conformarem ambos em destruição nossa, respondia como homem, que tinha mais respecto a sua fazenda, que á religião de Bramane que elle era. O Çamorij vendo que per nenhum modo de quantos commetteo o podia mover, assentou publicamente de ir contra elle com mão armada, pera que já tinha mandado fazer alguns apparatos de guerra, simulando que eram contra nós, e isto ante da partida do Almirante, dos quaes ElRey de Cochij era avisado, e disso tinha dado conta ao mesmo Almirante, ao qual elle esforçou muito com a Armada de seu tio Vicente Sodré, que ficava pera o mais do tempo do verão andar naquella costa em favor seu, e destruição do Çamorij: a que elle mandava que fosse feito tanto damno, que em se defender teria assás trabalho. Com as quaes *esperanças, e penhor tão principal*, como era o Feitor, e Officiaes, que ficavam em seu

seu poder, ElRey se animou muito. Com tudo, como esta guerra, que o Çamorij lhe queria fazer, era toda per terra, nunca os nossos lhe puderam impedir os apparatos della, pera a qual adjuntou sincoenta mil homens em hum lugar chamado Panane dezeseis leguas de Cochij. E posto que a todolos seus Capitães, e a Nambeadarij seu sobrinho tinha dito a causa daquelle adjuntamento naquelle lugar, por se justificar naquelle movimento de guerra, lhe fez huma falla, a resolução da qual estava em tres pontos; na obrigação, que tinha de fazer pelas cousas dos Mouros; e no damno, que elles, e elle tinha recebido de nós; e na pouca obediencia, que lhe ElRey de Cochij tinha, sendo elle Çamorij do Malabar, e tudo com favor de nossas armas. O qual arrazoamento foi mui louvado de todolos seus Caimaes, e approváram ser mui justa a guerra, que queria fazer a ElRey de Cochij; e quem mais accendia o fogo della, era o Mouro Coje Cemecerij, que foi causa da morte de Aires Correa com outros de sua valia. E sobre elles com mais auctoridade era Nambeadarij, Senhor da Comarca Repelim, que está ao pé da serra, a qual Comarca he hum posto, donde se colhe a melhor pimenta de toda aquella costa. O qual não contradizia tanto nossas cousas por

odio que nos tivesse, quanto pelas compe-tencias, que tinha com ElRey de Cochij, dizendo pertencer-lhe a elle o seu Reyno. E vendo o Principe Nambeadarij, que era herdeiro de Calecut, que todos indignavam o Çamorij mais por lhe comprazer, que por bem aconselhar, favorecido d'alguns, que estavam na verdade, disse, que elle era em contrario parecer; porque como aquellas indignações contra ElRey de Cochij procediam da nossa entrada na India, o discurso das cousas passadas mostravam quão injusto era aquelle presente movimento. Porque elle víra entrar os Portuguezes na India com huma embaixada a elle Çamorij, offerecendo paz, e amizade de seu Rey, ouro, prata, e mercadorias, de que aquella terra tinha necessidade, a troco de pimenta que sobejava nella, os quaes per induzimento dos Mouros logo foram dalli mal-tratados. Depois na segunda Armada, vindo poderosos, e ricos do que promettêram, não se teve com elles o pacto, que lhe concedêram per entrada; e por lhe ser mandado maliciosamente, tomáram a náo dos Elefantes, e a outra, que estava á carga, e não de seu proprio moto. No qual tempo se fizeram damno na terra, foi em defensão de suas vidas, fazendas, e satisfação da injúria, que lhe foi feita: cousa natural aos brutos, quanto

to mais aos homens. Foram a Cochij, acháram paz, verdade, e gazalhado, repousáram alli, porque onde os homens acham estas cousas, fazem natureza, posto que estrangeiros sejam; e se os ElRey de Cochij agazalhou ácerca do commum parecer dos homens, nisso tinha ganhado o que o Reyno de Calecut perdeo, e cada hum sentia em sua casa. Quanto mais se o elle não fizera, grande era a India; e se com cada hum daquelles, que os pudera agazalhar, elle Çamorij houverá de tomar questão, isto era contender com todolos homens, porque todos recolhem em sua casa quem lha enche de tanta substancia, quanta os Portuguezes traziam em suas náos. E porque elle não via naquelle negocio da guerra, que sua Real Senhoria começava, algum fim proveitoso pera o Reyno de Calecut, e tudo parava em desejo de vingança, propunha o que tinha dito, não por se escusar de ser o dianteiro em castigar ElRey de Cochij; mas porque temia que o seu castigo cahisse sobre a cabeça dos filhos de quantos alli estavam, por ver que os seus vingadores haviam de ser os Portuguezes, que cada anno dobravam em náos, gente, e armas. O Çamorij peró que algum tanto ficou commovido com estas palavras do Principe, era já tamanho o odio, que tinha a ElRey de

Cochij, e havia tantos que o indignavam mais, que assentou de todo no que estava determinado. ElRey de Cochij, per alguns amigos que tinha em Calecut, soube parte desta determinação do Çamorij, e logo com muita diligencia começou de se aperceber, e não com pouco clamor do povo; porque no apparato da guerra, que trazia o Çamorij, bem viam ser a todos huma certa destruição. Do qual caso tinham grande indignação contra ElRey de Cochij, vendo que aventurava perder seu estado, e a vida de todolos seus por defensão dos Portuguezes, que alli estavam, pois o Çamorij não queria mais satisfação delle, que fazer-lhe entrega delles, com que ficariam amigos. Das quaes murmurações os nossos eram sabedores, e segundo o povo andava indignado tanto, temiam já a elle, como aos apparatos do Çamorij: e muito mais depois que estando elle em Repelim, que serão té quatro leguas de Cochij, mandou grandes amoestações a ElRey de Cochij, chamado Trimumpara, e a todolos Principes, e Bramanes, requerendo-lhes que fizessem entrega dos Portuguezes, protestando per todas suas religiões serem homicidos em todalas mortes, e damnos, que sobre este caso viessem. Porque obravam tanto estas amoestações, e excommunhões de sua religi-

gi-

gião com os primeiros infortunios, que El-Rey de Cochij teve em algumas victorias, que o Camorij houve delle, que a maior parte dos Principes do ſeu Reyno o leixáram, paſſando-ſe ao Çamorij. Entre os quaes foi Cham de Begadarij ſenhor de Porca, e o Mangate Caimal, e ſeu irmão Naubeadarij, o Caimal de Cambalu, o Caimal de Cheriavaipil, e os ſinco Caimaes da terra, a que elles chamam Anche Caimal, que deram entrada per ſua terra a que o Çamorij paſſaſſe á de Cochij, por eſta ſer a ella mui vizinha. Na qual paſſagem Trimumpara pelejou animoſamente, em quanto os ſeus o não leixáram; e por defender eſta paſſagem, que era per hum váo, lhe matáram tres ſobrinhos, a que elles chamam Principes por ſuccederem no Reyno: hum dos quaes chamado Narmuhij, que era o herdeiro, fez grande mingua na terra, por ſer mui excellente cavalleiro; e tanto que foi morto, morreo a eſperança do povo. O qual povo andava tão deſcontente dos noſſos pela conſtancia, que ElRey tinha de os não querer entregar, que temendo elle que poderiam receber algum damno dos ſeus, ou que elle ficaria deſamparado de todos, trazia-os ſempre em ſua companhia. Finalmente o Çamorij com o grande poder da gente que tinha, tornou ſegunda vez entrar

a Ilha de Cochij, com que conveio a El-Rey passar-se a outra Ilha de Vaypij por ser mais defensavel, e principalmente por ácerca delles ter huma religião, como ácerca de nós tem os lugares sagrados, que quem se a elles acolhe, está seguro de receber algum damno de seu imigo. No qual recolhimento não levava já pessoa notavel que o quizesse seguir, senão o Caimal do proprio Vaypij, que sempre o servio nestes trabalhos com muita lealdade, e dos nossos que andavam com elle, se leixáram ficar com o Çamorij dous Christãos naturaes da Esclavonia. Os quaes indo deste Reyno na Armada do Almirante em lugar de marinheiros, leixáram-se ficar com os nossos em a Feitoria, simulando que eram lapidarios, sendo seu proprio officio bombardeiros, e fundidores de artilheria, que foram depois causa de grande trabalho aos nossos, e muito maior ao Çamorij polos defender. E se he verdade, (o que se não deve crer de huma tão illustre Senhoria, como he a de Veneza,) elles a quizeram infamar, dizendo depois, que per seu meio foram ter áquellas partes pera usar aquelle officio de fundir a artilheria em nosso damno.

## CAPITULO II.

*Como ElRey D. Manuel o anno de quinhentos e tres mandou á India nove náos repartidas em tres capitanías, de que eram Capitães móres Affonſo de Albuquerque, Franciſco de Albuquerque, e Antonio de Saldanha: e como Vicente Sodré ſe perdeo, e de algumas couſas, que os Albuquerques fizeram por reſtituir a ElRey de Cochij no que tinha perdido na guerra, que lhe fez o Çamorij.*

EStando ElRey de Trimumpara de Cochij com os noſſos neſte eſtado de tanto trabalho, e poſtos nas grandes neceſſidades, que os cercados tem, e principalmente de mantimentos, que era guerra de todo o dia, chegou Franciſco de Albuquerque filho de João de Albuquerque com ſeis vélas, tres com que partíra deſte Reyno por Capitão, e as outras da Armada de Vicente Sodré. E porque no meſmo anno de tres, em que elle partio, partíram outras ſeis vélas, daremos razão de todas, e do modo como ſe repartíram, pois todas foram a tempo que reſtituíram a ElRey de Cochij, e ſeguráram a vida dos noſſos, que com elle eſtavam. ElRey D. Manuel, porque o negocio deſta conquiſta, e commercio da In-

India cada anno com as Armadas, que de lá eram vindas, descubria o que convinha pera melhor proceder nelle, ordenou de mandar este anno de quinhentos e tres nove náos repartidas em tres capitanías, as seis pera virem com carga de especiaria, e as tres pera andarem na boca do estreito do mar Roxo esperando as náos dos Mouros de Méca, com que tinhamos guerra. Das primeiras tres náos era Capitão mór Affonso de Albuquerque filho de Gonçalo de Albuquerque Senhor de Villa Verde; e os dous Capitães da sua bandeira eram Fernão Martins de Almada filho de Vasco de Almada, Alcaide mór que foi desta Villa, e Duarte Pacheco Pereira filho de João Pacheco; e os dous Capitães da conserva de Francisco de Albuquerque eram Pero Vaz da Veiga de Montemór o novo, e Nicoláo Coelho, que foi no descubrimento com D. Vasco da Gama, estas seis vélas eram as que haviam de trazer carga de especiaria. E posto que Affonso de Albuquerque partio primeiro a seis de Abril, e Francisco de Albuquerque a quatorze, elle foi o derradeiro que chegou á India; o outro Capitão pera andar de Armada na boca do estreito era Antonio de Saldanha filho de Diogo de Saldanha, e com elle hum Cavalleiro da casa d'ElRey per nome Ruy Lourenço Ravas-

vasco, e Diogo Fernandes Pereira de Setubal, que por ser homem mui usado no mar, hia tambem por Mestre da náo. Da viagem do qual Antonio de Saldanha em seu lugar faremos relação por continuarmos com Francisco de Albuquerque, dando primeiro razão dos navios de Vicente Sodré, que elle topou na costa da India bem perdidos, e assi o navio de Antonio do Campo, que, como atrás vimos, com hum temporal se perdeo á ida da conserva do Almirante. Vicente Sodré, segundo atrás dissemos, partido o Almirante da India junto de Cananor, se apartou delle, ficando com regimento que andasse, em quanto o tempo lhe désse lugar, na costa do Malabar em favor de Cananor, e Cochij, fazendo guerra ao Çamorij na entrada, e sahida das náos de Calecut. E quando o tempo lhe não servisse pera andar naquella costa, que he no inverno, fosse andar na boca do estreito do mar Roxo, fazendo guerra ás náos de Méca, o qual regimento elle cumprio té se perder. A primeira cousa que fez, foi aos ilheos de Sancta Maria, tomando quatro náos de Calecut, as quaes trouxe a Cananor, onde foram descarregadas de arroz, e mantimentos que levavam, fazendo entrega de tudo ao Feitor Gonçalo Gil Barbosa; e os Mouros, que nellas vinham, deo a

El-

ElRey de Cananor a ſeu requerimento, por haver alli muitos que eram parentes de alguns, que viviam em Cananor, a qual couſa ElRey eſtimou em grande honra. E neſte tempo quaſi em ſatisfação deſta obra, ElRey o aviſou do que o Çamorij movia contra ElRey de Cochij, com o qual recado elle ſe partio logo pera Cochij, e de caminho topou tres zambucos, que vinham das Ilhas de Maldiva, a que poz fogo por ſaber ſerem de Calecut. Chegado a Cochij, entregou a preza delles ao Feitor, e vio-ſe com ElRey, dizendo, que era alli vindo ao que mandaſſe delle pela nova que tinha dos grandes apercebimentos, que o Çamorij fazia pera vir contra o ſeu Reyno. ElRey com palavras de muito agradecimento eſtimou aquella ſua vinda, dizendo ſer verdade o que ſe dizia; mas como era no principio do inverno, em que o Çamorij não havia de mover ſenão paſſado elle, era eſcuſada ſua preſença, que bem poderia dar huma viſta á coſta da Arabia, pera onde dizia que eſtava de caminho, e quando em boa hora tornaſſe, ſería ao proprio tempo que o Çamorij moveſſe, ſe adiante houveſſe de proceder no que tinha começado. Eſpedido Vicente Sodré d'ElRey, foi ter á Ilha Çocotorá, onde fez ſua aguada, e della ſe paſſou ao cabo de Guardafu, que he

a mais

a mais oriental terra, que tem a parte de Africa, e deſte cabo atraveſſou a coſta de Arabia por ſer mais ſeguida das náos, que da India hiam, ou vinham do eſtreito do mar Roxo, em a qual paragem tomou algumas de Cambaya com roupas, e outras de Calecut com eſpeciaria, que todas hiam pera o eſtreito. E porque elle andou alli obra de dous mezes, e os Ponentes, que eram Abril, e Maio, começáram de ventar, conveio-lhe buſcar algum abrigo, o qual foi huma enſeada vizinha ás Ilhas, a que chamam Curia Muria, e iſto per conſelho de dous Mouros Pilotos, com fundamento que como vieſſe Agoſto de ſe fazer na volta da India, por já ſer paſſado o inverno. Com o qual fundamento, entrado neſta enſeada, acudíram logo á ribeira do mar huns poucos de Mouros, a que elles chamam Baduijs, cuja vida he paſtorar gado, e andar no campo ao modo que dizemos que andam os Alarves. E poſto que no principio tiveram algum receio dos noſſos, depois que goſtáram do bem que lhes faziam, dando-lhes pannos, arroz, e outras couſas, que entre elles não havia, fizeramſe tão familiares a elles, dando-lhes carneiros a troco de ſuas neceſſidades, que ſe chegáram com mulheres, e filhos á praia do mar a fazer alguma peſcaria, com que

ſe

ſe mantem boa parte do anno. E havendo perto de hum mez e meio que alli eſtavam, como eſtes Baduijs tinham conhecimento de hum certo temporal, que ás vezes alli ſobrevem, deram aviſo aos noſſos, aos quaes parecendo ſer iſto modo de os lançar dalli, por ſe dizer que haviam de paſſar per aquella coſta certas náos de Ormuz, leixáram-ſe eſtar, té que á cuſta de ſeu damno verem que os Mouros lhes diziam verdade; porque foi tal o tempo, que ſe perdeo Vicente Sodré com a maior parte da gente, e aſſi ſe perdeo o navio de Braz Sodré ſeu irmão, e os outros milagroſamente eſcapáram. Ceſſando o qual tempo, ſe fizeram á véla caminho da India, onde vieram ter, quando Franciſco de Albuquerque os topou; e com elles tambem ſe ajuntou Antonio do Campo Capitão de hum navio, que ſe perdeo da Armada do Almirante, e foi invernar na coſta de Melinde em humas Ilhas ſem ſaber onde eſtava, meio perdido. Franciſco de Albuquerque como hia mui inteiro com mantimentos, e couſas do Reyno, recolhidos eſtes navios, provê-os do neceſſario, principalmente os da Armada de Vicente Sodré, que era muita gente morta á fome, e ſede, com os quaes foi ter a Cochij, onde achou El-Rey quaſi tão perdido na Ilha de Vaypij.

E

E o primeiro conforto que lhe deo, foi apresentar-lhe o que lhe ElRey D. Manuel mandava, que eram muitas peças ricas pera o serviço de sua casa ao modo dos Principes de Hespanha, e com ellas lhe disse as palavras, que havia mister hum Principe, que tinha passado tantos trabalhos, nos quaes mostrou a lealdade, e amor que comnosco tinha. E pera restituição de seu estado lhe offereceo as náos, e gente que alli vinha, e as outras, que já eram ante delle partidas do Reyno, promettendo-lhe não se partirem té o não leixar em posse de suas terras com victoria de seus imigos; porque ElRey D. Manuel seu Senhor nenhuma outra cousa lhe mais encommendava, que trabalharem nas cousas de seu estado, como em o seu proprio. Que não ser ajudado de Vicente Sodré, segundo tinha sabido sua Real Senhoria, era a causa, pois o espedíra ao tempo que se viera offerecer a elle; e como o mar póde mais que a vontade dos homens, o impedio de maneira que se perdeo, como saberia. ElRey, depois de lhe gratificar estas cousas, como tinha mui viva a dor, logo começou a praticar no modo de sua restituição, dizendo, que assi á honra delle Capitão, pois tinha tão nobre gente comsigo, como a bem da carga das náos, convinha que a Ilha de Cochij fosse logo des-

despejada. O que Francisco de Albuquerque cumprio pela ordenança d'ElRey, polo mais comprazer, sahindo logo em bateis em terra, com que á custa da vida de muitos do Çamorij, que estavam em guarda, como dos reveis a ElRey, não sómente despejou todo Cochij, mas ainda a Ilha Cheravaypil, em que o Capitão Nicoláo Coelho per sua propria mão matou o Caimal della, e toda a terra tornou á obediencia d'ElRey. Depois fez Francisco de Albuquerque algumas entradas com os Capitães das náos, indo já mais dentro per os rios, e esteiros, com que toda a terra he retalhada a modo de leziras, destruindo, e queimando muitos lugares do senhor de Repelim, em que houve honrados feitos á custa do sangue dos nossos, e com morte de quatro. Francisco de Albuquerque como vio ElRey alegre, e satisfeito destas cousas, que se faziam em sua restituição, por levar recado d'ElRey D. Manuel pera isso, fallou-lhe em se ordenar huma fortaleza, dizendo, que huma das principaes causas de elle, e os Portuguezes terem recebido tanto trabalho na defensão de suas pessoas, fora não terem algum recolhimento forte, em que se pudessem defender ao impeto do Çamorij. E pois o passado aconselhava ao presente, era necessario que sua Real Senhoria

ria désse hum lugar, e mandasse cortar madeira pera fazerem huma fortaleza, em que os Portuguezes, que alli haviam de estar, tivessem onde recolher suas pessoas, e as mercadorias pera compra da pimenta; porque da maneira que a terra então estava, de dia se não podiam vigiar as cousas, quanto mais de noite. ElRey como vio ser o requerimento justo, e necessario pera o negocio, e maneio do tracto, mandou logo dar aviamento a tudo: começando a qual obra, chegou Affonso de Albuquerque; sem haver causa, que o detivesse no caminho, sómente tempos contrarios. Com a vinda do qual se repartio logo o trabalho, porque a Francisco de Albuquerque ficou o aviamento de dar carga ás náos, e elle tomou sobre si o fazer da fortaleza; e por a singular devoção, que tinha no Apostolo Sant-Iago, por elle ser Cavalleiro de sua Ordem, e a náo em que hia se chamar do nome deste Apostolo, houve a fortaleza nome *Sant-Iago*, a qual se fundou onde ora está a casa do Armazem da ribeira, e assi fundou huma Igreja do Orago de S. Bartholomeu no proprio lugar, onde ainda está. Parece que aprouve a Deos que elle fosse auctor destas duas obras: huma espiritual, que foi a fundação da Igreja; e outra temporal da fortaleza: nesta tomando posse por parte do

Rey-

Reyno, e na outra por parte da Igreja Romana. As quaes, porque foram de madeira, podemos dizer ſerem cimbres das outras de pedra, e cal, que elle fundou em Goa, Malaca, e Ormuz, principaes cabeças dos Reynos, e eſtados da India, de que temos poſſe, como veremos em ſeu lugar. E porque a nova que achou das entradas, que Franciſco de Albuquerque fez, o encitáram com huma virtuoſa inveja, deſejando de ſe ver em outros taes feitos, praticando com elle, e com os outros Capitães, adjuntáram obra de quinhentos homens nos bateis das náos, e paráos, que tinham tomado aos imigos, determinando irem dar em Repelim, do Senhor da qual ElRey de Cochij tinha recebido muito damno. Peró eſta ida não foi aſſi tão leve, como parecia no principio áquelles, que foram eſpias da terra; porque o Senhor de Repelim tinha comſigo paſſante de dous mil homens, todos Naires, e gente deſtra em pelejar, e tambem muitos paráos, e artilheria d'ElRey de Calecut, como quem temia que o foſſem viſitar. Com tudo aprouve a Deos que os noſſos entráram, e queimáram o lugar, com a qual victoria ElRey de Cochij ficou mui contente, porque deſte Senhor de Repelim deſejava tomar crua vingança. Depois fizeram outra grande entrada per os rios aſſima ſeis leguas con-

contra Repélim, em que Affonſo de Albuquerque ſe houvera de perder; porque como andava deſejoſo de fazer per ſi alguma couſa, e elles partíram de noite, pera que em rompendo Alva da manhã deſſem no lugar, adiantou-ſe tanto de Franciſco de Albuquerque, que teve tempo pera dar em hum lugar, o qual eſtava tão apercebido, que logo á ſahida ante menhã lhe matáram dous homens, e feríram vinte; e depois que eſclareceo que a terra foi appellidada, acudio tanto Gentio, que pareciam gralhas, que deſciam das arvores, por trazerem entre ſi huma maneira de ſe chamar, a que elles chamam Cuquiada, que não determinavam os noſſos a que parte havia mais. Os quaes aſſi eram leves, e ouſados em commetter com ſuas eſpadas, e adargas, que primeiro os achavam entre as pernas por as decepar, do que os noſſos os podiam ferir. Outros com fréchas cubriam o ar, apertando tanto com Affonſo de Albuquerque, que começou a ſua gente de ſe ir retrahindo pera os bateis ſem a elle poder entreter. O qual retrahimento lhe deo a vida; porque chegando junto delles em hum eſcampado, onde os Indios começáram de ſe derramar por lhes tomarem a embarcação, varejou a artilheria que vinha nelles, de maneira, que não ſómente os fez affaſtar, mas ainda cha-

mou a Francisco de Albuquerque, que não era passado. Per os quaes tiros conhecendo que pelejava, chegou a tempo que o tirou daquella affronta, em que se houvera de perder; porque além desta, em que os da terra o tinham posto, eram chegados trinta e tres paráos de Calecut, e andavam todos tão azedos, e favorecidos huns dos outros, que não se podia elle valer per mar, nem per terra. Peró chegado Francisco de Albuquerque com os Capitães Duarte Pacheco, Pero de Taíde, e Antonio do Campo, não sómente foi elle livre do perigo em que estava, mas ainda puzeram os imigos em fugida, no qual alcanço perecêram muitos delles. E da volta que fizeram, foram á Ilha Cambalão, que era de hum vassallo delRey dos rebelados, e leixando Duarte Pacheco á entrada de huma ponta de terra soberba sobre o rio, donde á vinda os imigos lhe podiam fazer muito damno, repartíram-se elles pela Ilha, e não tão apartados, que não se pudesse ajudar huns aos outros, com o qual modo atalháram toda a Ilha, em que matáram mais de setecentos Indios. Duarte Pacheco, por ver que o lugar, onde o leixáram, estava já seguro pera os nossos bateis poderem tornar sem perigo, deo em huma povoação que destruio, onde matou muita gente, e dahi

foi-

foi-se ajuntar com os outros Capitães. Os quaes vindo já todos caminho pera Cochij mui contentes com a victoria daquelle dia, de hum esteiro, que de través dava naquelle principal rio, lhe sahíram obra de sincoenta paráos de Calecut, que os metteo em grande trabalho; porque como chegavam folgados, e elles vinham sem suspeita do caso, e mui cansados, e alguns feridos, tiveram assás que fazer em se desempeçar da primeira furia. Porém depois que passou aquelle impeto, que os imigos traziam, e começáram sentir a indignação dos nossos, voltáram as costas, e valeo-lhes não ficarem alli todos, metter-se per hum esteiro tão baixo, que não puderam nadar os nossos bateis: a qual victoria adjuntáram ás outras que traziam, que deo grande prazer a ElRey de Cochij quando chegáram a elle. E porque pera leixarem estas cousas do estado da guerra, postas em termo que pudessem haver carga da especiaria, era necessario fazer alguma demora; ordenáram de carregar a Antonio do Campo pera vir diante dar nova a ElRey da perdição de Vicente Sodré, e das victorias que tinham havido do Çamorij de Calecut, o qual Antonio do Campo a salvamento chegou a este Reyno a dezeseis de Julho de mil e quinhentos e quatro.

## CAPITULO III.

*Como a Rainha de Coulão mandou pedir aos Capitães que fossem duas náos tomar carga ao seu porto: e da paz que o Çamorij fez com elles, a qual logo quebrou, e tornou á guerra, por a qual causa Duarte Pacheco ficou com a sua náo, e duas caravelas em guarda de Cochij: e do que os outros Capitães passáram, vindo pera este Reyno.*

COm estas cousas da guerra, posto que ElRey de Cochij trabalhava por se dar carga ás náos, fazia-se mui trabalhosamente; porque se hiam quatro toneis per esses rios, e esteiros em busca della, era necessario irem outros tantos bateis em sua guarda, de maneira, que não havia quintal de pimenta que não custasse sangue. Mas sobreveio caso, que nisso ajudou muito aos nossos, e foi mandar a Rainha de Coulão, e seus Governadores, offerecimentos aos Capitães, que lhe dariam carga a duas náos, com o qual assentáram os Capitães que fosse lá Affonso de Albuquerque carregar as suas. E ainda por comprazer a ElRey de Cochij, quizeram elles que fosse isto por sua vontade, e que a Rainha lhe mandasse pedir esta licença. Chegado Affonso de

Al-

Albuquerque a Coulão buſcar eſta carga, foi mui bem recebido, e feſtejado dos Governadores da terra, e aſſentou trato com elles ao modo de Cochij, e que ficaſſe alli hum Feitor pera que ordinariamente cada anno vieſſem tomar carga duas, ou tres náos, ſegundo a novidade foſſe. Por razão do qual concerto leixou por Feitor Antonio de Sá de Santarem, Ruy de Araujo, e Lopo Rabello por Eſcrivães, com obra de vinte homens pera guarda da Feitoria, que foi huma caſa, que lhe os Governadores da terra ordenáram; e com iſto acabado, e ſua carga feita, ſe tornou a Cochij. O Çamorij, em quanto Affonſo de Albuquerque eſteve tomando eſta carga, foi aviſado diſſo; e vendo que lhe aproveitavam pouco ſeus paráos armados, pera que a pimenta não vieſſe a Cochij, pois fóra delle em tão poucos dias achavamos carga; e que a canella, cravo, maças, e outras drogas da parte donde vinham ao ſeu Reyno, podiam vir ás noſſas mãos, e gengivre baſtava Cananor, com que tinhamos amizade: tenteando eſtas couſas, e as paſſadas, que lhe tinham cuſtado tanto, converteo a indignação a regra de prudencia, querer ante ſegura paz, que guerra tão damnoſa como era a que tinha comnoſco. Sobre o qual propoſito mandou certos Embaixadores a Franciſco de Albuquer-

querque, movendo-lhe contracto de pazes, que lhe foram concedidas com estas condições: que havia de dar mil e quinhentos bahares de pimenta pela fazenda, que fora tomada na morte de Aires Corrêa, e mais que mandasse logo despejar seus portos dos navios, náos, e paráos de suas Armadas, pera as nossas náos poderem ir tomar carga, e que os dous bombardeiros, que se lançáram com elle, que os entregasse. Feito este concerto, a primeira cousa que se nisso fez, foi ir Duarte Pacheco á Cranganor a receber os mil e quinhentos bahares de pimenta, parte da qual trouxe, e veio baldear em a náo de Francisco de Albuquerque. E tornando lá outra vez com Nicoláo Coelho, por lhe ser promettido que lhe dariam carga pera ambas as náos, não acháram o recado segundo a esperança que levavam, porque ElRey estava já arrependido, por razão dos bombardeiros, pola entrega dos quaes Francisco de Albuquerque apertava. Finalmente, como elle desejava ter alguma pequena causa de quebrar o contracto das pazes, succedeo cousa que veio a descubrir esta sua tenção, e foi esta. Indo hum batel destas duas náos per hum esteiro assima, onde lhe tinham dito que fosse a receber pimenta, encontráram hum paráo, que vinha carregado della, o qual parece

que

que foi lançado áquelle proposito; porque querendo os nossos receber a pimenta, sobre a entrega della, vieram huns, e outros ás armas, na qual revolta os nossos matáram seis homens do paráo, e feríram outros, e elles tambem vieram sangrados della. A qual cousa tanto que o Çamorij soube, como quem esperava por isso, mandou logo cerrar todolos portos, e sem pedir restituição, nem se aqueixar daquelle damno, tornou á guerra. Peró como os nossos já a este tempo estavam quasi carregados, toda esta furia fundio pouco pera impedir a carga da pimenta, que era o principal intento seu, e quebrou em apparatos, e novos apercebimentos pera fazer guerra a ElRey de Cochij. O qual vendo que com a vinda daquelles dous Capitães pera este Reyno, elle tornava a ficar no proprio perigo, e trabalho de que sahíra, e que o coração dos reveis que tornavam a sua obediencia, com a chegada delles Capitães não estava ainda muito fiel, posto que ficasse casa da Feitoria na fortaleza que fizeram, os que nella ficassem, mór cuidado lhes havia de dar defendellos da indignação do seu povo, do que lhe podiam dar de ajuda. Revolvendo estas, e outras cousas em seu animo, bem affligido com temor dellas, deo disso conta a Affonso de Albuquerque, e a Francisco

de

10067

de Albuquerque, pedindo-lhes que por serviço d'ElRey de Portugal seu irmão, pois elle tão lealmente defendia suas cousas té offerecer a vida por ellas, e perder todo seu estado, consultassem entre si como alli ficasse algum delles com mais gente da que ficava ordenada á Feitoria; porque como viam, elle esperava de se ver em maior necessidade, segundo tinha sabido per pessoas, que trazia em casa do Çamorij. Sobre o qual negocio, depois que os Capitães consultáram, se assentou com elle, que em sua ajuda ficaria o Capitão Duarte Pacheco com a sua náo, e Pero Rafael, e Diogo Pires Capitães das duas caravelas debaixo de sua bandeira com cem homens; e além dos ordenados ficariam na fortaleza outros sincoenta, tudo tão artilhado, e provído, que poderiam resistir ao poder do Çamorij; e ainda esperavam em Deos, que lhes haviam de ir fazer muito damno dentro no seu porto de Calecut. ElRey vendo que elles, depois de sua chegada té aquelle tempo, sempre trabalháram por o restituir em seu estado, com tanto perigo, e sangue derramado ante seus olhos, e em ficar aquella náo, e dous navios, era o mais que lhe podiam fazer, ficou satisfeito. Finalmente assentado este negocio, Affonso de Albuquerque se partio de Cochij, e passando per Cananor a to-

a tomar gengivre, dahi se partio via deste Reyno, onde chegou a salvamento. A qual boa fortuna não aconteceo a Francisco de Albuquerque; porque não se podendo fazer tão prestes como elle, partio o derradeiro dia de Janeiro de quinhentos e quatro; e ou que por partir tarde, ou porque assi estava ordenado de sima, elle, e as outras náos de sua companhia se perdêram; sem se saber como, nem onde, porque não escapou quem o contasse. Sómente parece que se perdêram em os baixos de S. Lazaro, onde se tambem perdeo Pero de Taíde, que vinha em sua companhia, segundo elle disse, o qual se salvou com a gente, e foi ter a Melinde, e alli achou Lopo Soares, como veremos adiante, alguma gente sua, e elle faleceo de doença.

## CAPITULO IV.

*Do que Antônio de Saldanha, e dous Capitães, obrigados a sua bandeira, passáram, depois que partíram deste Reyno o anno passado de quinhentos e tres, depois da partida dos Albuquerques té chegarem á India.*

POis temos dito o que fizeram estes dous Capitães móres Affonso de Albuquerque, e Francisco de Albuquerque, os quaes par-

partíram deste Reyno o anno de mil quinhentos e três, ante que saiamos do anno, convem fazermos relação do que passou Antonio de Saldanha, que era o terceiro Capitão mór. O qual partindo do Reyno depois delles, por ir ordenado pera andar de Armada fóra das portas do estreito de Méca entre as duas costas, a do cabo Guardafu, e a da Arabia: e foi sua ventura que levava hum Piloto, que deo com elle na Ilha de S. Thomé, não indo já em sua companhia a náo de Diogo Fernandes Pereira, e daqui o levou aquém do Cabo de Boa Esperança, affirmando-se que o tinha dobrado. Ao qual lugar por razão da aguada que alli fez, se chama hoje Aguada de Saldanha, mui celebrada em nome ácerca de nós, não tanto por esta, e outras, que alguns Capitães aqui fizeram, quanto por causa de muita fidalguia que a mãos da gente desta terra aqui pereceo, (como se verá em seu lugar.) A qual gente logo nesta chegada de Antonio de Saldanha mostrou ser atreiçoada, e pera não confiar della, porque trazendo a Antonio de Saldanha huma vaca, e dous carneiros no modo de dar, e tomar com os nossos; na segunda vez, que Antonio de Saldanha sahio em terra, sobre huma vaca lhe tinham armado huma cilada de obra de duzentos homens, com que o pro-

proprio Antonio de Saldanha correo riſco de ſua peſſoa por acudir a hum homem, e não eſcapou dos Negros, ſenão ferido em hum braço. E ante que houveſſe eſta rotura com os Negros, porque a terra lhe pareceo deſpovoada, e não ſabiam em que paragem eram, e a náo de Ruy Lourenço já não era com elle, por ſe apartar com hum temporal ante que chegaſſe a eſta aguada; ſubio-ſe Antonio de Saldanha em hum monte per cima mui chão, e plano, ao qual ora chamam a meza do Cabo de Boa Eſperança, donde vio o roſto do Cabo, e o mar que ficava além delle da banda de Leſte, onde ſe fazia huma baia mui penetrante, no fim da qual per entre duas cerranias de altos rochedos, a que ora chamam os picos fragoſos, vertia hum grande rio, que parecia trazer o ſeu curſo de mui longe, ſegundo era poderoſo em aguas, por os quaes ſinaes vieram em noticia ſer aquelle o meſmo Cabo de Boa Eſperança; e com o primeiro tempo que lhe ſervio, o paſſáram, fazendo ſua viagem já mais confiados. Ruy Lourenço com o temporal que tiveram apartado delle, foi tér a Moçambique, e como o não achou nem em Quiloa, onde o eſperou vinte e dous dias, partio-ſe dalli: e á ſahida do porto tomou dous zambucos com alguns Mouros, que entregou a ElRey

por

por ſerem de Mombaça. E dahi ſe foi á Ilha de Zemzibar, que he aquém de Mombaça vinte leguas, e tão pegado á terra firme, que as náos que paſſarem per entre ellas, hão de ſer viſtas. Onde por eſte ſer hum canal da navegação daquella coſta, ſe leixou eſtar obra de dous mezes, em que tomou mais de vinte zambucos carregados de mantimentos da terra; no fim do qual tempo, rodeando a Ilha per fóra, foi ter ao porto da Cidade Zemzibar, donde a Ilha tomou o nome, em que eſtavam algumas náos ſurtas, e muitos zambucos. Na qual chegada, por ſer quaſi Sol poſto, não tiveram mais tempo pera ſaber da terra, que verem recolher-ſe os navios pequenos, pondo as prôas nella, e tudo com moſtras que não haviam de ſer bem hoſpedados, principalmente com as gritas que davam de noite: té que em amanhecendo veio hum recado do Senhor da terra ao Capitão, no qual lhe mandava perguntar ſe era aquelle, que andava roubando os navios, que vinham com mantimentos pera aquella Cidade ſua; e ſendo elle, lhe perdoaria o damno que tinha feito, com tanto que lhe déſſe a artilheria, e couſas tomadas. Ao que Ruy Lourenço reſpondeo, que elle era vaſſallo d'El-Rey de Portugal, enviado em companhia de outras náos, de que ſe apartára com hum

tem-

temporal ; e porque em todolos portos da Comarca daquella Ilha nunca achou o que geralmente se dá a todolos homens, mantimentos, e o necessario por seu dinheiro, ante achám muita bombardada, e fréchada, elle em defensão de sua pessoa, e por emenda do que lhe era feito, faria o que fazem os offendidos. Porém leixadas as offensas alheias, lhe pedia que folgasse de o agazalhar, e per elle acceptasse a amizade d'ElRey de Portugal seu Senhor, como o tinham feito alguns Reys, e Senhores seus vizinhos, e outros da India, com a qual seus estados eram postos em paz, e em mais riqueza, e poder do que ante tinham. ElRey, (que assi se intitulava o Senhor desta Cidade Zemzibar,) como homem não experimentado em nossas cousas, não sómente fez pouca conta deste recado de Ruy Lourenço; mas ainda mandou poer em ordem os paráos, que alli estavam pera vir tomar a náo. Os nossos, havido conselho sobre este caso, ordenáram, que primeiro que os paráos viessem, que fosse a elles o batel della com obra de trinta e sinco homens, em que hiam dous criados d'ElRey : a hum chamavam Gomes Carrasco, que era Escrivão da náo; e o outro Lourenço Feio, homens desejosos de ganhar honra, os quaes commettêram os paráos, e hum, e hum com morte

de

de alguns Mouros, trouxeram quatro a bordo da náo. ElRey como a este tempo tinha já appellidada a terra, quiz na praia dar huma mostra de té quatro mil homens, dos quaes era Capitão hum filho seu. Ruy Lourenço vendo a multidão delles, porque esperava de se ajudar bem com artilheria, armou dous dos seus zambucos, e o batel com a miudeza que podiam levar, e gente destra, e poz rosto na terra, a que logo acudíram os Mouros apinhoando-se todos, onde lhes pareceo que os nossos queriam sahir. O qual ajuntamento foi pera maior sua destruição; porque chegados os zambucos bem a terra com mostra que a queriam tomar, ficou o cardume da gente pera a artilheria ser melhor empregada, de maneira, que logo da primeira cevadura ficáram na praia trinta e sinco delles, em que entrou o filho do Senhor da terra que os mandava. A qual destruição foi pera elles tamanho espanto, que com aquelle temor desampararam a praia, leixando porém muita gente da nossa encravada com o armazem de seus tiros, de que logo alli morreo hum marinheiro. O Capitão Ruy Lourenço vendo toda a ribeira despejada, e querendo-se pôr em consulta do que faria, víram vir hum Mouro correndo com huma bandeira das quinas Reaes deste Reyno arvorada em huma aste,

tè, bradando per Aravia: *Pàz, paz, paz.* Quando elle conheceo a bandeira, como quem via huma couſa ſagrada, digna de veneração, tirou o capacete da cabeça, e poz-ſe em giolhos, fazendo reverencia, como ſe víra ſeu Rey, ao qual imitou toda a outra gente que eſtava com elle, do qual modo os Mouros que eſtavam em hum tezo em olho dos noſſos, ſe eſpantáram muito, e o Mouro que trazia a bandeira teve ouſadia de ſe chegar tanto a elles, que levemente o podiam ouvir, pedindo, polo ſinal que trazia na mão, licença pera ſeguramente fallar ao Capitão: ao que lhe foi reſpondido, que ſe alguma couſa queria, que foſſe á não, que lá lhe fallaria; e iſto fez o Capitão de induſtria, por lhe moſtrar toda a artilheria, e munições de guerra, e o poder receber com mais apparato do que tinha no batel, onde eſtavam todos em pé. Tornado o Capitão Ruy Lourenço á não, veio o Mouro logo trás elle acompanhado de outros quatro, que eram dos principaes da terra, aos quaes Ruy Lourenço recebeo com gazalhado, e os fez aſſentar em huma alcatifa ſegundo ſeu uſo. A ſubſtancia da qual vinda era pedirem paz, e que ElRey ſe queria fazer tributario d'ElRey de Portugal que pera o paſſado baſtaſſe por ſatisfação d'alguma culpa, ſe a tinham em defender ſua terra, a morte de

ſeu

ſeu filho, e de muitos que o acompanhá-ram nella. Finalmente o Capitão lhe concedeo a paz com tributo em cada hum anno de cem miticaes d'ouro, e trinta carneiros pera o Capitão que os vieſſe receber. O qual tributo lhe poz, não ſómente por razão de vaſſallo d'ElRey D. Manuel, mas porque em ſua chegada não moſtrou a bandeira das quinas Reaes do Reyno, a qual, (ſegundo elles diſſeram,) dera João da Nova a hum ſobrinho d'ElRey de Melinde pera navegar ſeguramente, cujas eram huma das quatro náos, que alli eſtavam ſurtas, e ançoradas, tomando eſte ſobrinho d'ElRey por deſculpa de não apreſentar a bandeira, eſtar em porto alheio, e ſer entertido que o não fizeſſe. Pagou logo o tributo daquelle anno, deo o Capitão livremente as duas náos ao ſobrinho d'ElRey de Melinde, e á Cidade deo outra por ſer ſua: ſómente a quarta, que era de hum lugar da coſta chamado Pate, ſe reſgatou por cento e ſeſſenta miticaes, mais em ſinal de obediencia, que em eſtima de ſua valia, com o qual concerto todos ficáram em paz, e quietos, e Ruy Lourenço ſe partio via de Melinde em buſca de Antonio de Saldanha, onde ainda não era vindo. Mas acháram o Rey noſſo amigo em tanta neceſſidade, que a ſua chegada o ſalvou de muito perigo, porque El-

Rey

Rey de Mombaça lhe fazia mui crua guerra por razão da amizade que elle tinha comnoſco. O qual, como homem que eſperava retorno daquella obra, em odio noſſo tinha mui bem fortalecida a Cidade, e á entrada da barra feito hum baluarte mui forte com toda a artilheria, que houve da náo de Sancho de Toar, que ſe perdeo naquella paragem, vindo com Pedralvares Cabral, a qual ſe tirou a mergulho donde eſtava. Ruy Lourenço como foi informado d'ElRey deſtes ſeus trabalhos, e da cauſa delles, ordenou logo com elle, que com a ſua náo queria ir dar huma viſta ao porto de Mombaça; per ventura quando ElRey o viſſe ſobre a barra della, leixaria de vir per terra com gente, pois ſe fazia preſtes pera vir a lhe dar batalha. Poſto Ruy Lourenço em caminho a dar eſta viſta a Mombaça, ſuccedeo-lhe tambem o negocio que tomou per vezes duas náos, e tres zambucos, nos quaes vinham doze Mouros homens mui principaes da Cidade de Brava, que eſtá abaixo de Melinde cem leguas. E porque eſta Cidade era regida per communidade, de que eſtes doze Mouros eram as principaes cabeceiras do governo della, não ſómente reſgatáram ſuas peſſoas, e huma deſtas náos tomadas, dizendo ſer daquella ſua Cidade, mas ainda em nome della a fize-

zeram tributaria a ElRey de Portugal com quinhentos miticaes d'ouro de tributo cada anno, pedindo logo pera segurança de poderem navegar, como vassallos d'ElRey, huma bandeira, o que lhe Ruy Lourenço concedeo de boa vontade. E a principal causa de se logo estes Mouros fazerem tributarios foi, porque detrás delles vinha huma náo mui rica da propria Cidade de Brava, em que cada hum trazia boa parte de fazenda, a qual prudencia Ruy Lourenço conheceo tanto que a náo chegou, e lha entregou inteira, e livre, sendo certificado que era sua, do que elles ficáram mui espantados, vendo que a riqueza da náo não fazia cubiça aos nossos polo seguro, que lhe tinham dado, entendendo a cautela de que elles usáram por a salvar. ElRey de Mombaça com estas prezas, que os nossos andáram fazendo, apressou mais sua vinda sobre Melinde, porque lhe despejariam o porto pera entrarem as náos que vinham à elle, em que tinha recebido muita perda. Da qual vinda ElRey de Melinde foi logo avisado, e o foi receber à hum certo lugar, onde houveram batalha; e sem a victoria ficar com algum, posto que ElRey de Mombaça vinha mais poderoso em gente, tornou-se á sua Cidade, temendo que os nossos lhes fizessem algum damno nella. Peró

ró Ruy Lourenço contentava-se com lhe fazer a guerra de fóra, tomando quantas náos vinham pera entrar no porto, no qual tempo em hum batel mandou hum Gomes Carrasco com trinta homens, que entrasse pela barra dentro a lhe ver o sitio da Cidade, e por razão de hum batel, que tinham feito nesta entrada, não subio assima. Finalmente havendo já dias que Ruy Lourenço andava neste officio de prezas das náos que tomava, as quaes resgatava a preço de meticaes d'ouro; por não avolumar a náo com outra fazenda, chegou Antonio de Saldanha, que tambem de Quiloa té alli tinha tomado tres, que foi a todos grande prazer, e mais com tão boas venturas, como lhe tinham acontecido, posto que foram com perigo, e muito trabalho de suas pessoas. ElRey de Mombaça temendo que com a vinda de Antonio de Saldanha, o de Melinde lhe podia fazer mais damno, lá teve modo que se mettêram os seus Cacizes entre elles, com que se concertáram, que causou partir-se logo Antonio de Saldanha, e Ruy Lourenço com elle. Os quaes dobrado o cabo de Guardafu, foram ter á Villa de Mete, onde per prazer do Xeque sahíram em terra a fazer sua aguada em hum poço, e tendo já tomadas tres pipas, levantáram os Mouros huma revolta com desejo de

empecer aos nossos; mas elles foram os empecidos, ficando logo tres mortos no terreiro, a fóra os feridos, posto que tambem custou sangue principalmente a Gomes Carrasco em huma perna, em que foi muito ferido. E porque todo o povo da Villa se poz em armas, não quiz Antonio de Saldanha que os seus, por beber agua, lhe custasse mais sangue, e tomou por emenda delles varejar a Villa com artilheria. Da qual costa, por ser já na entrada do mez de Abril, que começam ventar os Ponentes, atravessou á outra parte da costa de Arabia assima de Adem, e foi correndo toda com proposito de ir invernar a humas Ilhas, a que os da terra chamam Canacanij. Ante de chegar ás quaes, tomou huma náo carregada de incenso, que vinha de Xael, que metteo no fundo por se não embaraçar com a carga della, de que a gente se salvou por dar comsigo á costa, e adiante tomou outra carregada de Mouros, que hiam em romaria a Méca, onde houve de preza algum dinheiro do que elles levavam pera suas esmolas, e assi alguns mancebos, porque os mais delles se salváram a nado em terra, dando tambem com a náo á costa. Chegado ás Ilhas de Canacanij, e estando na terra firme fazendo aguada, vieram sobre elle muita gente de pé, e até sincoenta de ca-
val-

vallo Arabios, homens que ousadamente se chegavam, e com tudo ficáram mortos sinco delles, e dos nossos ao recolher dos bateis foram sete feridos, sem tomarem mais agua, por os Mouros logo em chegando atupirem o poço. Depois por a grande necessidade que traziam d'agua, querendo dahi a dous dias tornar a ver se a podiam tomar, acudíram mais de duzentos de cavallo, e tres mil de pé, que não deram lugar a poderem sahir em terra. Vendo Antonio de Saldanha que já toda aquella costa era appellidada, e que não podiam tomar agua senão á custa de sangue, em quanto não teve tempo, leixou-se estar naquellas Ilhas, onde comiam por refresco tartarugas, e algum pescado; e tanto que lhe servio, partio-se com proposito de tomar as Ilhas de Curia Muria; mas não as pode tomar, e dahi se partio na volta da India, dia de Sant-Iago. Da chègada do qual se verá adiante, porque primeiro convem sabermos o que passou ElRey de Cochij, e os nossos que com elle ficáram depois, que os Albuquerques se partíram pera o Reyno.

## CAPITULO V.

*Como o Çamorij veio com grande poder de gente, e apparato de guerra per terra, e per mar sobre ElRey de Cochij: e das victorias, que os nossos delle houveram.*

PArtido Francisco de Albuquerque, (segundo dissemos,) soube logo o Çamorij como ficava em guarda de Cochij huma náo, e duas caravelas com gente pera as marear, e pera defensão da fortaleza, que os nossos tinham feito. E confiado no apparato da guerra, e multidão da gente que podia levar, assi per mar, como per terra, dizia, que aquella despeza que fazia não era pera sómente destruir o Senhor de Cochij, mas ainda pera tomar a nossa fortaleza; e que esta tomada, não teriam as náos, que viessem do Reyno á colheita, onde pudessem fazer carga. ElRey de Cochij per suas espias era sabedor destes grandes apercebimentos do Çamorij, e andava hum pouco desconfiado de poder resistir a tamanho exercito, por se dizer que trazia per mar, e per terra repartidos sincoenta mil homens: huns, que haviam de vir combater a nossa fortaleza com muita artilheria, que houveram dos Mouros de Méca; e os outros haviam

viam de vir per terra commetter o vão, e mais que tinha convocado todolos principaes do Malabar contra elle. Com as quaes novas, que ſempre na boca do povo ſe multiplicam em mais do que são, muitos dos naturaes de Cochij ſe paſſavam do Reyno a outras partes, fugindo de noite em barcos. ElRey, poſto que ouviſſe, e viſſe eſtas couſas, como prudente diſſimulava o que tinha em ſeu peito, que eram eſtes receios; e o melhor que podia andava provendo em o neceſſario pera a defensão do Reyno, principalmente em huma eſtacada no paſſo do vão do rio, per onde na guerra paſſada o Çamorij entrou. Duarte Pacheco ſentindo eſta deſconfiança, e temor, que ElRey trazia, o esforçou, promettendo-lhe que por ſalvação de ſua peſſoa, e eſtado, elle com quantos eram em ſua companhia tinham offerecido as vidas; e que com eſte propoſito aceptára ficar em ſua ajuda como elle ſabia, e tão longe de ſua patria, que não tinha outro amparo ſenão as armas, com as quaes eſperava de o quietar em ſeu eſtado com a victoria de ſeus imigos: que ſe eſta vontade que elle tinha, Sua Real Senhoria achaſſe em ſeus proprios vaſſallos, tiveſſe por certa a ſegurança de ſuas couſas. Mas que elle receava, ſegundo o que já via em alguns, principalmente em os Mouros, que vi-

viviam em ſeu Reyno, não achar tanta lealdade nelles, quanta fé, amizade, e ſerviço lhe haviam de guardar, e os Portuguezes. ElRey com eſtas, e outras palavras de Duarte Pacheco ficou algum tanto conſolado, e muito mais quando vio com quanta diligencia elle dava ordem ás couſas neceſſarias; e porque alguns dos ſeus naturaes já deſcubertamente de dia ſe paſſavam do Reyno de Cochij pera outras partes com temor da vinda do Çamorij, o que fazia grande eſpanto na gente miuda, per conſelho de Duarte Pacheco mandou ElRey lançar pregões, que ninguem ſe ſahiſſe do Reyno, e qualquer que foſſe tomado neſta paſſagem morreſſe por iſſo. Duarte Pacheco por animar ElRey, e os ſeus, que andavam mui cortados de temor, tanto que ſoube que o Çamorij era no Repelim, ante que deſceſſe abaixo a Cochij, o foi eſperar em hum paſſo, ſómente com huma caravela, e bateis, e alguns barcos da terra, em que levaria té trezentos homens, de que os oitenta eram Portuguezes, e os outros Malabares, que pera iſſo deo ElRey. Os Caimaes, e principaes de Cochij vendo eſta diligencia de Duarte Pacheco, e quão ouſadamente hia commetter o Çamorij, pero que eſtiveſſem abalados pera ſe rebelar a ElRey, detiveram-ſe té ver em que parava eſta ſua

ida;

ida: e approuve a Deos que foi em tal hora, que deo em humas aldeas, onde já eſtava aſſentada a gente do Çamorij, em que fez grande eſtrago por eſtar deſcuidada. E poſto que ſempre no commettimento, e ſahida em terra, que os noſſos fizeram, houve ſinaes de victoria, hiam os naturaes de Cochij tão temeroſos com a fama do Çamorij, como que vinha trás elles a furia de todalas armas do Çamorij; e quem mais remava com o ſeu catur, mais valente era, porque ácerca delles não he vileza virar as coſtas, mas não ouſavam de parecer ante ElRey por não terem cauſa de fugir. A qual fugida ElRey ſentio muito pola fraqueza dos ſeus, e o Çamorij mais polo animo dos noſſos, e converteo a indignação deſte caſo ſobre os aſtrologos, e adivinhos, que lhe promettiam grandes victorias de nós. Porém como elles ſempre buſcam eſcapulas a ſeus enganos, tomáram por deſculpa que o dia que commettêra aquella jornada pera a ſua gente tomar aquelle alojamento, em que recebêram tanto damno, fora em hora infelice, e não electa per parecer delles, ſenão per ſua propria vontade, ſem com elles conſultar os dias, que pera bem de ſua victoria lhe convinha obrar as couſas eſſenciaes daquella guerra: que ſe quizeſſe conſeguir victoria de ſeus imigos, uſaſſe das ho-

horas de ſua eleição, porque eſtas lhe convinham, e não as tomadas por propria vontade; ao que ElRey deo credito pelo muito que confiava nelles. Paſſado eſte accidente, entre alguns dias, que eſtes meſtres da eleição do tempo eſcolhêram pera o Çamorij pelejar com os noſſos, foi hum Domingo de Ramos deſte anno de quinhentos e quatro, o qual por ſer tão ſolemne com os Myſterios, que Chriſto nelle obrou por noſſa Redempção, andavam os noſſos tão alegres de em tal dia ſe verem com os imigos, que ſe eſpantavam os Malabares, e diziam, que os noſſos andavam tomados da furia da vingança, como os Amoucos de Malaça, e da Java, os quaes são homens, que com indignação de alguma vingança matam quantos acham ante ſi, não temendo a morte, com tanto que fiquem vingados. E certo, que ſegundo o Çamorij trazia a gente, e navios, de que os noſſos cada hora eram aſſombrados, ſenão entreviera a conſolação, e esforço eſpiritual da memoria daquelles dias da Quareſma, em que eſperavam por ſerviço de Deos, e de ſeu Rey derramar ſeu ſangue, ſegundo eram poucos, e a carne he ſubjecta a temores da morte, ſem dúvida era couſa pera ſe todos embarcarem pera eſte Reyno, porque roſto, diſpoſição, e vontade viam em os naturaes da terra pera deſ-

deſeſperar de ſua ajuda, e eſperar fazerem delles entregado o Çamorij, como elle requeria. Aſſi que entre fé, e temor ſe determináram de ir eſperar o Çamorij ao váo da eſtacada, em que elle por paſſar, e os noſſos polo defender, houve huma miraculoſa batalha; porque tendo o roſto a tanto pezo de gente, ſómente tres dos noſſos foram feridos, e dos imigos hum grande numero, porque onde morrêram cento e oitenta, não podia deixar de ſer boa ſomma. Paſſado eſte dia, em que o Çamorij recebeo tanta perda, á ſeſta feira de Endoenças, per eleição dos feiticeiros, mandou outra vez commetter o paſſo do váo, e dia de Paſcoa outra, não ſómente a pé, mas ainda com grande numero de paráos, que quaſi faziam huma parte, no qual commettimento a noſſa artilheria lhe metteo no fundo onze delles, e matou trezentos e ſeſſenta homens; e o maior damno que da noſſa parte ſe recebeo, foi a gente da terra, que andava mal armada; porque como a maior parte de ſua guerra he fréchadas, eſpada, adarga, e ainda entre elles não havia tanto numero de artilheria, como ora tem: mais ſubjectos andavam os naturaes da terra ao perigo por mal armados, que os noſſos, que traziam as armas de que cá uſam. E a maior induſtria que o Çamorij punha neſte negocio,

era

era ſaber quantos Portuguezes morriam: cá fazia conta que por ſerem poucos elle os iria gaſtando té ElRey de Cochij ficar deſamparado delles; e com lhe dizerem que nos tres dias, que commetteo o váo, eram mortos vinte Portuguezes, iſto lhe faziam crer ſeus adivinhos, por lhe terem dito que na morte dos Portuguezes eſtava a ſua victoria. Com os quaes enganos, quando veio á terça feira de Paſcoa, per ſeu conſelho tornou repetir a entrada per mar, e per terra; e foi tão caſtigado da noſſa artilheria, que affaſtando-ſe do lugar do váo, ſe recolheo a hum palmar com perda de cento e trinta homens mortos, e grande numero feridos; e os noſſos, ſegundo andavam cubertos de nuvens de ſettas, e entre artilheria, miraculoſamente Deos os guardava. As quaes couſas quebráram tanto o coração de todo aquelle Gentio do Çambrij, que lhe fugio da gente fraca, e meſquinha mais de quinze mil homens, e ſeſſenta paráos de remo, o que cauſou tamanho temor nelle, que logo ſe quizera partir, ſe o não entretivera o ſenhor de Repelim, e conſelho de alguns Mouros, dizendo, que leixaſſe aquelle váo de tanto infortunio, e commetteſſe a entrada per outra parte, que não foſſe per tão eſtreito lugar, pera que a gente toda podeſſe pelejar: o que não podia ſer naquelle lugar

gar eſtreito, porque tirando os dianteiros, os outros mais damnavam aos ſeus proprios, do que offendiam aos imigos, o qual conſelho o Çamorij acceptou, e partio-ſe daquelle lugar.

## CAPITULO VI.

*De algumas victorias, que os noſſos houveram do Çamorij: e das induſtrias, e ardis de guerra, que os Bramanes, e Mouros do ſeu arraial lhe inventáram pera o conſolar das perdas, que houve, e perigos per que paſſou.*

PArtido o Çamorij de aquelle paſſo, ſem os noſſos ſaberem o fundamento de ſua partida, chegou naquella mudança hum Bramane a Duarte Pacheco, e deo-lhe huma carta, a qual lhe mandava hum Rodrigo Reinel, que fora cativo em Calecut no tempo de Pedralvares Cabral, quando matáram Aires Correa; o qual lhe fazia ſaber como quantos ardis, e conſelhos ElRey de Cochij tinha, logo o Çamorij era aviſado delles per os Mouros, em que ElRey mais confiava; e que todos eſtavam de acordo per induſtria do Çamorij pera matar todolos Portuguezes per qualquer modo que pudeſſem. Duarte Pacheco por não moſtrar a ElRey que temia os Mouros, que andavam na-

naquellas couſas, não lhe deo conta do que ordenavam contra os noſſos, ſómente lhe fez queixume delles da pouca lealdade que lhe mantinham, dando aviſo de ſeus ſegredos a ſeu imigo, pedindo-lhe que proveſſe niſſo, mandando dar tal caſtigo a hum par delles, que temeſſem os outros incorrer na ſua culpa. O que ElRey diſſimulou, e não poz em obra, temendo eſcandalizar em tal tempo os Mouros, em quem elle tinha poſto boa parte de ſua eſperança, por ſerem mercadores, que tinham muita ſubſtancia de fazenda; e com eſte receio, que elles ſentiam em ElRey, tomáram licença que deſcubertamente andavam amedrentando os naturaes a leixar a terra, e principalmente áquelles, que eram adjutorio de guerra, que com ſeus paráos, e barcos hiam buſcar mantimentos, de que começava haver a neceſſidade. A qual couſa eſcandalizou tanto a Duarte Pacheco, que tornou outra vez ſobre iſſo a ElRey, e lhe afeou tanto o caſo, que lhe deo elle licença que pudeſſe caſtigar aquelles, que contra ſeus mandados leixavam a terra. Havida eſta licença, não paſſáram ſeis dias que não foſſem tomados neſta culpa cinco Mouros, os quaes Duarte Pacheco mandou levar á náo com fama que os mandava enforcar: ſobre que logo vieram muitos recados d'ElRey que tal não fi-

fizeſſe, por ſerem homens aparentados, e dos principaes da terra. Ao que elle reſpondeo, que lhe pezava de vir o ſeu recado tão tarde, porque os miniſtros de ſua morte foram niſſo mui diligentes por ſuas culpas o merecerem: de que ElRey, e os Mouros ficáram mui triſtes, e temeroſos de tão publicamente fazerem o que ante faziam. Peró Duarte Pacheco os tinha mandado mui bem guardar, e ter em ſegredo té o fim da guerra, porque eſperava ao diante comprazer com a reſurreição delles a ElRey, e aos Mouros da terra, por ſerem proveitoſos pera o negocio da pimenta; porém ao preſente ficáram tão eſcandalizados, que não andavam buſcando ſenão como pudeſſem a ſeu ſalvo empecer os noſſos. Com o qual odio, andando Duarte Pacheco fazendo algumas entradas na Ilha Cambalão, em quanto o Çamorij fez aquella mudança do váo a outra parte, eſtes Mouros de Cochij, lá onde os noſſos andavam pelejando, lançáram huma fama ſolta per todos os da terra, que os Mouros de Cochij tinham tomada a fortaleza, e huma das caravelas, e a náo, com morte de quantos Portuguezes eſtavam em ſua guarda, exhortando os que lá andavam em ſua ajuda que fizeſſem outro tanto, e aſſi ficariam livres dos trabalhos da terra, que padeciam por ſua cauſa. Duarte Pache-

co,

co, primeiro que esta falsa nova se publicasse, foi sabedor della per aviso de Cochij; e temendo que podia fazer alguma impressão no animo dos naturaes, que não era mui fiel, simulando necessidade, se veio pera Cochij sem do caso dar conta a ElRey, sómente de novo começou fortalecer, e prover nas partes de suspeita, e ter maior vigia ácerca dos Mouros de Cochij. E entre algumas cousas, que ordenou, foi, que naquella parte per onde o Çamorij queria passar, em que via outro váo de maré vasia, mandou de noite secretamente metter humas estacadas mui agudas de páos tostados em lugar de abrolhos pera se encravar a gente, o que aproveitou muito. Porque o dia da passagem deste váo, como todos vinham com impeto de passar, lançou-se hum grão golpe de gente a elle, dando-lhe agua pelos peitos, e tanto que se começáram a encravar, acurvavam, e os outros que sobrevinham detrás, empeçavam nelles de maneira, que cahiam huns sobre outros represando a agua, sem ser já váo, mas lugar de sua perdição, huns afogados, e outros encravados, com que os trazeiros não ousavam commetter aquella passagem. Com tudo, era tão grande o numero da gente, que ainda passáram muitos da banda da Ilha onde estavam os nossos, que naquella defensão

são tiveram o maior trabalho do que té então tinha passado; e a causa foi esta. O Çamorij, quando quiz commetter esta passagem, fez mostra que havia de ser per hum só lugar; e tanto que a gente começou entrar, o Senhor de Repelim com grande numero de paráos, em que haveria mais de tres mil homens, commetteo entrar per outro passo mais abaixo, o qual caso fez Duarte Pacheco repartir a gente que tinha em duas partes, mandando a esta, per que entrava o Senhor de Repelim, as duas caravelas, Capitães Diogo Pires, e Pero Rafael com alguns paráos, e elle ficou em terra no lugar per onde commettia o váo o Principe Naubeadarij com o maior corpo da gente. Estando em hum mesmo tempo, assi nesta parte do váo, como nas caravelas, defendendo a passagem obra de trezentos homens da terra, per industria dos Mouros desampparáram Duarte Pacheco, o qual vendo-se mui perseguido da multidão dos imigos, mandou chamar o Principe de Cochij, que estava em outro passo de menos defensão, e não lhe acudio, como quem temia ir-se metter em tão manifesto perigo, como sabia ser o em que elle estava. Duarte Pacheco, porque sobre este desamparo se vio ainda em outra maior necessidade, que foi falecer polvora a huns bateis que tinha no seu pas-

so,

ſo, os quaes lhe ajudavam muito, entretendo o pezo da gente, a grão preſſa mandou ás caravelas debaixo que lhe ſoccorreſſem; e com hum batel que mandáram, que ſe ajuntou aos outros que lá tinha, ficou com algum repouſo da multidão dos imigos, que qualhavam o rio naquella paſſagem; porque teve outra ajuda depois da vinda deſte batel, que foi vir tambem a maré a elles; com que totalmente aquelle lugar ficou ſeguro de paſſagem, e elle teve tempo de vir nos bateis que alli tinha ſoccorrer as caravelas: e approuve a Deos que com ſua chegada tambem ficáram livres do damno, que recebiam da multidão dos paráos. Finalmente ſe os imigos ſangráram os noſſos, elles recebêram o maior damno, porque em ambolos paſſos ſómente os mortos foram ſeiscentos e ſincoenta. E o que mais aſſombrou o Çamorij neſte dia, foi, que recolhido elle em hum palmar vizinho á borda do rio, lá o foi peſcar huma bombarda das caravelas, matando-lhe nove homens aos ſeus pés, do ſangue dos quaes elle ficou borrifado, e hum delles diziam ſer Bramane, que lhe eſtava dando betel. Por razão do qual caſo ſe indignou tanto contra os ſeus feiticeiros, que os quizera mandar matar, porque naquelle dia lhe tinham elles promettida a victoria, e nelle recebeo maior

damno, que em todolos passados. Porém entrevieram nisso muitos Caimaes, e pessoas notaveis, e deram por desculpa por parte delles, dizendo, que os Deoses estavam indignados contra elle Çamorij, porque no principio daquella guerra promettêra de lhe fazer hum Templo, o qual té aquelle dia não tinha começado; e pera confirmação disto que lhe queriam persuadir, sobreveio ao seu arraial huma enfermidade á maneira de peste per espaço de hum mez, que não durava hum homem mais que dous, ou tres dias, em que perdeo mais de seis mil homens. Com temor da qual muitos lhe fugíram, e os outros andavam tão assombrados, que metteo o Çamorij em grande confusão, não se sabendo determinar. Os Bramanes feiticeiros, por se tornarem a reconciliar com elle, vieram com hum ardil de enganos, por não acabarem de perder o credito de suas promessas, dizendo, que queriam ordenar huns certos pós, os quaes haviam de ser lançados na vista dos nossos quando viessem a se adjuntar com a sua gente; e eram tão poderosos, que os haviam de cegar de todo pera não poderem dar mais hum passo. Os Mouros, a quem estas cousas mais tocavam, posto que não confiassem nestas mentiras dos Bramanes, folgavam com ellas por animar o povo, e

mais a ElRey, que o viam mui quebrado, e trouxeram tambem outra invenção, em que mais confiava por ser induſtria de guerra, dizendo ao Çamorij, que alli eſtava hum Mouro per nome Coje Alle, o qual tinha inventado huma maneira de caſtellos de madeira armados ſobre paráos, em cada hum dos quaes bem poderiam caber dez homens, e feriam tão ſobranceiros ſobre as caravelas, com que ficaſſem ſenhores do alto: e como a força dos noſſos eſtava neſtas caravelas por razão da artilheria, tomadas ellas, ficavam perdidos de todo. E que além deſte ardil, tinham outro muito melhor, por ſer ſem nenhum trabalho, dar aviſo aos Mouros de Cochij, que lançaſſem peçonha nas aguas de que os noſſos bebiam, com que os iriam gaſtando. As quaes couſas aſſi ficáram no juizo do Çamorij, que lhe parecia não ter mais dilação por haver victoria dos noſſos, que em quanto eſtas ſe ordenavam, e por iſſo com muita diligencia mandou logo pôr mão nellas.

CA-

## CAPITULO VII.

*De algumas couſas, que o Çamorij Rey de Calecut ordenou, e commetteo contra os noſſos, e ElRey de Cochij na guerra, que tinha com elle: e do que Duarte Pacheco niſſo fez.*

DUarte Pacheco, depois que lhe Deos deo aquella victoria, veio-ſe com as caravelas adjuntar á náo, e favorecer a fortaleza, mui deſcontente do Principe de Cochij, e delRey, por lhe fugir tanta gente da ſua, principalmente por o Principe não acudir com ſoccorro ao tempo que o mandou chamar, em que os imigos quaſi houveram de paſſar o váo, e ſe paſſáram, fora o negocio de todo acabado. E o que mais daqui ſentia era parecer-lhe, que vinha iſſo per induſtria dos Mouros de Cochij; e ſendo aſſi, elle não podia ter tanto reſguardo, que huma hora, ou outra não lhe pudeſſe acontecer algum grande deſaſtre, por ſer trabalhoſa couſa guardar-ſe dos imigos de caſa. ElRey como ſoube que elle eſtava deſcontente, veio-ſe com o Principe a viſitallo da victoria do dia paſſado, e o Principe a deſculpar-ſe, dizendo, que a gente que fugíra, elle tinha mandado fazer exame diſſo, e achava ſer quaſi dos Cai-

mes, e Capitães, que ſe rebeláram ao ſerviço d'ElRey, ſentio que alli eſtava. ElRey tomada a mão ao ſobrinho com palavras brandas, e moſtras de muito amor, começou de tirar de ſuſpeita a Duarte Pacheco, moſtrando que de couſa alguma daquellas elle não fora ſabedor; ſómente vindo viſitallo, e dar-lhe as graças do trabalho, que aquelle dia paſſado levára por defensão do ſeu Reyno, topára ſeu ſobrinho, que lhe contou o deſcontentamento, que elle tinha, e a cauſa delle. E quanto á deſconfiança dos Mouros, elle tinha razão, peró o tempo não dava lugar a mais, que a diſſimular com elles por ſerem muitos, e poderoſos; que commettendo algumas couſas leves, convinha paſſar per elles, e quando foſſem públicas, e de perigo, então teria outro modo com elles. Que lhe pedia não houveſſe paixões, pois não tinha por trabalho os perigos, que paſſava em defender aquelle ſeu Reyno, que era d'ElRey de Portugal ſeu Irmão; por tanto, leixado todo o paſſado, entendeſſe em remediar o preſente, porque, ſegundo o Çamorij fora eſcarmentado, não podia leixar de tornar com poder de mais gente, pois as injúrias parem indignação, e eſta furia de vingança. Ao terceiro dia tornou ElRey mui agaſtado, dando conta a Duarte Pacheco, que per ſuas enculcas, que

tra-

trazia no arraial do Çamorij, tinha ſabido o conſelho que houve ſobre ſua tornada, e os ardis dos pós, caſtellos, e peçonha nas aguas; e que tambem lhe fora dito, que o Çamorij mandára buſcar todolos Elefantes adeſtrados que havia na terra pera paſſarem o váo, pera ſerem amparo da gente, que havia de vir eſcudada detrás delles. Duarte Pacheco a eſtas novas, e ao temor que lhe ElRey moſtrava, reſpondeo-lhe com palavras de esforço, dizendo, que não ſe agaſtaſſe, porque todos eſtes apparatos, e invenções dos Mouros de Calecut, mais eram a fim de temorizar a gente de Cochij, que por lhe parecer terem força contra o poder dos Portuguezes, que per muitas vezes tinham experimentado. Que quanto aos caſtellos, e Elefantes, elle tomava ſobre ſi o remedio; que o lançar de peçonha nas aguas, iſto lhe pedia que mandaſſe prover per homens de confiança, porque a maldade dos Mouros podia corromper a muitos, ſenão foſſem muito fieis neſte caſo que importava a vida de tantos. E depois que mui miudamente eſtiveram praticando no modo de eſperar eſtes apparatos do Çamorij, e em que parte fariam mais força, no mar, ou na terra, pois per ambas eſtas partes eſperáva commetter, acordáram que por razão dos caſtellos, que ſe armavam nos ba-

teis, a maior parte de gente Portuguez estivesse nas caravelas, e em guarda da fortaleza, e outra estivesse com o Principe de Cochij, e Caimaes no lugar do váo. Tornado ElRey pera sua casa a prover em as cousas desta prática, ficou Duarte Pacheco em outra com os Capitães, e principaes pessoas, que com elle andavam naquelles trabalhos; porque como os conselhos delRey eram logo postos nos ouvidos do Çamorij, quiz prover no que haviam de fazer sem o communicar com ElRey, temendo o damno, que lhe podia sobrevir, tomando o Çamorij na sua industria ardil de os offender. E as cousas, em que logo provêram, foi cortar a ponta de hum cotovello que fazia a terra, onde fez huma maneira de baluarte, que ajudasse a defender as caravelas, que ficavam mettidas naquelle anco da terra, por lhe ficar hum só combate, e no lugar do váo outro de madeira grossa entulhado, onde havia de estar a artilheria por causa dos Elefantes, que haviam de entrar per aquella parte, e huma grossa estacada ao longo da terra, que ficasse soberba sobre o váo em lugar de muro pera poderem pelejar de sima. Mandou tambem encravar huns grandes madeiros com as puas de ferro per sima, os quaes haviam secretamente á noite ante do dia da entrada ser

met-

mettidos no lugar do váo, prezos com estacas por os não levantar agua, pera os Elefantes se encravarem nelles. E posto que encommendou a ElRey a vigia das aguas, por razão da peçonha, por mais segurança deo cuidado a alguns Portuguezes homens de recado, que andassem sobre os Gentios, a que ElRey encommendasse a guarda dellas. O Çamorij, em quanto os nossos ordenavam estas cousas, tambem entendia em seus apercebimentos, principalmente na invenção de castellos de Coje Alle, que eram oito, cada hum em dous paráos de altura de vinte palmos, de sima do qual poderiam pelejar dez homens. E em quanto trabalhavam nelles, não leixava de mandar commetter os nossos per quantas partes, e modos podia, ora com armas, ora per traições, que sempre cahíram sobre sua cabeça com perda dos seus. Porque elle mandou sobre a náo de Duarte Pacheco por estar apartada das caravelas, e desta feita perdeo quatro paráos com muita gente morta, e ferida, e mais tomáram-lhe hum carregado de mantimentos, e a gente, que era natural da terra, se salvou. Depois per duas, ou tres vezes fizeram entradas com ardís, e ciladas, huma das quaes foi per industria de hum Mouro mercador chamado Gormale, a quem Duarte Pacheco, por comprazer a El-

a ElRey de Cochij, deo huma bandeira, dizendo, que a queria pera trazer pimenta per os rios dentro, porque per ella foſſe conhecido dos noſſos por não receber damno. Mas todo o ſeu ardil elle o pagou, e neſtes commettimentos ſempre perdiam mais do que ganhavam, porque de huma ſó vez lhe tomáram os noſſos oito paráos, e treze bombardas. E por lhe não ficar couſa por tentar, tambem foram lançados ſeis Naires da parte do Çamorij pera matar Duarte Pacheco, dos quaes ſendo elle aviſado, acolheo hum, e outro de Cochij, que já andava em ſua companhia, e prezos, os mandou a ElRey de Cochij, que fizeſſe juſtiça delles, porque elle não queria ſer o juiz daquelle caſo, pois era o offendido. E o mais que Duarte Pacheco eſtranhou a ElRey, foi, ſerem elles tambem lançados pera queimar as caravelas: e de todas ~~eſtas,~~ e outras couſas que cada dia moviam, permettia Deos ſerem logo deſcubertas aos noſſos ante de ſe commetterem, com que ſe proviam pera não incorrer no perigo. Não ſómente com eſtes que eſtavam em Cochij o Çamorij uſava deſtes ardís, mas ainda mandou lançar fama em Cananor, e em Coulão onde eſtavam as duas Feitorias, que todolos Portuguezes de Cochij eram mortos, com recado a alguns Mouros de ſua

va-

valia, per que lhe encommendava que fizessem lá outro tanto aos que lá estavam, que foi causa de elles terem trabalho, em quanto não souberam a verdade; e porém neste recolher-se á casa forte, que Antonio de Sá tinha feita em Coulão, lhe matáram hum homem, e feríram alguns; assi que per todalas partes, e modos o Çamorij commetteo se podia tomar vingança dos nossos, sem lhe aproveitar algumas de quantas cousas lhe os Mouros inventáram pera isso. Acabados os seus castellos, em quanto davam estes rebates, ficou o Çamorij tão namorado delles, que leixadas as outras industrias dos pós, e Elefantes, toda sua esperança, e força poz no commettimento do combate per mar com elles. E certo que tinha razão, porque na vista eram tão temerosos, quão fracos se depois mostráram quem os povoou — a vinda dos quaes em fama tanto assombrou a ElRey de Cochij, e os seus, que polos animar quiz tambem Duarte Pacheco usar de outro artificio, dizendo, que era contra os castellos, o todavia em seu tempo servio. O qual foi ajuntar ambas as caravelas com as popas em terra com rageiras per baixo pera se alagar quando quizesse; e ao pé de cada masto mandou tambem armar outra maneira de castellos, pera que querendo os outros abalroar, que ficas-

casse igual delles. E nas proas, além dos goroupezes, que eram mais compridos do necessario pera a navegação, mandou atravessar dous mastos pera entreterem a chegada dos castellos ás caravelas, e lhe ficar espaço pera se aproveitar da artilheria. Provídas estas cousas, repartio a gente que tinha dos nossos, que per todos podiam ser até cento e sessenta homens, a qual repartição era nestas quatro partes, no váo, na fortaleza, e pelas caravelas, e náo, porque em todos estava a defensão delles, e daquelle Reyno de Cochij. E posto que esta repartição ficou assi feita, depois que o negocio chegou a pelejar, tudo se baralhou, trocando huns por outros, segundo a necessidade o requeria; e em cada hum destes lugares tambem havia muita gente, que ElRey mandou mais por fazer corpo de gente, que por accrescentarem animo aos nossos: cá segundo seu uso, ante que experimentassem o ferro, muitos delles se punham em salvo. A este tempo já em Cochij havia mui pouca gente da natural da terra, por ser toda fugida da fralda do mar pera dentro do sertão com temor dos apparatos do Çamorij, posto que viam quantas victorias os nossos haviam de seus imigos; e não sómente fugio a gente civil, mas ainda se lhe rebeláram muitos Caimaes, que entre elles são pessoas notaveis,

veis, como ácerca de nós Senhores de terras de Titulo. Cá ElRey de Cochij começou esta guerra, sendo em sua ajuda estes que eram seus vassallos: o Principe seu sobrinho herdeiro do Reyno, o Caimal de Paliport, o Caimal de Balurt, o Cham de Bagadarij Senhor de Porca, e o Mangate Caimal seu irmão, e o Caimal de Cambalão, e o Caimal de Cherij de Vaipij, e outros Senhores de terras, e juntamente eram em ajuda d'El-Rey com até vinte mil homens, que com os seus fazia numero de trinta mil. Peró procedendo a guerra, poucos, e poucos o leixáram, e ficou sómente com o sobrinho, e com o Caimal de Vaipij, que sempre lhe guardou muita lealdade. Finalmente de trinta mil homens, com que no principio desta guerra se achou, neste tempo de tanta affronta, que foi a maior, não tinha oito mil, e ainda estes mais subjectos ao temor, que á constancia de acompanhar os nossos no tempo do trabalho. E a gente, com que o Çamorij começou, seria até sessenta mil homens, de que a este tempo, (segundo dissemos,) pelos casos, e perdas, que teve, tambem já tinha menos hum terço; porém era fama entre os nossos que trazia per mar, e terra quarenta mil homens seus, e destes Senhores, que o ajudavam, delles como vassallos, e outros por serem amigos, e vi-

zi-

zinhos naquella terra Malabar, que elle convocou contra nós: Beturacol Rey de Tanor, Cacatunão Barij Rey de Besipur, e de Cucurão junto da serra chamada Gate, Cóta Agatacól Rey de Cotugão entre Cananor, e Calecut junto de Gate, Curiur Coil Rey Curim entre Panane, e Crangalor, Naubcadarij Principe de Calecut, Nambea seu irmão, Lancol Nambeadarij Senhor de Repelij, Paraicherá Eracol Senhor de Crangalor, Parapucol Senhor de Chalião entre Calecut, e Tanor, Parinha Mutacol Senhor quasi Rey entre Crangalor, e Repelij, Benará Nambeadarij Senhor quasi Rey assima de Panane pera a serra, Nambearij Senhor de Banalá Carij, Parapucol Senhor de Parapuram, Parapucol Senhor quasi Rey de Bepur entre Chanij, e Calecut, e outros muitos, cujos nomes não vieram á nossa noticia, que entre elles eram principaes mui poderosos. Alguns dos quaes, quando o Çamorij tornou commetter passar a Cochij com a invenção dos castellos, eram já idos pera suas terras; do artificio dos quaes castellos elle estava tão contente, que lhe parecia ter a victoria mui certa sem ajuda destes que o deixáram; mas o negocio não succedeo segundo elle esperava, como se verá neste seguinte Capitulo.

CA-

## CAPITULO VIII.

*Como o Çamorij de Calecut com humas máquinas de castellos em barcos, e elle per terra veio commetter os nossos: e destas, e de outras vezes que commetteo querer passar o rio, ficou tão desbaratado, que se recolheo pera seu Reyno.*

POstas as cousas de cada huma destas partes na ordem, em que esperavam de se aproveitar dellas, partio o Çamorij tão soberbo, e confiado na invenção da máquina dos castellos, que por aquella vez leixou de commetter o váo. Assi por lhe parecer que esta força posta sobre as nossas caravelas, onde estava toda a d'ElRey de Cochij, bastava pera as tomar, e com a posse dellas lhe sería leve a entrada de Cochij; como por ter sabido que a passagem do váo estava muito mais defensavel; e o principal de tudo era por os seus Sacerdotes, e Feiticeiros lhe terem promettido grande victoria, se puzesse o impeto de suas forças nestas caravelas. Assi que com este conselho, dia da Conceição de Nossa Senhora, chegou o Çamorij per terra com a maior parte do seu exército ás nossas caravelas, a qual frota era de duzentos paráos atulhados de frécheiros, que haviam de servir no seu modo de pele-

lejar, como gentes pera chegar, e correr a huma, e outra parte; e quando fosse tempo, lançarem em terra aquelle golpe de gente, e tornarem por outra, onde o Çamorij estava da outra parte do rio, té ser tanta, que pudesse senhorear a terra em quanto o Çamorij passasse. Entre os quaes paráos, que chegáram ao mesmo tempo que elle appareceo sobre o rio, vinham oito daquellas máquinas, armadas cada huma em dous grandes paráos, tão soberbas, e temerosas, que os nossos estimáram mais a vista dellas que a fama. Mas como elles esperavam este dia, e mais por ser de N. Senhora, na qual punham sua confiança, sem se mover do lugar onde estavam, com as caravelas, e bateis em hum corpo á maneira de baluarte com suas arrombadas, em as máquinas dos castellos chegando a tiro, começou a nossa artilheria representar o dia do juizo, afuzilando fogo, vaporando fumo, e atroando os ares de maneira, que com estas cousas, e com os enxames de fréchas, grita da gente, tudo era huma confusão escura na vista, e nos ouvidos, sem huns aos outros se poderem ouvir, nem menos saber se eram offendidos dos amigos, se dos contrarios. As máquinas, ainda que vinham soberbas, ante que fossem mettidas naquella escuridão, e fumaça de morte, não puderam dar tanta

quan-

quanta ellas promettiam com ſua viſta, ante neſte ſeu commettimento recebêram maior damno do que o fizeram: cá por ſerem armadas ſobre dous paráos grandes, ao governar delles houve muito embaraço, não podendo cada hum dos dous lemes acudir a hum tempo, quando os do caſtello queriam, porque tambem a maré que ſubia os hia atraveſſando a pezar dos remadores. Com os quaes impedimentos de oito máquinas que ellas eram, duas com aſſás trabalho pudéram chegar ás caravelas, e ainda eſtas fôram mettidas com as vergas, que os noſſos tinham poſto em modo de guroupézes. As quaes tanto que chegáram áquelle lugar, com a artilheria foram feitas em rachas, que ſervíram de armas contra aquelles que vinham dentro: cá os mais delles foram mortos, e feridos per ellas. E não ſómente parou a artilheria aqui, mas ainda dava per paráos, que eram tão baſtos, que nunca ſe perdeo tiro: com o qual damno muitos foram arrombados de maneira, que andava já a agua chea de nadadores, trabalhando por ſalvar as vidas na terra, onde eſtava o Çamorij, porque na de Cochij os d'ElRey, que eſtavam em guarda della, os matavam. Finalmente o dia não foi tão proſpero, como os feiticeiros do Çamorij lhe tinham prognoſticado; e porque ainda lhe ficou eſperança,

ça, que tornando outra vez alcançaria victoria, que refizesse todolas perdas passadas, veio dahi a certos dias em hora de melhor eleição, como elles diziam. Mas N. Senhor acabou de vingar os nossos deste soberbo, e contumaz Gentio com o grande damno, e perda, que recebeo neste ultimo commettimento que fez, assi per esta parte com seus castellos de vento, como per o váo que tambem commetteo, ficando tão quebrado, e por seus Sacerdotes tão convertido a fazer penitencia, dizendo todos ter offendido aos seus pagodes em não lhes fazer os sacrificios, e offertas, que lhes tinha promettido no princípio desta guerra: que simulando elle, que se tornava a refazer pera tornar a ella, se recolheo de todo com perda de dezoito mil homens, treze na enfermidade, que per duas vezes sobreveio ao seu arraial, e os sinco na guerra que continuou, a qual guerra durou seis mezes; e neste tempo entre o Çamorij, e ElRey de Cochij houve cartas, recados, e outras miudezas, segundo o que escreveo Fr. Gastão, hum Religioso, que estava na Feitoria com os nossos, em hum tratado que fez da guerra entre estes dous Reys, de que sómente tomámos o necessario com outra mais informação, porque em todo o decurso desta nossa Asia mais trabalhámos no substancial da historia, que nó am-

ampliar as miudezas que enfadam, e não deleitam. Assi que tornando ao fim desta guerra, que se rematou com as amoestações dos Bramanes, tiveram elles ainda tanto artificio de se salvar das mentiras, que disseram ao Çamorij no succedimento della, e de consolar a elle, que lhe fizeram crer que os seus Deoses lhes tinham feito mercê em pagar culpas proprias, não com damno de sua pessoa, mas dos seus, a qual cousa causou recolher-se com alguns delles a fazer penitencia. Dando tambem por causa de seu recolhimento querer por alguns dias dar repouso ao povo dos trabalhos da guerra, e mais naquelle tempo por ser no fim do inverno, em que esperava a vinda das nossas náos, contra o poder das quaes tambem lhe convinha prover seus portos. Os seus Caimaes, e Principes, que o ajudáram, principalmente aquelles, que podiam receber damno, ou proveito de nós, ante que as nossas náos chegassem, por segurar seus estados, e lugares, e haver alguma fazenda da que ellas de cá levavam, mandáram commetter pazes a Duarte Pacheco, vendo que o Çamorij se recolhia, não tanto por religião, quanto por siza de paz, por sentirem nelle que a desejava. E quem logo veio com este requerimento de paz, foi o Senhor de Repelim, principal movedor desta guerra,

por ſer mui vizinho a Cochij, é não tinha a pimenta de ſua terra outra ſahida ſenão per noſſas náos; e pola meſma razão da pimenta, e a ſua terra ſer a flor della, e a nós convir tanto como a elle eſta paz, Duarte Pacheco per vontade d'ElRey de Cochij lha concedeo. No qual tempo Antonio de Sá Feitor de Coulão por algumas paixões, que lá tinha com os Mouros, lhe mandou pedir, que com ſua viſta o quizeſſe ir favorecer; o que Duarte Pacheco fez, indo lá em ſua náo, leixando os Capitães das caravelas em guarda de Cochij. O qual chegando ao porto de Coulão, achou ſinco náos de Mouros, que eſtavam á carga da pimenta, das quaes vieram a elle ſinco Mouros os principaes dellas com grandes preſentes, pedindo-lhe paz, e ſeguro pera navegarem ſuas náos com a carga que tinham feita, o que lhe Duarte Pacheco não concedeo. Ante por ter ſabido de Antonio de Sá que as náos eſtavam já de todo carregadas contra ſua vontade, e que eſta fora a principal cauſa, por que o mandára chamar, por ter havido algumas paixões com os Mouros mercadores eſtantes na terra, que lhe negavam eſta pimenta por a dar a elles, Duarte Pacheco lha fez deſcarregar toda, e a entregou a Antonio de Sá, pagando-lhe o que cuſtava, e ſómente lhe deo alguma pe-

pera ſua déſpeza. E em quanto eſtas deſcarregavam, vieram alli ter outras duas, cada huma em ſeu dia, as quaes traziam pimenta, e vinham acabar de tomar carga naquelle porto; e porque ſoube em certo que nenhuma deſtas náos era de Calecut, com quem tinhamos crua guerra, a todos não fez mais damno, que não lhe conſentir que tomaſſem naquelle porto alguma pimenta, por termos alli o Feitor Antonio de Sá a fim de recolher toda a que havia na terra. Aſſi que eſpedidas eſtas náos vaſias, e pagas da pimenta que tinham, foram buſcar outro lugar, que não tiveſſe eſta defensão, e Duarte Pacheco tornou-ſe pera Cochij, onde dahi a poucos dias chegou Lopo Soares, que partio deſte Reyno por Capitão mór de huma grande Armada, da viagem do qual faremos relação neſte ſeguinte Capitulo.

## CAPITULO IX.

*Como ElRey por as novas, que teve da India per o Almirante D. Vasco da Gama, o anno seguinte de quinhentos e quatro, mandou huma grande Armada, de que foi por Capitão mór Lopo Soares: e do que passou da partida de Lisboa té chegar a Cochij.*

COm a vinda da India do Almirante D. Vasco da Gama soube ElRey, que as cousas della se hiam ordenando de maneira, que convinha mandar maior frota da que lá era ao tempo de sua chegada; que como escrevemos, foram nove vélas repartidas em tres capitanias, do successo das quaes ainda ElRey não tinha nova. Sómente soube per elle Almirante quão offendidos os Mouros daquellas partes ficavam; assi pelo odio, que geralmente elles tem ao povo Christão, como pelo damno que tinham recebido de nós, e principalmente delle Almirante. Assi que por esta razão, como pera ir tomando maior posse daquelle grande estado, que lhe Deos tinha descuberto, ordenou de mandar este anno de quinhentos e quatro huma grossa Armada, a capitanía mór da qual deo a Lopo Soares filho de Rey Gomes d'Alvarenga, Chanceller mór que fo-

fora destes Reynos em tempo d'ElRey Dom Affonso o Quinto, em o qual Lopo Soares havia muita prudencia, e outras qualidades de sua pessoa, que mereciam huma tão honrada ida, como esta era. Com o qual foram estes Capitães, Lionel Coutinho filho de Vasco Fernandes Coutinho, Pero de Mendoça filho de João de Brito, Lopo Mendes de Vasconcellos filho de Luiz Mendes de Vasconcellos, Manuel Telles Barreto filho de Affonso Telles, Pedraffonso de Aguiar filho de Diogo Affonso de Aguiar, Affonso Lopes da Costa filho de Pero da Costa de Thomar, Filippe de Castro filho de Alvaro de Castro, Tristão da Silva filho de Affonso Telles de Menezes, Vasco da Silveira filho de Mosem Vasco, Vasco de Carvalho filho de Alvaro Carvalho, Lopo de Abreu, e Pero Dinis de Setubal, em as quaes náos levava mil e duzentos homens, muita parte delles Fidalgos, e criados d'El-Rey, toda gente mui limpa, e tal, que com razão se póde dizer, que esta foi a primeira Armada, que sahio deste Reyno de tanta, e tão luzida gente, e de tão grandes náos, posto que foram menos em numero que as duas passadas. E por esta causa não se puderam fazer tão prestes como as outras, porque partio da Cidade de Lisboa a vinte e dous de Abril deste anno mil quinhentos

e qua-

e quatro, e a dous de Maio foram na paragem do Cabo Verde. E dahi em diante, posto que tiveram alguns temporaes, que se acham em tão comprida viagem, quando veio a vinte e sinco de Julho surgio em Moçambique, onde se deteve té o primeiro dia de Agosto fazendo aguada, e repairando algumas náos, principalmente a de Pedraffonso de Aguiar, e a de Affonso Lopes da Costa, que com hum temporal que tiveram de noite deo huma per outra. Partido de Moçambique, chegou a Melinde, onde achou seis Portuguezes dos que se perdêram com Pero de Taíde, os quaes lhe contáram tambem como se perdêra Vicente Sodré, e as cousas que Affonso de Albuquerque, e Francisco de Albuquerque tinham feito na India. Espedido d'ElRey de Melinde, que o recebeo com muito gazalhado, o tempo que alli esteve, a primeira terra que tomou da India foi Anchediva, onde achou Antonio de Saldanha com Ruy Lourenço, os quaes se faziam prestes pera tornar á costa de Cambaya, pera andar alli esperando as náos de Méca; mas Lopo Soares os levou comsigo por levar recado d'ElRey D. Manuel pera isso. Alli veio tambem ter com elle Lopo Mendes de Vasconcellos, que se apartou da frota com hum temporal que lhe deo, o qual tinham por perdido; e juntas

tas eſtas vélas, chegou a Cananor, onde foi muito feſtejado aſſi do Feitor Gonçalo Gil Barboſa, como d'ElRey, que ſe vio com elle ao modo das viſtas que houve entre elle, e o Almirante. Porque eſtes Principes Gentios neſtas viſtas põem muita parte de ſua honra em ſer com grande apparato, e ceremonias a ſeu uſo; mas Lopo Soares não lhe deo vagar, porque tres dias ſómente ſe deteve neſtas viſtas, e em prover algumas couſas ao Feitor Gonçalo Gil Barboſa, pera fazer preſtes a carga do gengivre, e outras couſas, que havia de tomar quando tornaſſe de Cochij. Peró ante que partiſſe pera Cochij, veio a elle com cartas hum moço Chriſtão mandado polos cativos, que lá eſtavam em Calecut, pedindo que ſe lembraſſe delles; á vinda do qual moço deo azo Coje Biquij, que era noſſo amigo do tempo de Pedralvares Cabral: e tambem foi induſtria dos principaes de Calecut, temendo aquelle poder da Armada, e parecia-lhe que os cativos que lá tinham podiam fazer algum bom negocio pera tractar na paz, por ſaberem que a deſejava o Çamorij. Lopo Soares, depois que ſe informou do moço de algumas couſas, que per elle lhe mandavam dizer os cativos, o tornou logo a eſpedir com palavras de eſperança de ſua liberdade; e quando veio ao ſeguinte

te dia, que eram sete de Setembro, chegou ante a Cidade de Calecut, onde em lançando ancora foi visitado com alguns refrescos por parte de Coje Biquij, e em sua companhia este moço. O qual presente Lopo Soares não acceptou, dizendo, que elle estava naquelle porto suspeitoso, onde se costumava negociar com cautelas de enganos; e porque não sabia se vinha da mão de Coje Biquij, que elle havia por homem amigo do serviço d'ElRey de Portugal seu Senhor, se de outro algum que fosse imigo dos Portuguezes, não podia acceptar cousa alguma, ainda que viesse em seu nome. Que em quanto elle não praticasse com a propria pessoa de Coje Biquij, peró que recados lhe fossem dados de sua parte testemunhados per aquelle moço que alli estava, não os havia por seus: por tanto elle se poderia ir embora, e se era de Coje Biquij, podia-lhe dizer, que com nenhum outro refresco folgaria mais que com ver a elle, e aos Portuguezes, que lá estavam retcúdos. Espedido este Mouro, veio Coje Biquij ao seguinte dia, e não mui contente da resposta que os Mouros mandáram a Lopo Soares, posto que trouxe comsigo os mais dos cativos que lá estavam. A qual resposta era, que ElRey estava ao pé da serra; mas que por terem sabido quanto desejava a paz, lhe

man-

mandavam aquelles homens, e que em quanto não vinha ſeu recado por terem mandado a elle, folgariam ſaber delle a vontade que tinha, e o que queria mais pera o fazerem ſaber ao Çamorij. Lopo Soares, depois que agradeceo a Coje Biquij a vontade que ſempre moſtrava aos Portuguezes, reſpondeo-lhe ao negocio da paz; que a primeira couſa que haviam de fazer pera elle ouvir as condições della, era entregarem-lhe os dous Gregos d'Eſclavonia, que lá andavam, que na prática da outra paz ElRey prometteo entregar, e não cumprio. Coje Biquij, porque vio que Lopo Soares ſe cerrou niſto, e não quiz ouvir mais réplica, eſpedio-ſe delle, dizendo-lhe, que elle deſejava mais eſta paz que peſſoa alguma; mas como ElRey, e os principaes do ſeu Conſelho o haviam já por ſuſpeito nas couſas do ſerviço delRey de Portugal, elle não tinha neſta parte mais auctoridade, que repreſentar bem eſte negocio, o qual prazerá a Deos que viria a effecto. Lopo Soares, porque neſte, e em outros recados que foram, e vieram tudo era cautelas, e dilações, ſem alguma conclusão, mandou chegar ſeis náos das mais pequenas a terra, que varejaſſem com artilheria toda a Cidade, em que ſe deteve dous dias, nos quaes ſe fez tanta deſtruição, que cahio grande parte do Ce-

ra-

rame delRey. Acabada a qual obra, Lopo Soares ſe partio pera Cochij, onde chegou a quatorze de Setembro, a tempo que tambem Duarte Pacheco chegava de Coulão do negocio pera que o mandou chamar Antonio de Sá, (como atrás diſſemos.) E ao ſeguinte dia depois de ſua chegada, ElRey de Cochij ó veio ver, moſtrando grande contentamento de ſua vinda, e da boa entrada, que deo no varejar de Calecut, do qual eſtrago logo per patamares, que são grandes caminheiros de terra, tinha já ſabido ſerem mortas mais de trezentas peſſoas, e derribada muita caſaria, até os palmares eram deſtruidos, que o Gentio muito ſentia por ſer propriedade de que ſe mantem. Na qual prática Lopo Soares por parte d'ElRey D. Manuel com as cartas, que trouxe a ElRey de Cochij, lhe deo agradecimentos dos trabalhos, que tinha paſſados, offerecendo-lhe aquella Armada, e que nenhuma couſa lhe ElRey ſeu Senhor mais encommendava, que a reſtituição de qualquer perda, que elle tiveſſe recebida por cauſa da amizade que com elle tinha, e outras muitas palavras; a que ElRey reſpondeo, dizendo, que elle perdia mui pouco em perder ſeu eſtado por amor d'ElRey de Portugal ſeu irmão, pera o que elle deſejava aventurar por ſeu ſerviço, quanto mais,
que

que os damnos da guerra paſſada mais foram de ſeu imigo, que delle; e os trabalhos de defender aquelle ſeu Reyno de Cochij, não eram ſeus, nem dos ſeus ſubditos, e vaſſallos, ſenão dos Portuguezes, que alli eſtavam, principalmente do Capitão Duarte Pacheco; e que algum trabalho, que o ſeu Reyno podia receber, ElRey ſeu irmão lho pagava cada anno nas couſas, que por amor delle fazia, de maneira, que recompenſada huma couſa por outra, elle era o que ficava devendo. Que em ſignal deſtas mercês, e favores, que cada dia recebia, (pois em al o não podia ſervir,) elle queria logo mandar ordenar a carga da eſpeciaria, e que elle Lopo Soares podia deſcançar neſta parte. Ás quaes palavras Lopo Soares reſpondeo com outras aſſi da parte d'ElRey, como da ſua, conformes ao que ellas mereciam, com que ſe eſpedíram hum do outro mui contentes. E porque a eſte tempo ElRey por cauſa das guerras paſſadas eſtava na Ilha de Vaipij, e elle deſejava de ſe paſſar á Ilha de Cochij, onde era ſua propria vivenda, ſegundo deo conta a Lopo Soares; mandou elle Antonio de Saldanha que com alguns bateis, de que eram Capitães Triſtão da Silva, Pero Rafael, Pero Zuzarte, e Ruy Lourenço, que o levaſſem. Os quaes foram com muita feſ-

ta

ta de trombetas, bandeiras, e gente luzida, fazendo toda honra, e acatamento á pessoa d'ElRey, como se foram seus vassallos, porque o queriam contentar, e comprazer por razão dos grandes trabalhos, que tinha padecido por conservar a amizade d'ElRey D. Manuel.

## CAPITULO X.

*Como Lopo Soares a requerimento d'ElRey de Cochij deo em Cranganor, e o destruio: e da ajuda que mandou a ElRey de Tanor, e as causas porque.*

HAvendo hum mez que Lopo Soares era chegado, ElRey de Cochij lhe deo conta como de hum lugar chamado Cranganor, que sería dalli quatro leguas per hum rio dentro contra Calecut, recebia muito damno, por ser lugar de frontaria, que o Çamorij tinha fortalecido: que lhe pedia muito que em quanto as náos estavam á carga, houvesse por bem de mandar sobre elle pera o destruir de todo. Lopo Soares como já tinha informação deste lugar per Duarte Pacheco, e quão prejudicial era a sua vizinhança, determinou de ir logo sobre elle, e assi o disse a ElRey com palavras, de que elle ainda levou maior contentamento. Juntos pera este negocio vinte bateis,

teis, em que entravam os esquifes das náos, determinou Lopo Soares em pessoa de ir a este lugar, e tão secretamente, que não se soubesse em Cochij por não darem aviso aos imigos, que segundo tinha sabido estava no lugar hum Capitão do Çamorij chamado Maymamé, e o Principe Naubeadarij com gente de guarnição; por causa da qual guarnição ElRey de Cochij mandou per terra o Principe seu sobrinho com alguns Naires, e muitos frécheiros, e a mais gente de guerra que pera tal empreza lhe pareceo ser necessaria. Partido Lopo Soares huma ante manhã, foram dormir a hum lugar por esperarem alli o Principe de Cochij, que com sua gente vinha per terra per outra parte, o qual se deteve tanto, que quando ao outro dia chegáram, posto que foi em amanhecendo, já a terra era appellidada, e posta em armas. E o primeiro encontro que os nossos acháram, foram duas náos do proprio Capitão Maymamé atulhadas de gente, e dous filhos seus, que em os nossos as commettendo com animo de valentes homens as defendêram; mas não durou muito este seu fervor, porque á custa de feridos, e mortos, ellas foram entradas, e entregues ao fogo. O qual feito se fez per os primeiros Capitães, a quem Lopo Soares tinha dado a dianteira, que eram Antonio

de

de Saldanha, Pedrafonſo d'Aguiar, Triſtão da Silva, Vaſco Carvalho, e Affonſo Lopes da Coſta. Acabado eſte feito, que ſe fez no rio, poz Lopo Soares com o corpo de toda a gente o peito em terra, que foi tomada com aſſás trabalho, e ſangue de todos, porque os Mouros, e Indios cubriam a praia com o grande numero delles; e ante que os noſſos chegaſſem a bote de lança, foi entre huns, e outros huma nuvem de ſetas tão baſtas, que não davam lugar a que os noſſos entraſſem em caminho, e não entendiam em mais que amparar-ſe, e eſcudar daquelles enxames de ſetas, que lhe ferviam ante os olhos, té que as noſſas eſpingardas, e béſtas fizeram lugar, com que começáram de tomar mais poſſe da terra, e os vieram careando a bote das lanças pera a povoação, que foi logo entrada, e poſta em poder de fogo, porque ella eſtava já tão deſpejada, que não houve esbulho, em que a gente d'armas ſe detiveſſe, e a maior preza que alli houve, foram trinta e ſinco zambucos, e paráos, que ſe trouxeram pera ElRey de Cochij, como ſignal da victoria, que houveram de ſeu imigo. E poſto que o fogo tomou muita licença no que queimou, maior a tomára, ſenão ſobreviera alguma gente da terra, que eram dos Chriſtãos que alli viviam, e vieram a Vaſco da

Ga-

Gama, como atrás fica; por causa dos quaes Lopo Soares mandou que se não fizesse mais damno; pois tinham alli sua vivenda em companhia dos Mouros, e Gentios da terra. O Principe de Cochij, porque os nossos deram maior pressa a este negocio do que elle trazia, e não pode ser presente a elle, quando chegou por honra de sua pessoa, e entre elles se haver por victoria contra os imigos, saltou na terra decepando algumas palmeiras, como Senhor do campo, e mandou trazer huma em hum paráo por triunfo daquelle feito. O qual não sómente quebrou a soberba do Çamorij, mas ainda deo animo a alguns seus imigos; porque chegado Lopo Soares a Cochij com a victoria delle, dahi a dous dias ElRey de Tanor seu vassallo se mandou queixar a elle per seus Embaixadores, pedindo-lhe paz, e ajuda contra elle, do qual era desavindo por causas que tocavam ao serviço delRey de Portugal. E vindo elle Çamorij sobre isso com gente pera o destruir, elle lhe sahíra ao encontro em hum passo, do qual houvera victoria ao tempo que Lopo Soares destruíra Cranganor, em favor, e defensão do qual elle Çamorij hia, parecendo-lhe que se passasse podia castigar a elle, e ir avante, do qual trabalho elle o tirou com a victoria que lhe Deos deo. Que

o fa-

o favor, e ajuda, que delle qüeria, era mandar ao ſeu porto de Tanor alguma náo com gente, e artilheria, porque tinha per nova que o Çamorij com maior indignação, como homem injuriado, vinha outra vez ſobre elle. Lopo Soares, depois que ouvio os Embaixadores, os mandou muito bem agazalhar, e quiz-ſe informar d'ElRey de Cochij, e de Duarte Pacheco deſta novidade d'ElRey de Tanor, ſendo hum tão principal imigo, como elles diziam, e que naquella guerra paſſada ſempre ſervíra a ElRey de Calecut, que não ſabia como podia mover huma tal couſa: Que quanto ao que elle ſentia deſte negocio, verdadeiramente tinha pera ſi que era alguma ſimulação, a fim de lhe não darem ſobre eſte lugar com o temor da nova da deſtruição de Cranganor. A qual ſuſpeita ElRey de Cochij lhe desfez, e aſſi Duarte Pacheco polo que tinha ſabido per alguns principaes da terra; e a cauſa de mandar pedir eſta ajuda, era eſta. Eſte Reyno de Tanor antigamente fora livre, e não ſubdito, e continha em ſeu eſtado muitas terras; mas como o vizinho poderoſo ſempre vai comendo do fraco, os Reys de Calecut o puzeram em tal eſtado, que não ficou mais aos Principes delle, que aquella povoação do porto de Panane, e iſto em vida deſte Rey que reina-

nava, de maneira, que de Rey livre ficou tributario ao Çamorij. O qual Rey, parecendo-lhe que per serviço de sua pessoa podia cobrar delle Çamorij o que não pudéra defender, em todalas guerras passadas, que elle Çamorij teve, foi hum dos principaes, e mais contínuos que o serviam, sem haver galardão de seus trabalhos. Mas parece que nenhuma cousa destas satisfez ao Çamorij; e per qualquer causa que foi, temendo-se delle que podia com nosso favor tirar o laço do pescoço de sua servidão, determinou de lhe tomar este porto de Tanor, e o mais que tinha. Finalmente, posto o Çamorij em caminho com dez mil homens pera vir a Cranganor em ajuda do Principe de Calecut, e Marmame seu Capitão mór temendo o que succedeo, assentou que á tornada, quando se recolhesse a Calecut, daria em Tanor. Peró primeiro que elle chegasse a este effeito, lhe succedeo outro não esperado delle, e foi, que ElRey de Tanor subitamente em hum passo lhe sahio, e o desbaratou. Com a qual obra fez ElRey de Tanor duas cousas, vingou-se primeiro que o Çamorij désse nelle, e mais foi impedimento pera se não ir ajuntar em Cranganor com os seus, que per ventura se o fizera não houvera Lopo Soares tão levemente victoria delles. Teve ainda ElRey de

de Tanor outra boa fortuna, que indo o Principe de Calecut, e Marmame desbaratados dos nossos, sahio-lhe elle tambem ao caminho, e acabou de os destruir de maneira, que chegado Pero Rafael com huma caravela armada, e quarenta homens, que lhe Lopo Soares mandava polo requerimento dos seus Embaixadores, tinha já ElRey de Tanor havido estas victorias, estando elle, quando os mandou a pedir este soccorro, esperando cada dia polo Çamorij que o vinha destruir. E como homem mimoso da boa fortuna daquellas victorias, já recebeo com ceremonias de magestade de sua pessoa a Pero Rafael, dando-lhe agradecimentos de sua boa chegada, e que ao presente não tinha necessidade delle, por seu imigo ser já posto em salvo, mais timido, que soberbo. Que elle esperava de cobrar todo seu estado com favor, e ajuda das Armadas delRey de Portugal, cujo servidor elle sería todo o tempo de sua vida, e que pera isso offerecia sua pessoa, fazenda, e estado quando por seus Capitães fosse requerido; e com esta, e outras offertas de palavras, que mandou a Lopo Soares, espedio a Pero Rafael, que se tornou a Cochij.

CA-

## CAPITULO XI.

*Como Lopo Soares, depois de feita sua carga de especiaria, e espedido d'ElRey de Cochij, de caminho deo em hum lugar d'ElRey de Calecut chamado Panane, onde pelejou com alguns seus Capitães, que estavam em guarda de dezesete náos, as quaes queimou; e acabado este feito, partio perá este Reyno, onde chegou a salvamento.*

EM quanto estas cousas passáram, posto que tambem se entendesse em a carga das náos, porque ellas eram muitas, e com a guerra o negocio da pimenta não andava tão corrente, que assi em breve se pudesse haver, e mais por a maior parte delle ser feito per mãos de Mouros mui vagarosos, ordenou Lopo Soares de mandar a Coulão sinco náos, Capitães Pero de Mendoça, Lopo d'Abreu, Antonio de Saldanha, Ruy Lourenço, e Filippe de Castro, pera lá haverem carga. Porque além de ter recado de Antonio de Sá, que estava por Feitor daquella Feitoria, que tinha recolhido boa somma de pimenta, tambem per conselho delle, e de Duarte Pacheco, que della era vindo, quiz mandar aquellas sinco vélas perá favor da nossa Feitoria: cá andavam os Mouros tão alevantados contra Antonio de

Sá, que com trabalho lhe queriam dar pimenta, e não vinha não de Mouros ao porto de Coulão, que logo não fosse despachada a pezar delle: assi que por estas causas as enviou, e em breve foram, e vieram com sua carga a tempo que as outras estavam prestes. E porque ElRey D. Manuel mandava a Lopo Soares que em guarda da Fortaleza de Cochij, e assi daquella costa, ficasse Manuel Telles Barreto filho de Affonso Telles Barreto por Capitão mór de quatro vélas; á espedida que teve com ElRey de Cochij, lho entregou com palavras, de que ElRey ficou satisfeito ácerca da segurança de seu estado, posto que elle quizera, pola experiencia que tinha delle, que ficára Duarte Pacheco. Com o qual Manuel Telles, por serem homens conhecidos delRey, e andarem sempre naquella guerra, e o comprazer nisso, ficáram Pero Rafael, e Diogo Dias, e Christovão Zuzarte. E nesta espedida, que Lopo Soares teve com ElRey, não lhe quiz dar conta do que determinava fazer de caminho, que era dar em hum lugar do Çamorij chamado Panane, temendo que communicando este negocio com elle, fossem logo os Mouros avisados, por não se guardar muito segredo entre elles, principalmente como tocava em cousas nossas. A qual ida Lopo Soares assentou com os Ca-

pi-

pitães, e principalmente com Duarte Pacheco, por ter sabido, quando logo elle chegou, que naquelle lugar de Panane estavam dezesete náos de mercadores do estreito de Méca pera tomar carga de especiaria; por a qual razão huma das cousas, que Lopo Soares proveo em chegando, foi mandar a Pero de Mendoça por Capitão mór de tres vélas, que andasse em guarda dos portos de Calecut, por não sahir, ou entrar náo sem ser per elle vista. Finalmente, assentadas todalas cousas, que convinham á Fortaleza, e espedido d'ElRey, elle Lopo Soares se partio a vinte e seis de Dezembro, levando em sua companhia Manuel Telles com os outros Capitães de sua bandeira pera serem com elle naquelle feito. E seguindo seu caminho, levando diante as caravelas chegadas á costa, e elle com as náos de largo por irem carregadas, sendo tanto avante como Panane, sahíram a ellas vinte paráos bem artilhados, e como genetes ligeiros começáram despender sua polvora, e armazem. Os quaes, segundo logo pareceo, de industria vinham travar com ellas; e como a frota das náos da carga se mostrou, fingíram temor, e começáram de se recolher pera dentro do rio, onde as náos dos Mouros estavam, porque lhe pareceo que por os nossos irem já de caminho com carga

ga feita, não se haviam de querer metter dentro em ventura, por o rio não lhe dar lugar, principalmente com hum baluarte, que defendia a entrada, posto que as caravelas o quizessem commetter. E verdadeiramente posto o negocio em conselho, os Mouros estavam na verdade, que não era cousa pera commetter entrar naquelle rio segundo elle estava defensável; e mais impossivel lhe parecia se souberam o modo, que os nossos depois tiveram em commetter este feito. Porque quem podia crer que obra de trezentos e sessenta homens em quinze bateis, e duas caravelas, haviam de commetter dezesete náos grossas com muita artilheria encadeadas humas em outras, tão juntas com as popas em terra á maneira de alcantilada, que pareciam hum eirado soberbo sobre o mar, em guarda das quaes estavam quatro mil homens. Porém como as cousas da honra, ácerca daquelles que a tem por vida, precedem todolos perigos da morte, e mais este caso, que tratava do estado da India, não se quiz vir Lopo Soares sem o leixar concluido, o qual per ventura fizera mais damno que as guerras passadas, por ficar o Çamorij mui escandalizado do feito de Cranganor, e d'ElRey de Tanor. Assi que havida outra consideração, e conselho, ainda que confuso por ainda não terem

rem visto como as náos estavam, assentou Lopo Soares de as ir queimar, levando diante Pero Rafael, e Diogo Dias, que tinham as caravelas mais pequenas, e elle em quinze bateis. O qual partido das náos com grande estrondo de trombetas, e grita da gente nesta ordem das caravelas ante si, quasi por amparo da artilheria dos Mouros, que ao longo lhe podia fazer mais damno que ao perto, principalmente de hum baluarte, que á entrada da barra estava cheio della, a primeira caravela, que foi a de Pero Rafael, assi a salváram, que com as rachas que fez a artilheria em os altos della, lhe ferio muita gente, e sobre isso carregáram os paráos, que a vieram demandar, lançando-lhe dentro hum grande numero de fréchas, que lhe encravou muitos homens. A qual entrada assi embaraçou a gente do mar na mareagem da caravela, que por se lançarem a outra parte, e fugir o perigo do baluarte, foram cahir em outro peior, e era debaixo de huma náo grossa dentro no porto, que por ser mui alterosa padecêram mui grande trabalho; e em se amparar das fréchas, e arremessos de zargunchos, quasi á mão tenente tiveram bem que fazer, do qual perigo ficáram muitos mui mal feridos. A outra caravela, Capitão Diogo Dias, indo na esteira deste baluarte, lhe matáram hum mari-

ri-

rinheiro que hia ao leme; e porque os outros se chegavam de má vontade áquelle lugar, como a caravela não sentio governo, deo comsigo em hum baixo, de maneira, que ambas ficáram em estado, que mais haviam mister ajuda, do que a podiam dar a ninguem. Lopo Soares, que vinha detrás dellas, peró que vio o perigo perque passáram, não houve mais ordem de esperar outro conselho senão dar as trombetas com Sant-Iago na boca a quem remaria, e sería primeiro com as náos, como quem corria hum pario naval, cujo termo da victoria era chegar a ellas. E parece que N. Senhor lhe quiz pôr este impedimento nas caravelas de os não poderem naquella chegada ajudar, pera que a victoria fosse mais milagrosa. Porque afferrando cada hum sua náo, assi levava o espirito posto em confiança de victoria, que lhe não lembrava que hia commetter huma náo atulhada de gente, e tão alta de subir, que em paz quieta hum homem pideria huma escada de corda de que lançasse mão. E porém logo na chegada, estando Lopo Soares pera afferrar, huma bombarda lhe matou hum homem, e feríram quatro; e Tristão da Silva, que foi dos primeiros, subindo per outra, o deitáram abaixo, e outro tanto fizeram a Pero de Mendoça, e a Antonio de Saldanha com ou-

outra bombarda lhe arrombáram o seu batel, e levou a barriga da perna a hum criado seu de que ficou aleijado. E porque era já maior o perigo de se affogarem, por o batel se ir ao fundo, que commetter as náos, tomou posse de huma com os que levava. Manuel Telles, Duarte Pacheco afferráram huma, que diziam ser a capitanía das outras, onde acháram bem de trabalho, porque havia nella muitos Turcos, homens mui valentes, e despachados, que não chegavam a elles sem fazerem sangue. Finalmente cada hum em a náo que lhe coube em sorte, com morte do Capitão dos Turcos, e alguns Mouros, e muitos do Gentio da terra, deo tal conta della, que poucos, e poucos subindo ao alto se fizeram Senhores de todas, lançando-se os Mouros ao mar, onde poucos escapavam, porque os marinheiros dos bateis ás lançadas os matáram. E sem se saber quem, nem por cujo mandado foi posto fogo ás náos, e assi tomou elle posse dellas, que as não leixou até o lume da agua, onde ardeo muita fazenda, porque estavam pera partir quasi de todo carregadas. E foi a cousa que mais espantou aos da terra, vendo que sem ter cubiça de tanta riqueza, como nellas estava, tão levemente foram queimadas, e diziam que isto se fizera em vingança do que fora feito a

Ai-

Aires Correa. Porém a victoria não foi sem custo, porque dos nossos morrêram vinte e tres pessoas, e cento e setenta feridos, porque durou a peleja de pela menhã té horas de meio dia; e segundo se depois soube em Cananor, morrêram dos imigos setecentos; e feridos hum grande numero delles. Acabado este feito, tornou-se Lopo Soares recolher ás náos, e naquelle dia não se entendeo em mais, que na cura dos feridos; e o seguinte, que era dia de Janeiro do anno de quinhentos e sinco, se fez á véla caminho de Cananor, onde foram recebidos com muita festa, e prazer dos nossos que alli estavam, os quaes segundo cada dia eram assombrados dos Mouros moradores da terra, se Lopo Soares ficára com alguma quebra daquelle feito, ou as náos ficáram inteiras não ousáram estar alli mais, por verem que ElRey era mui subjeito a estes Mouros, e levemente lhe perdoava qualquer erro pelo rendimento, que tinha delles em seus tractos. Porém sabendo elle que Lopo Soares era chegado do lugar onde estava, que era contra a serra, o veio logo ver, mostrando grande contentamento da victoria que houve. Na qual vista, porque era tambem espedida, Lopo Soares lhe encommendou o Feitor, e Officiaes, e gente que alli ficava debaixo do amparo de sua

ver-

verdade, passando ambos sobre isto muitas palavras, em que ElRey deo grande penhor da maneira que haviam de ser tratados, e favorecidos, e com isto se espediam ambos. Acabada de tomar a carga que alli estava prestes, fez-se Lopo Soares á véla via deste Reyno, espedindo de si a Manuel Telles com os outros Capitães, que ficavam com elle, e com bom tempo que lhe fez ao primeiro de Fevereiro, chegou a Melinde, onde foi provído de muitos refrescos, que lhe ElRey mandou ás náos. Partido daqui com tenção de queimar hum lugar d'ElRey de Mombaça a rogo d'ElRey de Melinde, aconteceo que passou per elle com as aguas que corriam, e não pode tomar terra, e foi ter a Quiloa por recolher as pareas, que ElRey devia de dous annos, de que se elle escusou por pobreza. Ao qual Lopo Soares não quiz muito apertar, vendo que sobmettía sua pessoa á obediencia do que elle mandasse, mostrando que por seus rogos aquelle anno lhe não queria paga, sómente que a tivesse prestes ao seguinte pera o Capitão que alli viesse. Espedido delle, partio-se a dez de Fevereiro, e em Moçambique se deteve dez, ou onze dias, tomando agua, e lenha, e esperando por corregimento da náo de Antonio de Saldanha que fazia muita agua,

don-

donde mandou diante a Pero de Mendoça, e a Lopo de Abreu, que trouxessem a nova de sua vinda a este Reyno. Os quaes sendo quatorze leguas da aguada de S. Braz, de noite encalhou Pero de Mendoça em terra, e pela manhã Lopo de Abreu o vio estar com o Traquete desferido, e por causa do tempo não lhe pode valer, com que Pero de Mendoça ficou sem se mais saber delle; e parece que elle pagou por toda a frota, porque Lopo de Abreu veio a salvamento a Lisboa nove dias ante Lopo Soares. O qual, partido de Moçambique, posto que no cabo teve hum temporal com que algumas náos se apartáram delle, assi como Antonio de Saldanha, que com o masto quebrado foi ter á Ilha de Sancta Helena, e outros corrêram outras fortunas, per derradeiro se ajuntáram com elle nas Ilhas Terceiras, donde partio pera este Reyno, e entrou no porto de Lisboa a vinte e dous de Julho com treze vélas juntas, e dahi a poucos dias entrou a náo de Setubal, de que era Capitão Diogo Fernandes Peteira, que vinha com boas prezas que fez na costa de Melinde diante de Antonio de Saldanha, e foi invernar á Ilha Çocotora, que novamente descubrio. E por chegar a Cochij, depois que Lopo Soares estava á carga, conveio-lhe tomar a sua per derra-
dei-

deiro de tódos, que causou não vir em sua companhia. Démos esta relação delle, porque depois que se apartou de Antonio de Saldanha não o tinhamos feito, e podia-nos alguem pedir conta delle. Assi que com a Armada de Lopo Soares vieram tres Capitães do anno passado, e foi esta sua viagem huma das mais bem afortunadas que se fez de tão grossa Armada, porque foi, e veio junta em espaço de quatorze mezes, e trouxe mui rica carga, com fazer dous feitos mui honrados, hum dos quaes foi dos melhores, em ser bem commettido, pelejado, e perigoso, que se naquellas partes vio.

# DECADA PRIMEIRA.

## LIVRO VIII.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que fez D. Francisco de Almeida, que o anno de quinhentos e sinco ElRey D. Manuel mandou á India pera lá residir por Capitão geral, o que depois foi intitulado por Viso-Rey della.

---

### CAPITULO I.

*Do modo, que se navegavam as especiarias té virem a estas partes da Europa ante que descubrissemos, e conquistassemos a India per este nosso mar Oceano: e das embaixadas, que os Mouros, e Principes daquellas partes mandáram ao Soldão do Cairo, pedindo-lhe ajuda contra nós.*

Como toda esta nossa Asia vai fundada sobre navegações por causa das Armadas, que ordinariamente em cada hum anno se fazem pera a conquista, e commercio della, e as cousas que pertencem á sua milicia imos relatando, segundo a or-

dem

dem dos tempos; convem pera melhor entendimento da historia darmos huma geral relação do modo que se naquellas partes de Asia navegava a especiaria com todalas outras horientaes riquezas, té virem a esta nossa Europa, ante que abrissemos o caminho, que lhe démos pera este nosso mar Oceano, peró que em o tractado do commercio copiosamente o escrevemos. E tambem he necessario, que quando fallarmos nesta navegação, e commercio da India, não se ha de entender que estas duas cousas estam limitadas em aquellas duas regiões, a que os antigos chamam India dentro do Gange, e India além do Gange; porque as nossas navegações, e conquista daquella parte, a que propriamente chamamos Asia, não se contém sómente na terra firme, que começa em o mar Roxo, onde se ella aparta da Africa, e acaba na oriental plaga, a que ora chamamos a Costa da China; mas ainda comprehendem aquellas tantas mil Ilhas a esta terra de Asia adjacentes, tão grandes em terra, e tantas em numero, que sendo juntas em hum corpo, podiam constituir outra parte do Mundo, maior do que he esta nossa Europa. Por cuja causa em a nossa Geografia, destas, e de outras Ilhas descubertas, fazemos huma quarta parte em que se o Orbe da terra póde dividir, porque

que muitas eſtam diſtantes da coſta, que lhe não pertencem por adjacencia, ou vizinhança. Per todas as quaes partes ao tempo que deſcubrimos a India, aſſi os Gentios, como os Mouros, andavam commutando, e trocando humas mercadorias por outras, ſegundo a natureza diſpoz ſuas ſementes, e frutos, e deo induſtria aos homens em a mecanica de ſuas obras. As que jàziam além da Cidade de Malaca, ſituada na Aurea Cherſonezo, (nome, que os Geografos deram á quella terra,) aſſi como cravo das Ilhas de Maluco, noz, e maça de Banda, ſandalo de Timor, canfora de Borneo, ouro, e prata do Liquio, com todalas riquezas, e eſpecies aromaticas, cheiros, e policias da China, Java, e Sião, e de outras partes, e Ilhas a eſta terra adjacentes, todas no tempo de ſuas monções concorriam áquella riquiſſima Malaca, como a hum emporio, e feira univerſal do Oriente, onde os moradores de eſtoutras partes a ella occidentaes que ſe contém té o eſtreito do mar Roxo, as hiam buſcar a troco das que levavam, fazendo commutação de humas por outras, ſem entre elles haver uſo de moeda. Porque ainda que alli houveſſe muita cópia de ouro de Camatrã, e do Liquio, em que na India ſe ganhava mais que a quarta parte, era tanto maior o ganho das ou-

outras, que ficava o ouro em tão vil eſtimação, que ninguem o queria levar. E como Malaca era hum centro onde concorriam todos os navegantes, que andavam neſta permutação, aſſi os da Cidade de Calecut, ſituada na coſta de Malabar, e os da Cidade de Cambaya, ſituada na enſeada, que tomou o nome della, e os da Cidade de Ormuz poſta na Ilha Geru dentro na garganta do mar Perſico, como os da Cidade Adem, edificada de fóra das portas do mar Roxo, todos com a riqueza deſte commercio tinham feito a eſtas Cidades mui illuſtres, e celebradas feiras. Porque não ſómente traziam a ellas o que navegavam de Malaca, mas ainda os robijs, e lacre de Pegu, a roupa de Bengala, aljofar de Calecaré, diamantes de Narſinga, canela, e robijs de Ceilão, pimenta, e gengivre, e outros mil generos de eſpecies aromaticas, aſſi da coſta Malabar, como de outras partes; onde a natureza depoſitou ſeus theſouros. E as que deſta parte da India ſe adjuntavam em Ormuz, leixando alli a troco de outras as que ſervíram pera as partes da Turquia, e da noſſa Europa, eram navegadas per eſte mar Perſico té a povoação de Batſora, que eſtá nas correntes do rio Eufrates, a qual ora he huma Cidade célebre com o favor que lhe deram os noſſos

Capitães de Ormuz. No qual lugar eram repartidas em caſilas, humas pera Armenia, e Trabiſonda, e Tartaria, que jaz ſobre o mar maior; outras pera as Cidades Halepo, e Damaſco, té chegarem ao porto de Barut, que he no mar mediterraneo, onde as vendiam a Venezeanos, Genovezes, e Catelães, que naquelle tempo eram ſenhores deſte trato. A outra eſpeciaria, que entrava per o mar Roxo, fazendo ſuas eſcalas per os portos delle, chegava ao Toro, ou a Suez, ſituados no ultimo ſeio deſte mar. E daqui em caſilas per caminho de tres dias era levada á Cidade do Cairo, e dahi per o Nilo abaixo a Alexandria, onde as nações, que aſſima diſſemos, a carregavam pera eſtas partes da Chriſtandade, como ainda agora em alguma maneira fazem; e per qualquer deſtes dous eſtreitos, que eſta eſpeciaria entrava nas terras de Arabia, quando vinha á ſahida, era per os portos do eſtado do Soldão do Cairo, cuja Potencia, antes de ſer mettida na Coroa da caſa Othomana dos Turcos, começava no fim do Reyno de Tunez em aquelle Cabo, a que ora os mariantes de Levante chamam Raſauſem, e Ptholomeu Borco Promontorio, e acabava em huma ênſeada chamada per elles o Golfão de Larazza por razão de huma povoação deſte nome que alli eſtá,

a qual,

a qual, ſegundo a ſituação della, parece ſer a Villa a que Ptholomeu chama Serrepolis. Na qual diſtancia de coſta póde haver trezentas e ſeſſenta leguas, que contém em ſi muitos, e mui célebres portos. E per dentro do ſertão ſe eſtendia per o Nilo aſſima á região Thebaida, a que os naturaes ora chamam Çaida, té chegar á antiquiſſima Cidade Ptholomaida, cujo nome ora he Hicína, que ácerca daquelles barbaros quer dizer eſquecimento, e dalli vinha beber ao mar Roxo. Paſſando o qual entrava na terra de Arabia, vindo avizinhar com o Xarife Baracat Senhor da caſa de Méca, atraveſſando os barbaros daquelle deſerto, té dar comſigo em a Cidade chamada Bir, que jaz nas correntes de Eufrates; e tornando fazer outro curſo contra o Occidente, acabava em o golfão de Larazza que diſſemos. No qual circuito de terra ſe comprehendia grão parte da Arabia deſerta, toda a Petrea, Judéa, e muita da Syria com todo Egypto, a que chamam Metſer de Mitſraim, nome per que os Hebreus, e Arabios nomeam a região de Egypto, por eſta Cidade Cairo ſer a cabeça delle, dando o nome do todo á parte. E ao tempo da noſſa entrada na India era Senhor deſte grande eſtado Canaçao, a que alguns dos noſſos chamam Canſor, o qual ſe intitulava

com eſte appellido Algauri, de que ſe elle muito gloriava, por lhe ſer poſto por cauſa de huma grão victoria, que houve de hum Rey da Perſia, junto de huma alagoa chamada Algaor, que faz o rio Eufrates, entre Enz, e Bagadad, donde lhe deram por appellido Algauri. Neſte meſmo tempo reinava em Turquia Selim decimo da geração Othomana, e era Senhor de Méca o Xarife Baracat, entre os Mouros mui celebrado em nome, não tanto por ſeus feitos, quanto por o grande decurſo de tempo que viveo neſte eſtado. E era Senhor de Adem Xeque Hamed, o qual vizinhava com eſtouro Xarife por parte da terra chamada Jazem, que he dentro das portas do eſtreito defronte da Ilha Camarão. E era Rey de Ormuz Ceifadim deſte nome o ſegundo, e do Reyno de Guzarate Machamud o primeiro deſte nome. Aſſi eſtes Reys, e Principes, como os mercadores, per cujas mãos corria o commercio da eſpeciaria, e orientaes riquezas, vendo que com noſſa entrada na India per eſpaço tão breve, como eram ſinco annos, tinhamos tomado poſſe da navegação daquelles mares, e elles perdido o commercio, de que eram Senhores havia tantos tempos, e ſobre tudo eramos huma bofetada na caſa de Méca, pois já começavamos chegar ás portas do mar Ro-

xo,

xo, tolhendo os ſeus romeiros; eram todas eſtas couſas a elles tão grão dor, e triſteza, que naõ ſómente áquelles a que tinhamos offendido, mas a todos em geral era o noſſo nome tão avorrecido, que cada hum em ſeu modo procurava de o deſtruir. E como a gente a que iſſo mais tocava eram os Mouros, que viviam no Reyno de Calecut, ordenáram de enviar huma embaixada ao grão Soldão do Cairo, como a peſſoa, que podia reſiſtir a eſte commum damno, fazendo com o Çamorij Rey da terra, que lhe enviaſſe hum preſente com outra tal embaixada, notificando-lhe os grandes males, e damnos, que de nós tinha recebido por defender os mercadores do Cairo reſidentes na ſua Cidade Calecut; tomando por concluſão de ſeu requerimento, que lhe mandaſſe huma groſſa Armada com gente, e armas pera nos lançar da India, que elle a proveria de dinheiro, e mantimentos como lá foſſe. Com a qual embaixada foi hum Mouro principal chamado Maimame, homem mais dado á religião de ſua ſecta, que ás armas, e foi em huma galé de feição das noſſas ſem appellação, a qual depois acabou em Chaul, como veremos em ſeu lugar. Accreſcentou mais a eſte clamor dos Mouros, e requerimento do Çamorij, outro tal Embaixador do Xeque de Adem, o qual

Em-

Embaixador era Xarife daquellès que dizem vir da linhagem de Mafamede, porque per via de religioso podia provocar mais ao Soldão pera acudir a estes damnos, como defensor da casa de Méca, segundo se elle intitulava; pedindo que com diligencia puzesse neste caso o braço de sua potencia, porque elle por sua parte mandaria tambem ajuda áquelles miseros, que habitavam no Reyno de Calecut, onde nossas armas tinham derramado muito sangue Arabico, em que entráram alguns da linhagem do seu profeta, que per via de martyrio eram havidos por sanctos ácerca dos Arabios.

## CAPITULO II.

*Como o Soldão do Cairo escreveo ao Papa per hum Religioso da Casa de Sancta Catharina de Monte Sinay, aqueixando-se das nossas Armadas da India: e como o Papa mandou o proprio Religioso a este Reyno, e do que lhe respondeo.*

O Soldão, movido com estas embaixadas, e outros clamores dos Mouros do Cairo, que tratavam na India, e principalmente com a grande perda do rendimento da entrada, e sahida das especiarias per seus portos, o qual damno já começava sentir, e lhe chegava mais que as offensas alheias,

co-

começou de se inflammar contra nós, como homem mimoso da prosperidade de seu estado, e que não tinha visto a fortuna delle, que dahi a pouco tempo passou. E posto que nesta indignação de palavras désse aos Embaixadores grande esperança do que sobre este caso per armas havia de fazer, com tudo quiz primeiro usar de huma cautela que dellas, parecendo-lhe que per este modo desistiria ElRey da impreza da India, por ouvir dizer que os Reys de Portugal eram muito zelosos da fé que tinham, e religiosos na observação della. A qual cautéla, de que usou, foi lançar fama, que a sua tenção era destruir o Templo de Jerusalem, e a Casa de Santa Catharina de Monte Sinay, com todas as Reliquias que houvesse na Terra Sancta, e mais não consentir que em seu estado andasse algum Christão destas partes de Europa; e os que residiam no Cairo, Alexandria, Halepo, Damasco, e Barut por razão do commercio, que forçosamente os havia de mandar fazer Mouros, não se sahindo em tantos mezes de todo seu estado, isto em recompensa de dous tão grandes males, como eram feitos aos Mouros, cujo defensor, e protector elle era por ser Emperador, e Calyf da casa de Méca. Hum dos quaes males fazia ElRey D. Fernando de Castella, fazendo Christãos per

per força a todolos Mouros do Reyno de Granada; e o outro, que era muito maior mal, fazia ElRey D. Manuel de Portugal ſeu genro. O qual não contente de mandar ſuas Armadas á India a conquiſtar a terra dos Gentios, mas ainda tolhia a navegação dos mares, e commercio della, que os Mouros tinham acquerido per tantos annos, ſendo o commercio hum uſo commum das gentes, que conciliava amor entre todos ſem ſer defendido, o qual commercio elle Soldão permittia em todo ſeu eſtado, conforme aos coſtumes da terra, a todo genero de peſſoa, ſem ter reſpecto a lei, ou ſecta que tiveſſe. E moſtrando o Soldão querer poer em effecto eſtas ſuas ameaças, teve maneira com que foſſe rogado per hum Fr. Mauro maioral da Caſa de Sancta Catharina de Monte Sinay Heſpanhol de nação, e da prática que teve com o Soldão, reſultou elle Fr. Mauro querer vir ao Papa darlhe conta deſte caſo. Porque, como era Cabeça da Chriſtandade, removeria eſtes dous Principes deſte damno que os Mouros delles recebiam, por ſe não perder a memoria das ſantas Reliquias, que eſtavam naquellas partes, e tão grão numero de Fieis Chriſtãos, como nellas andavam. Pera o qual caſo vir com mais auctoridade, o meſmo Soldão deo huma Carta de crença a eſte

Fr.

Fr. Mauro, leixando as palavras da qual cuja resolução era vir a elle Fr. Mauro com algumas cousas, que faziam a bem da Religião Christã, diremos sómente estas palavras com que se elle intitulou, e assi ao Papa, (segundo vimos em o traslado della, que o proprio Fr. Mauro trouxe a este Reyno.) *O grande Rey, Senhor dos que senhoream, nobre, grande, sabedor, justo, e victorioso, Rey dos Reys, cutelo do Mundo, Principe da Fé de Mahomet, e dos que nelle crem, vivificador da justiça em todo o Mundo, herdeiro de Reynos, Rey da Arabia, de Gemia, da Persia, e Turquia, sombra de Deos nas terras, que sobre todalas boas cousas, ora sejam per elle mandadas, ora não, o qual neste Mundo he outro Alexandre, de quem muitos bens procedem, Rey dos que se assentam em tribunal, e trazem coroa, dador de regiões, terras, e Cidades, perseguidor dos que se rebelam, e dos hereges infieis, conservador dos dous lugares de peregrinos, summo Sacerdote dos templos sagrados, que estam debaixo de seu poder, e contém a Fé de Mahomet, que esparge justiça, e bondade, resplandor da Fé, pai da victoria, Canaçao Algauri, cujo imperio Deos faça perpétuo, e exalte sua cadeira sobre o Planeta Geminis. A ti, Papa Romão Excel-*

*cellentissimo, e espiritual, que tême a Deos, e bem obra, grande na Fé antiga dos Christãos fieis de Jesus, Rey dos Reys Nazarenos, Conservador, e Senhor dos mares, e termos Maritimos, pai dos Patriarcas, e Bispos, Leedor dos Evangelhos, e sabedor na sua Fé, e nas cousas que são, e não são licitas, benigno aos Reys, e Principes, possuidor do Reyno Romão, cuja gloria Deos accrescente.* Chegado Fr. Mauro com esta Carta a Roma, como vinha alembrado das ameaças deste barbaro, e era homem zeloso do bem universal da Igreja, e simples em as malicias dos Principes tyrannos, fez este negocio tão grave ante o Papa Alexandre, que se determinou em Consistorio, que elle mesmo Fr. Mauro viesse a Hespanha com cartas suas, e com traslado da que escreveo o Soldão, pera representar estas cousas a ElRey D. Fernando, e a ElRey D. Manuel, como a auctores da indignação deste tyranno. Da vinda do qual Religioso a Roma ElRey D. Manuel foi logo avisado per pessoas, que lá faziam seus negocios, de que teve muito prazer, sabendo que o Soldão começava já sentir as Armadas, que elle enviava á India, as quaes sem terem feito assento nella, sómente de passagem lhe faziam tanto damno que se queixava delle. E porque este recado lhe veio

veio quasi no fim de Outubro do anno de quatro, e no seguinte tinha ordenado de mandar huma grossa Armada á India, com Capitão geral, que lá residisse, tanto o demovêram estes queixumes do Soldão, que dobrou a Armada que fazia, e com mais diligencia mandou dar despacho ás náos, pera que quando o Padre Fr. Mauro viesse a este Reyno, visse os grandes apparatos da frota, e tivesse tambem que contar do que cá hia, como elle ante o Papa relatava o poder do Soldão. Donde o Papa tomou causa pera desejar que ElRey desistisse da empreza da India, ao menos no modo que se tinha com os Mouros, que lá tratavam, pera que o Soldão não executasse seu furor em aquellas Reliquias da Terra Sancta. Peró chegado a este Reyno o Padre Fr. Mauro em Junho, depois da partida da Armada, ElRey com vivas, e claras razões o tirou dos temores que trazia, declarandolhe, que este impeto de tanta furia que o Soldão mostrava, mais procedia da perda de suas rendas, por causa da entrada, e sahida das especiarias per os portos de seu Estado, que por zelar o bem commum dos Mouros. Porque se isto fora por causa dos damnos, que eram feitos aos de Granada, como elle dizia, já este seu rogo vinha sorodeo, pois havia mais de vinte annos que o ne-

o negocio de Granada era paſſado; quanto mais, que todolos Mouros foram poſtos em ſua liberdade pera ſe ir, ou ficar no Reyno, e já ſobre eſte negocio entre elle, e ElRey D. Fernando houvera recados per Pedro Martyr. E que a meſma razão do intereſſe, que era a principal que o Soldão neſte caſo tinha, eſſa ſegurava a elle Frei Mauro, e a todalas couſas que elle temia; porque o Soldão tinha tanto rendimento da Chriſtandade por razão das Sanctas Reliquias, que havia no ſeu Eſtado, que mais lhe cumpria tellas em veneração, que deſtruillas totalmente; e mais lhe importavam, que quantas eſpeciarias por ſeus portos podiam vir da India. Finalmente com eſtas, e outras palavras, e grandes eſmolas, que ElRey fez ao Padre Fr. Mauro pera a Caſa de Sancta Catharina, elle ficou contente, e eſquecido dos temores que trazia, e per elle reſpondeo ElRey ao Papa. A ſubſtancia da qual Carta era, que leixados os ſantos, e juſtos propoſitos, que ElRey D. Fernando de Caſtella teve na converſão dos Mouros de Granada, com que elle ganhou gloria ácerca de Deos, e dos homens; quanto ao que tocava a elle por razão das couſas da India, ſobre que Sua Santidade lhe eſcrevêra per o Padre Fr. Mauro, Deos era teſtemunha quanto ſentimento elle tinha

por

por não ter mettido o Soldão em tanta neceſſidade com ſuas Armadas, que com mais juſta cauſa ſe pudeſſe queixar dellas. Porém elle eſperava em N. Senhor, em cujo poder eſtava o direito dos barbaros Reynos, pera os dár a quem lhe approuveſſe; que aſſi como lhe approuvera conceder a eſte Reyno de Portugal, mediante o trabalho de ſeus anteceſſores, e ſeu, huma couſa tão nova, e tão pouco eſperada das gentes, como foi o deſcubrimento da India; aſſi lhe concederia entrarem ſuas Armadas dentro no mar Roxo, té irem deſtruir a caſa de abominação de Mafamede, injúria, e opprobrio da Religião Chriſtã. Com a qual obra daria cauſa a que Sua Santidade incitaſſe os Reys, e Principes Chriſtãos occupados em guerra de ſeus proprios membros, a ſe ajuntarem com elle ſua cabeça per amor, e concordia, pois nelle eſtavam unidos per fé, pera que todos moveſſem as azas de ſua potencia contra eſte barbaro, que com ſuas infieis forças tinha tyrannizado o Santuario da noſſa Redempção. Porque de crer era, e mui facil na eſtimação daquelles, que bem ſentiam poder-ſe iſto eſperar, e fazer, pois Sua Santidade via quão cheio de temor já eſtava eſte tyranno com ſaber que ſuas Armadas andavam na India, bem remota do Cairo, e iſto por não ſer coſtumado haver

em

em ſeus portos armas d'algum Principe Catholico movidas contra elle. E ſe iſto elle já temia, que ſe podia eſperar delle quando viſſe deſembarcar em ſeus portos os exercitos da potencia de tantos Principes, como havia na Europa, e a gente Portuguez mui coſtumada a guerra deſtes infieis, poer as eſcadas nos muros de Judá, porta per onde elle eſperava em Deos que eſtes ſeus vaſſallos entraſſem na caſa da abominação, e nella levantaſſem Altar pera offerecer oblação accepta a Deos. Na execução da qual obra, elle como obediente Filho da Igreja, e zelador de ſua gloria, promettia a ſua Santidade trabalhar quanto nelle foſſe, pera que com mais juſta cauſa eſte infiel ſe pudeſſe queixar de ſuas Armadas. Porque pois prouvéra a noſſo Senhor que eſte Reyno de Portugal toda a ſua herança ſe havia de conquiſtar das mãos dos infieis, e na conquiſta de Africa, por haver benção de ſeus avós, ſempre contra elles trazia ſeus exercitos; elle eſperava per os mares patentes da Gentilidade da India, e depois per as portas do eſtreito do mar Roxo, donde ſahio eſta peſte de gente, enviar tantas Armadas, té que á força de ferro déſſe novo patrimonio á Igreja Romana naquellas partes Orientaes. E a bandeira Real da milicia de Chriſto herdeira deſtes taes triunfos, de que elle

era

era Governador, e perpétuo Adminiſtrador; foſſe dos Gentios, e Mouros temida, e adorada pera gloria, e louvor da Sancta Igreja. Pelos meritos da qual elle eſperava neſta vida não ſer tido por ſervo ſem proveito, e que eſconde o talento de ſua poſſibilidade, pera na outra lhe ſer dado o jornal Divino do Senhor.

## CAPITULO III.

*Como neſte anno de quinhentos e ſinco mandou ElRey huma groſſa Armada á India, de que foi por Capitão mór D. Franciſco de Almeida, que depois foi intitulado por Viſo-Rey della.*

ANte que ElRey ſoubeſſe da vinda deſte Fr. Mauro, por cuja cauſa eſcreveo ao Papa na fórma atrás, teve alguns conſelhos, cujo fundamendo era ver, que per o decurſo das quatro Armadas paſſadas que foram á India, não convinha irem, e virem ſem lá ficar quem aſſiſtiſſe a duas couſas, que o deſcubrimento della tinha dado: Huma era a guerra com os Mouros, e a outra o commercio com os Gentios. E porque as náos que hiam, e tornavam logo com carga, não podiam juntamente fazer eſtas duas couſas por o tempo ſer mui breve, e ſobre iſſo ficava com a vinda dellas

a coſ-

a coſta do Malabar deſamparada, com que os Mouros tornavam a ſer ſenhores della, e favorecidos das Armadas do Çamorij, fariam damno aos Reys de Cochij, Cananor, e a todolos outros noſſos amigos, e alliados: Pera reſiſtir a eſte tão certo perigo, e prover a outras couſas tão importantes, que a experiencia do negocio tinha moſtrado, pera que era neceſſario fazerem-ſe fortalezas, onde as náos deſſem, e tomaſſem carga; ordenou ElRey de mandar náos, que foſſem pera tornarem com a carga da eſpeciaria no anno ſeguinte, e outras vélas de menos toneladas, com alguns navios pequenos pera lá ficarem de Armada, e por Capitão mór deſta governança a Triſtão da Cunha, filho de Nuno da Cunha. O qual, eſtando de todo preſtes, teve hum accidente de vágado, com que perdeo a viſta, de maneira, que eſteve muito tempo ſem a cobrar, e foi no ſeguinte anno de quinhentos e ſeis, como veremos. Ficando a frota por eſte ſubito caſo ſem Capitão, ſendo tão ácerca da partida, mandou ElRey chamar a D. Franciſco de Almeida, filho do Conde de Abrantes D. Lopo d'Almeida, o qual a eſte tempo eſtava em Coimbra com o Biſpo della D. Jorge ſeu irmão, e com palavras da confiança que delle tinha, lhe entregou a frota, a qual eſtando preſtes de to-

do,

do, hum Domingo ante de ſua partida, foi ElRey ouvir Miſſa á Sé, (por a eſte tempo eſtar em Lisboa,) onde com grande ſolemnidade, e palavras conformes ao acto, lhe entregou a bandeira Real; e eſpedido dalli com os Capitães, e Fidalgos da Armada, foi levado per todólos Senhores, e Nobreza da Corte com grande pompa té ſe embarcarem no caes da ribeira; a qual embarcação foi a mais ſolemne que té então neſte Reyno ſe fez, não ſendo de peſſoa Real, porque aſſi pela nobreza de D. Franciſco d'Almeida, e Fidalguia, que com elle embarcára, como pelo cargo, e dignidade de Viſo-Rey, (no modo que adiante veremos,) que foi o primeiro Titulo deſta qualidade, que neſtes Reynos ſe deo, concorrêram aſſi da parte delle, como dos que o acompanhavam, todalas couſas em accreſcentamento, e louvor de honra ſua naquella partida, que foi a vinte e ſinco de Março do anno de quinhentos e ſinco, dia ſolemne por cahir nelle a Feſta de N. Senhora da Encarnação. Em a qual frota, além da gente ordenada pera a navegação das náos, iriam té mil e quinhentos homens de armas, todos gente limpa, em que entravam muitos Fidalgos, e moradores da Caſa d'El-Rey, os quaes hiam ordenados pera ficar na India; e per regimento, que ElRey então

tão fez, eram obrigados ſervir lá tres annos contínuos. Eſta limitação de tempo tinham todalas Capitanias, e quaeſquer outros cargos, e officios, o qual termo de tempo ainda hoje ſe guarda; e o ſoldo que então geralmente ſe aſſentou aos homens de armas, eram oitocentos reaes por mez, e depois que chegaſſem á India, tinham mais quatrocentos de mantimento o tempo que eſtavam em terra, porque quando andavam nas Armadas comiam á cuſta d'ElRey. E além deſte ſoldo, tinham mais dous quintaes e meio de pimenta ao partido do meio em cada hum anno, a qual podiam carregar em as náos que vieſſem pera eſte Reyno, que lhe podia importar ſinco mil reaes; e a gente do mar, Capitães, Alcaides móres, Feitores, Eſcrivães, e todo outro Official a eſte reſpeito tinham ſuas quintaladas ſegundo a qualidade de ſeu officio. E porque eſte foi o primeiro aſſento que ElRey tomou no ſoldo que os homens haviam de vencer naquellas partes, como couſa nova, de paſſada fizemos eſta declaração, poſto que ao preſente he tudo mudado, porque o tempo accreſcentou, e diminuio ſegundo a diſpoſição delle. As quaes vélas deſta frota eram per todas vinte e duas, das quaes doze hiam pera logo no anno ſeguinte tornar com carga de eſpeciaria, por ſe-

rem

rem de muito porte, de que eſtes eram os Capitães: D. Franciſco d'Almeida Capitão mór, Ruy Freire filho de Nuno Fernandes Freire, Fernão Soares filho de Gil de Carvalho, Vaſco Gomes de Abreu filho de Antão Gomes de Abreu, Baſtião de Souſa filho de Ruy de Abreu de Elvas, Pero Ferreira Fogaça filho de Fernão Fogaça, João da Nova, Antão Gonçalves Alcaide de Cezimbra, Diogo Correa filho de Fr. Payo Correa, Lopo de Deos Capitão, e Piloto João Serrão. E os Capitães que lá haviam de ficar de Armada, eram: D. Fernando Deça de Campo maior filho de D. Fernando Deça, Bermum Dias hum Fidalgo Caſtelhano, Lopo Sanches, Gonçalo de Paiva, Lucas d'Affonſeca, Lopo Chanoca, Jam Homem, Gonçalo Vaz de Bóes, Antão Vaz. E além das vélas, em que hiam eſtes Capitães, eſtavam tambem outras ſeis preſtes; e pelo que adiante diremos, ficáram té dezoito de Maio, que partíram em companhia de Pero da Nhaya, que foi pera fazer a fortaleza da Çofala, onde havia de ſer Capitão. Partida eſta frota d'ante N. Senhora de Bethlem, com bom tempo que lhe fez, a ſeis de Abril chegou ao Cabo Verde, onde chamam o porto Dale, em o qual eſtava fazendo reſgate de eſcravos huma caravela deſte Reyno; per o meio da qual, em

quanto a frota fazia aguada, foi avisado o Rey da terra, que com desejo de ver tão grande cousa, veio com suas mulheres, e filhos a se pôr em huma aldea á vista da nossa frota. D. Francisco, sabendo a causa da sua vinda, o mandou visitar per João da Nova, em cuja companhia foram algumas pessoas nobres com licença por verem o estado daquelle barbaro Principe, aos quaes elle a seu modo fez muita honra, mandando-lhe matar algumas vacas, que trouxeram pera seu refresco, e outras que enviou ao Capitão mór em retorno do que lhe levou João da Nova. E porque algumas das náos foram ancorar em huma angra pequena chamada Bezeguiche, que ficava mais assima contra o cabo, e o tempo não lhes servia pera virem ao lugar onde estava Dom Francisco, estiveram humas em huma parte, e outras fazendo suas aguadas té que o tempo ajuntou toda a frota. D. Francisco, porque algumas náos della não eram companheiras na véla, e faziam perder caminho ás outras, per conselho dos Capitães, e Pilotos repartíram a frota em duas partes, huma das náos veleiras tomou pera si, e outra deo a Bastião de Sousa Capitão da náo Concepção, dando-lhe regimento do caminho que havia de fazer. Partido com esta ordenança daquelle porto a vinte e sinco

dias

dias, de Abril, ante que chegasse á linha obra de quarenta leguas, a quatro de Maio abrio a náo Bella Capitão Pero Ferreira huma agua tão grossa, que não a podendo tomar, nem vencer, se foi ao fundo, em tempo que o Capitão mór lhe mandou acudir com todolos bateis de maneira, que além da gente se salvou grão parte da fazenda, que hia sobre cuberta, o que se repartio pelas outras náos. Tornando a seu caminho, posto que não foi com grandes temporaes, os Pilotos, por segurar dobrarem o cabo, mettêram-se em tanta altura contra o Sul, que em os navios pequenos não podiam os homens trabalhar com frio, e dalli vieram descahindo mettendo-se no quente, té que a dezoito de Julho chegáram á terra que jaz entre as Ilhas primeiras de Moçambique. E porque em Quiloa, e Mombaça tinha que fazer, espedio dalli Gonçalo de Paiva, e Bermum Dias, que fossem a Moçambique saber se ficáram alli algumas cartas da frota de Lopo Soáres; e tambem se eram chegadas as náos da Capitanía de Bastião de Sousa, e duas que lhe faleciam de sua conserva; e sabido isto, se fossem caminho de Quiloa onde os esperava. Espedidos estes dous navios a vinte e dous de Julho, dia da Magdalena, surgio em Quiloa com oito vélas que o seguiam, onde logo foi visi-

ſitado da parte d'ElRey per hum Mouro honrado per nome Cyde Mahamed, aſſi de palavra, como com fruta da terra. D. Franciſco, depois que o mandou contentar com huma marlota de cores, e lhe deo os agradecimentos da viſitação, mandou dizer a ElRey, que ſe eſpantava muito delle na chegada daquella frota d'ElRey ſeu Senhor, que por honra delle, e da ſua Cidade tirava tanta artilheria, não reſponder elle com algum ſinal de cortezia, ao menos mandando arvorar huma bandeira de ſuas armas, que lhe foi dada pelo Almirante em ſinal de paz. Cyde Mahamed confuſo com o recado, não ouſou reſponder, ſómente que logo traria a reſpoſta, a qual foi, que dizia ElRey, que muito mais deſcontente eſtava elle de hum Capitão d'ElRey de Portugal, que lhe tomou huma náo que vinha de Çofala, onde elle mandára aquella bandeira, do que elle podia eſtar pela não ter arvorada, e que eſta fora a cauſa de o não ter feito. D. Franciſco parecendo-lhe ſer iſto aſſi, ficou mui deſcontente, e mandou a elle João da Nova, aſſi pera concertar que ſe viſſem ambos, como pera ſaber particularmente deſte Capitão de que ſe ElRey queixava, com o qual foi por lingua hum Veneziano chamado Miſer Bonadjuto de Albão, o qual trouxe a eſte Reyno Affonſo
de

de Albuquerque pelo achar em Cananor. E ſegundo elle dizia, havia vinte e dous annos que ſe paſſára do Cairo áquellas partes em companhia de hum Embaixador que alli eſtava, ſendo Conſul da Senhoria de Veneza em Alexandria Miſer Franciſco Marcello; e quando veio com Affonſo de Albuquerque, trouxe por mulher huma Jauha, de que tinha filhos, ao qual ElRey, por elle ſer homem eſperto, e que ſabia as linguas, e mais os negocios daquellas partes, o mandou com D. Franciſco com bom ordenado, e ſervia de lingua. E a ſubſtancia do recado, que João da Nova levou, de que elle era interprete, foi ſer grave couſa pera elle D. Franciſco crer, que Capitão d'ElRey ſeu Senhor havia de ter tão pouco acatamento a huma bandeira ſua; porque os Portuguezes eram tão obedientes áquelle ſinal, que em o vendo o adoravam, quanto mais fazer o que elle dizia. E porque ao preſente ſe não podia fazer mais, lhe ordenaſſe como ſe viſſem, porque tinha algumas couſas que praticar com elle, que cumpriam a ſeu bem, e a ſerviço d'ElRey ſeu Senhor; e quanto o que tocava ao caſtigo daquelle Capitão que dizia, tiveſſe por certo, que ſabida a verdade, ElRey ſeu Senhor o mandaria muito bem caſtigar, e a ſua não lhe ſería reſtituida com tudo o que levava.

Par-

Partido João da Nova, tornou com reſpoſta, que ElRey era contente de ſe verem ao ſeguinte dia, e o modo ſería vir elle Capitão mór em ſeu batel defronte dos paços com alguns Capitães, e gente que elle eſcolheſſe em acto pacífico por não cauſar temor nos da terra, e que elle tambem em habito de paz viria com alguns eſcolhidos de ſua caſa a ſe metter em hum zambuco diante das caſas, onde ſe ambos veriam. Concertadas todas eſtas viſtas, mandou o Capitão mór que todolos Capitães, e alguns Fidalgos em ſeus bateis vieſſem pela manhã a bordo da ſua náo, e o trajo foſſe de paz com cautela, que ao longo das toſtes dos bateis vieſſem algumas lanças, e tiros pera tirarem em modo de feſta, e ſecretamente ſuas ſaias de malha, porque as cautelas que eſte Mouro tinha, dava a entender não eſtar mui fiel. Ao dia ſeguinte, entrando Dom Franciſco em hum batel debaixo de hum toldo de eſcarlata, e ſeda, com muitas bandeiras de ſua diviſa, partio rodeado de bateis de toda aquella Fidalguia, com grande eſtrondo de trombetas, e de artilheria, que ao tempo de ſua partida começou a fuzilar per toda a frota. E em partindo da náo, eſpedio a João da Nova que levaſſe recado a ElRey como elle hia, o qual não chegou lá, por que na praia achou hum recado d'El-

d'ElRey, que tornasse dizer ao Capitão mór que se detivesse hum pouco; porque os seus não eram ainda juntos. Tornando João da Nova apressar ElRey com outro recado, por haver pedaço que D. Francisco se detinha já junto das casas, foi-lhe respondido que dissesse ao Capitão mór da parte d'ElRey que lhe perdoasse, dando algumas falsas desculpas; huma das quaes era, que em se alevantando pera vir a elle atravessára hum gato negro, notavel agouro entre elles pera naquelle dia ambos não poderem fazer cousa que duravel fosse. E porque elle desejava que as suas fossem perpétuas, lhe pedia que lhe perdoasse por então, e que ficasse aquella vista pera o seguinte dia. Quando D. Francisco vio que todo seu apparato acabava naquelle agouro d'ElRey, sorrindo-se, converteo o odio desta malicia d'ElRey nestas palavras, dizendo aos Capitães: *Senhores, e amigos, a mim me parece que mais agourado ha de achar quem taes recados manda o dia de amanhã, que o de hoje. Tornemo-nos embora, e venhamos a visitallo com as naturaes louçainhas, e que melhor estam aos Portuguezes, que estas cores que trazemos; porque como sabeis, Mouros não ao nosso ouro, mas ao nosso ferro sempre fizeram maior honra.* Ao que João da Nova respondeo: *Parece-me, Senhor,*

*nhor, que esse ha de ser o fim de nossos concertos com este Mouro, porque Mahamed Enconij nosso grande amigo se veio a mim por me fallar como homem meu conhecido, e não ousou de se apartar comigo por trazerem os Mouros olho nelle.* Sómente em se espedindo meu furtado disse: *Dizei ao Senhor Capitão mór que não se engane com ElRey, porque não se ha de ver com elle, e que se lembre de mim.* D. Francisco entendendo a tenção d'ElRey, polo aperceber pera o seguinte dia, mandou a João da Nova que tornasse á praia, e dissesse aos Mouros que lhes deram o recado d'ElRey, que lhes fossem dizer da sua parte que elle se tornava pera as náos, e ao outro dia pela manhã se havia de ver com elle; e quando não fosse naquelle lugar que tinha ordenado, elle o iria buscar dentro ás suas casas, se houvesse por trabalho de o vir esperar ao mar. Dado este recado, tornou-se João da Nova sem esperar resposta, por lho mandar D. Francisco, o qual assi como hia com todolos Capitães, se foi á sua náo, onde teve com elles conselho sobre aquelle feito, resumido não sómente o que passára per ante elles, mas ainda quanto aquelle barbaro tinha feito a Pedralvares, e a João da Nova que era presente, tudo como homem cauteloso, e que no seu peito estava maior

ma-

malicia do que era a fé de ſuas palavras. E mais, que depois que o Almirante Dom Vaſco da Gama per alli paſſou, nunca mais quizera pagar as pareas que devia, poſto que elle diſſeſſe ſerem mais em modo de reſgate de ſua peſſoa por o Almirante o reter no batel, onde ſe vio com elle, que pareas de propria vontade; e que ſer elle cioſo de ſua peſſoa, couſa era natural dos homens, mas iſto havia de ſer per modo mais honeſto, e não tão público deſprezo da mageſtade daquella Armada d'ElRey ſeu Senhor, do qual trazia mandado que ſe determinaſſe em os negocios que tiveſſe com os Principes daquellas partes, em paz, ou em guerra deſcuberta, trabalhando mais na primeira, que na ſegunda, e eſta lhe encommendava por preceito; e a guerra por neceſſidade, e que em nenhuma maneira ſe partiſſe dalli ſem tomar alguma concluſão com elle pera fazer huma fortaleza, por importar muito á navegação da India, e ſegurança daquella coſta. Acabando D. Franciſco de propôr eſtas, e outras razões, todos concorrêram neſte voto, que ao ſeguinte dia ſahiſſem em terra com mão armada, porque eſta era a que havia de pôr as leis áquelle Mouro, e não a corteſia que com elle queria uſar. Aſſentada eſta ſahida em terra, ordenou logo D. Franciſco que a gente ſe faria em dous

dous corpos, elle iria commetter a força da Cidade em hum, e seu filho D. Lourenço com outro ás casas d'ElRey; que estavam no cabo della, repartindo logo quaes Capitães haviam de ser com cada hum delles, e o tempo da sahida das náos sería ante manhã, quando elle mandasse tanger huma trombeta. E porque N. Senhor lhe deo victoria, com que conveio fazer aqui huma fortaleza que ElRey mandava, e nosso costumé em toda esta historia será descrever sempre o sitio da terra, onde fundaremos alguma, e daremos as causas disso, pois esta he a primeira de pedra, e cal que nestas partes fundamos, primeiro que entremos ao combate da Cidade, convem darmos huma universal descripção desta parte de Africa, pois té ora o não temos feito, principalmente desta costa, e sitio da Cidade.

## CAPITULO IV.

*Em que se descreve a parte da costa de Africa, em que está situada a Cidade Quiloa, á qual terra os Arabios propriamente chamam Zanguebar, e Ptholomeu Ethiopia sobre Egypto.*

EM a parte da terra de Africa sobre a Ethiopia, o que Ptholomeu chama interior, onde está a região Agisymba, que

he

he a mais auſtral terra de que elle teve noticia, e onde faz a ſua meridional computação, jaz outra terra, que em ſeu tempo não era nota, e ao preſente mui ſabido o maritimo della, depois que deſcubrimos a India per eſte noſſo mar Oceano. O principio da qual, começando na Oriental parte della, he o Praſſo promontorio, que elle Ptholomeu ſituou em quinze gráos contra o Sul, e em tantos eſtá per nós verificado; ao qual os naturaes da terra chamam Moçambique, onde ora temos huma fortaleza, que ſerve de eſcala das noſſas náos neſta navegação da India. E o fim occidental deſta terra a Ptholomeu incognita, acaba em altura de ſinco gráos da parte do Sul, que ſe communica com os Ethiopias, a que elle chama Heſperios per nome commum, que são os póvos Pangelungos ſubditos ao noſſo Rey de Congo, entre os quaes dous termos Oriental, e Occidental fica o grande, e illuſtre Cabo de Boa Eſperança, tantos mil annos não conhecido do Mundo; e como eſta de que tratamos he grande, e os barbaros que nella habitam são muitos differentes em lingua, não ha entre elles nome proprio della. Sómente os Arabios, e Parſios, como gente que tem policia de letras, e são vizinhos della, em ſuas eſcrituras lhe chamam Zanguebar, e aos morado-

res

res della Zanguij, e per outro nome commum tambem chamam Cafres, que quer dizer gente ſem lei, nome que elles dam a todo Gentio idólatra, o qual nome de Cafres he já ácerca de nós mui recebido polos muitos eſcravos que temos deſta gente. E porque em a noſſa Geografia particularmente fazemos relação deſta terra Zanguebar, aqui como de paſſada daremos alguma noticia della por as cauſas que no precedente Capitulo apontámos. E começando no promontorio Aromata, a que ora chamamos Cabo de Guardafu, que he a mais Oriental parte de toda Africa, ſituada per Ptholomeu em ſinco gráos, e per nós em doze até Moçambique, que ſerão per coſta obra de quinhentas e ſincoenta leguas, faz eſta terra huma maneira de enſeada não tão curva, e penetrante como Ptholomeu a figura em ſua taboa, mas quaſi á feição de huma coſta de oſſo de animal quadrupe. E o ſegundo curſo maritimo, que elle não ſoube, o qual começa no Cabo de Moçambique, e acaba em o das correntes, que ſerá per coſta té cento e ſetenta leguas, fica ella hum pouco mais encurvada com hum anco que faz o cabo das correntes logo na volta delle, quando vam de cá do Ponente. Do qual cabo vindo pera o de Boa Eſperança, em que haverá per coſta trezentas

e qua-

e quarenta leguas, vai a terra fazendo hum lombo, de maneira que fica o Cabo das correntes em vinte e quatro gráos da banda do Sul, e o de Boa Eſperança em trinta e quatro e meio; e deſte illuſtre Cabo té á terra dos Pangelungos do Reyno de Congo vai-ſe a coſta encolhendo, e bojando, peró que a grandeza della faz parecer que ſe eſtende direita ao Norte. A figura da ponta deſte grande Cabo de Boa Eſperança ſe aparta do corpo da outra terra, como que a eſcacháram do cabo das agulhas, que diſta delle contra o Oriente per eſpaço de vinte e ſinco leguas, da maneira que podemos apartar o dedo pollegar da mão eſquerda dos outros dedos della, virando a palma pera baixo. E per eſte modo fica elle apartado contra o Ponente do grande corpo da outra terra, e rombo em ſua ponta á ſemelhaça do dedo; e quaſi na junta, que he no meio delle, eſtá huma terra ſoberba ſobre a outra, que no ſima faz huma planura de terra raſa gracioſa em viſta, e freſca com mentraſtos, e outras hervas de Heſpanha, á qual os noſſos chamam a Meza do Cabo. E olhando della contra o Ponente, fica huma angra per elles chamada da Concepção; e no eſpaço que ſe mette entre elle, e a outra terra, que jaz pera Oriente, que vai fazer o cabo das agulhas, eſtá huma angra mui

eſ-

eſtreita, a que mais propriamente poderemos chamar Furna, aſſi penetrante pela terra, cortando direita ao longo do cabo, que do roſto delle té o fim della haverá dez leguas. No ſeio da qual Furna, onde ellas acabam, ſe levanta huma ſerrania de viva pedra com grandes, e aſperos picos, que pedem ás nuvens com ſua altura; e por cauſa delles os noſſos chamam áquelle lugar os Picos fragoſos, pelo pé dos quaes rompe com muita furia hum rio de grandiſſima agua, que naſce no interior daquelle ſertão, de que ao preſente não temos noticia. E tornando á particular deſcripção da terra Zanguebar, que faz a noſſo propoſito, por razão dos feitos, que na ſua coſta os noſſos fizeram, eſta começa em hum dos mais notaveis rios, que da terra de Africa vertem no grande Oceano contra o meio dia, ao qual Ptholomeu chama Rapto, poſto que a ſua graduação he mui differente do que ora ſabemos. Cá elle o põe em ſeis gráos de largura da parte do Sul, e nós em nove da parte do Norte, o qual naſce em a terra do Rey dos Abexijs, a que chamamos Preſte João, em as ſerras a que elles chamam Graro, e ao rio Obij, e onde ſahe ao mar Quilmance pelos Mouros que o vizinham, por cauſa de huma povoação aſſi chamada, que eſtá em huma das principaes bo-

bocas delle junto do Reyno de Melinde. Deste rio, indo contra o Cabo de Guardafu; e dahi voltando té as portas do estreito, e dellas lançando huma linha ás fontes delle, fica huma terra, a que os Arabios propriamente chamam Ajan, a qual quasi toda he povoada delles, posto que em muita parte contra o meio dia no interior da terra habitem Negros idólatras. E das correntes deste Quilmance contra o Ponente té o Cabo das correntes, que os Mouros daquella costa navegam, toda aquella terra, e a mais occidental contra o Cabo de Boa Esperança, (como dissemos,) os Arabios, e Parseos que a vizinham, lhe chamam Zanguebar, e aos moradores Zanguij. Toda esta costa, começando do rio Quilmance té o Cabo das correntes geralmente, he baixa, alagadiça, e mui cuberta de hum arvoredo parrado á maneira de balsas, que dam pouca serventia por baixo. E assi com a espessura delle, como com os rios, e estreitos, que a retalham em Ilhas, e restingas, que occupam o maritimo della, faz ser mui doentia; de maneira, que podemos dizer ser outro Guiné em ares corruptos, e todalas outras cousas que dá, e gera; porque a gente he negra, de cabello retorcido, idólatra, e tão crente em agouros, e feitiços, que no maior fervor de qualquer negocio desistem delle,
 se

ſe lhe alguma couſa entolha. Os animaes, aves, frutas, e ſementes tudo reſponde á barbaria da gente em ſerem féras, e agreſtes; poſto que de Magadaxo contra o cabo Guardafu, ainda que ſeja de mais creação de gado por ſer de poucos mantimentos, e prove delle, deſta ſe mantem geralmente os Mouros que habitam o maritimo, e aſſi os das Ilhas adjacentes a ella: todo o mantimento que comem, o agricultado fazem á enxada, e o mais he fruta agreſte, e carne montez, immundicias, leite de alguma creação que tem, principalmente os Mouros, a que elles chamam Baduijs, que andam no interior da terra, e tem alguma communicação com os Cafres, que ácerca dos que habitam as Cidades, e povoações politicas são havidos por barbaros. E parece que a Natureza próvida em todalas couſas não quer deſamparar alguma parte da terra em tanta maneira, que nella não haja algum fruto eſtimado na opinião dos homens; porque naquella aſpera, e eſteril terra pera habitação de gente politica, produzio o mais precioſo de todolos metaes, e logo lhe deo povo paciente daquella aſpereza, e dado a buſca delle, e a nós cubiça pera per tantos perigos de mar, e da terra os irmos convidar com noſſas obras mecanicas, pera ſupprirem ſuas neceſſidades a troco deſte ou-

ro

ro tão conquiſtado; ao cheiro do qual, (por a terra de Arabia ſer a elles mui vizinha,) os primeiros póvos eſtrangeiros, que a eſta terra Zanguebar vieram habitar, foram de huma gente dos Arabios deſterrada, depois que recebêram a ſecta de Mahamed. A qual, ſegundo ſoubemos, per huma Chronica dos Reys de Quiloa, de que adiante fazemos menção, elles lhe chamam Emozaydij; e a cauſa deſte deſterro foi por ſeguirem a doctrina de hum Mouro chamado Zaide, que foi neto de Hocem filho de Ale o ſobrinho de Mahamed, caſado com ſua filha Axa. O qual Zaide teve algumas opiniões contra o ſeu Alcorão, e a todolos que ſeguíram a ſua doctrina os Mouros lhe chamáram Emozaydij, que quer dizer ſubditos de Zaide, e os tem por hereticos: e peró que eſtes foram os primeiros, que de fóra vieram habitar aquella terra, não fundáram notaveis povoações, ſómente ſe recolhêram em partes onde pudeſſem viver ſeguros dos Cafres. E deſta ſua entrada, como huma peſte lenta, foram lavrando ao longo da coſta, tomando novas povoações, té que alli vieram ter tres náos com grão numero de Arabios em companhia de ſete irmãos, os quaes eram de huma cabilda vizinha á Cidade Laçah, que eſtá obra de quarenta leguas da Ilha Baharem, que eſtá dentro no

mar Persico mui pegada á terra de Arabia no interior delle. A causa da vinda delles foi serem mui perseguidos do Rey de Laçah; e a primeira povoação que fizeram nesta terra de Ajan, foi a Cidade Magadaxo, e depois Brava, que ainda hoje se rege por doze cabeceiras á maneira de República, as quaes procedem destes irmãos. E veio pervalecer esta Cidade Magadaxo em tanto poder, e estado, que depois se fez senhora, e cabeça de todolos Mouros desta costa; porém como os primeiros que vieram a ella chamados Emozaydij tinham differentes opiniões dos Arabios ácerca de sua secta, não se quizeram sobmetter a elles, e recolhêramse dentro pelo sertão, ajuntando-se com os Cafres per casamentos, e costumes, de maneira que ficáram misticos em todalas cousas. Estes são aquelles, a que os Mouros, que vivem ao longo do mar, chamam Baduijs, nome commum, como cá entre nós chamamos Alarves á gente campestre. A primeira nação de gente estrangeira, que per via de navegação teve o commercio da Mina de Çofala, foi desta Cidade Magadaxo; não que elles fossem descubrir esta costa, mas per acerto de huma náo daquella Cidade, que com temporal, e força das correntes alli veio ter. E posto que ao diante tiveram mais noticia de toda a terra vizinha

da-

daquelle resgate, nunca ousáram passar ao cabo das correntes; porque como a Ilha de S. Lourenço, que jaz ao Sul desta costa Zanguebar, corre com seu comprimento quasi ao longo della per espaço de duzentas leguas, e no meio da parte de dentro lança de si hum cotovelo, que responde ao outro, que faz o cabo de Moçambique, os quaes parece que querem fechar aquella passagem, que será de largura obra de sessenta leguas occupadas com Ilhas restingas, e baixos, fica este transito em respecto do outro mar, que jaz entre estas duas terras, tão apertado, e estreito com seus canaes, que em seu modo lhe podemos chamar outro Sylla, e Caribdis. Cá são aqui as correntes tão grandes, que em breve apanham huma náo, e sem vento, e sem véla a levam a parte, em que corre os perigos, de que os nossos navegantes são boa testemunha. Da qual causa chamáram Cabo das correntes áquella ponta, que faz a terra firme opposta ao fim Occidental da Ilha S. Lourenço, porque neste termo se espedem as aguas mui furiosas, e correm mui livres per largo campo de mar, como quem sahe do carcere de antre estas duas terras: De maneira, que não sómente acham os mareantes nesta passagem differença no curso das aguas, mas ainda novos tempos de monção pera a parte

te de Levante, e Ponente: cá todolos ventos se apanham no estreito dentre estas duas terras. E como os Mouros desta costa Zanguebar navegam em náos, e zambucos cosEitos com cairo, sem serem pregadiças ao modo das nossas, pera poderem soffrer o impeto dos mares frios da terra do Cabo de Boa Esperança, e isto ainda com monções, e temporaes feitos, e mais tem já experiencia em algumas náos perdidas, que esgarráram contra esta parte do grande Oceano Occidental, não ousáram commetter este descubrimento da terra, que jaz ao Ponente do Cabo das correntes, posto que muito o desejassem, como elles confessam, principalmente os da Cidade Quiloa, que foi a maior descubridora de todalas Cidades daquella costa, porque della se povoou grande parte da terra firme, e das Ilhas adjacentes, e alguns portos da Ilha S. Lourenço, por ella estar situada quasi no meio desta côsta, ante a Cidade Magadaxo, e o Cabo das correntes. De maneira, que abaixo, e assima não lhe ficou cousa por correr, té se fazer senhora de Mombaça, Melinde, e das Ilhas de Pemba, Zanzibar, Monfia, Comoro, e d'outras muitas povoações, que sahíram della pela potencia, e riqueza que teve, depois que se fez senhora da mina de Çofala, tendo quasi tudo perdido ao tempo
que

que nós déscubrimos a India, com devisões que houve per morte d'alguns Reys della, de que adiante faremos menção. O ſitio deſta Cidade Quiloa he em huma terra, a qual ainda que ſeja da coſta da terra firme Zanguebar, o mar a foi torneando com hum eſtreito, que a fez ficar em Ilha. Ella em ſi he mui fertil de palmeiras com todalas arvores de eſpinho, e hortaliças que temos em Heſpanha: e alguma criação de gado grande, e miudo, com muitas gallinhas, pombas, rolas, e outro genero de aves eſtranhas a nós. O geral mantimento he milho, arroz, e outras ſementes de raiz agricultadas, com muitas frutas agreſtes, de que a gente pobre ſe mantem. As aguas della são de poços, e não mui ſadias por a terra ſer alagadiça, e a Cidade eſtar ſituada ao longo da ribeira que faz o eſtreito, na frontaria da qual elle ſe eſpraiou em maneira de baia. A maior parte das caſas são de pedra, e cal com ſeus eirados per ſima, e nas coſtas quintaes plantados de arvores de eſpinho, e palmeiras, aſſi pera freſquidão, e deleitação da viſta, como pera uſo do fruto que dam. E de quão largos eſtes quintaes são, tão eſtreitas as ruas, por aſſi acoſtumarem os Mouros por ſe melhor defender, cá tem algumas tão eſtreitas por ſima, que dos eirados podem ſaltar de hum em ou-

outro. A huma parte da qual Cidade tinha ElRey ſuas caſas feitas á maneira de fortaleza , com torres , cubelos, e todo outro modo de defensão, com porta pera ſerventia do mar , que vinha dar em hum caes, e outra grande á ilharga da fortaleza, que fazia roſto contra a Cidade pera ſerventia della, diante da qual ſe fazia hum grão terreiro, onde eſtava a varação de náos, e no roſto della era o pouſo que as noſſas tinham tomado. Das quaes aſſi por apolicia das caſas, eirados, e alcorões, como com as palmeiras , e arvoredos dos quintaes, parecia a Cidade mui formoſa , dando aos noſſos grande deſejo de ſahir nella por quebrar a ſoberba daquelle barbaro, que toda aquella noite gaſtou em metter dentro na Ilha frécheiros da terra firme.

## CAPITULO V.

*Como D. Franciſco de Almeida ſahio em terra, e tomou a Cidade de Quiloa, fugindo ElRey pera a terra firme.*

DOm Franciſco como tinha aſſentado que havia de ſahir em terra ao ſeguinte dia, que era veſpera de Sant-Iago, ante manhã feito o ſinal da trombeta, que todos eſperavam, cada hum em ſeu batel com a gente que pode levar, ſe veio a bordo da

náo

náo capitania; onde ſendo juntos o Vigario dos Clerigos, lhe fez huma confiſsão geral, e a Abſolvição plenaria pela Bulla concedida aos que perecessem naquelle acto de Fé. A qual acabada, e entregue a bandeira da Cruz de Chriſto a hum Cavalleiro chamado Pero Cam, que ſervia de Alferes, encaminhou eſta frota de bateis com grande eſtrondo aſſí da artilheria das náos, como das trombetas que levavam. O primeiro dos quaes que tomou terra no roſto da Cidade, em que eſtava ordenado que haviam de ſahir, foi o de D. Franciſco, onde todolos Capitães acudíram, e ſe fez em corpo em hum teſo, em quanto os bateis tornavam por outro golpe de gente, ſem neſte tempo ſahir da Cidade couſa, que os fizeſſe alvoroçar, que lhe dava ſuſpeita não quererem ſahir os Mouros ao largo por os acolher nas ruas, que por ſerem eſtreitas ſe poderiam melhor ajudar. Poſta toda eſta gente em terra, que eſtava ordenada pera commetter a Cidade, deo D. Franciſco a ſeu filho duzentos homens, e elle ficou com o corpo da mais gente, que ſeriam trezentos. Ao qual mandou que ſe foſſe ao longo da praia ás caſas d'ElRey, que eſtavam no cabo da Cidade; e como lá foſſe, que lhe fizeſſe hum ſinal com huma eſpingarda, a que elle reſponderia, pera que juntamente com-

commettessem. Chegado D. Lourenço onde fez este sinal, moveo seu pai de rosto contra o meio da Cidade, dando Sant-Iago, e as trombetas com tanto alvoroço de todos, que lhe era trabalho entreter a gente, sendo já o Sol sobre a terra, sem os Mouros té então apparecerem. Peró depois que D. Francisco começou entrar pelas ruas, como eram estreitas, e as casas altas, assi diante do rosto, como per sima pela cabeça dos eirados choviam tantas pedras, e settas, que desatinavam os nossos, e recebiam grão damno por irem mui apinhoados por causa da estreiteza do lugar, sem se poderem aproveitar dos imigos. E dado que aos debaixo começáram levar diante si a bote de lança, e os espingardeiros, e bésteiros despejavam as janelas dos outros, de que recebiam damno, todavia era tanto o que lhe faziam dos eirados, que conveio aos nossos entrarem pelas casas, e subirem assima onde os Mouros estavam. E como os eirados eram continuos huns aos outros, e tão estreitas as ruas, que quasi se podia saltar de huma a outra parte, ficava per sima delles lugar mais despejado pera os nossos andarem, que deo causa a que subissem muitos a despejar os Mouros, que com pedras, e cantos impediam a passagem per baixo. Finalmente com morte de alguns delles o

ca-

caminho que D. Francisco levava foi despejado, e elle pode com menos perigo chegar aonde D. Lourenço estava, que era á porta das casas d'ElRey em hum escampado, o qual lugar elle tomou com assás trabalho ante que seu pai chegasse a elle. Porque como o lugar era largo, e ElRey tinha comsigo a flor da gente, sahíram a elle obra de trezentos homens, que o serviam de muita fréchada, e pedrada; e ainda que esta chuva lhes fazia perder a vista por ser mui basta, e não poderem mais fazer que escudar-se, todavia apertáram tanto com os Mouros, que os fizeram recolher pelas portas da fortaleza. E como o cardume delles era grosso, e não podia caber per hum postigo que entravam, e os nossos apertavam muito aquelle lugar, começáram de se metter per becos, e travessas, os quaes fugindo este perigo, foram dar nas mãos da outra gente, que vinha com D. Francisco. A este tempo D. Alvaro de Noronha, que hia em companhia de D. Lourenço, com a gente que levava pera a fortaleza de Cochij, de que havia de ser Capitão, apartou-se pera onde estava huma porta per que entravam a fortaleza; e estando em pressa de a querer arrombar, appareceo em sima de huma torre hum Mouro bradando que estivessem quedos, apresentando a bandeira

que

que ElRey dizia ser-lhe tomada pelo nosso Capitão com a náo que vinha de Çofala. Quando os nossos víram aquelle sinal, a que sempre obedecêram, leixando o combate, todos em alta voz, como se víram seu Rey, começáram dizer: *Portugal, Portugal, Portugal.* Chegado D. Francisco a esta voz commum de tantas vozes, vendo a bandeira sobre a torre em sinal de obediencia, e acatamento, tirou o capacete, estando quedo, e mandou que cessasse a obra té saber o que queria. As palavras do qual Mouro foram, que dizia ElRey, que elle se vinha metter em mãos delle Capitão mór obediente, e pacífico, como vassallo d'ElRey de Portugal: que lhe pedia muito mandasse cessar o combate, porque elle se vinha logo abaixo. D. Francisco parecendolhe que o temor trazia este Mouro á obediencia, mandou sobreestar a obra, em o qual tempo o Mouro, que estava na torre, não fazia senão bradar, e bracejar pera dentro do muro, como que chamava alguem, e isto com huma efficacia que enganou a todos, porque sobre este bracejar poz a bandeira encostada a huma amea, mostrando que hia chamar ElRey; mas elle não tornou mais. A causa da vinda deste Mouro foi querer entreter per este artificio os nossos, em quanto se ElRey recolheo per ou-

tra,

tra, que hia contra huns palmares, onde elle tinha posto suas mulheres, e fazenda, pera dalli se passar á terra firme em huns barcos que lá tinha prestes; porque quebrada a porta da fortaleza, foram os nossos dar na outra per onde ElRey sahio, que leixou assás de rastro d'algumas cousas que cahíram com pressa dos que fugiam em sua companhia. O qual rasto D. Francisco não quiz que a gente seguisse, porque hia dar em hum palmar mui basto, onde podiam receber algum damno sem o poderem fazer aos imigos; o que a gente mal soffreo, cá hiam com aquelle fervor, e desejo de tomar huma cevadura na companhia que ElRey levava. Porém porque não ficasse sómente com o trabalho, e honra da entrada daquella Cidade, mandou D. Francisco aos Capitães que cada hum com sua gente a fosse esbulhar, encommendando a todos a pessoa, casas, e fazenda de Mahamed Anconij; e mandou a João da Nova que se fosse a sua casa ao defender não se desmandasse alguem com elle. Partidos alguns Capitães a esta obra, mandou nas costas delles seu filho D. Lourenço com hum corpo de gente nobre, temendo algum desastre pelos desmanchos, que se fazem no tempo de saquear, o qual quando chegou á Cidade, andava já a gente commum tão engodada

na

na prea, que teve aſſás trabalho em a fazer recolher. Finalmente acabado aquelle primeiro impeto da entrada deſtes Capitães, e tornados onde D. Franciſco eſtava, mandou elle a João da Nova que lhe trouxeſſe Mahamed Anconij. Do qual depois que veio ante elle, e ſoube como ElRey era paſſado á terra firme, e aſſi outras couſas, de que Dom Franciſco quiz tomar informação delle, o eſpedio, mandando a João da Nova que o tornaſſe a ſua caſa: e elle começou dar ordem pera ſe recolher toda a gente ao pé de huma torre ante huma Cruz, que os Sacerdotes alli tinham arvorada em ſinal de Triunfo da Fé. No qual lugar armou muitos Cavalleiros; porque ainda que N. Senhor deo aquella Cidade ſem morte d'algum dos noſſos, muitos das pedras, e fréchas ficáram com ſinal do trabalho que tiveram á cuſta de muitos Mouros que foram mortos. Acabando eſte acto de honra, (que he o primeiro galardão da guerra,) pola gente andar já mui cançada, ſem terem comido, não entendeo D. Franciſco em mais que recolher-ſe á porta da fortaleza, onde fez ſua eſtancia com as coſtas no muro; e ás outras eſtancias encommendou a ſeu filho, e aos Capitães, ſegundo a neceſſidade que havia.

CA-

## CAPITULO VI.

*Como a Cidade Quiloa se fundou, e os Reys que teve té ser tomada per nós: e como D. Francisco de Almeida novamente fez Rey della a Mahamed Anconij.*

DOm Francisco de Almeida., por ser Commendador da Ordem de Sant-Iago, ao dia seguinte que era deste Apostolo não entèndeo em mais que solemnizar sua festa; porque além de elle por razão de ser Cavalleiro da sua milicia particularmente lho dever, toda Hespanha lhe he nesta obrigação por ser Patrão della, e com seu appellido entrar em todalas batalhas contra Mouros. E propria, e principalmente a gente Portuguez se póde gloriar da causa de suas conquistas, pois são contra infieis, no adjutorio das quaes tem tal Capitão geral, que os ajuda com legiões celestes no exalçamento da Fé, como muitas vezes no meio das azes pera terror dos imigos per elles messmos foi visto. E o que dava maior contentamento, e devoção aos nossos, em quanto estiveram á Missa, e prégação, era verem ser-lhes esta victoria concedida em huma Cidade remota, e çafara da jurisdicção Catholica da Igreja, e subdita ás idolatrias dos

Ca-

Cafres, e blasfemias dos Mouros. E porque não sómente pera proseguimento desta historia, mas ainda pera creação do Rey, que D. Francisco de Almeida nella novamente creou, convem sabermos a fundação desta Cidade, e os Reys que nella foram té este que era tyranno chamado Mir Habraemo que a desamparou, trataremos hum pouco desta materia. Segundo apprehendemos per huma Chronica dos Reys desta Cidade, havendo pouco mais de setenta annos que as Cidades Magadaxo, e Batua eram edificadas, que como atrás vimos foram as primeiras nesta costa, quasi nos annos quatrocentos da era de Mahamed reinava em a Cidade Xiraz, que he na Persia, hum Rey Mouro chamado Soltam Hocen. Per morte do qual ficáram sete filhos, hum delles chamado Ale, era pouco estimado entre os irmãos, por seu pai o haver em huma sua escrava da casta dos Abexijs, e elles terem mãi nobre da linhagem dos Principes da Persia. O qual como era homem, que quanto lhe falecia no favor da linhagem, tanto suppria com pessoa, e prudencia, por fugir os desprezos, e máo tratamento dos irmãos, emprehendeo ir buscar nova povoação, quasi chamado pera melhor fortuna da que tinha entre os seus. E por ser já casado, recolhendo sua mulher, filhos,

fa-

familia, e alguma gente, que o ſeguio neſta empreza, embarcou em duas náos na Ilha de Ormuz, e com a fama do ouro, que havia neſta coſta Zanguebar, veio ter a ella. Chegado ás povoações de Magadaxo, e Brava, aſſi por elle ſer da linhagem dos Perſios, que ácerca da ſecta de Mahamed differem dos Arabios, (ſegundo adiante veremos,) como porque ſua tenção era fundar propria povoação onde foſſe ſenhor, e não ſubdito de alguem, correo a coſta mais adiante té que veio ter áquelle porto de Quiloa. E vendo a diſpoſição, e ſitio da terra ſer torneada de agua, em que podia viver ſeguro dos inſultos dos Cafres, e que era povoada delles, a troco de pannos lha comprou, e per as razões que lhe deo ſe paſſáram á terra firme. Na qual, depois que foi deſpejada delles, começou de ſe fortalecer, não ſómente contra elles, ſe reinaſſem alguma malicia, mas ainda contra algumas povoações dos Mouros, que tinha por vizinhos, aſſi como huns que habitavam as Ilhas, a que chamam Songo, e Xanga, os quaes ſenhoreavam té Mompana, que era de Quiloa obra de vinte leguas. Porém como elle era homem prudente, e de grande eſpirito, em breve tempo ſe fortaleceo de maneira, que ficou huma nobre povoação, a que poz o nome que ora tem, e de

ſi começou de ſenhorear os vizinhos, té mandar hum ſeu filho bem moço ſenhorear as Ilhas de Monfia, e outras daquella comarca, da geração do qual os que ſuccedêram ſe intituláram por Reys, como elle tambem fez. Per morte do qual lhe ſuccedeo ſeu filho Ale Bumale, que reinou quarenta annos; e por não ter filhos, herdou Quiloa Ale Buſoloquete ſeu ſobrinho, filho do irmão que tinha em Monfia, que não durou no eſtado mais que quatro annos e meio, ao qual ſuccedeo Daut ſeu filho, que foi lançado de Quiloa aos quatro annos de ſeu reinado per Matata Mandalima, que era Rey de Xanga ſeu imigo, e Daut ſe foi pera Monfia, onde morreo. E eſte Matata leixou em Quiloa hum ſeu ſobrinho per nome Ale Bonebaquer, que aos dous annos os Parſeos de Quiloa o lançáram fóra, e levantáram por Rey a Hocen Soleiman ſobrinho de Daut já defunto, que reinou dezeſeis annos, ao qual ſuccedeo Ale Bem Daut ſeu ſobrinho, que reinou ſeſſenta annos, e ſuccedeo-lhe hum ſeu neto chamado do ſeu nome, contra quem ſe levantou o povo por ſer máo homem, e o mettêram vivo em hum poço, havendo ſeis annos que reinava, levantado por Rey a ſeu irmão Hacen Ben Daut, que reinou vinte e quatro annos, e apôs elle reinou dous annos Solei-

leiman, que era da linhagem dos Reys, ao qual o povo cortou a cabeça por ser mui máo Rey, e em seu lugar levantáram a Daut seu filho, que mandáram vir de Çofala, donde veio mui rico, que reinou quarenta annos, leixando seu filho Soleiman Hacen, que conquistou muita parte daquella costa; e por haver a benção de seu pai, se fez senhor do resgate de Çofala, e das Ilhas de Pemba, Momfia, Zenzibar, e de muita parte da costa da terra firme. O qual, além de ser Conquistador, ennobreceo a Cidade de Quiloa, fazendo nella fortaleza de pedra e cal, e com muros, torres, e casas nobres, porque té o seu tempo quasi toda a povoação da Cidade era de madeira, e todas estas cousas fez em espaço de dezoito annos que reinou, a quem succedeo seu filho Daut, que durou dous annos, e trás elle veio Talut seu irmão, que viveo hum, e por sua morte reinou Hocem outro irmão vinte e sinco annos, e por não ter filhos succedeo-lhe outro seu irmão, que viveo dez annos; e este derradeiro irmão chamado Hale Bonij foi o mais bem afortunado de sua linhagem, porque tudo o que commetteo acabou, e succedeo-lhe Bone Soleiman seu sobrinho, que reinou quarenta annos, e apôs elle reinou quatorze Alé Daut, ao qual succedeo Hacen seu neto, que rei-

nou dezoito annos, que foi mui excellente Cavalleiro, e per sua morte ficou no Reyno seu filho Soleiman, que foi morto em sahindo da mesquita per traição, havendo quatorze annos que reinava, per morte do qual reinou dous annos seu filho Daut, e após este reinou vinte e quatro Hacen seu irmão, e por não ter filhos tornou a reinar Daut Rey passado, porque os dous annos que reinou era em ausencia de Hacen, por ser ido a Méca, e em vindo, este Daut lhe largou o Reyno por lhe pertencer. Desta segunda vez reinou este Daut vinte e quatro annos, ao qual succedeo seu filho Soleiman, que reinou vinte dias sómente, por lhe tomar Hacen seu tio o Reyno, o qual reinou seis annos e meio, e por não ter filhos succedeo-lhe Taluf seu sobrinho irmão de Soleiman, passado o qual reinou hum anno; e outro seu irmão, chamado tambem Soleiman, reinou dous annos e quatro mezês, no qual tempo foi tirado do Reyno per outro Soleiman seu tio, que reinou vinte e quatro annos, quatro mezes, e vinte dias, e a este succedeo seu filho Hacen, que reinou vinte e quatro, e trás elle veio seu irmão Mahamed Ladil, que reinou nove, e Soleiman seu filho, que o herdou, vinte e dous; e por este não ter filhos, reinou Ismael Bem Hacem seu tio quatorze annos, per morte do qual se le-

levantou per Rey o Governador do Rey-
no, que não eſteve no Eſtado mais que hum anno, porque o povo levantou por Rey o Governador do Reyno; o qual não eſteve no eſtado mais que hum anno por tornarem por Rey a Mamud homem pobre, por ſer da linhagem dos Reys, que não durou naquelle Eſtado mais que hum anno por ſua pobreza. E foi levantado por Rey Hacen filho d'ElRey Iſmael já paſſado, que reinou dez annos, e ſeu filho Çayde outros dez, e per ſua morte ſe quiz levantar com o Reyno o Governador delle, e durou neſte poder hum anno. No qual tempo fez Governador a hum ſeu irmão per nome Mamude, que tinha tres filhos; dos quaes ſobrinhos temendo-ſe eſte tyranno, por ſerem homens pera muito, mandou-os de Quiloa que foſſem governar as terras ſubditas a ella, e aconteceo a ſorte de Çofala a hum chamado Içuf, do qual depois faremos larga menção, porque eſte era Senhor daquella terra ao tempo que Pero d'Anhaya alli foi fazer huma fortaleza, como logo veremos. E em lugar deſte tyranno, levantou o povo por Rey Habedala irmão d'ElRey Çaide já paſſado, que durou no Reyno hum anno e meio, e ſeu irmão Ale outro tanto, e per ſua morte o Governador do Reyno forçoſamente alevantou por Rey a hum Ha-

cem

cem filho do Governador passado, que se alevantára com o Reyno a fim de elle mesmo Governador ser mais absoluto com este ser posto da sua mão. Porém o povo o não consentio, porque logo levantou por Rey hum da linhagem Real chamado Xumbo, que viveo naquelle estado hum anno sómente, e tornáram alevantar o passado, que aos sinco annos foi deposto, em cujo lugar alevantáram Habraemo filho de Soltão Mamude já defunto, que aos dous annos tambem foi deposto, e levantáram a hum seu sobrinho per nome Alfudail, que durou mui pouco, e o seu Governador chamado Mir Habraemo não quiz fazer Rey, e teve o Reyno em seu poder com tenção de ficar naquelle Estado por filho d'ElRey Soleiman já defunto, e primo com irmão deste Alfudail, o qual não leixou mais que hum filho de huma escrava, de que ao diante faremos menção, porque depois veio a ser Rey desta Cidade, sendo já nossa. E posto que este Habraemo fosse absoluto Senhor de Quiloa, o povo lhe não chamava Rey, senão Mir Habraemo; e se alguma cousa o sustentou naquella tyrannia, foi o que passou com Pedralvares Cabral, João da Nova, e o Almirante D. Vasco da Gama, por os modos que teve com elles, e por então isto o fez ser accepto ao povo. D. Francisco de Almei-

meida, posto que não tivesse sabido tão particularmente a succesão destes Reys, como ora contamos, todavia per Mahamed Anconij soube como o povo não estava muito satisfeito deste Habraemo, e quanto todos desejavam alevantar Rey, que fosse mais chegado á linhagem verdadeira delles, e a causa porque o soffriam. E assi soube das pessoas notaveis que havia na terra, e outras cousas, de que se elle quiz informar, pera saber o modo que teria ácerca da segurança, e governo da Cidade; porque pera satisfazer ao que lhe ElRey mandava, principalmente a quem leixaria por Governador d'aquelles Mouros, dava-lhe esta eleição grande cuidado, porque sobre este fundamento se haviam de ordenar as outras cousas do governo da terra, e pera isso teve consulta com os Capitães. Finalmente juntos elles pera esta eleição de Rey, e preposto per D. Francisco o que ElRey lhe mandava em seu Regimento, e o que era passado com o tyranno, per commum conselho se assentou, que a Mahamed Anconij se entregasse o senhorio daquella Cidade, polo que tinha merecido, e passado por nossa amizade; porque além disso tinha pessoa, idade de até sessenta annos, e prudencia de governo, posto que não fosse da linhagem dos Reys, pois pera reformação da terra

ne-

nenhuma outra couſa convinha. Pera entrega da qual, ante que ſe dalli levantaſſe Dom Franciſco, mandou a João da Nova, que foſſe trazer a Mahamed, o qual como innocente da honra pera que era chamado, chegando áquelle lugar onde todos eſtavam, lançou-ſe aos pés do Capitão mór, pedindo que houveſſe piedade delle, miſerando-ſe com actos de homem, que temia vir a eſtado de cativeiro por culpas alheias. D. Franciſco com muito gazalhado, levando-o nos braços, começou de o conſolar, dizendo, que não temeſſe, porque homens leaes, como elle era, não tinham que temer, mas eſperar mercê, e honra; e que eſta do titulo do Rey de Quiloa, que lhe elle queria dar em nome d'ElRey ſeu Senhor, ſería. a primeira, e depois pelo tempo em diante elle faria taes ſerviços, que mereceſſe outras maiores, com que ficaſſe o mais poderoſo Rey de toda aquella coſta. Mahamed, quando ouvio tão novas palavras, e não eſperadas de ſeus meritos, tornou-ſe a debruçar aos pés de D. Franciſco, ſem o poderem levantar delles. Finalmente ante que dalli partiſſe, elle foi veſtido em huma marlota de eſcarlata forrada de ſetim com alamares de ouro, e hum capelhar do meſmo panno, que lhe D. Franciſco mandou dar, e levado a hum cadafalſo, que ſe logo ar-

mou

mou ſobre pipas vazias encoſtado á torre da fortaleza alcatifado, e embandeirado, ao qual lugar vieram todolos Mouros principaes da Cidade chamados per pregão, que D. Franciſco mandou dar. E ſendo juntos, começou hum Official de Armas em alta vós em lingua Portuguez, e depois em Arabigo per ſegunda lingua propoer as cauſas de ſeu adjuntamento, e as da traição de Habraemo Governador que fora daquella Cidade, tomando armas contra ElRey ſeu Senhor, por razão da qual traição perdêra o governo della, e elle Capitão mór com aquelles Capitães d'ElRey ſeu Senhor a tomára per juſto titulo de armas; e como propriedade ſua, em nome de Sua Alteza a entregava com titulo de Rey, e obrigação do tributo, que d'antes pagava, ao honrado, e leal Mahamed Anconij em retribuição dos ſerviços, que tinha feito a ElRey ſeu Senhor: E em teſtemunho, e confirmação deſte Titulo, elle o coroava com aquella corôa de ouro; e em dizendo iſto, D. Franciſco lhe poz na cabeça huma, que levava pera ElRey de Cochij, como adiante veremos. Acabado eſte acto, foi o novo Rey poſto em hum cavallo acompanhado de alguns Capitães, e Mouros, que eram preſentes, e levado per os lugares públicos da Cidade com pregões, que o denunciavam por Rey della, indo diante ar-

arvorada huma bandeira Real das Armas do Reyno, com todalas trombetas, que celebravam aquella feſta té o tornarem onde eſtava D. Franciſco. E ante que ſe delle eſpediſſe pera ſe recolher a ſeu apoſentamento, teve tanta prudencia, por ganhar a vontade aos Mouros, de quem ſabia que havia de ſer invejado, que lhe pedio quantos foram cativos na entrada da Cidade, dizendo, que mal pareceria receber elle honra, leixando os ſeus naturaes em eſtado de cativeiro, com os quaes elle eſperava de ſervir ElRey ſeu Senhor. O que lhe D. Franciſco concedeo tudo a fim que a Cidade tornaſſe a ſeu eſtado, como logo tornou, com os pregões, que o novo Rey mandou lançar; de maneira, que dahi a dous dias todos os que andavam pelos palmares da Ilha fugidos, ſe tornáram á Cidade povoar ſuas caſas: Tanto ſegurou o animo dos Mouros eſta honra, e galardão, que ſe deo a Mahamed. Vendo todos que eramos gente grata dos beneficios que recebiamos, pois por tão pequenos meritos, como eram os de Mahamed, de Eſcrivão da fazenda do Reyno de Quiloa era feito Rey della. Parece que não ſómente a lealdade, que eſte Mouro teve comnoſco, o trouxe áquelle eſtado, mas ainda alguma particular fortuna, pois o acto de coroação foi depois ornamento de caſas

d'al-

d'alguns Princepes, como vimos em huns pannos de tapeceria, que se armavam na camara d'ElRey D. Manuel em dias solemnes, que elle mandou fazer por memoria do descubrimento da India, e deste feito de Quiloa.

## CAPITULO VII.

*Como acabada a fortaleza de Quiloa, e provído Capitão, e os Officiaes della, D. Francisco se partio pera a Cidade Mombaça, a qual determinou de tomar pelo que nella passou.*

PAssados os primeiros tres dias, que se gastáram na tomada da Cidade, e honras do novo Rey Mahamed Anconij, quando veio ao seguinte dia, começou o Capitão mór entender na fortaleza; e pera melhor aviamento da obra, ordenou suas estancias ao pé da torre do castello. E a primeira cousa que fez, foi derribar sete, ou oito moradas de casas pegadas ao muro da parte da Cidade, por ficarem as torres mais desabafadas pera maior defensão da fortaleza; e da parte do mar fez huma larga serventia com hum cubelo junto da agua, pera que os nossos seguramente tivessem o mar, e a terra. E ordenou, como com a obra nova que fez, que a maior torre do castello ficasse em lugar das que chamam da ome-

omenagem, tudo muito bem acabado, segundo a disposição do lugar, e brevidade do tempo, que foi espaço de vinte dias, á qual fortaleza poz nome *Sant-Iago*, por lhe Nosso Senhor dar victoria daquella Cidade vespera daquelle Apostolo. Da qual obra os principaes Officiaes eram os Capitães das náos, per quem D. Francisco repartio a giros o serviço della; e quando vinha ao seu, elle tomava a padiola per huma parte, e Lourenço de Brito per outra, ou Manuel Paçanha, porque cada hum destes o ajudava de companheiro neste trabalho, sendo per todos feita com muito prazer, graças, motes, e cantigas. E andando nesta obra havia tres, ou quatro dias, chegáram Bermudes, e Gonçalo de Paiva, que o Capitão mór mandára a Moçambique saber novas de Lopo Soares, e das outras náos da companhia de Bastião de Sousa, como atrás dissemos, os quaes trouxeram cartas, que Lopo Soares leixou já da tomada da India, em que dava novas do que lá passára, e da carga que levava, com que todos tiveram muito prazer. Finalmente acabada toda a obra da fortaleza, leixou D. Francisco nella estas pessoas pera sua governança, e defensão: Pero Ferreira Fogaça filho de Fernão Fogaça por Capitão, Alcaide mór Francisco Coutinho morador em Alcobaça, por

Fei-

Feitor Fernão Cotrim, e assi todolos Officiaes necessarios, que com a gente d'armas faziam numero de cento e sincoenta pessoas. E leixou pera serviço da fortaleza, e guarda da costa Gonçalo Vaz de Goes na sua caravela, e hum bargantim, que depois se havia de armar com regimento que havia de responder á fortaleza de Çofala, a qual ElRey mandava fazer per Pero da Nhaya, que houvera de ir em sua conserva, e ficou té Maio, que partio deste Reyno com frota de certas vélas, como adiante veremos. Leixadas todalas cousas desta fortaleza em ordem a oito de Agosto se partio pera Mombaça, onde chegou aos treze com onze náos, e tres navios, o qual dia de sua chegada, por ser já tarde, se houve mister pera ancorar as náos de fóra da barra, e ao seguinte mandou Gonçalo de Paiva, e Filippe Rodrigues, que entrassem pelo rio, e o sondassem, pera saber que náos podiam entrar; porque ainda que os Pilotos, que trazia de Quiloa, lhe certificassem haver fundo pera as náos grandes entrarem pelo canal huma ante outra, quiz elle segurar-se na experiencia destes dous Capitães, e sóbre seu conselho fazer esta entrada. Da situação da qual Cidade, posto que na passagem, que o Almirante D. Vasco da Gama per ella fez, déssemos alguma noticia, toda-

davia pela entrada que D. Franciſco d'Almeida nella fez, convem darmos maior relação. Eſta Ilha jaz mettida dentro na terra firme torneada de outro eſtreito de agua ao modo de Quiloa, a qual ſerá em redondo obra de quatro leguas, e na entrada della mui perto da barra eſtá aſſentada a Cidade em huma chapa de terra de maneira, que ſe amoſtra a maior parte de todo o corpo della; e aſſi como o ſitio a faz formoſa pera ver de fóra com as grandes caſarias, eirados, e torres que apparecem, aſſi fica temeroſa a quem a houver de commetter. Neſte ſitio, defronte della, faz o mar huma maneira de concha, com que fica huma baia mui eſpaçoſa pera ancoragem de grandes náos, e lá per dentro em partes vai o rio tão largo, que folgadamente podem andar navios á véla em voltas; ſómente no meio deſte torno da Ilha da banda da terra firme começa hum recife de pedra, que atraveſſa o rio, com que de maré vaſia podem paſſar a pé de huma parte a outra: e além deſte braço de agua, que abraça aquella quantidade de terra com que fica Ilha, per dentro da terra firme entram outros eſtreitos, que tambem ſe podem navegar. Eſte canal da ſerventia da Cidade a lugares he tão eſtreito, que huma beſta o paſſará; e ante que cheguem á concha, que ſe fez no pouſo

das

das náos, da banda da mesma Ilha contra o Levante estava hum baluarte, que se fez depois que por alli passou o Almirante Dom Vasco da Gama, o qual tinha sete, ou oito bombardas, que houveram da náo de Sancho de Toar, que se perdeo naquella paragem vindo da India com Pedralvares Cabral, que o Rey desta Cidade mandou tirar de mergulho. Com as quaes, chegando aqui Gonçalo de Paiva, e Filippe Rodrigues, que hiam sondando a barra, começáram os Mouros de lhe tirar, hum dos quaes tiros tomou o navio de Gonçalo de Paiva pela camara de popa, e foi vasar aos castellos de proa; mas quiz Deos que não fez outro damno. Em resposta do qual, como o baluarte não era maciço, e as paredes fracas, hum tiro furioso do navio penetrou de maneira, que foi dar na polvora, com que fez maravilhas, despejando toda a gente; e outro tanto fizeram a dous cubelos cercados de pedra ensoça, que adiante estavam com artilheria, a qual obra despejou o caminho de maneira, que naquelle dia, e no seguinte sondado o rio, foram mettidas no porto todalas náos. D. Francisco, porque a Cidade fazia duas mostras, huma fronteira da barra, e outra pera trás de hum cotovelo, mandou repartir a frota nestas duas partes; na do rosto da Cidade fi-

ficou D. Lourenço ſeu filho, e a de detrás da ponta tomou pera ſi, mandando logo dous bateis que foſſem rodear a Ilha, parecendo-lhe que per detrás ſe podia acolher a gente á terra firme, como fez ElRey de Quiloa. E aſſi mandou os Capitães, que ſondáram o rio, que lhe foſſem metter duas náos em hum lugar per onde moſtrava que podiam paſſar da Ilha á terra. Tornados eſtes bateis, trouxeram hum Mouro que lá tomáram, per o qual D. Franciſco ſoube toda a diſpoſição da Cidade; e como ElRey eſtava poſto em a defender, e tinha mettido nella mais de mil e quinhentos frécheiros dos Cafres da terra firme, e lançado pregão, que ſe alguem da Cidade ſe paſſaſſe a ella que morreſſe: Sabidas eſtas couſas, e viſta a diſpoſição da entrada, porque em quanto iſto paſſou de terra, não veio a elle algum recado, mandou D. Franciſco a João da Nova com hum dos Pilotos, que trouxe de Quiloa, que foſſe com hum recado a ElRey. Mas elle não foi ouvido, antes em modo de deſprezo, chegando á ribeira, diſſeram-lhe, que os Mouros de Mombaça não eram os de Quiloa, que ſe entregavam aos trons das bombardas. E de antre eſtes, que fallavam em Arabigo, fallou hum Portuguez arrenegado, que fugio a Antonio do Campo quando per alli paſ-

ſou;

ſou ; as palavras do qual eram conformes ao eſtado em que elle eſtava , e ſobre iſto deram huma grão grita , fazendo ſuas algazarras de brandir os braços , ſegundo elles coſtumam. Tornado João da Nova com eſta reſpoſta , mandou logo D. Franciſco , que as náos reſpondeſſem ás apupadas delles com hum varejo de artilheria per o corpo da Cidade , pois diziam não ſerem homens que ſe entregavam com os trons della ; e aſſi mandou a Antão Gonçalves , e a João Serrão , que com ſua gente nos bateis foſſem pôr o fogo a humas náos de Cambaya , que eſtavam mettidas em hum onco detrás da Ilha. E foi tanta a fréchada ao commetter deſte feito , e era aſſi a terra ſoberba , e alta neſte lugar , que ficavam elles debaixo , de maneira , que vieram eſcalavrados ſem fazerem alguma couſa , e João Serrão foi fréchado em huma coxa , e aſſi Franciſco Rodrigues criado do Prior do Crato D. Diogo de Almeida , e hum bombardeiro , e eſtes dous falecêram dahi a doze dias por ſerem as fréchas hervadas , couſa que os homens muito receavam , e João Serrão eſteve á morte. D. Franciſco vendo que já recebia damno dos Mouros , e havia dous dias que êra chegado , depois de ter conſelho , em que houve differentes votos , determinou-ſe , que ao ſeguinte dia , que era

de Nossa Senhora de Agosto, sahissem em terra. E tomando comsigo alguns Capitães em hum batel, e seu filho D. Lourenço em outro, vieram ver hum lugar detrás da ponta que dissemos, per onde parecia que era a melhor entrada, posto que a terra era mui soberba. E vista a disposição, mandou vir alguns navios pequenos pera aquelle lugar, os quaes se haviam de igualar tanto com a terra sobranceira, que delles a ella se pudessem lançar pranchas pera sahirem ao tempo da maré; e o modo de commetter a Cidade seria irem sem se desviar direitamente ás casas d'ElRey, elle per aquella parte em cavalgando a costa per fóra da Cidade té chegarem a ellas, por estarem no cabo della na parte mais alta, e seu filho tomaria a rua do meio da Cidade a se adjuntar com elle; o qual desembarcaria quando elle mandasse tirar dous tiros, porque juntamente a hum tempo commettessem a terra; e neste mesmo tempo iriam dous Capitães com a gente do mar queimar as náos donde João Serrão veio ferido, cá per este modo repartir-se-hiam os Mouros, acudindo ás trombetas, que ouvissem per tantas partes, com que alguma das entradas lhe ficasse sem a pezo da gente, do grande numero que havia dentro, segundo dizia o Mouro. Do qual modo de entrada os Mouros estavam

sem

sem suspeita, e todo seu intento era na frontaria da Cidade, per onde havia de commetter D. Lourenço; por verem que alli faziam os nossos maior rosto com o corpo da frota. E por esta razão todalas ruas, que vinham dar com suas gargantas na ribeira, estavam com tranqueiras mui fortes, e cuidavam que este só lugar tinham que defender; porque as frontarias das casas por serem sobradadas, e com terrados per sima, ficavam em lugar de muro, e era a elles cousa facil esta defensão por as ruas serem mui estreitas, e tão ingremes de subir, que soltando no sima da rua huma pedra grande, podia vir tombando per ella abaixo com tanta furia, que ficava em lugar de trabuco. E da outra parte, que D. Francisco tomou, estavam elles seguros por a terra ser huma barroca em lugar de muro. E o que os fez mais segurar desta entrada, foi mostrar D. Francisco, que havia de commetter per o rosto da Cidade, onde D. Lourenço estava, com mandar por alli as náos mais grossas, e onde elle esperava sahir sómente os navios pequenos. E ainda de industria aquella tarde do dia seguinte, que elle esperava sahir, mandou a D. Lourenço com alguns Capitães, que com elle haviam de ser, que commettessem á ribeira da Cidade, e trabalhassem de pôr fogo a-

algumas casas, e tranqueiras; e que acudindo gente, mostrassem no modo de se recolher que temiam sahir em terra fazer esta obra, o que elle fez queimando alguma pouca cousa, que os Mouros logo apagáram.

## CAPITULO VIII.

*Como D. Francisco de Almeida tomou a Cidade Mombaça, e a queimou.*

AO seguinte dia, que era de Nossa Senhora de Agosto, em rompendo a alva, como já todos estavam prestes, e absolutos per huma absolvição geral dos Sacerdotes, segundo seu costume, feito hum sinal, que D. Francisco tinha ordenado, cada hum na ordem que lhe foi dada, seguíram seu Capitão. Os que seguiam a Dom Francisco, eram D. Fernando Deça, Ruy Freire, Bermum Dias, Antão Gonçalves, cada hum com a gente das suas náos. E os da companhia de D. Lourenço eram Fernão Soares, Diogo Correa, João da-Nova, pela mesma ordem com sua gente: os outros Capitães acudíram ao lugar das náos de Cambaya, que lhes era encommendado. E destas tres partes as primeiras trombetas que se ouvíram, que tomavam terra, foram as de D. Francisco, o qual depois que teve sua gente toda em hum corpo, assi

co-

como eſtava inteiro, ſem achar quem lhe impediſſe o caminho, começou de ſubir pela coſta aſſima pera encavalgar o alto da Cidade, onde eſtavam as caſas d'ElRey. A qual ſubida lhe foi leve, em quanto foi per fóra da Cidade, por não achar quem lha impediſſe, e mais ſer o caminho eſpaçoſo; porém tanto que entrou na povoação por o lugar ſer eſtreito, conveio-lhe ir a fio com a gente toda poſta em ordem, ſem ſe deſmandar pelas traveſſas, e ruas per onde lhe ſahiam alguns Mouros, té que ſe poz junto das caſas d'ElRey, onde já acudio pezo de gente, que ás fréchadas, e pedradas, aſſi de ſima das caſas, como per baixo nas ruas, ſerviam bem os noſſos. E como D. Franciſco pela experiencia da entrada de Quiloa ſabia a manha deſtes Mouros, que mais ſe ſerviam das janelas, e eirados, que das ruas, levava entre a gente de armas, béſteiros, e eſpingardeiros repartidos, que lhe deſpejavam os lugares altos donde os offendiam: com que mais levemente do que elle cuidava, tanto que chegou a bote de lança, foi levando os Mouros té dar com elles em hum grande terreiro diante das caſas d'ElRey, onde vinham dar muitas ruas per que ſe elles eſpalháram. Per as quaes, poſto que ſahiſſem muitos Mouros a offender os noſſos, maior damno

re-

recebiam do que davam, porque era o lugar largo pera todos ſe ajudarem das lanças, o que não podiam fazer nas ruas, que eram eſtreitas; e ſe algum damno recebêram os noſſos naquelle lugar, era de ſima dos eirados das caſas d'ElRey, que eſtavam cheios de tanta pedra ſolta, que cubria o chão. D. Franciſco como deo viſta a eſte lugar, que era a principal parte da Cidade, e de fóra não havia corpo de gente que defender as caſas d'ElRey, mandou quebrar as portas, parecendo-lhe que por ſer fortaleza, eſtaria acolhida dentro alguma gente nobre; e os primeiros que arrombáram eſtas portas, foram Ruy Freire, Rodrigo Rabello, Bermum Dias. Os quaes, com a outra gente que os ſeguio, mettêram-ſe tão rijo com os Mouros que eſtavam dentro, que em pouco eſpaço deſpejáram o baixo, e o alto, donde os noſſos que eſtavam no terreiro recebiam o damno das pedradas. D. Franciſco, como eſtava no cabo deſte terreiro, onde vinham dar as principaes ruas da Cidade, entretendo a gente que ſe não derramaſſe per ellas, tanto que ſoube que as caſas d'ElRey eram deſpejadas dos Mouros, deo lá huma chegada, e entregando a guarda dellas aos Capitães que as entráram, porque com deſejo de as roubar a gente commum não deſamparaſſe a elle, e aos

ou-

outros Capitães, tomou caminho entre a Cidade, e hum palmar, per onde corria o fio dos Mouros em fugida trás ElRey, que era já acolhido per huma porta falsa na maior espessura deste palmar. D. Lourenço a este tempo andava tão occupado no baixo da Cidade, que não pode ser em sima, como estava assentado entre seu pai, e elle; porque como a rua do meio perque elle hia, era mui ingreme, e toda se subia em degráos, tanto que os Mouros a víram bem cuberta dos nossos, assi per sima dos eirados, como per baixo pelas ruas, chuviam, e corriam pedras; e estas que corriam eram as mais perigosas por serem grandes, e redondas, ordenadas pera aquelle mister, as quaes como tomavam galga, vinham tão furiosas pela rua abaixo, que pareciam vir espedidas de algum trabuco. E segundo na entrada desta rua perque D. Lourenço entrou, os Mouros se houveram hum pouco remissos em defender a tranqueira que a fechava, pareceo que o fizeram de industria, pera que como os nossos a enchessem, soltarem estas pedras; e se assi não foi, parece que Deos lhes quebrou o coração, porque verdadeiramente se elles o tiveram tão defensavel, como era o sitio da Cidade, e a subida desta entrada, ao menos per ella nunca a Cidade viera a nosso

ſo poder. Mas como todos andavam aſſombrados do que ouvíram dizer de Quiloa, tanto que ouvíram as trombetas detrás de ſi no terreiro dos paços d'ElRey, e ſouberam ſer elle acolhido pera o palmar, parecendo-lhes eſtarem cercados, e que os haviam de entalar naquellas ruas per baixo, e per ſima, começáram de buſcar ſalvação, furando pelas caſas. D. Lourenço como ſeu intento era ſubir ao alto da Cidade, onde eſtava ordenado que ſe havia de ajuntar com ſeu pai, deſpejada a rua deſte primeiro impeto das pedras, ſubio té chegar ao terreiro d'ElRey; e ante que ſahiſſe da garganta das ruas que vinham dar nelle, leixou alguns Capitães por lhe não virem dar os Mouros nas coſtas, levando hum golpe delles ante ſi, como quem tange gado. Os quaes Mouros hiam de boa vontade, porque os encaminhavam pera as caſas d'ElRey, parecendo-lhes acharem ainda lá alguma guarida. Vendo D. Lourenço que as caſas eſtavam em poder de Ruy Freire, e dos Clerigos, e Frades de S. Franciſco, que no alto dellas tinham arvorado huma Cruz, animando a todolos que alli chegavam no exalçamento daquelle ſinal, pareceo-lhe que aquella parte eſtava já ſegura; pois della tinham tomado poſſe dous gladios eſpiritual, e temporal, e começou encaminhar per on-

de

de ſeu pai fora, o qual achou já deſafrontado dos Mouros por ſerem acolheitos ao palmar. E vendo ambos que por aquella parte eſtava o negocio de todo acabado, tornáram-ſe ao terreiro das caſas d'ElRey, onde tambem os outros Capitães eſtavam ſem ter a quem offender, e alli lhe veio recado dos outros, que mandára queimar as náos, como eram queimadas, com que houve por acabada toda a obra daquelle dia. Finalmente, porque a calma era grande, e o trabalho fora muito, e todos eſtavam por comer, repartio D. Franciſco as eſtancias da Cidade per os Capitães, e mandou os feridos ás náos, os quaes ſeriam mais de ſetenta, e mortos ſómente quatro com Dom Fernando Deça, o qual parece que tinha o martyrio de ſua vida, e morte nas mãos dos Mouros; porque quando partio deſte Reyno havia pouco que ſahíra de cativo pelo cativarem com Diogo Lopes Sequeira, ſendo Capitão de Arzilla, como contámos em a noſſa Parte de Africa. A morte das quaes peſſoas foi vingada com morte de mil e quinhentos e treze Mouros, ſegundo elles meſmos diſſeram, e duzentos cativos dos mil e tantos, que ſe depois tomáram ao ſaquear da Cidade. Poſto D. Franciſco, e a gente em repouſo de comer huns bocados, da eſtancia que era vizinha ao palmar, onde

de estava Ruy Freire, veio recado ao Capitão mór, que estava alli hum Mouro capeando com huma bandeira branca, ao qual elle mandou Gaspar da India que soubesse delle o que queria; e trouxe recado, que dizia ElRey, que ante daquella Cidade receber mais damno, elle se queria fazer tributario d'ElRey de Portugal, e que pera isso se queria ver com elle Capitão mór. Mas parece que ou este recado não era d'ElRey; ou desconfiado dos meritos de sua pessoa, não quiz vir, mandando-lhe D. Francisco por seguro huma manopla sua, e depois hum capacete. O qual recado por ser trato de paz metteo logo a gente em alvoroço de duas cousas: a huma, que saqueassem a Cidade primeiro; e a outra, que commettessem o palmar onde estava ElRey, pois não acceptava esta paz, que mandava pedir, e lhe concediam. E sobre este commetter do palmar, algumas pessoas nobres mais desejosas de gloria, que do despojo da Cidade, apertavam com o Capitão mór que o entrassem; mas elle o desviou disso, dizendo; que se contentassem com dar-lhe N. Senhor aquella Cidade tanto a seu salvo, sendo a mais temida de toda aquella costa; porque entrar o palmar era cousa mui perigosa por ser mui basto, e per baixo ter tanto feno, e herva, que se não podiam os ho-

mens desempeçar, e detrás dos pés das palmeiras os frechariam a todos; dando ainda outras razões, com que converteo o alvoroço desta entrada a saquearem a Cidade; que repartio por capitanias, por se não fazer alguma desordem. O movel da qual, por não ser alguma cousa despejada, foi tanto, que se encheo o terreiro, e as casas d'El-Rey da primeira cevadura daquelle dia; e ao seguinte foi ainda tanto, que por não pejar as náos, não consentio D. Francisco que se embarcasse, nem menos mil almas, que alli foram tomadas, sómente duzentas, que repartio por esses Fidalgos; e as mais por serem mulheres, e outra gente fraca, mandou soltar. Passados dous dias na escala da Cidade, quando veio ao terceiro, em se querendo recolher, mandou-lhe D. Francisco pôr fogo per muitas partes, e tanto se ateou em pouco espaço, pelas casas serem mui apinhoadas, que quando se embarcou já o fumo, e as chammas do fogo traziam todo o ar tão corrupto, que o não podiam soffrer. O qual fogo abrazou a maior parte daquella Cidade de abominação, ficando nella huma faisca de escandalo, que dahi a vinte e tres annos a tornou outra vez a pôr naquelle estado, como veremos em seu tempo. A este tempo que D. Francisco quiz partir pera Melinde, era o vento tanto por davante

pe-

pela garganta do rio, que á força de toas tirou as náos fóra; e em quanto andou neste trabalho, mandou a Bermum Dias, e a Gonçalo de Paiva, que lhe fossem fazer algumas cousas prestes. E assi espedio Gonçalo Vaz de Bóes, que elle trouxe de Quiloa, e havia de ficar nella, o qual levou muita roupa pera o resgate de Çofala, a que elle havia de ir entregalla depois que chegasse Pero da Nhaya. E á espedida deste navio chegou Vasco Gomes de Abreu com o mastro quebrado de hum temporal, que o fez apartar de Bastião de Sousa, e com muita gente doente, por razão dos quaes doentes D. Francisco o mandou em companhia destes navios, e elle deteve-se ainda quatro dias, porque no trabalho que teve na sahida, perdeo o leme a náo Lionarda Capitão Diogo Correa, no qual tempo se fez outro, e tambem proveo de Capitão do navio; em que daqui foi D. Fernando Déça, a Rodrigo Rabello. Posto D. Francisco em caminho, por muito que encommendou aos Pilotos, que tivessem tento não escorressem Melinde, que sería dalli vinte leguas, todavia as aguas o leváram abaixo oito a huma angra, a que ora chamam de Sancta Helena, onde achou João Homem Capitão da caravela S. Jorge. O qual disse, que com o temporal que Vasco Gomes de Abreu se

apar-

apartou de Baſtião de Souſa, ſe apartára elle, e Lopo Sanches, correndo ambos á viſta hum do outro, té que outro tempo os apartou, no qual caminho tinha paſſado bem de trabalho, e deſcubrio novas Ilhas. ElRey de Melinde, como pelo recado, que lhe D. Franciſco enviou eſtava apercebido com todalas couſas pera o receber, vendo que o tempo o levava áquella angra, alli o mandou viſitar com tudo, dando-lhe a prol-faça da tomada de Mombaça, que foi o maior prazer que lhe pudéra vir. Porque além das paixões antigas, que por noſſa cauſa tinha com o Rey della, ſe deſta feita não ficára deſtruido totalmente, elle Rey de Melinde padecêra muito mal, e a cauſa era eſta. Tanto que ElRey de Mombaça vio a deſtruição de Quiloa, mandou apertadamente requerer a ElRey de Melinde, que ſe fizeſſe em hum corpo contra nós, movendo-lhe caſamentos de filhos com filhas, não tanto por deſejar ſua liança, quanto a fim de o pôr em odio comnoſco, parecendo-lhe que per eſte modo ſería deſtruido. Mas como ElRey de Melinde lhe negou ſeu requerimento, houve-ſe por mui injuriado em deſprezar ſua liança, e jurou que paſſado D. Franciſco á India, havia de ir ſobre elle com todo ſeu poder. As quaes couſas ſabendo D. Franciſco, mandou muitas do deſpo-

pojo de Mombaça a ElRey de Melinde, e outras, que lhe ElRey D. Manuel mandava como a fiel amigo, com palavras conformes aos meritos da lealdade, que tinha comnosco, e aos propositos d'ElRey de Mombaça. Passados estes recados, e visitações que houve de parte a parte, partio-se D. Francisco daquella angra vespera de Sancto Agostinho com quatorze vélas, e em dezeseis dias chegou á India ao porto de Anchediva com menos duas, de que eram Capitães Bermum Dias, e Vasco Gomes de Abreu, que chegáram depois, e assi Bastião de Sousa com estas, menos Lucas de Affonseca, que invernou em Moçambique pelo tempo o não leixar ir avante, e Lopo Sanches, que se perdeo, como se adiante verá. O qual Bastião de Sousa trouxe cartas do novo Rey de Quiloa Mahamed Anconij, e d'ElRey de Melinde, em que davam conta da paz, e o estado da terra. E entre algumas cousas, que Bastião de Sousa contou ao Capitão mór do que acontecêra depois de sua vinda, segundo soube de Pero Ferreira Capitão de Quiloa, foi, que Habraemo desterrado, que se intitulava Rey della, procurando a morte a Mahamed Anconij, mandou hum Mouro que o viesse matar dentro nas suas casas. O qual vindo ao negocio, posto que o commetteo como valente homem, não

fez

fez mais que dar-lhe com huma agonia pelo bucho de hum braço, de que houve saude, em pagamento da qual ousadia foi esquartejado, que fez grande terror entre os Mouros, e foi causa que os outros dahi em diante tiveram mais veneração ao novo Rey Mahamed Anconij, vendo como vingavamos as offensas, que lhe eram feitas.

## CAPITULO IX.

*De algumas cousas, que D. Francisco de Almeida fez, em quanto se trabalhava na obra da fortaleza de Anchediva: e os recados, que alli teve d'ElRey de Onor per seus Embaixadores: e assi de alguns Mouros vizinhos á fortaleza procurando sua amizade.*

DOm Francisco de Almeida chegando á Ilha de Anchediva, a primeira cousa que fez, foi espedir João Homem com cartas aos Feitores de Cananor, Cochij, e Coulão, escrevendo-lhes de sua chegada, e o que ficava fazendo, que entre tanto fizessem prestes aos mercadores, que trouxessem a especiaria pera a carga das náos, porque elle sería logo lá. E assi espedio Rodrigo Rabello, e a Gonçalo de Paiva, que andassem daquelle lugar de Anchediva té o monte Delij, e fizessem arribar a elle todalas

náos

náos de Mouros; e as que o não quizessem fazer, as mettessem no fundo; principalmente as de Méca, e Calecut; porque a estes dous lugares Anchediva, e monte Delij vinham demandar todalas náos de Méca, Ormuz, Cambaya, pelas causas que em outra parte dissemos. E a principal que moveo a ElRey D. Manuel mandar a D. Francisco que fizesse nesta Ilha Anchediva huma fortaleza, foi por ser pegada na terra de volta aos mareantes pera suas aguadas, e mui abrigada de todolos ventos pera nella poderem invernar, e estar no meio de toda a costa da India. Na qual Ilha parece que algum Principe magnífico, ou zeloso do bem commum, a fim do proveito dos navegantes, no alto della mandou fazer hum grande tanque de canteria em lugar de agua nadivel, do qual per hum corrego abaixo corre huma quantidade de agua, que vem dar na praia, pera que as náos que alli forem ter façam sua aguada. Defronte do qual corrego, que he na face da Ilha contra a terra firme, fica o abrigo pera as náos, e da banda de fóra em torno della estam quatro ilheos, que tambem ajudam abrigar aquelle porto, porque quebra a furia do mar nelles; e neste lugar de ancoragem estava Dom Vasco da Gama espalmando seus navios quando com elle veio ter Gaspar da India,
que

que era alli com D. Francisco ao fazer da fortaleza, a qual elle fez de pedra, e barro, por não achar modo pera haver cal: e neste tempo tambem se armava huma galé de madeira, que foi lavrada deste Reyno, e outra tanta se perdeo em o navio de Lopo Sanches, como veremos, pera duas que houveram de ser. O trabalho das quaes obras repartio em duas capitanías, o da fortaleza deo a Manuel Paçanha, a que hia de cá provído da capitania della por El-Rey; e o da galé a João Serrão, que tambem a levava de cá, e com esta galé tambem se fizeram dous bargantins pera andarem em companhia della, de hum era Capitão Simão Martins, e d'outro Jacome Dias. Proseguindo a obra nesta ordem, toda a gente daquella costa ficou em confusão; principalmente os Mouros, porque não sómente os assombrou o numero das vélas, gente d'armas, e nova do que D. Francisco leixava feito per onde vinha, mas ainda ver fundar huma fortaleza doze leguas de Goa, huma Cidade do Sabayo, que pertendia querer senhorear toda aquella Comarca, tomando as terras aos Gentios, como fez as do estado de Goa. E assi estes per suas intelligencias, como os vizinhos de Anchediva, que eram os de Sintacola, e Ancola, que estavam defronte, procuravam per

ſeus meios, que o Gentio da terra, ácerca dos quaes eramos acceptos, ſenão fiaſſem de nós, nem deſſem ajuda alguma, ante trabalhaſſem como aquella fortaleza ſe não fizeſſe, por lhe ſer hum grave jugo a noſſa vizinhança; e quem primeiro moſtrou eſta amoeſtação dos Mouros, foi ElRey de Onor, que era dalli oito leguas per eſta maneira. Como João Homem, que D. Franciſco dalli eſpedio, paſſou per Cananor, e deo o recado que levava a Gonçalo Gil Barboſa, que lá eſtava por Feitor, elle Gonçalo Gil em hum barco da terra per hum homem da Feitoria lhe eſcreveo, dando-lhe razão de ſi, e do eſtado da terra, e de outras couſas, que convinha ſer D. Franciſco informado dellas. Per o qual homem, quando D. Franciſco reſpondeo a Gonçalo Gil Barboſa, mandou hum recado a ElRey de Onor, que eſtava em caminho; porque além de ſer o mais chegado vizinho daquella fortaleza que elle começava, ſabia ſer aquelle porto acolheita do coſſairo Timoja Capitão d'El-Rey, o qual Timoja era aquelle, que veio alli commetter D. Vaſco da Gama. A ſubſtancia do qual recado, que lhe D. Franciſco mandou, era fazer-lhe ſaber ſer alli vindo, e o contentamento que tinha de o ter por vizinho daquella fortaleza pera ſe preſtarem como amigos, por ElRey ſeu Senhor

lho

lho encommendar muito, e que trazia algumas cousas para praticar com elle da sua parte, que lhe pedia ordenasse como se pudessem ver. Ao qual recado elle não respondeo esta vez, nem outras que D. Francisco lá mandou de proposito, e não de passada, como o primeiro, sómente em seu nome respondia hum Capitão, que estava em Onor, e tudo eram desculpas, dizendo, que ElRey seu Senhor estava mettido dentro no sertão em hum negocio de guerra, que por isso não vinha a resposta dos recados; e com estas escusas mandava palavras geraes de offertas por dilatar tempo, e se prover pera rompimento, se o ahi houvesse. D. Francisco recebia estas cousas com brandura, dissimulando a verdade que dellas sentia, e mostrava aos seus mensajeiros gazalhado, dando-lhes dadivas, e boas palavras, porque o tempo não era pera mais. Mas parece que assi estava ordenado per ElRey de Onor, porque ao segundo dia chegáram per mar dous seus Embaixadores, como homens que eram innocentes de tudo o que era passado entre elle, D. Francisco, e o Capitão. Dizendo, que como a nova daquella frota, e obra que se alli fazia, fora ter a ElRey de Onor, posto que andasse occupado em huns movimentos de guerra mui affastado da costa do mar, pelo desejo que tinha da amiza-

de d'ElRey de Portugal, e de se prestar com elle Capitão, pois vinha ser alli vizinho, logo os enviára ao visitar, e offerecer tudo o que houvesse mister de mantimentos, e qualquer outra cousa que fosse necessaria pera provimento daquella obra. Dom Francisco, depois que lhe respondeo a estas offertas geraes, quiz dar alguma culpa ao Capitão de Onor em não lhe responder a proposito; ao que elles respondêram, que á sua partida ElRey seu Senhor não era sabedor do primeiro recado, quanto mais das outras cousas que elle dizia, que isto lhe podiam affirmar, ElRey haver muito de sentir quando o soubesse; peró que aos Capitães dos Principes toda cautela era licita por segurança do estado delles, em quanto não sabiam a sua vontade; que elles dariam conta destas cousas a ElRey, e em breve tornariam com resposta. D. Francisco, por este ser o primeiro recado d'ElRey, dissimulou com estes seus Embaixadores, dizendo, que na resposta que trouxessem haveria o passado por verdadeiro, ou falso, e espedio-os mui contentes das palavras, e cousas que levavam por retorno das que trouxeram. Partidos estes, dahi a dous dias vieram certos Mouros, que estavam no porto de Onor, com este requerimento: Que por quanto elles eram vassallos d'ElRey de Ormuz, do qual

qual ſabiam o grande deſejo que tinha da amizade d'ElRey de Portugal, e cujas eram humas ſinco náos, que eſtavam ſurtas no porto de Onor, pediam a Sua Senhoria houveſſe por bem de lhe dar hum ſeguro pera poderem navegar. Que quanto ao negocio que entre elle, e o Capitão de Onor era paſſado per recados, elles o ſouberam; e por verem que o Capitão d'ElRey ſe remettia á vontade delle, cujo recado tardava muito, elles determináram de ſe ſahir daquelle porto de Onor, e que o não quizeram fazer ſem diſſo vir dar conta a elle Senhor Capitão mór; que ſe lhe approuveſſe elles ſe metterem entre elle, e ElRey de Onor pera o trazerem ao ſerviço d'ElRey de Portugal, que o fariam de mui boa vontade, porque niſto lhe parecia que ſerviriam a ElRey de Ormuz ſeu Senhor, pela boa vontade que ſabiam ter ás couſas d'ElRey de Portugal. E que ainda ſe atreviam fazer com elle Rey de Ormuz, que déſſe em ſinal de amizade cada anno huma rica joia, e que em retorno deſta amizade lhe leixaſſe elle Capitão mór navegar dez, ou doze náos naquella coſta da India, que ordinariamente mandava cada anno pera provimento de couſas pera ſua caſa, e que a reſpoſta d'El-Rey podiam elles trazer per todo Dezembro. D. Franciſco peró que entendeo que a vin-

vinda destes Mouros foi na segurança das palavras, que elle havia tres dias que passára com os Embaixadores d'ElRey de Onor, e que tudo era por segurar suas náos, todavia os despachou com graça, e gazalhado, mostrando ter contentamento da vinda de taes pessoas, e concedeo-lhes o seguro de suas náos por serem Parseos do Reyno de Ormuz. Que quanto ao que promettiam d'ElRey de Onor, elle espedíra, havia tres dias, seus Embaixadores, per os quaes esperava haver seu recado, que nisto recebia prazer delles, saber ElRey de Ormuz seu Senhor como elle tratava suas cousas, e do mais que promettiam cumprissem com sua palavra, e que na obra ElRey o acharia mui certo. E porque esta prática foi em terra, onde se fazia a obra da fortaleza, e entendeo nelles que desejavam ir com elle á náo, quando se recolheo á tarde, os levou comsigo; e como elles não eram costumados ver aquella grandeza da náo S. Jeronymo, e tanta artilheria, armas, munições, e server dos nossos, assi na obra da terra, como do mar, ficáram pasmados, e muito mais quando lhe contáram dous Mouros Guzarates cativos, que foram tomados em Mombaça, o que víram fazer aos nossos naquella Cidade, e ouvíram do que leixavam feito em Quiloa. Partidos estes Mouros as-

som-

ſombrados do que víram, e ouvíram, ao ſeguinte dia vieram outros de huma fortaleza chamada Cintaçora, que ſería dalli meia legua, e por entrada trouxeram hum Gallego remeiro do bargantim Capitão Jacome Dias, que per mandado do Capitão mór havia dous dias que fora áquelle rio trás dous zambucos. O qual Gallego ſahindo com outros em terra, quando veio ao recolher, ſe leixou ficar como homem, que queria ſaber o que lá paſſava; mas logo foi tomado, e trazido ao Capitão da fortaleza, que ordenou de o enviar com hum preſente de refreſco a D. Franciſco com titulo de viſitação, deſculpando-ſe de o não ter feito, e que a cauſa fora ſer elle auſente, e que em chegando, a primeira couſa que ſoube, foi daquella boa vizinhança que tinha com ſua Senhoria, do que houve muito prazer, e em ſinal delle, e de bom vizinho, lhe mandava aquelle refreſco. D. Franciſco, eſpedidos os menſajeiros que lhe trouxeram eſte recado, com outro tal retorno de couſas, que lhe mandou dar, poſto que quizera caſtigar eſte Gallego por ſe leixar ficar em terra entre Gentios, e Mouros, não o quiz fazer por elle ſer cauſa de o eſpertar em alguma couſa de que eſtava deſcuidado, havendo eſta ficada ſer mais permiſsão Divina, que malicia ſua. Porque per elle ſoube que dentro

do

do rio, onde se acolhêram os caravelões trás que Jacome Dias foi, estava huma fortaleza mui defensavel, assi per natureza, como artificialmente, em que haveria mais de oitocentos homens, e grande parte delles Mouros brancos, a qual causa logo deo suspeita a D. Francisco, como que o seu espirito lhe prognosticava o trabalho, que lhe esta fortaleza havia de dar; e muito mais a temeo, depois que soube ser ella do Sabayo Senhor da Cidade Goa, que sería dalli doze leguas. A qual como era extremo do Reyno de Onor, que se apartava do senhorio de Goa per hum rio chamado Aliga, ao longo do qual ella estava situada por esta razão de ser frontaria, sempre estava bem provída de gente de guarnição pola guerra que muito tempo havia que tinham com El-Rey de Onor, de que ao diante diremos a causa. Porém depois que entrámos na India, e as nossas náos foram demandar aquella Ilha Anchediva, por causa de fazerem alli suas aguadas, teve o Sabayo mais tento nella, e a mandou fortificar, e muito mais como soube a que fazia D. Francisco pola vizinhança que tinha com ella, e esta foi a causa de estar nella tanta gente de guarnição, principalmente alguns Mouros brancos, que elle não empregava senão em parte de que se muito temia. D. Francisco, posto que não

sou-

ſoube eſtas couſas do Gallego, ſómente polo que elle diſſe do que víra, mandou ſeu filho D. Lourenço, e com elle Baſtião de Souſa, João da Nova, e Antão Vaz, todos em bateis com a gente que pudéram levar, e providos do neceſſario pera qualquer couſa que ſobrevieſſe. O qual D. Lourenço não ſe havia de moſtrar que hia alli, por não dar alguma preſumpção aos Mouros quando viſſem peſſoa tão notavel, ſómente hiam todos em modo de viſitação da parte do Capitão mór ao Capitão da fortaleza, e aſſi ſe fez. Porque não houve mais que notarem elles o que lhes era mandado, e o Capitão della vir eſtar á falla com elles, e aſſentarem paz como bons vizinhos, e trazerem de lá algum refreſco: e dahi a poucos dias pera maior confirmação deſta paz, o Capitão da fortaleza mandou ſeus menſageiros a Dom Franciſco com dous zambucos carregados de mantimentos. Peró todas eſtas couſas eram feitas mais por temor que a outro fim, como dahi a pouco tempo ſe vio, ſegundo adiante veremos. A eſte tempo chegou hum ſobrinho do Feitor Gonçalo Gil com cartas ſuas ao Capitão mór, e entre muitas couſas que lhe mandava dizer, era do bom aviamento que tinha pera a carga das náos, e o grande temor que a fama daquella Armada tinha poſto em toda a terra, principalmen-

mente quando ouvíram o feito de Quiloa, e Mombaça, que tinham grande nome na India por razão do trato do ouro. Com as quaes novas estando ElRey de Calecut perto da Cidade em huns paços seus, se recolheo pera o pé da serra, e que lá adoeceo de grave doença, e muitos dos principaes tambem o seguíram, levando comsigo mulheres, e fazenda, simulando que era por causa da doença d'ElRey; e que na Cidade de Calecut havia grande pressa pera se acabar huma forte estacada de grossa madeira ao longo do mar com entulho de terra, cousa mui defensavel. E tambem tinham por nova haver poucos dias que viera huma náo de Méca, que trouxera alguns fundidores de artilheria, e muitas armas, os quaes trabalhavam de acabar duas peças grossas pera assestar na frontaria da Cidade com outras que já estavam postas. E mais souberam per hum Frade, que de Narsinga viera ter alli a Cananor, como ElRey de Narsinga, que era quasi hum Emperador do Gentio da India em estado, e riqueza, ordenava Embaixadores pera lhe enviar, e que lhe parecia ser esta embaixada a fim de segurar alguns portos, que tinha naquella costa, de que os principaes delles eram Baticala, e Onor. Sobre estas, e outras novas, que D. Francisco cada dia tinha do estado

da

da terra, e movimentos dos Principes della, sobreveio que com hum tempo, que havia dous dias que andava no mar, hum zambuco grande cuidando que ainda aquelle abrigo da Ilha estava despejado, vinha-o demandar; e quando se achou entre tão grande frota, com temor, vendo que os nossos se dispunham pera ir a elle, foi correndo ao longo da costa contra Onor; e vendo que não podia escapar aos nossos que o seguiam, deo comsigo em terra. Dom Lourenço de Brito, e outros Capitães, que hiam trás elle em seus bateis, quando lhe chegáram foi a tempo que não acháram nelle mais que doze cavallos, porque os Mouros eram acolhidos pela terra dentro, os quaes vinham de Ormuz segundo depois souberam. E porque o tempo era tal, que com muito trabalho tornariam á fortaleza, quanto mais trazer comsigo o zambuco, disse D. Lourenço aos Mouros da terra, (que logo acudíram á praia, como a vizinhos da fortaleza,) que lhes entregava aquelles cavallos pera darem conta delles quando lhos pedissem, o que os Mouros accepáram de boa vontade, e cumpríram mui mal, donde procedeo o que se verá neste seguinte Capitulo.

CA-

## CAPITULO X.

*Como partido D. Francisco de Anchediva, deo em Onor, onde queimou as náos do porto: e do que passou com Timoja.*

DOm Francisco de Almeida como teve a galé, e bargantim lançados ao mar, e vio que a fortaleza ficava já em estado pera se poder defender, tomou a omenagem della a Manuel Paçanha, que vinha provído por ElRey da capitanía, e Duarte Pereira de Alcaide mór, e assi o Feitor, e Escrivães com todolos outros Officiaes pera serviço della, que com os homens de armas seriam té oitenta pessoas, a fóra a gente do mar, que ficavam nos bargantins, de que eram Capitães Simão Martins, e Jacome Dias. E entre algumas pessoas nobres, que ficáram naquella fortaleza, foram estes filhos de Manuel Paçanha, João Paçanha, Jorge Paçanha, Francisco Paçanha, Ambrosio Paçanha, e Alvaro Paçanha, que era bastardo, o qual em feitos, e qualidades de sua pessoa não havia inveja a seus irmãos, ainda que tivesse este labéo, e no decurso desta historia se verá como todos merecêram serem juntamente aqui nomeados. Ficando esta fortaleza provída de todo o necessario, partio-se D. Francisco com sua fro-

ta

ta a dezeſeis dias de Octubro pera o porto de Onor, onde achou Gonçalo de Paiva, que elle enviára diante, o qual tinha tomado cinco zambucos; e porque dous delles traziam ſeguro de D. Franciſco, por ſerem daquelles, que levavam a vender mantimento á fortaleza de Anchediva, foram ſoltos, e dos outros houveram trinta Mouros, e huma ſomma de arroz pera mantimento da gente. Surta toda a frota na barra do rio, dentro do qual pouco mais de huma legua eſtava a Cidade Onor, mandou D. Franciſco a Fernão Soares com alguns bateis ſaber ſe eſtava ElRey nella, ou os ſeus Embaixadores; por quanto elle vinha cumprir o que ficára com elles, que quando paſſaſſe pera baixo viria áquelle porto, pois ElRey lhe mandára dizer, que elle ſeria alli pera ſe verem ambos, e aſſentarem paz, e amizade. E quando elle per ſi o não pudeſſe fazer por eſtar em outra parte, que mandaria o Capitão da Cidade, e os meſmos Embaixadores, que em ſeu nome o fizeſſem; e que ſe não tinham recado algum d'ElRey ſobre eſte negocio, que foſſem algumas peſſoas principaes a elle Capitão mór pera praticar com elles couſas, que faziam a bem da Cidade, e os que lá foſſem levaſſem os doze cavallos, que ſeus Capitães deram em guarda aos moradores

da

da terra. Tornado Fernão Soares com eſte recado que levou, trouxe por reſpoſta, que ElRey eſtava dalli longe, como elle ſabia, e elles não tinham recado algum ſeu, nem os Embaixadores não eram vindos, e o Capitão da Cidade era chamado per ElRey, o qual não poderia muito tardar: que com mantimentos, e refreſco da terra, que de mui boa vontade o ſerviriam por ſaberem quanto prazer ElRey ſeu Senhor teria de o elles aſſi fazerem; e ácerca dos cavallos elles não podiam dar razão delles, pois lhe não foram entregues; e que ſegundo parecia, a entrega ſe fizéra a gente vadía, que acudio á coſta; onde o zambuco ſe perdeo; que elles mandariam fazer diligencia ſobre iſſo. D. Franciſco, como já eſtava enfadado delRey, e de ſeus artificios, e ſegundo tinha por informação elle houvera os cavallos, aſſentou com os Capitães, que com as caravelas, e bateis ſubiſſem aſſima dar huma viſta á Cidade; e quando não reſpondeſſem mais a propoſito do que té li tinham feito, ſahir nella, e lhe dar caſtigo de ferro. Poſta eſta ida em effecto, em rompendo a Lua poz-ſe D. Franciſco em caminho, indo diante em companhia de Dom Lourenço, Fernão Soares, João da Nova, e Gonçalo de Paiva, por já ſaberem o rio. Os Mouros como tinham vigia ſobre elles, tan-

tanto que os sentíram embarcar, despejáram a povoação, e subiram-se a hum monte que estava sobre ella, onde seguramente se podiam defender. E pera terem mais espaço de o fazer á sua vontade, mandáram hum Mouro dos honrados do lugar obra de hum tiro de bombarda delle, que entretivesse o Capitão mór, pedindo-lhe que os não quizesse destruir, porque elles se queriam fazer vassallos d'ElRey de Portugal com o tributo que a terra pudesse soffrer; e que a elles lhe parecia que o seu Rey seria disso contente, cujo recado esperavam ao outro dia por lhe já terem escrito sobre isso; e quanto aos cavallos, posto que não eram sabedores de quem os houvera, elles os queriam pagar. D. Francisco, posto que entendeo que o vinham entreter, como a sua tenção não era mais que attrahir aquella gente á obediencia de ElRey, respondeo, que pera segurança do que promettiam lhe trouxessem logo arrefens que entretivessem a indignação daquella sua gente de armas; senão que a soltaria logo pera irem tomar emenda dos enganos em que andavam. O Mouro lançando-se a seus pés, disse, que elle tornava logo com resposta, a qual foi, que ElRey seu Senhor estava dalli á quatro leguas, e Timoja Capitão dos armados, e o Capitão do lugar eram idos a recebello;
que

que, pediam a Sua Senhoria, pois entre elles não havia pessoa que pudesse assentar cousa firme, se entretivesse té vinda de cada hum daquelles Capitães, ou d'ElRey, que não podiam tardar, e entre tanto tivesse os raios de sua potencia, e os não quizesse estender sobre a vida de tantos innocentes, como o Sol, que então nascia, os estendia sobre os montes da terra. D. Francisco lhe respondeo, que era contente de entreter a furia daquelles Cavalleiros, que alli havia armados, os quaes sempre foram piedosos a quem se humilhava ás Armas de seu Rey; porém que não dava mais espaço que em quanto o Sol, que elle dizia, désse com os seus raios na altura do monte que estava sobre o lugar, amostrando-lhe aquelle onde se elles acolhiam, isto mais por acerto, que por saber o que elles faziam. A qual palavra deo suspeita ao Mouro que eram entretidos, e que mostrar-lhe o monte com o dedo era remoque disso; e como homem que recebia naquella resposta huma grão mercê, debruçou-se aos pés de D. Francisco, e espedido delle, tornou-se ao lugar a grão pressa, mostrando o contentamento que levava do que lhe dissera. Mas como todas estas dilações de ir, e vir eram a fim de se acolherem ao monte; e elle estava já bem cuberto do Sol,

que

que era o termo de ſua tornada, começáram os Mouros de ſe moſtrar armados ao longo da praia, como quem a queria defender. Vendo D. Franciſco eſte deſengano delles, repartio aquella frota de bateis em duas capitanías, mandando a D. Lourenço com ſete delles, em que iriam cento e ſincoenta homens, que foſſe aſſima do lugar onde appareciam náos, e zambucos, e lhe puzeſſe o fogo ſem ſahir em terra, ſenão vindolhe a reſiſtir o feito; e elle D. Franciſco tomou os mais que ficavam, e foi em reſguardo de D. Lourenço, porque ſua tenção era queimar aquellas náos, e não o lugar, por ſaber que era da obediencia d'ElRey de Narſinga, cujos Embaixadores vinham a elle, ſegundo lhe tinha dito o ſobrinho de Gonçalo Gil. Chegado D. Lourenço ao lugar das náos, era já tanta a gente derredor dellas per toda a praia com apupadas, e alvoroço de pelejar, que mais moſtravam ouſadia de offender os noſſos, que temor de ſerem offendidos. E com eſte alvoroço, e alaridos que traz a furia da guerra, de quando em quando lançavam huma nuvem de fréchas perdidas em ſima dos bateis, que fazia aſſás de damno aos noſſos; e veio a tanto, que foi o Capitão mór fréchado em hum pé, a qual fréchada lhe deo mais indignação que dor; porque com ella ſeguio

avante, dando Sant-Iago, onde vio maior somma da gente, que era junto de tres náos, que elles queriam defender, a que D. Lourenço por huma parte, e Lourenço de Brito per outra punham fogo; e quando chegáram a duas, que estavam mais avante ao pé do monte, onde os Mouros recolhêram suas mulheres, e filhos, foi a setada, e pedrada tanta, que daquella primeira chegada que os nossos fizeram grão parte delles ficáram feridos, e cahio morto hum remeiro. Mas com todo este damno, que os nossos recebiàm, as náos começáram arder, e parte da povoação, o qual fogo neste tempo foi amparo aos Mouros, e aos nossos causa de receberem muito damno; porque o fumo, e labareda, que estava entre huns, e outros, por causa do terrenho que ventava, vinha da parte donde os Mouros fréchavam á sua vontade, e principalmente pedradas, que desatinavam os nossos, os quaes começáram de se retrahir pera a praia. D. Lourenço como se tirou da frontaria desta fumaça, tomando caminho ao longo do rio, foi encavalgar a terra mais assima por lhe ficar o vento nas costas; e como rodeou o fogo, que o campo lhe ficou descuberto, tornou sobre os Mouros, os quaes tinham já hum corpo de gente comsigo de mais de mil e quinhentos homens; e como

quem

quem ſe offerecia á morte por ſalvar mulheres, filhos, e fazenda, que a olho viam eſtar em gritos no monte, eſperáram animoſamente a D. Lourenço, e Capitães que vinham com elle. No qual encontro ſe travou entre todos huma mui crua peleja, os noſſos por lhe entrar na Cidade, e elles por a defender; e aſſi carregou o grande numero delles, que vieram alguns dos noſſos buſcar abrigo dos bateis, por razão da artilheria que varejava, e fazia melhor terreiro. Ao qual tempo chegou D. Franciſco, que com ſua gente tanto favoreceo eſtoutra, que tornáram inveſtir com os Mouros de maneira, que começáram de ſe acolher ao monte, não podendo ſoffrer a furia dos noſſos já aſſanhados do damno que recebiam, e derribavam nelles. D. Franciſco, porque ſua tenção, como diſſemos, era não deſtruir aquelle lugar de Onor por ſer de hum vaſſallo d'ElRey de Narſinga, mas ſómente queimar as náos da carga, e os navios de remos, que alli tinha Timoja Capitão dos coſſairos, vendo que o fogo lhe tinha já dado vingança deſtas duas couſas, e que a gente ſe começava de metter em furor com o vencimento pera ir mais avante, mandou dar ás trombetas que ſe recolheſſem. E porque ao recolher dos bateis ſoube que pelo rio aſſima obra de meia legua eſtavam ain-

da tres náos de carga, começou de encaminhar a ellas, e indo já fóra da povoação, se apresentou diante delle hum Mouro, que em sua presença parecia homem honrado, o qual a grandes brados com aquelle espirito de paixão, com que vinha ao longo do rio, metteo-se na agua té á sinta, pedindo ao Capitão mór que houvesse misericordia delle, por quanto era natural de Cananor, e estava alli com aquellas náos que eram suas, e de outros homens principaes vassallos de Cananor. D. Francisco quando o vio assi affadigado, adiantou-se com o seu batel, e o mandou recolher dentro, dizendo, que não temesse, que se assi era como dizia, suas náos seriam seguras por ser vassallo d'ElRey de Cananor, a quem elle desejava de comprazer pelo amor com que tratava as cousas do serviço d'ElRey de Portugal seu Senhor; e que outro tanto fizera a ElRey de Onor, se quizera acceptar sua amizade, e não usar de tanta cautela, e engano; e finalmente sabendo certo que o Mouro era de Cananor, depois que se recolheo ás náos, o espedio em paz. Acabado este feito já contra a tarde daquelle dia, jazendo D. Francisco sobre huma camilha por causa da fréchada que houve no pé, chegou hum mensageiro do Capitão Timoja, que lhe mandava pedir licença pera seguramente

vir

vir ante elle, e foi-lhe concedida. O qual Timoja como era homem nobre de bom ſaber, neſta primeira viſta entendeo o Capitão mór que lhe podia dar mais credito que aos Mouros; porque aſſi na ſegurança de vir ante elle, como nas palavras de ſua chegada, e preſença de ſua peſſoa, parecia homem digno de honra, e que convinha ao ſerviço d'ElRey ſer recolhido em ſua amizade, e por iſſo o recebeo com gazalhado. E entrando na prática, começou Timoja de pedir perdão de ſua vinda ſer tão tarde, e que a cauſa fora occupações, em que o trazia ElRey de Onor; mas que elle tinha pago eſta negligencia em perder a maior parte de ſeus navios, os quaes ardêram em companhia das náos, a que ſua Senhoria mandou poer fogo. Porém de qualquer maneira que foſſe, elle ſe vinha apreſentar por vaſſallo d'ElRey de Portugal, e que eſte deſejo não era nelle novo, mas do primeiro dia que víra Portuguezes naquella terra: que lhe pedia por mercê houveſſe por bem de o acceptar neſta conta, porque elle a que fazia de ſua vida era empregalla em ſeu ſerviço: Que quanto ás couſas d'ElRey de Onor, elle lhe mandava dizer, que ſeu deſejo era ſer vaſſallo d'ElRey de Portugal, por ter amparo em hum tão grande Principe como elle era; e o reconhecimento deſ-

ta

ta obediencia sería com cousa que a terra pudesse soffrer; e que melhor era acceptar elle Capitão mór vassallos leaes ao serviço d'ElRey de Portugal com pouco encargo, que reveis tributarios: e tambem lhe pedia houvesse por escusado elle Rey per se vir a elle Capitão mór por lho impedir huma certa enfermidade, que lhe tolhia caminhar: Que ácerca dos cavallos, que lhe disseram que requeria aos moradores de Onor, elle tinha sabido nenhum dos que alli viviam ter parte na entrada delles; e com tudo elle mandaria fazer exame disso, e per qualquer maneira que fosse os mandaria pagar, e elle Timoja offerecia alli sua pessoa em penhor de se cumprir esta palavra. E tambem lhe pedia, que tomasse por satisfação de alguma culpa, que os moradores de Onor podiam ter em tomar armas contra sua bandeira, o damno que por isso recebêram: e que não era cousa nelles muito estranha, mas grande lealdade, quererem defender a propriedade de seu Rey, sendo elle ausente, e não sabendo sua determinação. Dom Francisco a estas palavras respondeo graciosamente, attribuindo muita parte aos meritos da pessoa delle Timoja: Que quanto ao negocio da paz, e pareas d'ElRey de Onor, elle se não podia deter ao presente por lhe convir ir a Cochij despachar as náos

da

da carga ; mas que ſeu filho D. Lourenço havia de tornar logo de Armada per aquella coſta, ao qual elle daria commiſsão pera todas eſtas couſas. Timoja, poſto que das palavras de D. Franciſco ficou contente, não ſe quiz eſpedir delle ſem primeiro levar Provisão ſua, em que havia por bem, que aſſentando ſeu filho paz com ElRey de Onor, elle, e os Mouros de Onor pudeſſem navegar ſeguramente pelos mares da India, e com eſta Provisão ſe eſpedio de D. Franciſco. Do qual Timoja, poſto que ao diante havemos de fazer maior relação pelo ſerviço que fez a eſte Reyno na tomada de Goa, aqui, por lhe tirarmos a infamia de coſſario daquella coſta, diremos ſómente a cauſa de ſuas Armadas. Eſte porto, e o de Baticalá, que eſtá adiante ſete leguas com outros deſta coſta, eram d'ElRey de Biſnaga, e eſte Rey de Onor ſeu tributario, os quaes portos havia menos de quarenta annos que foram os mais célebres de toda aquella coſta, não ſómente por a terra em ſi ſer fertil, e abaſtada de mantimentos, onde havia grande carregação pera todalas partes, mas ainda era entrada, e ſahida de todalas mercadorias pera o Reyno de Biſnaga, de que ElRey tinha grande rendimento: Principalmente dos cavallos da Arabia, e Perſia, que aqui concorriam, como a porto

to de mais proveito pela grande valia que tinham em Bisnaga, por estes cavallos serem a principal força, com que se elle defendia dos Mouros do Reyno Decan, com que continuadamente tinha guerra, e o cercavam pela parte do Norte, e lhe tinham tomado muitas terras. E por causa desta fertilidade da terra, e do trato destes portos, havia aqui grande numero de Mouros dos naturaes da terra, a que elles chamam Nayteás, os quaes costumavam comprar estes cavallos, e vendia-nos aos Mouros Decanijs, de que ElRey de Bisnaga recebia grande damno, por lhe fazerem com elles a guerra; e mais da mão dos compradores os que elle havia mister eram por dobrado preço. Finalmente, como a gente prejudicial a seu estado, mandou ao Rey de Onor seu vassallo que matasse nestes Mouros os mais que pudesse, porque os outros com temor lhe despejassem a terra. E no anno de Mahamed de novecentos e dezesete, que he da era de Christo Nosso Redemptor mil quatrocentos setenta e nove, houve huma matança destes Mouros per todas as terras de Onor, e Baticalá, quasi em modo de conjuração, em que morrêram mais de dez mil; e os outros que ficáram feitos em hum corpo, dando-lhes os da terra azo pera sua ida, fóram povoar a Ilha Tiçuarij, que he on-

onde eſtá fundada a Cidade Goa, como adiante veremos. Do qual inſulto, que ſe fez contra eſtes Mouros, começáram elles em odio do Gentio de Onor povoar Goa, e advocar alli as mercadorias, principalmente os cavallos pera os paſſar ao Reyno daquém, a qual obra fizeram em breve por eſtas couſas andarem navegadas per mãos de Mouros, que queriam favorecer ſuas partes contra o Gentio, com que os portos de Onor, e Baticalá começáram de ſentir eſte damno. E pera obrigarem a que as náos dos cavallos, e aſſi das outras mercadorias, que ſempre hiam demandar eſtes dous portos, foſſem a elles, e não ao de Goa, ordenou ElRey de Onor quatro Capitães Gentios, que com huma Armada de navios de remo fizeſſem arribar todalas náos ao ſeu porto, e áquelles que ſe defendiam, roubavam, e faziam todo o damno que podiam. Da qual Armada eſte Timoja de que fallámos era Capitão mór, havido por homem de ſua peſſoa, e que fazia todo o mal que podia aos Mouros per aquella coſta, e eſta foi a cauſa da Armada que elle trazia; e ante que elle vieſſe a eſte officio, já o Rey de Onor tivera outros Capitães: pola qual razão ſempre entre ElRey de Onor, e os Senhores de Goa houve guerra, e daqui vinha eſtar a fortaleza de Cinta-

tacora provída como frontaria de imigos. Os quaes Mouros tanto prevalecêram sobre ElRey de Onor, principalmente depois que o Sabayo foi Senhor de Goa, que tendo ElRey de Onor a povoação da Cidade na boca da barra, a mudou pera dentro do rio, haveria trinta annos, a qual com o fogo que os nossos lhe puzeram na entrada de D. Francisco, haviam de ter trabalho em reformar o queimado; porém maior o tiveram, se não entráramos na India, porque com tomarmos Goa, ficou ElRey de Onor seguro em seu estado. Espedido este Timoja mui satisfeito da honra que lhe Dom Francisco fez, posto que delle naquelle tempo não tivesse sabido estas cousas, ao seguinte dia, que eram vinte e quatro de Octubro, partio-se elle com toda sua frota via de Cananor onde chegou. E porque com a sua entrada nesta Cidade elle tomou o titulo de Viso-Rey, de que ElRey Dom Manuel mandava que se intitulasse, segundo fórma da Provisão que levava, e em quanto esteve na India descubrio, e conquistou muitos lugares da costa della; entraremos no seguinte Livro, que he o nono desta primeira Decada, fazendo huma universal descripção das terras, e portos maritimos á maneira de roteiro de navegar de todo aquelle Oriente; pera que quando es-

cre-

crevermos os lugares que conquiſtáram , e o caminho que as noſſas náos fizeram, e os portos que tomáram , ſeja melhor entendida a relação das taes couſas, poſto que em cada huma dellas principalmente o faremos, quando for neceſſario.

# DECADA PRIMEIRA.

## LIVRO IX.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que fez D. Francisco de Almeida depois que entrou na India té fim do anno de quinhentos e sinco, que deste Reyno partio, no qual tempo já servia com titulo de Viso-Rey.

---

### CAPITULO I.

*Em que se descreve toda a costa maritima do Oriente, com as distancias que ha entre as mais notaveis Cidades, e povoações per modo de Roteiro, segundo os navegantes.*

PERA declaração da terra Malabar, que foi a primeira da India, que D. Vasco da Gama trilhou na entrada que fez em Calecut Cidade Metropoli della, fizemos em somma relação da Provincia, a que os antigos propriamente chamáram India dentro do Gange, e os naturaes moradores Indostão; e depois por causa do que Dom Francisco fez em Quiloa, e Mombaça, (segun-

gundo neste Livro precedente fica,) tratamos hum pouco daquella terra Zanguebar, onde ellas estam situadas, que he parte da terra de Africa, a que os Geografos chamáram Ethiopia sobre Egypto. Ao presente, porque com a entrada delle D. Francisco d'Almeida na India os mares Orientaes desta terra Asia começáram a ser lavrados com nossas náos, e sentir sobre si o grave pezo de sua potencia, e os moradores da terra firme, e do grão numero das Ilhas filhas daquelle Oceano, sendo çafaros do nome Christão sobmettèram seu entendimento em obsequio de Christo per doctrina nossa, e todolos que sentíram, e ouvíram nossas armas, abaixáram seu pescoço ao jugo dellas per amor, e temor; convem, pera se entender o discurso desta obra, fazermos mais particular relação que a passada, declarando as Cidades, e principaes povoações, e portos da costa maritima desta parte Oriental, isto por modo de itinerario maritimo, ou por fallarmos conforme aos navegantes, será segundo elles usam na maneira de suas derrotas. Porque per modo de graduação como usamos em as Taboas da nossa Geografia, lá se verá mais a olho verificada esta descripção; pois, (como dissemos,) aqui não serve mais que pera dar razão da historia, e não pera situação de lugares. Verda-

dade he que dos lugares mais notaveis vai de huns a outros a ſua diſtancia pela altura, que os noſſos Pilotos tomáram; mas os lugares do meio he pela eſtimativa de ſengraduras, ſegundo a ordem da navegação delles, pois a materia he della. E começando em Univerſal, a terra de Aſia he a maior parte das tres, em que os Geografos dividíram todo o Univerſo, e aparta-ſe da Europa per o rio Tanais, a que agora os naturaes della chamam Dom, e per o mar negro, onde ſe elle vem metter continuado ao de Grecia pelo eſtreito de Conſtantinopla, e da Africa aparta-ſe per outro rio oppoſito a elle, (o qual pela grão cópia de ſuas aguas ſempre reteve o antigo nome de Nilo que tem,) e per huma linha que ſe póde com o entendimento lançar deſte Nilo pela Cidade Cairo Metropoli de todo Egypto ao porto de Suez, que eſtá no ultimo ſeio do mar Roxo, onde antigamente foi a Cidade dos Heroas, na qual linha haverá diſtancia de tres jornadas de camello, que podem ſer ao mais vinte e quatro leguas. Eſta parte de Aſia como he a maior em terra que as outras, aſſi contém muitas, e varias nações de gente, huns que ſeguem a Lei de Chriſto, outros a ſecta de Mafamed, e os mais adoram o Demonio na figura de ſeus idolos, e outros que são do povo Judaico,

por-

porque não ha hi parte da terra onde esta cega gente se não ache vaga, sem natureza, ou assento, fazendo penitencia sem se arrepender de sua contumacia. E ainda estas quatro nações em crença, naquellas partes são tão varias cada huma per si, que fallando propriamente poucos são puros na observancia do nome que cada hum professa; com as quaes nações os nossos, depois que entráram na India, começáram communicar, e contender per doctrina, commercio, e armas. E começando a dividir todo o maritimo desta Asia, que ao presente faz ao proposito pera relação de nossas navegações, e conquista, podemos fazer esta divisão em nove partes, em que a natureza a repartio, com sinaes notaveis sem lançarmos linhas imaginarias, os quaes sinaes são mares, cabos, e rios, e onde acaba a primeira parte, começa a segunda, e assi successivamente. A primeira tem seu principío na boca do estreito do mar, a que propriamente chamamos Roxo, e acaba na boca do outro Parsio: a segunda acaba na fóz do rio Indo: a terceira na Cidade Cambaya situada na mais interior parte da enseada do mar chamado do seu nome: a quarta começa no grande cabo Comorij: a quinta no illustre rio Gange: a sexta no cabo de Cingapura além da nossa Cidade Malaca: a setima no

gran-

grande rio chamado Menão interpretado mãi das aguas, o qual corre per meio do Reyno de Sião: a octava fenece em hum notavel cabo, que he o mais oriental de toda a terra firme, que ao presente sabemos, a qual he quasi no meio de todo o maritimo da grande região da China, a que os nossos chamam Cabo de Liampo por razão de huma illustre Cidade, que está na volta delle chamada pelos naturaes Nimpo, da qual os nossos corrompêram Liampo, e toda a mais costa deste grande Reyno, o qual corre quasi ao Noroeste, fique pera este lugar d'escritura com nome de nona parte ainda per nós não navegada. Posto que passemos ao Oriente della ás Ilhas dos Lequios, e dos Japões, e a grande Provincia Meacó, que ainda por sua grandeza não sabemos se he Ilha, se terra firme, continúa a outra costa da China, as quaes partes já passam por antipodas do meridiano de Lisboa. Da qual costa não sabida dos navegantes damos demonstração, e de todo o interior desta grande Provincia da China, em as Taboas da nossa Geografia, tiradas de hum livro de Cosmografia dos Chijs impresso per elles, com toda a situação da terra em modo de Itinerario, que nos foi de lá trazido, e interpretado per hum Chij, que pera isso houvemos. E tornando á primeira parte Occiden-

dental desta repartição, leixando o interior dos dous estreitos do mar Roxo, e Parseo pera seu tempo; da garganta deste Roxo, que está em altura de doze gráos, e dous terços té a Cidade Adem cabeça daquelle Reyno, haverá quarenta leguas, e della ao cabo de Fartaque, que está em quatorze gráos e meio, serão cem leguas. Entre os quaes extremos ficam estas povoações, Abião, Ar, Canacar, Brum, Argel, Xael Cidade cabeça do Reyno, Herit, a Cidade Caxem, que está sete leguas ante de chegar ao cabo Fartaque, e na volta delle outro tanto espaço está a Cidade de Fartaque cabeça do Reyno assi chamado, de que o cabo tomou o nome, e a gente Fartaquijs. E daqui té Curia Muria, duas povoações onde se perdeo Vicente Sodré, haverá setenta leguas, e fica neste meio a Cidade Dofar, solo donde ha o melhor, e mais incenso de toda esta Arabia, e adiante vinte e duas leguas Norbate. De Curia Muria té o cabo Rosalgate, que está em vinte e dous gráos e meio, e será de costa cento e vinte leguas, toda he terra esteril, e deserta. Neste cabo começa o Reyno de Ormuz, e delle té o outro cabo Monçandan haverá oitenta e sete leguas de costa, em que jazem estes lugares do mesmo Reyno, Calayate, Curiante, Mascate, Soar, Calaja, Orfaçam, Dobá, e Lima,

que fica oito leguas antes de chegar ao cabo Moçandan, que Ptolomeu chama Aſaboro, ſituado per elle em vinte e tres gráos e meio, e per nós em vinte e ſeis, no qual acaba a primeira noſſa divisão. E a toda a terra que ſe comprehende entre eſtes dous termos, os Arabios lhe chamam Hyaman, e nós Arabia Feliz, a mais fertil, e povoada parte de toda Arabia. Atraveſſando deſte cabo Moçandan ao de ſima a elle oppoſito chamado Jaſque, com que a boca do eſtreito fica feita, entramos na ſegunda divisão, que he mui pequena, e pouco povoada; porque deſte cabo Jaſque até o illuſtre rio Indo são duzentas leguas, nas quaes eſtam eſtas povoações, Guadel, Calará, Calamente, e Diul ſituado na primeira fóz do Indo da parte do Ponente. A qual coſta he pouco povoada por o mais della ſer apparcelada, e de perigoſa navegação, e a terra per dentro quaſi deſerto chamada dos Geografos Carmania, e os Parſeos contam eſta parte na região, a que elles chamam Herac Ajan, na qual ſe contém os Reynos de Macran, e Guadel, que cahe ſobre o cabo aſſi chamado. Haverá cento e ſincoenta leguas na terceira parte da noſſa repartição, (não entrando per dentro da enſeada de Jaquete por ſer mui penetrante na terra,) contando per eſta maneira: Da fóz de Diul até a ponta

de

de Jaquete trinta e oito leguas; e deſte Jaquete, que he dos principaes templos daquella gentilidade com huma nobre povoação, té a noſſa Cidade Dio do Reyno Guzarate ſincoenta leguas, na qual diſtancia eſtam eſtes lugares, Cutiana, Mangalor, Cheruar, Patan, Corinar. E do Dio ſituado em vinte gráos e meio té a Cidade Cambaya, que eſtá em vinte e dous gráos, haverá ſincoenta e tres leguas, em que ſe contém eſtes lugares, Mudreſaba, Moha, Talaja, Gundim, Goga Cidade, que eſtá ante de Cambaya doze leguas, dentro dos quaes extremos deſta Cidade Cambaya, e Jaquete ſe comprehende parte do Reyno Guzarate com a terra montuoſa dos póvos Rezbutos. A quarta parte deſta noſſa divisão começa na Cidade Cambaya, e acaba no illuſtre cabo Çamorij, na qual diſtancia por coſta haverá duzentas e noventa leguas pouco mais, ou menos, em que ſe comprehende quaſi toda a flor da India a mais trilhada de nós, a qual podemos dividir em tres partes com dous notaveis, e populoſos rios, que atraveſſam do Ponente a Levante: o primeiro divide o Reyno Decan, (a que corruptamente os noſſos chamam Dáquem,) do Reyno Guzarate que lhe fica ao Norte: o ſegundo aparta eſte Reyno Decan do Reyno Canará, que fica ao Sul delle. E ainda pa-

rece que como a natureza fez esta divisão pelo interior do sertão, assi ácerca dos que habitam o maritimo de toda esta costa per outros rios mui pequenos, que nascem nas costas destes dous notaveis, fazem a mesma demarcação do Guzarate, Decan, e Canará; e assi os pequenos, como os grandes, todos vertem da grande serra chamada Gate, que como atrás vimos corre ao longo da costa sempre á vista do mar. Peró tem esta differença, que os grandes nascem no Gate da banda do Oriente; e porque das suas fontes ao mar, onde elles vam sahir, que hé na enseada de Bengala, ha grande distancia, levando comsigo grande numero de outros rios, não sómente per estes Reynos assima nomeados que elles dividem, mas ainda per outros que não nomeamos, que por serem no interior da terra não servem ao presente. O primeiro destes rios nasce de duas fontes ao Oriente de Chaul quasi per distancia de quinze leguas em altura entre dezoito e dezenove gráos: ao rio que sahe de huma das fontes, que jaz mais ao Norte, chamam Crusná; e ao que sahe da que está ao Sul, Benhorá, e depois que se adjuntam em hum corpo, chamam-lhe Ganga, o qual vai sahir na fóz do illustre rio Gange entre estes dous lugares Angelij, e Pichólda quasi em vinte e dous gráos. E porque

que com a cópia das muitas aguas que leva, em que parece querer competir com o Gange, ou per qualquer outra opinião do Gentio, como ao Gange elles chamam Ganga, e tem que as ſuas aguas são ſanctas, (ſegundo adiante veremos;) aſſi a eſtoutro de que fallamos chamam Ganga; e dizem ter a meſma ſanctidade: donde vem que os Principes Mouros, per cujas terras elle paſſa; tem grande rendimento de ſuas aguas, porque não conſentem que o Gentio, que ſe nellas quer lavar, o faça ſem pagar hum tanto. E quaſi na meſma paragem das fontes deſta terra Gate verte outra pera o Ponente, que faz hum pequeno rio chamado Bate, que ſahe na bahia de Bombaim, per o qual demarcam o Reyno de Guzarate do Reyno Decan. E pelo meſmo modo outro rio pequeno, que verte do Gate pera o Ponente, ao qual chamam Aliga, onde eſtá ſituada a fortaleza Sintacora, que ſahe defronte da Ilha Anchediva em altura de quatorze gráos, e tres quartos, eſtá encontrado pela parte do Oriente com outro grande rio que diſſemos, que aparta o Reyno Decan do Canará, porque neſte pequeno Aliga ſe faz a divisão delles. Porém em o naſcimento deſte grande rio chamado Nagundij ao do outro Ganga, ha eſta differença, não ter aquella religião das aguas, e mais naſce

quaſi

quaſi na paragem do Gate, que eſtá ſobre Cananor, e Calecut, e vai correndo ao longo delle contra o Norte; e como he defronte do rio Aliga, faz hum cotovelo, e toma outro curſo pera Oriente, e paſſa per a Metropoli Biſnaga, e per terras de Orixá té ſahir na enſeada de Bengala per duas bocas entre dezeſeis, e dezeſete gráos, onde eſtam duas Cidades Guadevarij, e Maſulipatão, em que ſe faz muita roupa d'Algodão, que ora vem de lá, que tem o meſmo nome. E tornando á primeira deſtas tres demarcações de Reynos, que he a do Guzarate, e começando da ſua Cidade Cambaya, onde acabamos a terceira divisão ao rio Bate, ou por fallar mais notavelmente ao de Nogotaya a elle vizinho, haverá ſetenta leguas, em que eſtam eſtas povoações, Machigam, Gandar, a Cidade Baroche, onde vem ſahir hum notavel rio chamado Narbada; e adiante oito leguas ſahe outro tambem notavel per nome Tapetij, na fóz do qual, huma defronte d'outra, eſtam as Cidades Surat, e Reiner. Seguindo mais a coſta, eſtam Noſçarij, Gandivij, Dámão, Dánu, Tarápor, Quelmaim, Agacim, e Baçaim, onde ao preſente temos huma fortaleza com as terras de ſua juriſdicção, que na paz nos pagam de rendimento cem mil pardaos, que são da noſſa moeda trinta e

ſeis

ſeis contos. E adiante treze leguas em altura de dezoito gráos, e dous terços eſtá a Cidade Chaul, onde temos outra fortaleza, que já he da ſegunda demarcação do Reyno Decan, porque atrás ficam eſtas povoações, Maim, Nagotána, que ſerão de Chaul quatro leguas, e huma ao rio Báte, que he o extremo do Reyno, (ſegundo diſſemos.) Tornando a fazer outra computação deſta Cidade Chaul té o rio Aliga de Cintacora, em que acaba a terra do Decan, haverá ſetenta e ſinco leguas, ao rio Zanguizar vinte e ſinco, no qual eſpaço ficam Bandor, Sifardão, Calancij, e a Cidade Dabul; e do rio Zanguizar ha outras vinte e ſinco leguas, onde eſtá o pagode, ſe contém Ceitapor, Carapatão, Tamaga; e deſte Pagode a Cintacora, onde fenece o Decan, que são as outras vinte e ſinco, eſtam Banda, Chapora, e a noſſa Cidade Goa Metropoli Epiſcopal da India. E poſto que no rio Aliga de Cintacora, que eſtá mais adiante doze leguas, ſe demarque o Reyno Decan, começando do rio Bate, (como diſſemos,) fazem os moradores da terra eſta differença. A todo o maritimo que contamos até a ſerra Gate, que vai ao longo da coſta, com que elle faz huma comprida, e eſtreita faixa de terra, chamam elles Concan, e aos póvos propriamente Conquenijs, poſto que
os

os nossos lhe chamam Canarijs ; e a outra terra que jaz do Gate pera o nascimento do Sol, este he o Reyno Decan, cujos moradores se chamam Decanis. A terceira demarcação, que divide a Provincia Canará do Decan, acaba no cabo Comorij, começando do rio Aliga, em que haverá cem leguas per esta maneira : De Aliga té outro rio chamado Cangerecora, que está sinco leguas ao Norte do monte Delij, (cabo notavel nesta costa,) haverá quarenta e seis leguas, no qual maritimo jazem estas povoações : Ancola, Egorapan, Mergeu, a Cidade Onor cabeça do Reyno, Baticalá, Bendor, Bracelor, Bacanor, Careara, Carnate, Mangalor, Mangeiran, Cumbata, e Cangerecora, perque corre hum rio deste nome, que he extremo, e demarcação, como se verá abaixo. As quaes povoações todas são da Provincia Canará subditas a ElRey Bisnagá, que sendo tão poderoso em terra, que participa de dous mares deste Ponente, e do outro de Levante, que jaz do cabo Comorij pera dentro, entra sómente aqui com este pequeno maritimo. E como do Gate pera o mar ao Ponente do Decan toda aquella faixa se chama Concan, assi do Gate pera o mar ao Ponente do Canará, tirando estas quarenta e seis leguas, que ora contamos, que são do mesmo Canará, aquella

fai-

faixa, que fica té o cabo Comorij, que será de comprimento noventa e tres leguas, se chama Malabar, em que ha estes Reys soberanos sem ser subditos a outro maior Principe. O maritimo das quaes noventa e tres leguas iremos contando com a divisão dos Reynos, que vem confrontar nella. Do rio Canherecóra, donde começa a região Malabar té Puripatan, que serão per costa vinte leguas, he do Reyno Cananor, em que ha estes lugares: Cóta, Coulão, Nilichilão, Marabia, Bolepatan, Cananor Cidade, onde temos huma fortaleza, a qual está em doze gráos, Tramapatan, Chombá, Maim, e Purepatan. E daqui té Chatua corre o Reyno de Calecut, que poderá ser per costa vinte e sete leguas, e tem estas povoações: Pandarane, Coulete, Capocáte, a Cidade Calecut, que está em onze gráos, e hum quarto, e abaixo Chála, onde ora temos huma fortaleza; Parangale, Tanor Cidade, e cabeça do Reyno subdito ao Çamorij, Panane, Baleancor, e Chatuá, em que elle acaba, e entra o Reyno de Cranganor, que por ter pouca terra logo com elle vizinha ElRey de Cochij, cujo Reyno acaba em Porca, tambem de poucas povoações por não ter portos em espaço de quatorze leguas que tem de comprimento. A qual Cidade Cochij cabeça do Reyno do seu nome,

me, ao tempo que entrámos na India era tão pouca cousa, que não tinha força pera resistir á potencia do Çamorij de Calecut; e ora com favor nosso não sómente he feita huma magnífica Cidade em Templos, edificios, e casas mui sumptuosas dos nossos naturaes, que alli fizeram sua vivenda, governando a terra per as Leis, e Ordenações deste Reyno de Portugal, como cada huma das Cidades delle, mas ainda o Rey natural da terra, e seus subditos são feitos com nossa communicação poderosos em riquezas, e potencia pera resistir a todo Malabar, por lhe serem mui subjectos aquelles Principes, e Senhores do Reyno, a que elles chamam Caimaes, (que como atrás vimos foram mui reveis ao Rey.) Seguindo mais adiante nossa descripção, de Porca té Travancor está o Reyno de Coulão, que terá per costa vinte leguas, cujas povoações são: Cale, Coulão, onde temos huma fortaleza, Rotora, Berinjan, e outras povoações, e portos de pouco nome. E no lugar de Travancor, em que este Reyno de Coulão acaba, começa outro intitulado do mesmo Travancor, a que os nossos chamam o Rey grande, por ser maior em terra, magestade de seu serviço, que estes passados do Malabar, o qual he subdito a ElRey de Narsinga. Junto ao qual Travancor está o notavel,

vel, e illuſtre cabo Comorij, que he a mais Auſtral terra deſta Provincia Indoſtan, ou India dentro do Gange, o qual eſtá da parte do Norte em altura de ſete gráos, e dous terços, a que Ptholomeu chama Cori, e põe em treze e meio. E não ſómente deſte cabo, mas da ſua Tapobrana, a que nós chamamos Ceilão, que eſtá defronte delle, em ſeu lugar faremos mais particular relação: baſta ao preſente ſaber, que neſte cabo fenecem os Reynos do Malabar, e elle he o outro termo que a Natureza fez, o qual nós tomamos por fim da quarta divisão deſta terra maritima de Aſia. E navegando deſte cabo Comorij per fóra da Ilha Ceilão contra o Oriente per diſtancia de quatrocentas leguas, ſegundo os navegantes, e não per ſituação Geografica, eſtá outro tão illuſtre Cabo com outra mais notavel Ilha, ao qual juntamente com ella Ptholomeu chama Aurea Cherſoneſo. Per ſima da qual córta a linha Equinocial, por eſta ſer a mais auſtral terra de toda Aſia, ſegundo á verdade que nós temos moſtrado ao Mundo com noſſas navegações; mais certa que a terra, onde Ptholomeu ſitua em ſuas taboas a Cidade Catigara, e faz a computação do comprimento de todo o Orbe deſcuberto Oriental. Couſa mais imaginada, como ponto celeſte pera computação Mathematica, que verdadei-

deira pera ſituação de Orbe terreſte ; pois vemos que as noſſas náos navegam per ſima deſta ſua Catigara, e da coſta da terra Aſia, que elle aqui finge, ou lhe fizeram crer que havia, como outras couſas, que em ſeu lugar demonſtramos. Entre eſtes dous tão célebres, e illuſtres cabos Comorij Occidental, e Cingapura Oriental, (dos quaes podemos crer que o mar cortou as Ilhas Ceilão, e Camatra, aſſi como de Italia Secilia, (ſegundo ſe eſcreve,) jaz aquelle mui celebrado Signo Gangetico per eſcritura de todolos Geografos, e per nós mui navegado, ao qual chamamos a enſeada de Bengala, por cauſa do grande Reyno de Bengala, per onde corre aquelle tão illuſtre, e celebrado rio Gange mui ſoberbo com a furia de ſuas aguas, e entra no mar Oceano, cujas bocas Ptholomeu ſitua entre oito, e nove gráos da parte do Norte, e nós entre vinte e dous, e vinte e dous e meio, ao qual rio os naturaes chamam Ganga, ácerca delles, e de todo o Gentio Oriental tão celebrado em nome por a cópia de ſuas aguas, como venerado por a religião de ſanctidade, que todos puzeram nellas. De maneira, que como ácerca de nós por ſalvarmos noſſas almas, ao tempo que eſtamos enfermos, pedimos confiſsão, e os outros ſanctos Sacramentos, que dam remiſsão de

peç-

peccados; assi elles mandam-se levar ás correntes deste rio Gange, onde lhe fazem huma choupana, e alli morrem com os pés n'agua, crendo que no lavatorio destas aguas correntes de sanctidade deste Gange lavam seus peccados, e vam salvos, ou ao menos quando em vida não podem, per sua morte mandam lançar nelle as cinzas dos seus corpos depois de queimados. E pera se melhor entender esta enseada, e costa com os dous Cabos, e Ilhas oppositas a elles que dissemos, quem não tiver visto a figura desta costa Oriental, vire a mão esquerda com a palma pera baixo, e ajunte com o dedo meminho os dous seguintes, quebrando-os té as primeiras junturas, e aparte o index delles, com que fará huma enseada, que he a de Sião; e deste index aparte o pollegar quanto puder, e farão outra muito maior, e esta he a de Bengala, que jaz entre estes dous dedos. Finja mais, que de fronte do primeiro dedo pollegar aqui fazemos o cabo Comorij, e pera dentro da enseada jaz a Ilha Ceilão; e toda a costa da India, que té ora descrevemos, começando da Cidade Cambaya, jaz ao longo deste dedo pollegar da parte de fora, a qual corre Norte Sul. E da parte de dentro neste mesmo dedo, começando da ponta delle, que he o rosto do cabo Comorij té o

mais

mais estremo lugar desta enseada; onde ella fica mais curva, haverá quatrocentas e dez leguas. No qual extremo da enseada sahe o illustre rio Gange, o qual peró que verta suas aguas per muitas bocas, duas são as mais célebres, com que figura a letra Delta dos Gregos, como todolos outros illustres rios. A primeira boca, que he Occidental, se chama de Satigam, por causa de huma Cidade deste nome situada na corrente delle, onde os nossos fazem suas commutações, e commercios; e a outra Oriental sahe mui vizinha a outro mais célebre chamado Charigam, porque a elle geralmente concorrem todalas mercadorias que vem, e sahem deste Reyno. Na qual distancia de huma perna á outra haverá quasi per linha de Leste Oeste pouco mais ou menos cem leguas: e aqui fazemos outro termo mensural da nossa divisão atrás, em que se comprehende a quinta parte, em que dividimos toda esta costa da terra Asia. E posto que no arco desta enseada haja as quatrocentas e dez leguas de costa; (que dissemos,) per linha direita do rumo, a que os mareantes chamam Nordeste-Sudueste do cabo Comorij, onde começa esta nossa quinta divisão a este porto de Catigam, em que ella acaba, haverá trezentas e setenta leguas. A qual enseada repartimos em tres estados

de Principes, que a ſenhoream, as quaes duzentas leguas são do Reyno de Biſnaga, e as cento e dez leguas do Reyno Orixá, que são ambos Gentios, e as cento do Reyno de Bengalá, que de noſſos tempos pera cá he já ſubjecto a Mouros. As povoações da qual coſta são eſtas: Logo na volta do cabo Comorij ás ſete leguas Tacancurij, e adiante Manapar, Vaipar, Trechandur, Callegrande, Chereacalle, Tucucurij, Bembar, Calecare, Beadala, Manancort, e Canhameira, onde eſtá hum notavel cabo aſſi chamado em dez gráos da parte do Norte. E adiante eſtam eſtes lugares Negapatan, Aahor, Triminapatan, Tragambar, Triminavaz, Coloran, Puducheira, Calapate, Cõnhomeira, Sadrapatan, Meliapor, a que os noſſos ora chamam S. Thomé, huma antiga Cidade, que elles tem renovado com magnificas caſas de ſua morada, em que muitos delles já canſados dos trabalhos da guerra fizeram aſſento de vivenda; aſſi por a terra ſer mui abaſtada, e de grão tracto, como principalmente por renovar a memoria do Apoſtolo S. Thomé, que ſegundo os naturáes da terra dizem, e tem por lembranças, aqui foi ſua habitação, ou por melhor dizer a Cidade onde elle obrou tantos milagres, como elles contam, da mão do qual eſtá feita huma caſa, em que elles

di-

dizem que jaz enterrado. E posto que o Gentio desta terra seja idólatra, sempre esta reliquia de casa que o Sancto fez, foi entre elles mui venerada, e principalmente d'alguns, que confessavam o nome Christão, e tinham nella Patriarca Armenio. E o que ora mais accrescentou devoção na casa, foi huma pedra, que os nossos acháram em humas ruinas, que parecia em outro tempo ser Ermida, nos alicerces da qual, querendo elles por sua devoção fundar outra, acháram huma pedra quadrada limpa, e bem lavrada; e na face, que jazia pera a terra, tinha huma cruz lavrada de vulto da feição das que trazem os Commendadores da Ordem de Avís, e em sima de huma ponta lavrada huma ave com azas abertas ao modo que o Espirito Sancto em figura de pomba desce sobre os Apostolos, como se costuma pintar. Per o corpo da qual cruz, e campo da pedra estavam muitas manchas, e gottas de sangue tão fresco, que parecia haver pouco tempo que fora alli vertido; e per derredor per orla tinha humas letras de caracteres estranhos, que os da terra não souberam ler. A qual pedra os nossos leváram dalli com procissão, e solemnidade, e foram pôr na propria Igreja, que S. Thomé per sua mão fez; e segundo o que a fama tem entre os naturaes, dizem que sobre es-

ta

ta pedra padeceo o bemaventurado Apostolo, estando aqui fazendo oração; outros dizem, que era discipulo seu. O debuxo da qual pedra o anno passado de mil e quinhentos quarenta e oito me mandáram em tres papeis, hum dos quaes com huma inquirição, que o Governador Nuno da Cunha em seu tempo mandou tirar pelos naturaes ácerca do que se tinha entre aquelles Christãos de S. Thomé da vida delle; e assi hum livro da escritura dos Chijs, e outro dos Parseos com algumas informações dos costumes dos Gentios daquellas partes, dei a Joanne Riccio de Monte Pulciano Arcebispo de Syponto, que neste tempo estava neste Reyno por Nuncio do Papa Paulo III, por me pedir que lhe désse alguma cousa destas partes da India pera mandar ao Cardeal Farnes neto do mesmo Papa, que lhas mandou pedir á instancia de Paulo Jovio Bispo Nocerino, barão diligente, e curioso destas cousas dignas de escritura pera a sua historia geral do seu tempo, que promette nas obras desta facultade, que já tirou á luz. Das quaes cousas eu não quiz ser avaro, lembrando-me que na penna, e estilo deste doctissimo Paulo Jovio as minhas achegas ficavam postas em edificio de perpétua memoria, pois tive sorte da vida, que tenho mais cabedal em desejo, que facultade, e

tempo pera este officio de escritura. E tornando a continuar a descripção da nossa costa, da Cidade S. Thomé, em que nos detivemos por louvor deste Apostolo nosso Protector da India, posto que em outra parte relatamos mais copiosamente o que se tem, e crê delle ácerca desta gente: desta sua Cidade a Peleacate haverá nove leguas, e adiante estam Chiricole, Aremogam, Caleture, Careeiro, Pentepolij, Maçulepatan, Gudavarij, junto do cabo deste nome, que está em dezesete gráos, no qual acabam as terras do Reyno de Bisnaga, (como dissemos,) e começa o de Orixá, cuja costa, por ser brava, de poucos portos tem sómente estes lugares, Panacote, Calingam, Bazapátan, Vixáopatan, Vituilipatan, Calinhápatan, Naciquepatan, Puluro, Panagate, e o Cabo Segógora, a que os nossos chamam das Palmeiras por humas que alli estam, as quaes os navegantes notam por lhes dar conhecimento da terra. E deste cabo, onde fazemos fim do Reyno Orixá, o qual está em vinte e hum gráos, ao outro termo do fim do Reyno de Bengala, que he a Cidade Chatigão, que está em vinte e dous gráos largos, haverá as cem leguas que dissemos. Ficando porém ainda nesta distancia de cem leguas, na volta do Cabo Segógora, huma enseada, que he do Reyno Orixá,

an-

onde vem sahir o outro rio chamado Ganga, de que atrás fallámos, o qual atravessa pela maior parte deste Reyno, e passa ao longo da Cidade Romana Metropoli delle, e vem-se metter com o rio Ganges, onde elle tambem entra no mar. E porque toda esta distancia que ha do Cabo Segógora té Chatigão he mais pera pintura que escritura, por ser toda terra cortada em Ilhas, e baixos, que fazem as bocas do Gange com a copia das suas aguas, não nomeamos as Cidades, e povoações, que estam per estas Ilhas, os curiosos da situação dellas em as taboas da nossa Geografia a podem ver. Assi que continuando ao longo do nosso dedo index na sexta parte da geral divisão que fizemos, a qual começa em Chatigão, e acaba no cabo de Cingapura, que está hum gráo afastado da linha Equinocial pera a parte do Norte, e quarenta pera Oriente da nossa Cidade Malaca, haverá em toda esta costa trezentas e oitenta leguas, as quaes repartimos per esta maneira. Ao Cabo de Negraes, que está em dezaseis gráos, onde começa o Reyno de Pegú, haverá cem leguas, no qual espaço estam estas povoações, Chocoriá, Bacalá, Arração Cidade cabeça do Reyno assi chamado, Chubode, Sedoe, e Xará, que está na ponta de Negraes. E daqui passando a Cidade de Távai, que es-

tá em treze gráos, que he a ultima do Reyno de Pegú, fica huma grande enseada de muitas Ilhas, e baixos, que ao modo do Gange faz outro mui poderoso rio, que retalha toda a terra de Pegú, o qual vem do lago de Chiamai, que está ao Norte per distancia de duzentas leguas no interior da terra, donde procedem seis notaveis rios, tres que se ajuntam com outros, e fazem o grande rio, que passa per meio do Sião, e os outros tres vem sahir nesta enseada de Bengala. Hum, que vem atravessando o Reyno de Caor, donde o rio tomou o nome, e per o de Camotai, e o de Cirote, onde se fazem todolos capados daquelle Oriente, e vem sahir assima de Chatigão naquelle notavel braço do Gange defronte da Ilha Sornagão. O outro de Pegú passa pelo Reyno Avá, que he no interior da terra, e o outro sahe em Martabáo entre Tavay, e Pegú, em altura de quinze gráos. E as povoações que estam fóra desta enseada de Ilhas de Pegú, (que dissemos,) e vam ao longo da costa delle, são Vagaru, Martabão Cidade notavel por causa do grande tracto que nella ha, e adiante Rey Talaga, e Tavay. Na qual Cidade de Tavay pouco tempo antes que entrassemos na India, começava o Reyno de Sião, e acabava no outro mar de Levante no Reyno de Camboja, em

que

que entrava o Reyno de Malaca, que conquistámos de hum Mouro tyranno, que se tinha levantado contra este Rey de Sião, como em seu lugar se dirá. Em a qual costa de terra, indo sempre ao longo do dedo index que figuramos, té a ponta delle, que he o Cabo de Cingapura, e dahi tornando per elle assima té a juntura do outro do meio, onde póde ser o Reyno de Camboja, haverá pouco mais, ou menos quinhentas leguas de costa todas deste Principe Gentio, o qual perdeo a maior parte dellas com a variação dos tempos, e principalmente depois que tomámos Malaca; porque lançados os Mouros Malaios daquella Cidade, buscáram novas povoações ao longo daquella costa; e como ella he do Gentio mais salvage daquellas partes, tomados os melhores portos per via de trato, e navegação, que os naturaes da terra não usam, fizeramse senhores, e alguns delles se intituláram com nome de Reys. Assi que com estas mudanças que o tempo fez, e o mais que relatamos adiante, quando Affonso de Albuquerque tomou Malaca, ficou esta costa sem repartição de estados, e as povoações que haverá de Tavay até Malaca são estas: Tenassarij Cidade notavel, Lungur, Torrão, Quedá flor da pimenta de toda aquella costa, Pedão, Perá, Solungor, e a nossa Cida-

dade Malaca, cabeça do Reyno assi chamado, a qual está em dous gráos e meio da linha pera a parte do Norte; e seguindo adiante as quarenta leguas, está o Cabo de Cingapura, onde começa ao longo do dedo index a sétima divisão que ha dalli té ó rio de Sião, que, (como dissemos,) a maior parte delle procede do lago de Chiamai. Ao qual rio, por causa da grão copia das aguas que trás, os Siames lhe chamam Menão, que quer dizer a mãi das aguas, e entra no mar em altura de treze gráos, na qual costa ha estas notaveis povoações: Pão, que he cabeça do Reyno assi chamado, Pontição, Calantão, Patane, Lugor, Cuy, Perperij, e Bamplacot, que está na boca do rio Menão; do qual, começando na octava repartição, nomearemos sómente os estados dos Principes, que vizinham á costa, e não os lugares, porque não servem ao intento da nossa historia: cá nesta parte não houve conquista nossa, posto que navegassemos o maritimo per via de commercio. E o primeiro estado que está vizinho a Sião, he o Reyno de Camboja, per meio do qual corre aquelle soberbo rio Mecon, cujo nascimento he na região da China, ao qual se ajuntam tantos, e tão cabedaes rios, e corre per tanta distancia de terra, que quando quer sahir ao mar, faz hum lago de mais de

sess-

sessenta leguas de comprimento, e assi retalha a terra á sahida per muitas bocas, que não chega a elle nenhum dos outros notaveis rios, que ácerca de nós são celebrados. Passado este Reyno Camboja, entra o outro Reyno chamado Campá, nas montanhas do qual nasce o verdadeiro Lenholoe, a que os Mouros daquellas partes chamam Calambuc, com o qual confina o Reyno, a que os nossos chamam Cauchij, China, e os naturaes Cachó. O qual ácerca de nós he o menos sabido Reyno daquellas partes, por a sua costa ser de muitas tormentas, e grandes baixos, e a gente sem navegação; e os estrangeiros, que pera lá navegam, que são Siames, e Malaios, de quatro navios hão de perder dous, e ás vezes tres, e porém hum que escapa se faz nelle mais proveito, que se todolos quatro navios fossem á China. Adiante delle entra a região da China repartida em quinze governanças, cada huma das quaes póde ser hum grande Reyno: as marinhas, que fazem a nosso proposito, são, Cantão, Fuquiem, Chequeão, em que está a Cidade Nimpo, onde a terra faz hum notavel cabo, de que no principio fizemos menção, o qual está em altura de trinta gráos e dous terços, e té aqui corre a costa Nordeste Sudueste. Haverá na derrota, contando da Ilha de Aynão, onde se pes-

pesca o aljofre, que he o principio da governança de Cantão, duzentas e setenta e sinco leguas, e daqui torna a costa a virar pera o rumo do Noroeste, em que acaba a octava parte, e começa a nona, que dissémos não ser ainda per os nossos navegada. Porém, segundo a Cosmografia da China, (que atrás dissemos,) as Provincias maritimas, que deste Reyno correm quasi pera o rumo do Noroeste, são estas tres: Nanquij, Xantom, Quincij, onde o mais do tempo o Rey reside, que está em quarenta e seis gráos, e corre ainda a costa desta Provincia té sinçoenta gráos, na qual se contém quatrocentas leguas, em que acaba a mais oriental, e boreal terra firme que sabemos. E posto que além deste maritimo da terra firme de Asia tambem navegámos, e conquistámos muita parte das Ilhas daquelle grande Oceano, assi como as de Maldiva, e Ceilão fronteiras á Provincia Indostan, Samátra, Java, Timor, Burneo, Banda, Maluco, Lequijo, e ora per derradeiro as dos Japões, e a grande Provincia Meaco, que todas jazem de Malaca por di[illegible] nos tempos que se fizermos alguns feitos nellas, daremos a relação que convir pera entendimento da historia. Fica-nos ao presente outra cousa mui necessaria a ella, que como em universal fizemos a descripção de toda a terra

a terra maritima, por se saber em que parte acontecêram os casos; assi demos tambem outra geral relação dos Principes que a senhoreavam, porque com estas duas cousas podemos sem confusão discorrer com nossas Armadas per todo aquelle Oriente.

## CAPITULO II.

*De alguns Reys, e Principes das partes Orientaes, Mouros, e Gentios, com que tivemos communicação, assi per via de conquista, como de commercio.*

POsto que neste passado Capitulo dissemos, que toda a terra de Asia era habitada destas quatro nações de gente, Christãos, Judeos, Mouros, e Gentios, as primeiras duas podemos dizer que naquellas partes são mais cativos que livres, pois por razão de sua habitação são subditos dos Mouros, ou Gentios, que occupam toda aquella terra, como vemos ser a gente Scismatica de Armenia, Siria, e Judéa, que toda he tributaria a ElRey de Persia, e ao grão Turco, [...] modo dos Gregos. Certa cousa não pera passar, mas de ter hum pouco na consideração della, e com muita causa lamentar este caso, não como alheio, mas proprio de cada hum de nós, se queremos ser do numero dos membros do estado da Chri-

Christandade. Pois os peccados della, (porque da parte de Deos não póde haver causa,) quasi toda a redondeza da terra está subdita ao imperio dos Mouros, e Gentios; e Europa, que he a menos porção em quantidade, em que a Igreja Romana parecia ter congregada a sua grege, ainda este açoute do Turco veio assolar boa parte. E na outra que ficou livre delle, que se devêra unir com vinculo de caridade, e zelo, pera ir contra elle a lhe tirar do poder o Santuario de nossa Redempção, teve o Demonio tanta astucia, que ainda neste pequeno agro do Senhor veio semear dous generos de zizania, que não leixa crescer a Catholica semente. Hum de novas opiniões impugnando a fiel, e pura intelligencia do Evangelho, que nos leixáram em escrito aquelles Sanctos, e doctos Barões approvados per exemplo de sancta vida; e o outro genero de zizania foi cubiça de accrescentar estados a estados, querendo fazer na terra propria monarquia, e que os Sanctos do Ceo pera isso sejam seus Protectores, e acudam a seus appellidos ao romper das batalhas, como que o Ceo fosse alguma congregação de Deosos dos Gentios, que contendem huns com os outros por favorecer suas partes, huns aos Gregos, outros aos Troyanos, huns á Eneas, e outros á Turno. Como qualquer appetite, e de-

delordem de Principes poderosos ha de pagar o sangue da Christandade? Como desobedecer á Igreja, tomar-lhe seu patrimonio, inquietar a tranquillidade, e paz do povo Christão, impedir com armas os mares, e as terras, convocar, e confederar com infieis, e membros cortados da Igreja, pôr tudo debaixo da furia do seu ferro té chegar aos altares, não provocam estas cousas a justiça de Deos? Como por estas, e outras taes obras não vemos nós os póvos que assima apontámos; e assi os Georgeanos, Mengralianos, Charquezes, Roixos, e outros daquellas partes cativos, e escravos de Tartaros, e do Turco, pagando ao presente os filhos, e netos dos primeiros transgressores da lei, e da paz Evangelica? Como assi se ganha na terra nome de defensores da Fé, nome de Christianissimos, Catholicos, e d'outros titulos de gloria nesta vida, e na outra? Certo que com outras obras se consegue ácerca dos homens, e ante Deos estes nomes dados em galardão dellas. E certo que por mais bemaventurado se deve ter o [illegible], cujo exercicio está em denunciar o Evangelho, e na conversão dos infieis, e pagãos, que aquelle, que anda occupado em remover os Catholicos a doctrinas proprias; e mais bemaventurado o Reyno, que anda com a espada na mão sobre a ca-

cabeça destes infieis, e Gentios, que aquelle que os convoca, e trás pera derramar seu proprio sangue. Finalmente bemaventurado aquelle Reyno, que no Juizo final levár os triunfos destas obras pera merecer ser chamado servo fiel, que soube dar á usura o talento de sua possibilidade. E porque este Reyno de Portugal sempre trabalhou por merecer ánte Deos este nome, elle o tem constituido em maiores cousas: cá verdadeiramente, (sem suspeita de natural,) isto se póde dizer com verdade, na parte que lhe coube per sorte, que he nesta da Europa, primeiro que ninguem lançou os Mouros de casa além mar; primeiro que ninguem passou em Africa, e o que tomou, defendeo té hoje, tirando o que leixou por lhe não convir; e primeiro que ninguem passou em Asia, onde tem feito as obras desta nossa obra. Finalmente per excellencia, assi como Christo Jesus comparou a multiplicação do Evangelho ao espirito do grão da mostarda em respeito das outras sementes, assi em comparação da grandeza, que outros Reynos desta Europa tem em terra, e povo, bem podemos na virtude da multiplicação, e feitos illustres em accrescentamento da Igreja, e louvor de sua propria Coroa, comparar este Reyno a hum grão de mostarda, o qual tem produzido de si huma tão grande ar-

vora, que a ſua grandeza, potencia, e doctrina aſſombra a maior parte das terras, que neſte precedente Capitulo apontámos. E toda a ſua conquiſta he com aquelles dous gladios, em que Deos poz o eſtado de todo o Univerſo: hum eſpiritual, que conſiſte em a denunciação do Evangelho per todo o paganiſmo do Mundo, que tem deſcuberto, augmentando, e dilatando o eſtado da Igreja; e o outro material, com que offende a perfidia dos Mouros, que querem impedir eſtas obras. Aſſi que recolhendo-nos a noſſo propoſito, toda noſſa contenda na India he com eſtes dous generos de gente, Mouros, e Gentios, e a potencia dos quaes eſtá repartida per eſta maneira. Toda a terra, que eſtá do rio de Cintácora defronte da Ilha Anchediva pera o Norte, e Ponente, ao tempo que entrámos na India, era dos Mouros, e dahi por diante contra o Oriente, dos Gentios, tirando o Reyno de Malaca, parte do maritimo de Camatra, alguns portos de Java, e as Ilhas de Maluco, que tambem eram dos Mouros, a qual peſte procedeo de Malaca per via de commercio, como veremos em ſeu lugar. Na terra que era dos Mouros, começando da parte Occidental, aſſi como fizemos a deſcripção della, havia eſtes Principes, ElRey de Adem, de Xael, e de Fartaque, os quaes ſe-

ſenhoreavam toda aquella coſta; e poſto que não foſſem mui poderoſos em navegação, eram ſeus portos mui frequentados por cauſa do grande commercio. Os vaſſallos dos quaes como eſtavam naquellas fraldas da Arabia, todos eram homens valentes de ſua peſſoa, ſoffredores de trabalho, e muito aptos pera a guerra, como he a gente Arabia. O Reyno de Ormuz já per ſi era maior em eſtado, riqueza, e gente, que eſtes tres juntos, e o que o fazia ainda mais poderoſo era a vizinhança da Perſia, donde podia ſer ſoccorrido. E ſe o Rey da Perſia, que naquelle tempo reinava chamado Xeque Iſmael, tomára poſſe delle como tinha tentado, quando Affonſo d'Albuquerque o tomou como veremos, noſſa contenda fora com outro Principe maior em eſtado, e potencia que o grande Dario, ſob reverencia de quanto os Gregos eſcrevêram della por dar maior gloria ao ſeu Alexandre. Mais adiante tinhamos ElRey de Cambaya, com que tivemos per muito tempo guerra, e ainda temos, ao qual nem Xerxes, nem Dario, nem Póro chegáram em poder, eſtado, e riqueza, e animo militar, como em ſeu tempo ſe verá. Paſſado Cambaya, de Chaul até Cintácora contendemos com o Yzamaluco, e Hidalcan Capitão do Reyno Decan, que repreſentavam em poder, eſtado, e riqueza

dous

dous poderosos Reys, homens mui dados ao uso da guerra, cujos exercitos andavam cheios de Mouros, Arabios, Parseos, Turcos., e Rumes de toda nação levantisca, animosa, e de grande industria pera aquelle acto. Os Mouros do Reyno de Malaca, Samatra, e Maluco, ainda que o poder delles era no maritimo, por o sertão ser do Gentio, que se acolhia ás serranias; a concorrencia das náos que hiam a seus portos os tinha tão provídos de artilheria, e armas, que quando a nossa lá chegou já per número de peças tinham mais que nós. Quanto ao estado da Gentilidade, que he a outra gente que senhorea aquellas regiões, (leixando os Principes do Malabar, de que logo fallaremos,) os mais principaes com que tivemos communicação., por causa de seus estados virem beber ao mar, foram estes: ElRey de Bisnaga, de Orixá, de Bengala, de Pegú, de Sião, e da China. A potencia, e riqueza dos quaes he tão grande cousa, que a penna recea entrar na relação delles, e principalmente porque em outra parte o faz, sómente por mostra da sua grandeza diremos o que dizia ElRey de Cambaya chamado Badur, que morreo a nossas mãos vizinho destes primeiros. Que ácerca da riqueza, elle era hum, ElRey de Narsinga dous, e ElRey de Bengala tres,

e ao

e ao tempo que elle isto dizia, tinha juntos vinte e dous contos d'ouro, que todos despendeo em huma guerra té sua morte. E porque não fallou em ElRey de Sião., e da China, por não ter com elles tanta communicação, a qual nós tivemos, da grandeza delles daremos aqui alguma noticia. ElRey de Sião he Principe, que ante que se lhe os Mouros levantassem com o Reyno de Malaca, começava o seu Estado naquella Cidade, que está em dous gráos e meio da banda do Norte, e acabava em os montes do Reyno dos Gueos, que começavam em vinte e nove gráos. E com tudo ainda hoje o seu Estado passa de comprimento de trezentas leguas, no qual ha estes sete Reynos a elle subditos, a fóra o proprio de Sião, Camboja, Cómo, Lanchã, Chencray, Chencran, Chiamay, Camburij, Chaipumo, e he Principe que tem trinta mil Elefantes de toda sorte, de que sómente tres mil são de guerra, e no tempo della a Cidade Udia cabeça do Reyno lança sincoenta mil homens. Quanto a ElRey da China bem podemos affirmar que sómente elle em terra, povo, potencia, riqueza, e policia he mais que todos estoutros, porque o seu Estado contém em si quinze Provincias, a que elles chamam governanças, cada huma das quaes he hum grande Reyno, e na Geografia sua

que

que houvemos, tratando o Auctor de cada Provincia, faz hum summario do que rende; se he verdade a interpretação dos numeros de sua conta, parece que tem mór rendimento que todolos Reynos, e potencias da Europa. E eu dou-lhe alguma fé, porque hum escravo Chij, que comprei pera interpretação destas cousas, sabia tambem ler, e escrever nossa linguagem, e era grande contador de algarismo. E as causas que podem ainda acreditar o que dizemos, são que a costa do seu estado passa de setecentas leguas; porque quem parte de Cantão pera ir onde ElRey está, ao menos atravessa quinhentas leguas, tudo tão povoado, que ninguem dorme fóra delle. A terra em si tem todolos metaes em grande quantidade, a mecanica muita mais que em Frandes, e Alemanha, porque he tanto o povo, que por se manter fazem obras de todo genero tão primas, e sotis, que não parecem feitas com dedos, mas que as lavrou a natureza. Finalmente he tão grossa, e abastada de tudo, que estando alguns dos nossos em hum
...to da Cidade de Nimpo, em tres
...íram carregar quatrocentos bahares
...da solta, e tecida, que são mil e tre-
...s quintaes dos nossos. Démos huma no-
... geral destes Principes por as causas que
atrás apontámos; e porque com os Reys

do Malabar tivemos mais communicação per commercio, e per armas, principalmente com o Çamorij, e contendemos té ora com elle, ſem termos dado relação de ſuas couſas, convem que o façamos particularmente no ſeguinte Capitulo.

## CAPITULO III.

*Como a terra da Provincia Malabar ſe repartio em Reynos, e Eſtados: e o fundamento do Eſtado do Çamorij, e de algumas couſas dos Naires, e gente Malabar.*

TOdo o Gentio da India, principalmente o que jaz entre os dous mui grandes, e celebrados rios Indo, e Gange, as couſas que quer encommendar á memoria per eſcritura, he em humas folhas de palma, a que elles chamam Olla, de largura de dous dedos, e o comprimento ſegundo a couſa de que querem tratar. Se são algumas da ſua Religião, ou Chronicas, e outras memorias pera muito tempo, ao modo como nós cá eſcrevemos em livros de folha inteira, outros de quarto, vo, aſſi elles de ambalas partes eſc em folha comprida, ou curta; e depoi tem eſcrito grande número de folhas en tinuação de livros, mettem-as entre duas ta

las,

las de páo, em lugar de taboas de enquadernação; e assi ellas, como as folhas, vam traspassadas com hum cordel, que as entretem por se não espalharem; e em lugar de brochas com o mesmo cordel atam as folhas entre aquellas tallas. As outras cousas, que servem ao modo de nossas cartas mesmas, e escritura commum, basta ser a folha escrita, e enrolada em si, e por chancella ata-se com qualquer linha, ou nervo da mesma palma. O modo desta escritura não he mais que com hum estilo de ferro, ou de páo rijo, ir levemente per sima daquella folha riscando os caracteres da sua letra, e não tão profundos, que traspassem a outra parte da folha, pera poderem escrever d'ambas as faces; e as escrituras que elles querem que dure pera muitos seculos, que he particular de alguma cousa, assi como letreiros de templos, doações de juro, que dam os Reys, estas são abertas em pedra, ou cobre. O Alfabeto da qual letra, e forma della, e o modo de escrever da parte esquerda pera a direita com os costumes desta gente, mais particular escrevemos em os Commentarios da nossa Geografia: aqui pera nosso intento basta saber que a maior parte das cousas da escritura da sua Religião, a creação do Mundo, a antiguidade da povoação delle, a multiplicação dos homens,

e Chronicas dos Reys antigos, tudo he hum modo de fabulas, como tinham os Gregos, e Latinos, e quasi hum metamorfoseos de transmutações. E segundo o que desta sua escritura temos alcançado por alguns livros, que nos foram interpretados ao tempo que entrámos na India, havia seiscentos e doze annos que naquella terra, a que elles chamam Malabar, fora hum Rey chamado Saramá Pereimal, cujo estado era toda esta terra, que terá per costa té oitenta leguas, (como atrás dissemos.) O qual Rey foi tão poderoso, que por memoria do seu nome faziam a computação do tempo do reinado delle, que com nossa entrada leixáram, tomando a ella por era, e anno de suas escrituras, de que já muitos usam. O assento principal do qual Rey era em Coulão, onde geralmente concorriam todolos negocios do commercio das especiarias de muitas centenas de annos, em cujo tempo os Arabios já convertidos á secta de Mahamed, começáram per via de commercio entrar na India: Não como gente nova neste acto, pois havia muitos tempos que elles, e os Parseos eram senhores daquelles dous estreitos, per que as cousas Orientaes vinham a estas partes da Europa, e traziam entre si esta navegação, e commercio dellas; mas como gente, que novamente começava de denun-

cia-

ciar a ſecta que tinha acceptado. E como os Mouros, por ſerem nuncios do Demonio, que neſte genero de acquirir vaſſallos lhe mui diligente, e todos ſão mui ſolícitos de converter o Gentio a ſi, pouco a pouco começou eſta ſua infernal doctrina lavrar naquella gente idólatra; e por ſer mais accepta, tomavam-lhe as filhas por mulheres, couſa que eſte Gentio tem por honra, té que totalmente vieram aſſentar vivenda na terra, com que eſte Rey Saramá Pereimal veio a ſe fazer Mouro. Donde ſe cauſou ſerem logo tão favorecidos delle, que deo lugar proprio onde povoaſſem, e foi em Calecut, por alli ſer a flor da pimenta, e gengivre; e depois que o tiveram poſto naquelle eſtado de Mouro, fizeram-lhe crer, que pera ſalvar ſua alma lhe convinha ir morrer á caſa de Méca. O qual vendo-ſe de muita idade, deſejoſo de ſua ſalvação, acceptou o conſelho; e como homem que leixava o Mundo, primeiro que ſe partiſſe, quiz em modo de teſtamento repartir ſeu eſtado por os mais chegados parentes. Ao mais principal deo o Reyno de Coulão, onde ſe poz a Cadeira da Religião dos Bramanes, por elle ſer o maior de todos no tempo que era Gentio. A outro parente deo Cananor com titulo de Rey; e a outros outras terras com nomes de gráos de honra,

ſe-

ſegundo ſeu uſo; e aſſi como fazia a repartição, aſſi fazia logo a entrega da terra, indo deſiſtindo do governo della. A ultima das quaes foi a Cidade Calecut, onde os Mouros, (ſegundo diſſemos,) tinham já povoação propria, como homem que ſe entregava nas mãos daquella gente que lhe enſinára o caminho de ſua ſalvação, e leixava o Gentio profano pera ſe alli embarcar. E porque eſta terra de Calecut era a couſa ultima, que na ſua vontade tinha por repartir, e quanto á ſua opinião aquella, que havia de permanecer em grande potencia por razão dos Mouros, que já alli habitavam, e frequencia do commercio que engroſſava os Naturaes, com a qual riqueza, e adjutorio dos Mouros podia o Senhor della ſenhorear as outras terras que tinha repartidas; eſta, ainda que pequena em termo, quiz dar a hum ſobrinho a que elle maior bem queria, e que de menino lhe ſervíra de page com hum novo nome de Potencia no ſecular ſobre todolos outros, chamando-lhe Çamórij, que entre elles quer dizer o que ácerca de nós Emperador. Ao qual leixou eſtas duas peças de que elle uſava, hum candiciro, que ſerve ao preſente diante das peſſoas notaveis, como cá entre nós a tocha, e por iſſo os noſſos lhe deram eſte nome, per a qual peça que dá luz, eſ-

tes

tes Principes antigamente entendiam a luz, e claridade do entendimento que tinham sobre os outros homens; e a outra peça foi huma espada per que significava o poder Real. Obrigando aos outros parentes serem subditos a este na parte secular, como quiz que elle, e os outros nas cousas da sua Religião se sobmettessem a ElRey de Coulão, como a cabeça de todolos Bramanes, ao qual leixou este nome Cobritim, que denota aquella dignidade que ácerca de nós he a do Summo Pontifice. E ácerca do temporal, este Rey de Coulão, e ElRey de Cananor podiam bater moeda, peró que o Çamorij fosse superior delles; e os outros Senhores em final de obediencia não podiam cubrir casa com telha, e outras muitas cousas que ordenou de maior, e menor dignidade, os quaes delegados de sua ultima vontade atou com grandes juramentos de sua Religião: e assi obrigou a este seu sobrinho Çamorij, que em memoria de sua partida daquelle lugar, onde os Mouros tinham pousado, fundasse huma Cidade, que fosse a Metropoli de todo Malabar, pois elle era cabeça de todolos seus habitadores. Embarcado este Rey Saramá Percimal, levando comsigo muitas náos carregadas de especiaria pera offerecer na casa de Méca, primeiro que lá chegasse, chegou sua alma

a se

a se offerecer ao Demonio, por elle morrer no caminho; porque per qualquer que elle fosse, ora da gentilidade em que nasceo, ora da secta que acceptou, o termo de sua jornada havia de ser naquelle fogo infernal, e as suas offertas no profundo do mar, onde se as náos perdêram com hum temporal. Ficando seu sobrinho naquelle estado com titulo de Çamorij, e fundada a Cidade Calecut, como lhe elle encommendou junto da povoação dos Mouros, correndo o tempo, que muda todalas cousas por mais ordenadas que as os homens leixem, posto que nelle sempre durou este nome Çamorij, outros Senhores da terra Malabar se intituláram com nome de Reys. Os quaes, segundo elles dizem, todos procedem da repartição deste Rey Saramá, e o de Cochij he o que tem a dignidade Cobritim, por os antigos de Coulão, em quem ella ficou, se passarem alli por razão da vizinhança, e ser sua propria terra, e outras razões de cumpridas ambages que elles contam. Toda esta terra Malabar, ainda que ao tempo que nós entrámos na India estava dividida nos Reynos, que atrás descrevemos, o maior Principe della em gente, e riqueza éra o Çamorij por causa da habitação dos Mouros, e elle avocar alli o tracto das especiarias, posto que em seu Reyno não houve s-

vesse mais que pimenta, gengivre, e algumas drogas de botica, que quasi he geral per todo o Malabar, e o mais lhe vir de fóra, assi como canella, cravo, maça, noz, e outra sorte de cousas aromaticas. A terra em si toda he baixa, alagadiça, retalhada com esteiros, e rios, como cá são as terras, a que per vocabulo Arabico chamamos Leziras. A gente em geral toda tem huma lingua, huma crença, huma escritura, e hum costume, sendo a mais distincta gente em uso particular de variedade de pessoas, ácerca das dignidades, e officio, que cada hum deve ter de quantas té hoje temos descuberto, nem se acha escrito, peró que no fragmento que se acha das cousas que Arriano escreveo da India, diga alguma cousa do costume desta gente Malabar, como que teve noticia della. Porque o lavrador he distincto do pescador, o tecelão do carpinteiro, &c. de maneira, que os officios tem feito entre elles linhagem propria pera huns não casarem com os outros, nem communicarem em muitas cousas; e o filho do carpinteiro não póde ser alfaiate, porque em modo de religião cada hum na vida, e officio segue seu pai, da qual superstição escrevemos em os Commentarios da nossa Geografia. E o Naire, que he o mais nobre em sangue de toda esta gente, não faziam os

Ju-

Judeos em ſeu tempo tanta purificação, quando ſe tocavam com hum Samaritano, quantas elle faz, ſe per deſaſtre algum deſte povo lhe toca: e aſſi o tratam, como ſe elle foſſe hum corpo glorificado, e o outro hum immundo animal. E reduzindo-nos pera noſſo intento, o Gentio natural, e proprio indigena da terra, he aquelle povo, a que chamamos Malabares: ha hi outro, que alli veio da coſta de Choromandel por razão do tracto, aos quaes chamam Chingalas, que tem propria lingua, a que os noſſos communmente chamam Chatijs. Eſtes são homens tão naturaes, mercadores, e delgados em todo o modo do commercio, que ácerca dos noſſos, quando querem taixar, ou louvar algum homem por ſer mui ſubtil, e dado ao tracto da mercadoria, dizem por elle, he hum Chatim, e por mercadejar chatinar, vocabulos entre nós já mui recebidos. Habitam mais naquella Provincia do Malabar dous generos de Mouros; huns naturaes da terra, a que elles chamam Naiteas, que são meſtiços: quanto aos padres de geração dos Arabios, que no principio começáram habitar, e por parte das madres das Gentias, que tomáram por mulheres: Os quaes como são meſtiços no ſangue, aſſi o são na crença, e logo são conhecidos nos coſtumes, no trajo, e na peſ-

pessoa, de que ha tão grande número, que he a quarta parte da gente; porque como os Mouros são libertados per privilegios do Rey, e podem-se tocar com todo o Gentio nobre, o que não faz o povo, por razão desta liberdade, fazem-se muitos Mouros. O outro genero de Mouros são os Estrangeiros, assi como Arabios, Parseos, Guzarates, e outras muitas nações, que concorrem alli por razão do commercio, que todos são homens de grande cabedal, e tractam grossamente. Ha ahi tambem muitos Judeos naturaes da terra, que por razão de communicarem com os Mouros, e Gentios, todos são aguados com seus costumes, e ceremonias, e menos sabem da sua lei que das outras: são homens de tracto, e onde quer que vivem, sempre buscam a sombra do favor do Principe por serem avorrecidos da gente; e porém os daquella parte são homens de sua pessoa, e pelejam mui bem. De todas estas gerações a mais belicosa he a gente dos Naires por terem profissão de serem homens de guerra; os quaes sendo do mais nobre sangue de todo o Gentio na opinião delles, podem-se chamar filhos do vulgo: cá não lhe sabem certo pai, por as mulheres dos Naires serem commuas aos de suas dignidades. Porém esta lei se guarda ácerca dos mui nobres, sómente entre o povo

vo

vo delles; e he tão geral, que depois que huma mulher deste sangue dos Naires he de idade de dez annos, em que se ha por apta de ter maridos, segundo certas ceremonias de que elles usam, póde dar entrada em sua casa a quantos Naires quizer, e tambem aos Bramanes, que são os seus religiosos, por serem licenciados nestas entradas; e sendo d'outra linhagem, são havidas por adulteras. E são elles, e ellas tão livres deste vinculo conjugal, que se hum aborrece ao outro, isto basta pera se apartarem per modo de repudio; porém em quanto ambos estam em concordia, elle he obrigado de manter a ella; e vindo de fóra, se algum outro Naire está com ella, basta pera não entrar dentro, e saber que está occupada, achar a adarga, e espada do outro á porta, sem por isso receber escandalo, ou paixão; e daqui vem nenhum delles haver por filho o parto da mulher, nem são obrigados aos manter, e seus verdadeiros herdeiros são os sobrinhos filhos dos irmãos. Dizem que esta lei he entre elles mui antiquissima, e que procedeo da vontade de hum Principe pera desobrigar os homens dos filhos, e os ter livres, e promptos no exercicio da guerra; e por elles estarem obrigados a ella cada vez que os ElRey mandar, tem grandes privilegios, e liberdades: Em tanto, que quan-

quando vai per qualquer parte, vai bradando hum ſeu, ou elle: *Pó*, *pó*, que quer dizer guarda, guarda; e como não for outro Naire, toda outra peſſoa deſpeja a rua, ou o caminho por reverencia de ſua peſſoa, por tambem ácerca delles ſer couſa de grande religião não ſe tocarem com algum fóra da ſua dignidade; e ſe per deſaſtre lhe iſto aconteceo, ha-ſe de mundificar deſta contagião com certas ceremonias. Eſte nome Naire, ainda que ſeja do ſangue delles, não o póde algum ter ſenão depois que he armado Cavalleiro, e porém goza dos privilegios de ſua nobreza; porque como chega á idade de ſete annos, he logo obrigado ir á eſcola da eſgrima, ao meſtre da qual; (a que elles chamam Panical,) tem em lugar de pai pola doctrina que recebem delle; e depois do Rey, ou Senhor a que ſervem, a eſte tem maior reverencia. Eſtes ſeus meſtres não ſómente lhes enſinam o modo de eſgrima de toda a arma, ſaltar, correr, e outras deſenvolturas, mas ainda pera os fazerem mais déſtros, e leves, logo no principio deſta ſua doctrina os quebram, e deſconjuntam á maneira de volteadores, e pera iſſo os untam com azeite de gergelim por os nervos não receberem leſão. Com o qual modo aſſi ſaltam pera trás, como pera diante, e são tão leves no movimen-

to do corpo, que parecem humas aves; porque quando cuidais que os tendes arredados de vós, achai-los enroſcados debaixo das voſſas pernas cubertos de ſua adarga. Suas armas são lanças, arco, e fréchas, e a eſpada he de quatro palmos; e peró que ſeja de ferro morto, he aſſi temperado que em córte he aço de Milão, muitas das quaes são em arcadas á maneira dos noſſos terçados, e mui pezadas, e não tem mais guarda do que tem huma maça dos noſſos homens d'armas, que he huma arandela que lhe cobre o punho. E poſto que eſta ſua eſpada tenha ponta, não uſam de eſtocada, todolos ſeus trabalhos he eſgrima floreada ao ſom de humas argolas miudas, que trazem pegadas junto do punho, que dam eſpirito ao eſgrimidor. Na maneira de commetter são mui ouſados, e com ordem; e em fugir não tem alguma, nem he vicio ácerca delles, mas prudencia; porém são tão leaes aſſi na guarda do Senhor a quem ſervem, que ante ſe leixaráõ todos morrer que o deſamparar, ſe com eſte deſamparo a peſſoa delle póde incorrer em algum perigo; e mais lei tem com o Senhor de que recebem ſoldo, que com ſeu proprio pai. E acertando o ſeu Rey, ou Senhor que ſervem de morrer na batalha, e elle ſe não achou naquelle lugar pera morrer com elle,

ain-

ainda que seja em Reyno estranho, lá vam demandar sua morte per desafio. São homens de pouca mantença, e pouco custo, porque com duzentos reaes da nossa moeda por mez se acharáõ naquellas partes quantos quizerem. Tanto que he Cavalleiro, o Rey, ou Senhor da terra lhe ha de dar moradia, e póde trazer armas, e acceptar, ou commetter desafio, cousa entre elles mui costumada. A ceremonia de armarem Cavalleiro he ir com todolos parentes, e amigos com pompa, e apparato de festa á casa d'ElRey, ou Senhor com que vive, e offerecer-lhe sessenta moedas d'ouro, a que chamam Fanões, cada hum dos quaes póde valer da nossa moeda vinte reaes, todos postos em huma folha de betelle, e o Senhor lhe pergunta se quer ser Cavalleiro, e elle com todolos que o acompanham a huma voz respondem: *Si*. Então lhe manda cingir huma espada de bainha vermelha, e põe-lhe a mão pela cabeça, dizendo entre si certas palavras da religião daquella Ordem; e depois em alta voz diz estas: *Pagueg o Brammena bisquera*, que querem dizer, guardarás os Brammanes, e as vacas; e dito isto, o Senhor lhe dá dous fanões d'ouro em sinal, e começo de paga do soldo, ou moradia que cada mez ha de ter delle, e esta he a primeira honra que recebe. Acaban-

bando o Senhor ſua ceremonia, hum Eſcrivão ſeu em alta voz pergunta pelo nome delle novel Cavalleiro, e de que familia he, e aſſi o aſſenta em o Livro da Matricula dos Cavalleiros, o qual aſſento he teſtemunhado com alguns dos principaes, que com elle vieram em modo de padrinhos. E tirando as peſſoas muito nobres, que ElRey faz por ſua mão, as mais vezes commette eſte armar de Cavalleiro ao proprio Panical meſtre da eſgrima; e ordinariamente todos em quanto podem trazer armas, e certos dias na ſemana por não perderem o exercicio della, são obrigados ir á eſcola deſta eſgrima. Todos em os negocios da guerra he gente tão ſuperſticioſa, que não moverão o pé ſem eleição da hora: e em tanto eſtremo guardam a obſervancia do tempo per eſte modo de eleição da Aſtrologia, que muitas vezes perdem fazenda, e com ella a vida por ſeguir eſta ſuperſtição. E não ſómente eſtes, mas todo o Gentio daquellas partes per Aſtrologia, Geomancia, Pyromancia, Hydromancia, Onomancia, e outras eſpecies deſtas artes, que elles referem ao curſo do Ceo, e Planetas, mas ainda todo genero de agouros per alimarias, aves, e outras feitiçerias, em que moſtram ſerem mais doctrinados, ou por melhor dizer mais familiares do Demonio, do que foram neſta parte os

Gre-

Gregos, é Romanos, ſegundo as couſas que fazem, de que tem muitos livros. O maior feito que hum deſtes Naires póde fazer na guerra, he tomar a eſpada a ſeu imigo, e tanto que a toma, per obrigação de lealdade a leva a ElRey, e elle a manda poer na caſa das ſuas Armas, com huma eſcritura que declara quem, e per que modo foi ganhada dos imigos. E quando ElRey recebe eſta eſpada do Cavalleiro que lha apreſenta, alevanta as mãos contra onde naſce o Sol, dando louvores a Deos, pois o fez ſenhor das armas de ſeus imigos, em ſatiſfação do qual ſerviço dá áquelle Cavalleiro huma manilha d'ouro, a qual traz no braço em ſinal de honra. O viver, e habitação deſta gente he junto da caſa do Senhor que ſervem, cada hum apartado per ſi em caſa propria, com quintaes, e vallados, de maneira que lhe fica toda ſua herança de huma cancella pera dentro, e quaſi per eſte modo vive todo o Gentio debaixo dos palmares, e areaes, que he a ſua fazenda de que vivem; donde vem, que a terra em que ha povoados, toda he repartida neſtas propriedades; e são tantos os vallos, que he hum labyrintho andar per os caminhos reaes, poſto que ſejam eſtradas largas, quanto mais per as azinhagas do ſerviço de cada propriedade, de maneira, que quem os quizer

conquiſtar tem mais que fazer em entender os caminhos per onde póde entrar, e ſahir, que em pelejar; e os lugares de grande povoação, em lugar de muro, são cercados de hum genero de arvores de eſpinhos tão fechadas, que ſe não podem entrar, nem menos queimar de verdes. Eſtas são as armas, e gente, com que os Reys, e Principes do Malabar, de que fallamos, fazem ſua guerra, a qual toda he a pé, por entre elles não haver uſo de cavallos, nem a terra ſer apta pera iſſo; e com noſſa entrada na India, principalmente o Çamorij, tiveram grandes ajudas nos Mouros, que os mettêram em artilheria, e outros artificios, e induſtrias, que elles não ſabiam. Quanto a outra guerra que temos com os Reys, e Principes Mouros, aſſi do Reyno Decan, que pelejam a cavallo, como do Reyno de Cambaya, Ormuz, &c. em ſeu tempo daremos relação de ſuas couſas: Eſta noticia em geral baſte ao preſente, e tornemos ao que o Viſo-Rey D. Franciſco d'Almeida fez em Cananor.

## CAPITULO IV.

*Como o Viso-Rey se vio com ElRey de Cananor, e, espedido delle, chegou a Cochij, onde lhe deram nova que Antonio de Sá Feitor de Coulão era morto pelos Mouros, sobre o qual caso mandou logo lá D. Lourenço.*

O Viso-Rey, depois que espedio os Embaixadores de Narsinga, (como atrás fica,) por ser já vindo ElRey de Cananor pera as suas casas, que estavam a huma parte da Cidade, ordenou per meio do Feitor Gonçalo Gil, que se vissem ambos, posto que entre elles houve as primeiras visitações de sua chegada. A qual vista havia de ser junto dó recolhimento, que elle Gonçalo Gil, e os Officiaes com a gente d'armas que alli ficára tinham feito, que era em huma ponta de terra tão aguda, e mettida no mar, que a pudéram elles cortar com huma cava, pero que elle não entrasse per ella; ao longo da qual cava da parte de dentro fizeram huma estacada com entulho, que ficava em lugar de repairo; e nas outras duas faces que levava o mar, tambem tinham feitas estacadas quanto era necessario pera as casas de madeira, segundo o uso da terra. Do qual recolhimento té o mais agudo da ponta

ta havia hum espaço, que com a vinda de Lourenço de Brito, que alli ficou por Capitão, se povoou de mais casas; e como adiante veremos se fundou huma Ermida, que se chama *Nossa Senhora da Victoria*, pola que D. Lourenço filho do Viso-Rey alli houve. E diante do lanço da cava, que era a serventia pera a Cidade, estava hum poço d'agua doce, de que os nossos bebiam, que causou elegerem aquelle lugar pera seu recolhimento, além de a terra em si ser lavada do mar pelas duas faces, e ficar mui disposta pera isso; e entre este espaço, e a cava tinha cortado algumas palmeiras por desabafar este recolhimento, com que fizeram hum grande terreiro. O qual por ser espaçoso pera aquelle acto de vistas, mandou ElRey enramar, e toldar com pannos de seda, tudo per ordenança dos nossos, tão concertado, que ficou huma grande, e graciosa sala. E no dia que se haviam aqui de ver, mandou ElRey pedir ao Viso-Rey, que quando partisse das náos não viesse de frécha a este lugar, mas direitamente ás suas casas, que estavam no cabo da Cidade, pera que dalli ambos juntamente hum per mar, outro per terra ao longo da praia se viessem metter neste lugar ordenado. A causa deste requerimento, (segundo Gonçalo Gil disse ao Viso-Rey,) era porque queria El-

Rey

Rey vir ao longo da praia, dando-lhe moſtra de ſeu eſtado, por ſerem neſtas viſtas tão glorioſos, que em nenhuma outra couſa querem moſtrar ſeu poder, o qual requerimento o Viſo-Rey concedeo por lhe comprazer. Embarcado elle com toda a flor da gente em bateis embandeirados com grandes apupadas dos remeiros, eſtrondo d'atabaques, e trombetas, quando foi ao eſpedir das náos, começáram ellas tambem em ſeu modo denunciar ſua partida de feſta, rompendo os ares com ſua artilheria, de maneira, que huns ſe não pódiam ouvir com eſtrondo dos outros. ElRey como tinha poſto o olho nelle, poz-ſe em tal ordem, que quando chegou defronte das ſuas caſas eſtava poſto em ordenança ao longo da praia com obra de ſinco mil homens, todos armados, huns de eſpada, e adarga, e outros frécheiros; em meio da qual ordenança vinha elle lançado em hum andor alto ſobre hombros de homens, e hum ſombreiro de pé ſegundo ſeu uſo, que lhe tomava o Sol, e alguns ſervidores, que com abanos altos lhe vinham refreſcando o ar. E entre elle, e a gente que vinha diante, e ficava detrás, havia hum eſpaço deſpejado, em que eſgrimiam certos homens de eſpada, e coſo, couſa pera muito folgar de ver, porque como eram ligeiros, e leves, faziam ſaltos, e vol-

voltas, como póde fazer hum deſtro volteador. Chegados ambos a hum tempo ao lugar onde ſe haviam de aſſentar, eſperou o Viſo-Rey que ſe apartaſſe aquelle grão cardume de gente que vinha diante d'ElRey, á qual como ſahio da ordenança, a mais della por ver o acto do recebimento ſem ordem, quiz occupar a maior parte do terreiro. ElRey poſto já no lugar que eſtava toldado, e entendendo que o Viſo-Rey não ſahia dos bateis polos ſeus deſordenadamente terem occupado o terreiro, mandou per os Officiaes de ſua ordenança que os deſpejaſſem de todo, e ficou ſómente acompanhado com as principaes peſſoas que haviam de eſtar com elle. E o Viſo-Rey, viſto eſte deſpejo, leixou toda a gente ao longo da força, que os noſſos tinham feita, poſtos em ordenança, e foi-ſe pera ElRey naquella ordem que requeria ſeu cargo, de porteiros de maça, e trombetas diante, e com alguns Fidalgos eſcolhidos por ver como ElRey tambem ſe expunha naquelle modo; e as peſſoas notaveis que neſte acto entráram com elle, foram ſeu filho D. Lourenço, D. Alvaro de Noronha, que hia por Capitão de Cochij, e Lourenço de Brito, e Gaſpar Pereira Secretario, e Gaſpar da India lingua. Feitas ſuas cortezias, da primeira viſta aſſentáram-ſe ambos em duas cadeiras, que eſta-

tavam cubertas com pannos de borcadinho. E depois que praticáram hum pouco na chegada de cada hum, começou o Viſo-Rey dizer a ElRey como vinha pera reſidir per alguns annos na India, por cauſa das couſas que eram movidas entre as Armadas del-Rey ſeu Senhor, e o Çamorij de Calecut, e todolos Mouros que navegavam áquellas partes, por razão do odio que tinham aos Chriſtãos, e principalmente á gente Portuguez, de que elle já teria noticia. Finalmente paſſadas eſtas palavras do fundamento de ſua vinda, começou de tratar em ſe fazer fortaleza naquelle lugar, que tinha elegido o Feitor Gonçalo Gil, a qual ElRey prometteo logo, e todolos Officiaes da terra pera iſſo, e aſſi prometteo de dar com brevidade deſpacho á carga de eſpeciaria ás náos, que aquelle anno haviam de vir pera eſte Reyno. Paſſada eſta prática que durou hum pedaço, ſe eſpedíram hum do outro com as dadivas, que ſe entre elles coſtumam, em que entravam algumas peças, que ElRey D. Manuel de cá mandava, que ſe deſſem áquelles Principes ſeus ſervidores. E porque entre elles ficáram algumas couſas por acabar de aſſentar ácerca da eſpeciaria, ao ſeguinte dia mandou o Viſo-Rey a Gaſpar Pereira Secretario, e ao Feitor Gonçalo Gil com Diogo Lopes Eſcrivão da ſua

náo

náo S. Jeronymo com Gaſpar da India lingua, que levavam huns Apontamentos deſtas couſas, os quaes ElRey concedeo. E entre algumas que elle pedio ao Viſo-Rey, foi, que levaſſe dalli certos homens dos que eſtavam em companhia de Gonçalo Gil por ſerem revoltoſos. E peró que o Viſo-Rey delles lhe quizera dar emenda, elle ſe houve por ſatisfeito em os mandar dalli: e com eſtas, e outras couſas, em que ElRey via com quanta vontade o Viſo-Rey o queria comprazer em ſeus requerimentos, trabalhava elle tambem por lha pagar, mandando fazer com diligencia tudo o que elle queria. O Viſo-Rey porque tinha muito que fazer no deſpacho das náos, e o tempo era mui breve pera a partida dellas, não ſe pode alli mais deter que oito, ou dez dias, em quanto acabou de cortar bem aquella ponta de terra, em que eſtava elegida a fortaleza, e começou de a poer em termos, que ficava pera ſe a gente poder bem defender. E leixando tudo em ordem pera ſe acabar, como a cal foſſe feita em breve tempo com Officiaes que pera iſſo hiam ordenados, tomou a omenage della a Lourenço de Brito Copeiro mór d'ElRey D. Manuel, que, (como já diſſemos,) hia pera Capitão della, ou d'outra, que ſe havia de fazer em Coulão; e Guadalajarra hum Fidalgo

go Caſtelhano per Alcaide mór , e Lopo Cabreira Feitor , com os mais Officiaes a ella ordenados , que com a gente d'armas podiam ſer cento e ſincoenta peſſoas; e para guarda daquella coſta, e favor da fortaleza, ficáram eſtes dous Capitães, Rodrigo Rabelo em ſua náo , e Bermum Dias Nataforea. O Viſo-Rey , provídas eſtas couſas, partio-ſe via de Cochij, onde chegou o primeiro de Novembro , e em ſeguindo na barra, elle, e Fernão Soares por ſerem melhores na vela que as outras náos, chegou huma caravela das que leixou Lopo Soares, de que era Capitão Chriſtovão Zuzarte, o qual vinha de Coulão, e lhe deo nova que o Feitor Antonio de Sá com todolos Portuguezs que lá eſtavam eram mortos, e poſto fogo á fazenda, e caſas que tinham, de que o Viſo-Rey ficou mui triſte por aquelle deſaſtre. Perguntando pela cauſa deſte caſo, contou Chriſtovão Zuzarte, que no porto de Coulão havia dias que eſtavam quatro náos de Mouros de Calecut, as quaes traziam hum pouco de cravo, e canella, e algum arroz, que vieram de contra o Cabo Comorij; e por o Feitor Antonio de Sá ſaber que vinham ellas alli pera tomar carga de pimenta, e fazer ſua viagem de mar em fora caminho do eſtreito de Méca, apartando-ſe da coſta da India por cauſa de noſ-

ſas

ſas Armadas, não ſómente trabalhou per ſeus meios de lhes impedir eſta pimenta, mas ainda lhes mandou commetter que lhe vendeſſem a eſpeciaria que tinham, com fundamento de os fazer dalli partir, ſe lha negaſſem; e leixando-ſe eſtar no porto, de lhe tomar as vélas por ſegurar delles que não tomaſſem a pimenta. O qual negocio elle commetteo depois que João Homem chegou com o recado delle Viſo-Rey, porque como elle era hum Cavalleiro, que todo o ſeu ſer eſtava em pelejar ſem medo, e das outras couſas que pertenciam a Capitão tinha pouco diſcurſo, e cautelas, tanto fez com Antonio de Sá, e elle tambem eſcandalizado dos Mouros, que confiado na grande frota, e gente noſſa, que era entrada na India, e valentias de João Homem, com favor ſeu tomou as vélas ás náos dos Mouros, o que elles ſoffrêram por mais não poder. Porém partido João Homem pera onde leixava a elle Viſo-Rey, chegadas vinte e tantas vélas de Calecut, Cananor, e Cochij, todas de Mouros mercadores, ficáram elles eſcandalizados tão favorecidos com ellas, que ordenáram logo de enviar hum delles ao Regedor da terra, que fizeſſe com o Feitor que lhe tornaſſe ſuas vélas. O Regedor, porque folgava de favorecer os Mouros pelo proveito que traziam á terra, mandou com eſ-

eſte, que lhe trazia o recado, hum criado ſeu a Antonio de Sá; e foram as palavras que per elle lhe mandou dizer taes, e tão eſcandaloſas, que ſe travâram de tal ſorte com outras de maior indignação, com que o Mouro deſaforadamente apunhou hum terçado pera o Feitor Antonio de Sá, e elle poz-lhe tão rijo as mãos nos peitos, que deo com elle em terra. Ao qual tempo ſe chegou hum homem delle Feitor, e com huma eſpada deo duas feridas ao Mouro, com as quaes ſe elle foi apreſentar ao Regedor, e aſſi accendêram a furia dos Gentios, e Mouros das náos que eram preſentes, que vieram com aquelle impeto hum grande numero delles ſobre os noſſos, os quaes por ſe defender, ſe acolhêram a huma Igreja que tinham feita, que era de pedra, e cal, onde lhe logo começáram pôr o fogo, porque os não podiam entrar. Os noſſos vendo-ſe mais affrontados do fumo, que das armas delles, ſahíram fóra, e começáram entre ſi hum furioſo jogo de cutiladas, e peró que faziam affaſtar os Mouros, como elles eram muitos, mais canſados das forças que desfalecidos do eſpirito, todos ficáram alli mortos entre os córpos dos barbaros, a que elles tinham tirado a vida. Ao tempo da qual revolta elle Chriſtovão Zuzarte era chegado com ſua caravela

alli

alli com recado do Feitor de Cochij sobre o negocio da carga; e porque elle estava no mar, e não teve modo pera acudir a este insulto, se fez á véla per entre as náos dos Mouros, e veio pôr fogo a sinco que achou apartadas das outras, as quaes quando sahia do porto leixava em huma labareda. Vendo o Viso-Rey que no lugar onde lhe convinha ter paz por razão da carga das náos, achava guerra travada com tanto damno recebido, ficou mui confuso, porque esse caso pedia castigo por parte dos Mouros, e por parte das náos que tinha pera dissimulação. Finalmente determinado no que lhe pareceo mais necessario, assi como D. Lourenço vinha á véla com a mais frota, não houve mais detença de o mandar, e partir, que em quanto se mudou da sua náo á Flor de la mar, Capitão João da Nova, com muita Fidalguia, e estes Capitães, Vasco Gomes d'Abreu, Manuel Telles, Ruy Freire, e as caravelas de Gonçalo de Paiva, Lopo Chanoca, e João Homem, levando aviso que visse se per algum modo podia apacificar a terra pera haverem carga da pimenta, e que pera isso désse a culpa ao morto, porque depois tempo, e culpas haviam de ter cada dia com que pagassem aquelle damno presente; e quando o Regedor de Coulão não quizesse vir em boa paz, então

pu-

puzessem mãos ao castigo. O que D. Lourenço cumprio, porque chegado a Coulão, mandou diante hum recado ao Regedor, e polo attraher a paz, deò a culpa do caso aos mortos, os quaes se foram vivos, o castigo de seu pai lhe fora mais aspero que a mesma morte, por serem perturbadores da paz, que ElRey de Portugal seu Senhor queria ter com os Principes daquellas partes. Peró nenhuma destas branduras, de que D. Lourenço quiz usar, aproveitáram, ante deram ousadia aos da terra de tirarem ás fréchadas a quem levava este recado. E vinte e quatro náos que estavam no porto, como quem se punha em defensão, ajuntáramse todas em hum corpo, mostrando terem em pouco as offertas, e paz de D. Lourenço. E porque Christovão Zuzarte tinha dito que estavam alli algumas náos de Cananor, e Cochij, mandou D. Lourenço notificar, que se alli estavam algumas destes dous lugares, que se sahissem da companhia das outras, porque queria castigar o damno dos mortos, e a injúria que era feita áquella Armada d'ElRey seu Senhor em desprezarem a paz que lhe dava. Finalmente os Mouros se encadeáram todos huns com os outros, e assi perecêram todos em huma brasa de fogo, depois que foram bem conquistados com a furia da artilheria, e força das

lan-

lançadas dos nossos; e alguns Mouros que escapáram, foram os que se lançáram a nado. Da qual victoria D. Lourenço mandou logo nova a seu pai per João Homem, que no commetter destas náos Deos fez por elle hum milagre, dando-lhe hum pelouro de bombarda nos peitos sobre huma adarga, e não lhe fez mais nojo que cahir aos seus pés. Parece que o seu zelo no acto do primeiro insulto, de que elle foi causa, foi tal que por elle não teve culpa, pois Deos o testemunhou nisto que fez pelo salvar; e com tudo assi por este feito, como por outros de pouco governo de Capitão que por elle eram passados, o Viso-Rey lhe tirou a caravela, a qual deo a Nuno Vaz Pereira, hum Fidalgo honrado, que como veremos per meritos de sua pessoa nesta conquista alcançou grande nome. D. Lourenço acabado este feito, partio-se pera Cale Coulão, que será contra Cochij obra de quatro leguas, e alli leixou algumas náos á carga da pimenta per meio de hum Christão da terra chamado Mathias, que a isso deo grande aviamento: cá por razão do proveito que recebiam de nós, em todolos portos onde chegavamos, como nisso não entrevinham Mouros, o Gentio andava em competencias a quem nos ganharia mais a vontade com beneficios, e principalmente com estes

de

de commercio, que era de tanto ſeu proveito.

## CAPITULO V.

*Como o Viſo-Rey ſe vio com ElRey de Cochij em hum acto ſolemne, em que lhe entregou certas couſas: e como acabada a carga das náos as eſpedio pera eſte Reyno.*

ELRey D. Manuel como tinha ſabido os grandes trabalhos, que Trimumpara Rey de Cochij paſſára na guerra, que lhe o Çamorij de Calecut fez, por lhe gratificar os meritos de quanta fé moſtrou no proceſſo daquella guerra ácerca da guarda da vida dos noſſos, quiz per o Viſo-Rey Dom Francisco mandar-lhe moſtra da boa vontade que lhe tinha por eſtas obras. E porque ao tempo que elle Viſo-Rey chegou, tinha deſiſtido do Reyno Trimumpara por ſua muita idade, e eſtava recolhido entre ſeus Bramanes, como homem que leixava o Mundo, e em ſeu lugar reinava hum ſeu ſobrinho por nome Nambeadora, quiz o Viſo-Rey informar-ſe do Feitor, e Officiaes de Cochij, como paſſava o negocio do reinado deſte Principe, por lhe dizerem que era por favor delles, e não por lhe pertencer o Reyno. Dos quaes ſoube que o verdadeiro herdeiro de Cochij, (ſegundo o uſo dos

dos Malabares,) era outro ſobrinho do Rey paſſado, o qual andava na ſerra lançado com o Senhor de Repelim; e nas guerras paſſadas dentre ſeu tio, e o Çamorij ſe lançou com elle em odio noſſo, fazendo quanto damno podia a ſeu tio. Pola qual razão, quando o tio deſiſtio do Reyno, declarou eſtoutro por herdeiro, poſto que pertenceſſe a elle por mais velho: e ſobre eſta eleição do tio, e merito da grande amizade que ſempre nos guardou, era elle bem quiſto do commum da gente de todo o Reyno. Porém ácerca de alguns principaes era o desherdado mui favorecido, e com favor delles andava perturbando Nambeadora, ao qual negocio elle Feitor acudio com todolos da fortaleza, e com ſeu favor o tinham entretido em poſſe. O Viſo-Rey como teve eſta informação, poſto que entre elle, e ElRey houve viſitações de ſua chegàda, o mais que eſperava fazer guardou pera a vinda de D. Lourenço, por cauſa de quantos Fidalgos, e homens nobres eram idos com elle, os quaes convinha ſerem preſentes á entrega das peças que levava pera ElRey. E ainda pera maior ſolemnidade deſte acto, tanto que D. Lourenço veio de Coulão, mandou elle Viſo-Rey aviſar a ElRey, que vieſſe áquella fortaleza receber certas couſas, e recado, que lhe ElRey de Portugal

ſeu

ſeu Senhor mandava; e juntos todolos Capitães, e principaes peſſoas veſtidas de feſta, foi-ſe com elle a huma grande ramada, que pera eſte acto era feita diante da Igreja dos noſſos com hum eſtrado alcatifado, e paramentado de pannos, e bandeiras de ſeda, onde elle, e ElRey ſe haviam de aſſentar. O qual começou de apparecer em ordenança com ſua gente de guerra diante, e detrás, ſegundo o uſo de ſeus recebimentos de feſta; e elle poſto em hum Elefante, cuberto de pannos de ſeda, e arraiado de borlas, e outras galanterias de entre talhos, que ſervem de louçainha, e paramentos dos Elefantes, principalmente os que são de ſua peſſoa, em que conſiſte todo ſeu eſtado. Porque ſobre ſi não trazia mais que hum panno de algodão mui fino encanchado, a que elles chamam Purava, com que ſe cubria de cinta té meias pernas, e todalas outras partes nuas, ſem mais ornamentos que os couros da ſua carne, e nos braços manilhas d'ouro, e pedraria, e hum barrete alto de borcado. Poſtos ambos no lugar de ſeus aſſentos, e a gente em ordem, e ſilencio, começou o Viſo-Rey em voz entoada propoer o diſcurſo das couſas paſſadas, depois que o Almirante D. Vaſco da Gama deſcubrio a India; e que a tenção principal que ElRey D. Manuel ſeu Senhor ti-

vera neſte deſcubrimento, fora deſejar a communicação dos Reys Gentios daquellas partes; porque mediante ella, e o commercio, que he hum uſo, que procedeo das neceſſidades dos homens, e fica em vinculo de amizade pera ſe communicarem huns com os outros, reſultaria deſta tal communicação, amor, e eſte amor daria as orelhas facilmente aos naturaes, a que a Fé de Jeſus Chriſto Noſſo Redemptor foſſe per elles acceptada, e ſe tornaſſe a renovar no animo dos preſentes, como fora recebida per ſeus antepaſſados per a prégação do Bemaventurado S. Thomé ſeu Apoſtolo, cuja caſa ainda entre os naturaes eſtava havida em veneração, como couſa ſancta que ella era. E porque na vinda dos Capitães, que ElRey ſeu Senhor daquelle tempo té o preſente tinha enviado, naquelle Reyno de Cochij acháram acolhimento, fé, e verdade, e nos outros daquella terra Malabar o contrario, ao menos em padecer tanto trabalho por conſervar eſta amizade, e guardar eſta fé promettida, como tinha paſſado Trimumpara Rey de Cochij, o qual não ſómente aventurou ſeu eſtado, perdendo a maior parte delle, mas ainda dous ſobrinhos. Em remuneração de todas eſtas couſas ElRey ſeu Senhor, como Principe grato a ſeus amigos, lhe mandava tres cou-

ſas

ſas em ſinal de amor, e lembrança do que por ſeu ſerviço fizera. E pois elle leixára por herdeiro a Nambeadora ſeu ſobrinho, que alli eſtava preſente, o qual era conhecido, e recebido por Rey de Cochij; elle Viſo-Rey lhe queria entregar as couſas que trazia, porque quem herdava o Reyno, tambem era digno de receber os meritos delle. A primeira das quaes couſas era aquella coroa d'ouro, a qual elle lhe punha ſobre a ſua cabeça em nome do muito alto, e muito poderoſo D. Manuel ſeu Senhor, Rey de Portugal, e dos Algarves, daquém, e dalém mar, Senhor de Guiné, e da Conquiſta, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Perſia, e India: dizendo as quaes palavras, ſe levantou, e tomando nas mãos a coroa, que lhe tinham diante poſta em hum bacio, lha poz ſobre a cabeça. E proſeguio mais, dizendo, que no acto daquella coroação, elle, em nome d'ElRey ſeu Senhor, o fazia Rey, e legítimo ſucceſſor daquelle Reyno de Cochij, e novamente lho dava, poſto que outra alguma peſſoa pertendeſſe niſſo ter direito, pois já tinha perdido eſta acção na guerra que fez a Trimumpara, como elle tinha declarado per ſua ultima vontade. E em confirmação deſta obra, que elle Viſo-Rey fazia em nome d'ElRey ſeu Senhor, elle per ſi, e per to-

dos aquelles Capitães, Fidalgos, Cavalleiros escudeiros, que presentes estavam, promettia que por honra, defensão, e accrescentamento da pessoa Real, e estado delle Rey de Cochij, offerecer suas fazendas, e pessoas, segundo lhe era mandado nos Regimentos, que trazia d'ElRey seu Senhor. Pera a qual execução, quando necessario fosse, Sua Alteza o mandava com náos armadas, e gente de corações mui leaes, e fieis a residir naquellas partes; e que em memoria do dia da batalha, em que ElRey Trimumpara perdêra seus sobrinhos, lhe apresentava outra peça, que era aquella copa d'ouro, que tinha seiscentos cruzados, e dentro hum Padrão de tença de juro em cada hum anno de outra tanta quantia paga em outra tal copia naquelle dia em os Feitores que alli estivessem, a elle, e a todos os seus successores, e com estas palavras lhe apresentou a copa. Dizendo mais, que a terceira cousa, que lhe ElRey seu Senhor mandava em sinal de amor por se mais obrigar á defensão daquelle Reyno, era querer ter alli huma fortaleza, que fosse cabeça, e aposento delle Capitão mór, e dos outros que pelo diante fossem no governo da conquista, e commercio daquellas partes, pera que as náos do Reyno alli viessem tomar carga, e não a outro algum porto daquel-

quella terra Malabar, com que o Reyno de Cochij fosse augmentado, e ennobrecido. E por quanto elle Viso-Rey da notificação, e entrega destas cousas havia de enviar certidões a ElRey seu Senhor, pedia a elle Nambeadora Rey, que lhe mandasse passar seus instrumentos como as acceptava, e recebia com aquelle amor, e vontade segundo per elle Viso-Rey lhe eram apresentadas. No fim do qual arrezoamento, como estes Malabares são de poucas palavras, com estas rematou ElRey de Cochij a substancia de todalas de sima. Que os instrumentos que pedia, lhe seriam dados, e que nelles, e vocalmente aos presentes, e ausentes denunciava receber, e acceptar aquellas cousas da mão d'ElRey D. Manuel, como do maior Principe do Ponente, e Rey dos mares do Oriente, e Senhor do coração delle, e de todolos que em diante reinassem em Cochij; e que em todo discurso de sua vida seus serviços seriam testemunha deste amor, e com isto deo com huma palma sobre a outra, como quem acabára. Ao qual termo começáram as trombetas com todolos outros instrumentos a denunciar o fim deste solemne acto; e como as náos estavam esperando por este final, tambem fizeram sua musica da artilheria grossa, e miuda, de maneira, que assi no mar, como

mo

mo na terra, tudo era prazer, e festa desta coroação d'ElRey. O qual acabado aquelle primeiro alvoroço, espedindo-se do Viso-Rey, e per aquelles Fidalgos, com grão pompa foi levado ás suas casas, indo diante delle homens com bacios de prata altos, em que levavam as peças que recebeo, sómente a coroa, que a não tirou da cabeça, depois que lhe foi posta. E porque como ora dissemos no coração de todolos naturaes da terra, este Principe não estava recebido por Rey de Cochij, polo favor que alguns davam ao outro sobrinho d'ElRey, que andava lançado com o Senhor de Repelim: quando viram tão nova cousa, como foi a coroação deste, e que em nome d'ElRey de Portugal era confirmado por Rey com tal solemnidade, não ousáram dizer, ou fazer cousa alguma contra elle em favor do outro, temendo que por isso seriam castigados, e este temor os fez quietos dos reboliços que moviam. Finalmente assi ficou este Nambeadora tão pacifico Rey, que os que lhe de antes eram contrarios, por lhe ganhar a vontade, e os amigos comprazer de o ver naquelle estado, todos juntamente, cada hum em seu modo, trabalhavam polo contentar, principalmente no dar da carga ás náos, que era a cousa em que elle logo quiz mostrar ao Viso-Rey

quão grato era da mercê que tinha recebido. De maneira, que segundo o tempo era curto o Viso-Rey despachou em breve seis náos, que partíram de lá por todo Dezembro daquelle anno, e em Fevereiro do anno seguinte partíram dous Capitães, Vasco Gomes d'Abreu, e João da Nova, dos quaes daremos depois razão, por invernarem no caminho. As outras seis náos repartio o Viso-Rey em duas capitanías móres, huma deo a Bastião de Sousa, em cuja companhia veio Manuel Telles, e Diogo Fernandes Correa, cada hum em sua náo, que chegáram a este Reyno em salvamento; e a outra capitanía mór deo a Fernão Soares, com o qual vieram Diogo Correa, e Antão Gonçalves. O qual logo á sahida da India teve tempos contrarios com que fez nova navegação, vindo per fóra da Ilha de S. Lourenço, e elle foi o primeiro que a descubrio pela parte do Sul; e nas aguadas que fez tomou alguma gente que trouxe comsigo, e per este novo caminho fez a viagem tão breve, que chegou a este Reyno a vinte e tres de Maio de quinhentos e seis, da qual Ilha em seu tempo particularmente escreveremos suas cousas.

## CAPITULO VI.

*Como ElRey D. Manuel mandou Pero da Nhaya á Mina de Çofala: e do que passou no caminho té chegar ao porto della, onde fez huma fortaleza.*

ANte que entremos no anno de quinhentos e ſeis, por guardar a ordem do tempo, convem eſcrevermos a partida de oito vélas, que depois que o Viſo-Rey D. Franciſco d'Almeida partio deſte Reyno, partíram tambem a eſte deſcubrimento, e conquiſta: humas em Maio, Capitão mór Pero da Nhaya filho de Diogo da Nhaya, hum Fidalgo Caſtelhano, que nas guerras de Caſtella ſe veio a eſte Reyno ao ſerviço d'ElRey D. Affonſo o Quinto; e em duas foram Cyde Barbudo, e Pero Quareſma, que partíram em Setembro do meſmo anno. E eſtes dous Capitães mandava ElRey, que foſſem deſcubrir toda a terra do Cabo de Boa Eſperança té Çofala, e parte daquellas Ilhas ver ſe achavam nova de Franciſco d'Albuquerque, e Pero de Mendoça, que ſabiam ſerem deſapparecidos naquella paragem, ſegundo eſcrevemos: da viagem do qual Cyde Barbudo diremos em ſeu tempo por continuar com Pero da Nhaya. Como atrás fica, pola fama que o Almi-

mirante D. Vaſco da Gama achou da Mina de Çofala quando deſcubrio a India, mandou ElRey D. Manuel a Pedralvares Cabral, que mandaſſe a ella, quando foi na Armada no anno de quinhentos, que cauſou enviar elle a iſſo Sancho de Toar. Depois a ſegunda vez o Almirante na Armada do anno de quinhentos e dous, per ſi meſmo foi ver eſte reſgate, de maneira, que aſſi per elles, como per outras Armadas, que ſuccedêram nos annos ſeguintes, teve ElRey muitas informações deſte tracto do ouro. Donde ſe cauſou aſſentar elle, que na Cidade de Quiloa ſe fizeſſe huma fortaleza, porque com ella, e outra em Moçambique, e amizade que tinhamos com ElRey de Melinde, ficava toda aquella coſta Zanguebar de baixo do titulo de ſeu commercio, pera mais facilmente ſe ſuſtentar huma fortaleza em Çofala. Porque como as mercadorias, com que ſe havia de reſgatar o ouro, todas vinham de Cambaya ás povoações dos Mouros, que habitavam neſta coſta, ficava o maneio deſte negocio mais corrente pera bem do commercio do ouro, e huma fortaleza ſe favoreceria com as outras, e todas com alguns navios, que andaſſem naquella coſta; e eſta foi a principal cauſa por que mandou a Dom Franciſco d'Almeida, que fizeſſe fortaleza em a Cidade

de Quiloa. E como a Armada que elle levava era grande, e podia favorecer o caso de Çofala, determinou de mandar com elle a Pero da Nhaya, pera fazer naquelle resgate huma fortaleza, e ficar alli com officiaes, e homens de armas ao modo do castello de S. Jorge da Mina, que fez ElRey D. João o Segundo, donde tomou o titulo de Senhor de Guiné, (como atrás fica.) Em companhia do qual Pero da Nhaya ordenou irem seis vélas, tres que haviam de passar á India pera trazer carga de especiaria, por serem náos poderosas, e de porte pera isso, era a sua, e as outras em que hiam por Capitães Pero Barreto de Magalhães filho de Gil de Magalhães, e João Leite hum Cavalleiro de Santarem; e das outras tres eram Capitães seu filho Francisco da Nhaya, João de Queirós, e Manuel Fernandes, que havia de servir de Feitor na fortaleza, que se havia de fazer em Çofala, as quaes por serem navios pequenos, mandava ElRey D. Manuel que andassem naquella costa em guarda della, e no maneio das cousas do commercio. Prestes estas vélas ao tempo que podiam partir em companhia de D. Francisco, per descuido do Mestre, que não vigiou a bomba, a náo Sant-Iago, em que Pero da Nhaya hávia de ir, subitamente se foi ao fundo, com

o qual

o qual desastre ficou elle Pero da Nhaya sem ir com D. Francisco té dezoito dias de Maio dia da Trindade, que partio em outra náo chamada Sancto Espirito, que lhe aviáram. E sobre este desastre logo no caminho aconteceo outro a João Leite Capitão de huma das náos, o qual por querer á proa fisgar hum peixe, cahio ao mar pera sempre. Seguindo Pero da Nhaya seu caminho, como partio tarde, querendo os Pilotos segurar dobrarem o Cabo de Boa Esperança, foram-se metter em tanta altura, que com frio não podiam marear as vélas, té que os temporaes do mar frio os vieram mettendo no quente, e com o derradeiro que tiveram, Pero da Nhaya se achou com seu filho, e Manuel Fernandes, correndo tanto com elle, que os trouxe ao porto que desejavam, que foi á barra do rio de Çofala, onde elle quiz esperar alguns dias té saber a fortuna dos outros Capitães. Dos quaes João de Queirós padeceo a maior, porque correndo com aquelle temporal, foi ter áquem do cabo das correntes obra de sessenta leguas, onde chamam o rio da Lagôa, e com necessidade de tomar agua sahio em terra em huma ilheta, a qual os nossos chamam das Vacas por algumas, que alli viram andar. A gente de huma povoação, que estava nella, vendo o na-

o navio, a despejáram, e João de Queirós parecendo-lhe que nella acharia alguns mantimentos, sahio em terra com té vinte homens, dos quaes escapáram quatro, ou cinco bem feridos, que se recolhêram ao navio, de que hum delles era Antão de Gá Escrivão delle, todolos outros foram mortos ás mãos dos negros da aldea. Parece que não foi tanto este damno polo que João de Queirós hia fazer, quanto polo que tinham recebido de Antonio de Campo, o qual vindo da India fez alli sua aguada, recebendo delles muito gazalhado segundo sua pobreza, e por espedida deste gazalhado cativáram alguns delles que trouxeram comsigo. A qual cousa em todo este decurso de nossa historia tem feito mui grande mal naquellas partes, cá por mui pequenas cubiças, que alguns dos nossos commettêram com os naturaes da terra, onde foram aportar, os segundos, que depois alli foram ter, pagáram pelos primeiros. Ficando a gente deste navio de João de Queirós sem Piloto, Mestre, ou pessoa pera lho marear, como Deos provê a todalas necessidades, veio ter com elles João Vaz d'Almada, a quem Pero da Nhaya tinha dado a capitanía da náo de João Leite defunto, o qual João Vaz provêo este navio, e o levou comsigo, e assi hum batel, que achou

lá junto de Çofala, em que hia Antonio de Magalhães irmão de Pero Barreto, que ficava no Cabo de S. Sebaſtião, e mandava pedir a Pero da Nhaya hum Piloto, porque o ſeu não ſe atrevia ao metter no porto de Çofala, temendo os baixos dalli, por ſer novo naquella navegação. E neſte batel levava Antonio de Magalhães ſinco Portuguezes, que achou no rio Quiloame, que ſerá dez leguas áquem de Çofala, os quaes lhe entregáram os Mouros dalli já meios mortos, e eram da companhia de outros, que eram paſſados adiante, todos do navio de Lopo Sanches, que partíra deſte Reyno com o Viſo-Rey D. Franciſco. O qual, ſegundo elles diſſeram, ſendo áquem do cabo das correntes quarenta leguas, com alguns temporaes que teve, levava a náo já tão aberta, que não podendo vencer a agua, deram com ella em ſecco, ſalvando ſuas peſſoas, mantimentos, madeira, e pregadura com o mais que era neceſſario pera ordenarem hum caravelão, determinando irem neſte té Çofala; porque como leixavam Pero da Nhaya pera partir, confiavam que chegando alli, tinham ſeu remedio. Porém como Lopo Sanches não era natural deſte Reyno, e aquella capitanía lhe fora dada por meio de D. Diogo d'Almeida Prior do Crato, irmão do Viſo-Rey Dom Fran-

Francisco, por este Lopo Sanches andar com elle em Rodes, e sabia bem de galés, e levava naquella náo muita madeira, cá (como dissemos,) de huma das que se na India fizessem, elle havia de ser Capitão; tanto que os da náo se víram perdidos, não lhe quizeram mais obedecer como a Capitão que era. Ante postos em quadrilhas, huns foram no caravelão com elle, e huns delles per terra; e finalmente postos neste caminho, de sessenta que seguíram ao longo da praia, os mais falecêram com trabalho, fome, e perigos que passáram, dos quaes eram aquelles, que estavam em Quiloame; e outros vinte, que Pero da Nhaya houve em Çofala ao tempo que se elle vio com ElRey, que foram ter a seu poder, e deo mais com temor, que com desejo de lhe dar a vida, esperando com elles fazer algum negocio de seu proveito. Porque como pola tomada de Quiloa, e destruição de Mombaça os Mouros de toda aquella costa ficáram assombrados, e sobre isso houve logo fama d'Armada que vinha per alli, vieram estes Portuguezes que confirmáram tudo, dizendo, que tomáram aquelle caminho, parecendo-lhes que era já alli o Capitão Pero da Nhaya; e dos outros, que se mettêram no caravelão, não se soube mais, parece que o mar os comeo por a

va-

vasilha ser pequena. Pero da Nhaya recolhendo estes sinco, que levava Antonio de Magalhães, e provído, como a náo de seu irmão fosse alli trazida, tanto que veio leixou-a com a sua, e com a de João Vaz d'Almada por não poderem ir pelo rio assima, e levou os bateis dellas, e assi o navio de seu filho, e outro, que foi de João de Queirós, de que já era feito Capitão Pero Teixeira morador nas entradas. Surto com estes navios abaixo da povoação dos Mouros, por não poder ir mais avante polo rio ser estreito, e abafado com arvoredo, vieram os principaes da terra ao visitar, e saber da parte d'ElRey o que mandava; posto que pelos nossos perdidos que lá tinha comsigo, aos quaes elles encubríram sua chegada, já sabiam a causa da sua vinda áquelle porto. E porque Pero da Nhaya insistio muito em se querer elle mesmo ver com o Xeque, a que os seus chamavam Rey, a qual vista elles trabalhavam por escusar, dizendo, que ElRey era homem de mais de oitenta annos, cégo, e entrévado, que não podia vir a elle, nem menos elle Capitão era bem que fosse lá, porque daquella povoação á outra onde ElRey estava, era longe, e per o rio assima havia muito arvoredo que impedia o caminho pera lá subirem os navios, todavia concedêram no reque-

querimento delle Pero da Nhaya. O qual, espedidos os Mouros com este recado, se metteo em todolos bateis, e entre louçainhas, e armas foi ter á povoação d'ElRey, que sería daquellas té meia legua, e haveria nella mais de mil vizinhos, toda de madeira, e sebes barradas, como elles costumam, e cubertas de olla. Sómente as casas d'ElRey mostravam ser do principal da terra com patios, e casas grandes, a maior das quaes era feita ao modo como usamos o corpo das Igrejas sem cruzeiro, sómente com a Capella no topo da Igreja. Na qual Capella estava ElRey lançado em hum catel, e era tão pequena, que a cama, e serviço della occupava tudo, quasi como que fez isto a modo de estrado pera dalli estar dando audiencia a todolos que estivessem na sala, a qual elle tinha paramentada de pannos de seda, que respondiam ao leito daquelles que lhe vam da India. Entrado Pero da Nhaya nesta grande casa, os principaes Mouros que alli eram juntos pera esta prática, o leváram ao lugar onde ElRey jazia, homem de côr baça, bem apessoado; e ainda que a idade, e cegueira o tinham posto naquelle leito, mostrava assi nos atabios de sua pessoa, e prudencia, que era Senhor dos outros. Pero da Nhaya, depois que passou com elle a primeira prática de palavras

vras geraes, propoz-lhe que a causa de sua vinda era, per mandado d'ElRey de Portugal seu Senhor, vir alli fazer huma fortaleza, porque como mandava fazer outras em Quiloa, e Moçambique, e assi Feitoria em Melinde, pera que suas náos, que andassem naquelle caminho da India, tivessem escala naquelles lugares pera leixar, e tomar as mercadorias a elles necessarias, e tambem pera resgate do ouro, queria alli ter outra, em que seus Officiaes estivessem recolhidos. Da qual elle, e todolos seus haviam de receber muito proveito, e principalmente segurança de suas pessoas, e fazenda, por quanto ElRey seu Senhor tinha sabido que ás vezes padeciam insultos da cubiça dos Cafres por ser gente mui barbara, e ousada, os quaes dahi em diante não ousariam commetter com temor da fortaleza, porque a Nação Portuguez, onde fazia assento, sempre defendeo a si, e aos amigos. Finalmente com estas, e outras razões Pero da Nhaya trouxe a ElRey a lhe conceder que fizesse a fortaleza que dizia, mostrando ter muito contentamento disso pola amizade, que desejava ter com ElRey de Portugal, e que esta fora a causa delle mandar recolher vinte Portuguezes, que alli vieram perdidos de hum navio, por não recolher mais damno dos Cafres do que tinham recebido, os quaes

mandou logo vir, e eram aquelles que atrás dissemos, que deram muito prazer a todolos nossos, e muito mais a elles em se verem salvos de quanto perigo tinham passado. E além desta mostra, que ElRey deo em folgar com a vinda de Pero da Nhaya, foi mandar logo alli a certos homens principaes, que fossem com elle pera enleger o lugar onde elle quizesse fazer a fortaleza, e assi lhe darem aviamento do necessario a ella. A qual cousa, e assi a entrega dos Portuguezes, Pero da Nhaya gratificou a ElRey com muitas palavras, e algumas dadivas, que lhe presentou, e outras, que deo aos seus acceptos, e com isto se espedio delle, vindo com aquelles Mouros, que lhe ElRey ordenou pera eleição do lugar da fortaleza, que foi ao longo do rio, onde estavam algumas casas dos naturaes da terra abaixo da povoação d'ElRey obra de meia legua, onde era o sitio mais conveniente para ella. Porém se fora per vontade de hum genro d'ElRey chamado Mengo Musaf, não concedêra ElRey tão levemente fazer-se esta fortaleza: cá elle, e outros de sua valia, eram que se defendessem per força d'armas, e não consentir tomarem os nossos hum palmo de terra; e se alguma cousa quizessem de resgate, fosse dos navios, pelo modo que o Almirante D. Vasco fez

quan-

quando alli foi ter. Mas como ElRey era homem, que quanto tinha perdido da vista, tanto cobrava de prudencia pera fazer as cousas com mais astucia do que seu genro, e estoutros tinham, foi-lhe á mão a este primeiro impeto, dizendo, que esperassem que a terra apalpasse os nossos, porque elle tinha por certo, que mais haviam de morrer de febres, que a ferro, se os logo quizessem commetter, por serem homens mui belicosos; porém depois que estas febres lhes debilitassem as forças, per este modo, sem verterem sangue proprio, na casa os podiam tomar ás mãos. Que ao presente elle havia por melhor conselho receber-nos com rosto alegre, e conceder quanto requeressemos por não tomarem suspecta delle, té vir aquella conjunção, que elle esperava, como succedeo, segundo adiante veremos. Porém porque nós ficámos naquella terra mais tempo do que profetava o espirito daquelle Mouro, posto que a terra doentia fosse, como elle dizia, e com a entrada de Pero da Nhaya tomámos posse della, e do tracto do ouro, que se tira das minas, de que he senhor aquelle poderoso Gentio Benamotápa, entraremos neste decimo Livro seguinte fazendo relação dellas, e delle, e depois daremos conta do que Pero da Nhaya mais fez, depois que acabou a fortaleza.

# DECADA PRIMEIRA.
# LIVRO X.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o fundamento da fortaleza de Çofala, e parte das cousas, que fez o Viso-Rey D. Francisco o anno de quinhentos e seis.

## CAPITULO I.

*Em que se descreve a região do Reyno de Çofala, e das minas d'ouro, e cousas que nella ha: e assi os costumes da gente, e do seu Principe Benomotápa.*

TODA a terra, que contámos por Reyno de Çofala, he huma grande região, que senhorea hum Principe Gentio chamado Benomotápa, a qual abraçam em modo de Ilha dous braços de hum rio, que procede do mais notavel lago, que toda a terra de Africa tem, mui desejado de saber dos antigos Escritores, por ser a cabeça escondida do illustre Nilo, donde tambem procede o nosso Zaire, que corre per o Rey-

o Reyno de Congo. Per a qual parte podemos dizer ser este grão lago mais vizinho ao nosso mar Oceano Occidental, que ao Oriental, segundo a situação de Ptholomeu: cá do mesmo Reyno de Congo se mettem nelles estes seis rios, Bancáre, Vamba, Cuylu, Bibi, Maria maria, Zanculo, que são mui poderosos em agua, a fóra outros sem nome, que o fazem quasi hum mar navegavel de muitas vélas, em que ha Ilha, que lança de si mais de trinta mil homens, que vem pelejar com os da terra firme. E destes tres notaveis rios, que ao presente sabemos procederem deste lago, os quaes vem sahir ao mar tão remotos hum do outro; o que corre per mais terra he o Nilo, a que os Abexijs da terra do Preste João chamam Tacuij, no qual se mettem outros dous notaveis, a que Ptholomeu chama Astabora, e Astapus, e os naturaes Tacazij, e Abanhi. E posto que este Abanhi, (que ácerca delles quer dizer pai das aguas polas muitas que leva,) proceda de outro grande lago chamado Barcená, e per Ptholomeu Coloa, e tambem tenha Ilhas dentro, em que ha alguns Mosteiros de Religiosos, (como se verá em a nossa Geografia,) não vem a conto deste nosso grande lago: cá, segundo a informação que temos per via de Congo, e de Çofala, será de comprido mais de cem le-

leguas. O rio que vem contra Çofala, depois que sahe deste lago, e corre per muita distancia, se reparte em dous braços: hum vai sahir áquem do Cabo das Correntes, e he aquelle a que os nossos antigamente chamavam rio da Lagoa, e ora do Espirito Sancto, novamente posto per Lourenço Marques, que o foi descubrir o anno de quarenta e sinco; e o outro braço sahe abaixo de Çofala vinte e sinco leguas chamado Cuama, posto que dentro pelo sertão outros póvos lhe chamam Zembere. O qual braço he muito mais poderoso em aguas, que o outro do Espirito Sancto, por ser navegavel mais de duzentas e sincoenta leguas, e nelle se metterem estes seis notaveis rios, Panhames, Luam guoa, Arruya, Manjovo, Inadire, Ruenia, que todos regam a terra de Benomotápa, e a maior parte delles levam muito ouro, que nasce nella. Assi que com estes dous braços, e o mar per outra parte, fica este grão Reyno de Çofala em huma Ilha, que terá de circuito mais de setecentas e sincoenta leguas. Toda ella no sitio, mantimentos, animaes, e moradores, he quasi como a terra chamada Zanguebar, de que atrás escrevemos, por ser huma parte della; porém como se vai affastando da linha Equinocial, tirando o maritimo della, deste rio Cuame té o Cabo das Correntes

per

per dentro do sertão he terra excellente, tem perada sahida, fresca, fertil de todalas cousas, que se nella produzem. Sómente aquella parte do Cabo das Correntes té a boca do rio Espirito Sancto, apartando-se hum pouco da fralda do mar, tudo são campinas de grandes creações de todo genero de gado, e tão pobre de arvoredo que com a bosta delle se aquenta a gente, e se veste das pelles por ser mui fria com os ventos, que cursam daquelle mar gelador do Sul. A outra terra, que vai ao longo do rio de Cuama, e do interior daquella Ilha, pela maior parte he montuosa, cuberta de arvoredo, regada de rios, graciosa em sua situação, e por isso mais povoada, e o mais do tempo está nella Benomotápa, e por razão de ser tão povoada, fogem della os Elefantes, e vam andar na outra de campina, que dissemos, quasi em manadas, como fatos de vacas. E não póde ser menos, porque geralmente se diz entre aquelles Cafres, que cada anno morrem quatro, ou sinco mil cabeças, e isto authoriza a grande quantidade de marfim, que se dalli leva pera a India. As minas desta terra, onde se tira o ouro, as mais chegadas a Çofala são aquellas, a que elles chamam Manica, as quaes estam em campo cercadas de montanhas, que terão em circuito trinta leguas, e geral-

ralmente conhecem o lugar onde ſe cria o ouro, por verem a terra ſecca, e pobre de herva, e chama-ſe toda eſta Comarca Matuca, e os póvos que as cavam Botongas. Os quaes, ainda que eſtam entre a linha, e o tropico de Capricornio, he tanta a neve naquellas ſerras, que no tempo do inverno, ſe alguns ficam no alto morrem regelados, no cume das quaes em tempo do verão he o ar tão puro, e ſereno, que alguns dos noſſos, que neſte tempo ſe acháram alli, víram a Lua nova no dia que ſe deſpedia da conjunção. Neſtas minas de Manica, que ſeráõ de Çofala contra o Ponente té ſincoenta leguas, por ſer terra ſecca, tem os Cafres algum trabalho: cá todo o ouro que ſe alli acha he em pó, e convem que levem a terra que cavam a lugar onde achem agua, pera o que fazem alguns caboucos, em que no inverno ſe recolhe alguma, e geralmente nenhum cava mais que ſeis, ſete palmos dalto, e ſe chegam a vinte, acham por laſtro de toda aquella terra lagea. As outras minas, que são mais longe de Çofala, diſtaráõ de cento té duzentas leguas, e são neſtas Comarcas, Boro, Quiticuy, e nellas, e nos rios, que aſſima nomeámos, que regam eſta terra, ſe acha ouro mais groſſo, e delle em as veas de pedra, e outro já depurado dos enxurros do inverno, e por iſ-

isso em alguns remansos dos rios, como he no verão, costumam mergulhar, e na lama que trazem acham muito ouro. Em outras partes, onde ha algumas alagoas, adjuntam-se duzentos homens, e põem-se a esgotar a metade dellas, e na lama que apanham tambem acham ouro, e segundo a terra he rica delle, se a gente fosse cubiçosa, haver-se-hia grande quantidade, mas he a gente preguiçosa nesta parte de o buscar, ou por melhor dizer tão pouco cubiçosa, que muita fome ha de ter hum daquelles Negros, quando o for cavar. Pera o haver dos quaes, os Mouros que andam entre elles neste tracto, ainda tem artificio de os fazer cubiçosos, porque cobrem a elles, e a suas mulheres de pannos, contas, e brincos, com que elles folgão, e depois que os tem contentes fiam-lhes tudo, dizendo, que vàm cavar o ouro, e quando vier pera tal tempo que lhes pagará aquellas peças, de maneira, que per este modo de lhes dar fiado os obrigam cavar, e são tão verdadeiros, que cumprem com sua palavra. Tem outras minas em huma Comarca chamada Toróa, que per outro nome se chama o Reyno de Butua, de que he Senhor hum Principe per nome Burrom vassallo de Benomotápa, a qual terra he vizinha a outra, que dissemos ser de grandes campinas, e estas minas são as

mais

mais antigas que ſe ſabem naquella terra, todas em campo. No meio do qual eſtá huma fortaleza quadrada, toda de canteria de dentro, e de fóra, mui bem lavrada de pedras de maravilhoſa grandeza, ſem apparecer cal nas juntas della, cuja parede he de mais de vinte e ſinco palmos de largo, e a altura não he tão grande em reſpecto da largura. E ſobre a porta do qual edificio eſtá hum letreiro, que alguns Mouros mercadores, que alli foram ter, homens doctos, não ſouberam ler, nem dizer que letra era; e quaſi em torno deſte edificio em alguns outeiros eſtam outros á maneira delle no lavramento de pedraria, e ſem cal, em que ha huma torre de mais de doze braças. A todos eſtes edificios os da terra lhe chamam Symbaoe, que ácerca delles quer dizer Corte; porque a todo lugar onde eſtá Benomotápa chamam aſſi; e ſegundo elles dizem, deſte, por ſer couſa Real, tiveram todalas outras moradas d'ElRey tal nome. Tem hum homem nobre, que eſtá em guarda delle ao modo de Alcaide mór, e a eſte tal Officio chamam Symbacáyo, como ſe diſſeſſemos guarda de Symbaoe, e ſempre nelle eſtam algumas das mulheres de Benomotápa, de que eſte Symbacáyo tem cuidado. Quanto, ou per quem eſtes edificios foram feitos, como á gente da terra

não

não tem letras, não ha entre elles memoria disso, sómente dizerem que he obra do Diabo, porque comparada ao poder, e saber delles, não lhes parece que a podiam fazer homens; e alguns Mouros que a víram, mostrando-lhe Vicente Pegado, Capitão que foi de Çofala, a obra daquella nossa fortaleza, assi o lavramento das janellas, e arcos pera comparação da canteria lavrada daquella obra, diziam não ser cousa pera comparar, segundo era limpa, e perfecta. A qual distará de Çofala pera o Ponente per linha direita pouco mais ou menos cento e setenta leguas, em altura entre vinte, e vinte e hum gráos da parte do Sul, sem per aquellas partes haver edificio antigo, nem moderno, porque a gente he mui barbara, e todas suas casas são de madeira; e per juizo dos Mouros, que a víram parecer ser cousa mui antiga, e que foi alli feita pera ter posse daquellas minas, que são mui antigas, em as quaes se não tira ouro ha annos por causa de guerras. E olhando a situação, e a maneira do edificio mettido tanto no coração da terra, e que os Mouros confessam não ser obra delles por sua antiguidade, e mais por não conhecerem os caracteres do letreiro, que está na porta, bem podemos conjecturar ser aquella a região, a que Ptholomeu chama Agysymba, on-

onde faz ſua computação Meridional; porque o nome della, e aſſi do Capitão que a guarda, em alguma maneira ſe conformam, e algum delles ſe corrompeo do outro. E pondo niſſo noſſo juizo, parece que eſta obra mandou fazer algum Principe, que naquelle tempo foi Senhor deſtas minas, como poſſe dellas, a qual perdeo com o tempo, e tambem por ſerem mui remotas de ſeu eſtado: cá por a ſemelhança dos edificios parecem muitos a outros, que eſtam na terra do Preſte João em hum lugar chamado Acaxumo, que foi huma Cidade Camara da Rainha Sabá, a que Ptholomeu chama Axumá, e que o Principe Senhor deſte eſtado o foi deſtas minas, e por razão dellas mandou fazer eſtes edificios ao módo que nós ora temos a fortaleza da Mina, e eſta meſma de Çofala. E como naquelle tempo de Ptholomeu per via dos moradores deſta terra Abaſſia do Preſte, a que elle chama Ethiopia ſobre Egypto, eſta terra de que fallamos em alguma maneira era nota por razão deſte ouro, e o lugar teria nome, fez elle Ptholomeu aqui termo, e ſua conta da diſtancia Auſtral. Toda a gente deſta região em geral he negra, de cabello retorcido, e porém de mais entendimento que a outra, que corre contra Moçambiqui, Quiloa, Melinde, entre a qual ha muita, que co-

come carne humana, e que ſangra o gado
vacum por lhe beber o ſangue, com que ſe
mantem. Eſta do eſtado de Benomotápa he
mui diſpoſta pera converter á noſſa Fé, por-
que crem em hum ſó Deos, a que elles cha-
mam Mozimo, e não tem idolo, nem cou-
ſa que adorem; e ſendo geralmente todos os
Negros das outras partes mui dados á ido-
latría, e a feitiços, nenhuma couſa he mais
punida entre eſtes, que hum feiticeiro; não
por cauſa de religião, mas polo haverem
por mui prejudicial pera a vida, e bem dos
homens, e nenhum eſcapa de morte. Tem
outros dous crimes iguaes a eſte, adulterio,
e furto, e baſta pera hum homem ſer jul-
gado por adultero, ſe o víram eſtar aſſen-
tado na eſteira, em que ſe aſſenta a mulher
d'alguem, e ambos padecem por juſtiça, e
cada hum póde ter as mulheres que ſe atre-
ver a manter; porém a primeira he a prin-
cipal, e a ella ſervem todalas outras, e os
filhos della são os herdeiros á maneira de
morgados. Não póde algum caſar com mu-
lher ſenão depois que a ella lhe vem ſeu
mez, porque então eſtá auҫta para poder
conceber, e neſte dia coſtumam fazer gran-
des feſtas. Em duas couſas tem modo de
religião, em guardar dias, e ácerca de ſeus
defuntos, porque dos dias guardam o pri-
meiro da Lua, o ſexto, ſetimo, onzeno,

de-

decimo ſexto, decimo ſetimo, vigeſimo primeiro, vigeſimo ſexto, vigeſimo ſetimo, e o vigeſimo octavo, porque neſte naſceo o ſeu Rey, e daqui tornam fazer outra conta, e a religião eſtá no primeiro, ſexto, e ſetimo, e todolos outros he repetição delles ſobre as dezenas. Quanto aos defuntos, depois que algum corpo he comido, tomam a ſua oſſada do aſcendente, ou deſcendente, ou da mulher de que houveram muitos filhos, e guardam eſtes oſſos com ſinaes pera conhecerem de que peſſoa he, e de ſete em ſete dias no lugar, onde os tem á maneira de quintal, eſtendem pannos, em que põe mezas com pão, e carne cozida, como que offerecem aquelle comer aos ſeus defunctos, aos quaes fazem prezes. E a principal couſa que lhe pedem, he favor pera as couſas do ſeu Rey; e paſſadas eſtas orações, que são feitas, eſtando todos com veſtiduras brancas, o Senhor da caſa com ſua familia ſe põe a comer aquella offerta. O geral veſtido de todos são pannos d'algodão, que fazem na terra, e outros que lhes vem da India, em que ha muitos de ſeda com vivos de ouro, que valem té vinte cruzados cada hum, e porém os taes veſte a gente nobre, e as mulheres. E Benomotápa Rey da terra, poſto que ſeja Senhor de tudo, e ſuas mulheres andem veſtidas

del-

delles, em sua pessoa não ha de pôr panno estrangeiro, senão feito na terra, temendo-se por vir da mão de estrangeiros, que póde ser inficionado d'alguma má cousa, que lhes faça damno. Este Principe, a que chamamos Benomotápa, ou Monomotápa, he como entre nós Emperador, porque isto significa o seu nome ácerca delles, o estado do qual não consiste em muitos apparatos, paramentos, ou movel do serviço de sua pessoa: cá o maior ornamento que tem na casa, são huns pannos d'algodão, que se fazem na terra de muitos lavores, cada hum dos quaes será do tamanho de hum dos nossos reposteiros, e valerão de vinte té sincoenta cruzados. Serve-se em giolhos, e com salva, tomada não ante do que lhe dam, senão do reste que lhe fica; e ao tempo que bebe, e tosse, todolos que estam diante hão de dar hum brado com palavra de bem, e louvor d'ElRey; e onde quer que he ouvida, corre de huns em outros, de maneira, que todo o lugar sabe quando ElRey bebe, e tosse. E por acatamento seu, diante delle ninguem escarra, e todos hão de estar assentados; e se alguma pessoa lhe falla em pé, são Portuguezes, e os Mouros, e alguns seus, a que elle dá isto por honra, e he a primeira: A segunda, que em sua casa se possa assentar a tal pessoa sobre hum

hum panno: E a terceira, que tenha portas nos portaes de ſua caſa, que he já dignidade de grandes Senhores, porque toda a outra gente não tem portas; e diz elle, que as portas não ſe fizeram ſenão por temor dos malfeitores, e pois elle he juſtiça, que os pequenos não tem que temer; e ſe as dá aos grandes, he por reverencia de ſuas peſſoas. As caſas geralmente são de madeira da feição de curucheos, muitos páos arrimados a hum eſteo, como pião de tenda, e per ſima cubertos de ſebe, barro, e colmo, ou couſa que eſpeça agua per ſima, e ha hi caſa deſtas feita de páos tão groſſos, e compridos, como hum grande maſto, e quanto maiores, maior honra. Tem eſte Benomotápa por eſtado muſica a ſeu modo, onde quer que eſtá, té no campo debaixo de huma arvore, e chocarreiros mais de quinhentos, com Capitão delles, e eſtes a quartos vigiam por fóra a caſa onde elle dorme, fallando, e cantando graças, e no tempo da guerra tambem pelejam, e fazem qualquer outro ſerviço. As inſignias de ſeu eſtado Real he huma enxada mui pequena com hum cabo de marfim, que trás ſempre na cinta, per a qual denota paz, e que todos cavem, e aproveitem a terra; e outra inſignia he huma, ou duas azagaias, perque denota juſtiça, e defensão de ſeu povo.

De-

Debaixo de ſeu ſenhorio tem grandes Principes, alguns dos quaes, que comarcam com Reynos alheios, ás vezes ſe levantam contra elle, e por iſſo coſtuma elle trazer comſigo os herdeiros dos taes. A terra he livre, ſem lhe pagar mais tributo que levar-lhe preſentes quando lhe vam fallar, porque ninguem ha de ir diante doutro maior, que não leve alguma couſa na mão pera lhe offerecer por ſinal de obediencia, e cortezia. Tem huma maneira de ſerviço em lugar de tributo, que todolos contínos de ſua Corte; e os Capitães da gente da guerra, cada hum com todolos ſeus, em trinta dias lhe ha de dar ſete de ſerviço em ſuas ſementeiras, ou em qualquer outra couſa; e os Senhores a que dá alguma terra que comam com vaſſallos, tem delles o meſmo ſerviço. Algumas vezes quando quer algum ſerviço, manda ás minas, onde ſe cava o ouro, repartir huma, ou duas vacas, ſegundo o numero da gente, em ſinal de amor, e por retribuição daquella viſitação, cada hum delles dá hum pequeno d'ouro de até quinhentos reaes. Tambem nas feiras das mercadorias, os mercadores lhe ordenam hum tanto de ſerviço; mas não que contra algum ſe execute pena ſenão pagar, ſómente não poder ir diante delle Benomotápa, que entre elles he grande mal. Todolos caſos da juſtiça, poſto que

haja Officiaes della, elle per ſua propria peſſoa ha de confirmar a ſentença, ou abſolver a parte, ſe lhe parece o contrario, e não tem cadeia, porque os caſos logo são determinados naquelle dia pelo allegar das partes, e com teſtemunha que cada hum apreſenta. Quando não ha teſtemunhas, ſe o réo quer que fique em ſeu juramento, he per eſte modo: pizam a caſca de hum certo páo, a qual moida lançam o pó della na agua que bebe, e ſenão arreveſa, he ſalvo o réo, e arreveſando, he condemnado; e ſe o auctor, quando o réo não arreveſa, quer tomar a meſma beberagem, e tambem não arreveſa, ficão cuſtas por cuſtas, e não ſe procede mais na demanda. Se alguma peſſoa lhe pede mercê, deſpacha per terceira peſſoa, e eſte tal Official ſerve como de apreçador do que ha de dar por a tal couſa; e ás vezes ſe pede tanto por ella, que não lhe acceptam a mercê, e não baſta o que dá ao Principe, mas ainda o terceiro leva ſua parte. Entre elles não ha cavallos, e por iſſo a guerra, que Benomotápa faz he a pé com eſtas armas, arcos de fréchas, azagayas de arremeço, adagas, machadinhas de ferro, que cortam mui bem, e a gente que trás mais junto de ſi, são mais de duzentos cães: cá diz elle que eſtes são muito leaes ſervidores, aſſi na caça, como na guer-

ra.

ra. Todo o esbulho que se toma nella se reparte pela gente, pelos Capitães, e per ElRey, e cada hum leva de sua casa o que ha de comer, ainda que o Principe sempre lhe manda dar o gado, que trás no seu arraial. Quando caminha, onde houver de pousar lhe hão de fazer de madeira huma casa nova, e nella ha de haver fogo sem ser apagado: cá dizem que na cinza lhe podem fazer alguns feitiços em damno de sua pessoa; e em quanto anda na guerra não lavam mãos, nem rosto por maneira de dó, té não haverem victoria de seus imigos, nem menos levam lá as mulheres; sendo ellas tão queridas, e veneradas delles, que qualquer mulher que for per hum caminho, se com ella topar o filho do Rey, ha-lhe de dar lugar por onde passe, e elle estar quedo. Benomotápa das portas a dentro tem mais de mil mulheres filhas de Senhores; porém a primeira he senhora de todas, posto que seja a mais baixa em linhagem, e o filho primeiro desta he herdeiro do Reyno; e quando vem no tempo das sementeiras, e recolher as novidades, a Raynha vai ao campo com ellas aproveitar sua fazenda, e tem isto por grande honra. Muitos outros costumes estranhos a nós tem esta gente, os quaes em alguma maneira parecem que seguem razão de boa policia, segundo a bar-

baria delles, os quaes leixamos, porque já nestes estendemos a penna fóra dos limites da historia, por tanto entraremos na relação do modo, que os Mouros tiveram de vir povoar naquella parte, e o mais que Pero da Nhaya fez, e passou.

## CAPITULO II.

*Como os Mouros de Quiloa foram povoar em Çofala: e o que Pero da Nhaya passou no fazer da fortaleza té espedir os Capitães, que haviam de passar á India: e do que aconteceo a elles, e a seu filho Francisco da Nhaya.*

ESta povoação, que os Mouros tinham feita naquelle lugar chamado Çofala, não foi por força d'armas, nem contra vontade dos naturaes da terra, mas per vontade delles, e do Principe, que naquelle tempo reinava, porque com esta communicação todos recebêram beneficio, havendo pannos, e cousas, que não tinham, e dando o ouro, e marfim que lhe não servia, pois té então per aquella parte da costa de Çofala não lhe davam sahida. E posto que esta barbara gente não saiba sahir da aldeia donde nasceo, e não seja dada a navegar, nem a correr a terra per via de commercio, tem o ou-

o ouro tal qualidade, que como he posto sobre a terra, elle se vai denunciando de huns em outros té que o vem buscar ao lugar de seu nascimento. E per qualquer maneira que fosse, segundo apprehendemos em huma Chronica dos Reys de Quiloa, de que atrás fizemos menção, os primeiros daquella costa, que vieram ter a esta terra de Çofala a cheiro deste ouro, foram os moradores da Cidade Magadaxo; e como veio a poder dos Reys de Quiloa, foi per este caso. Estando em huma almadia pescando hum homem fóra da barra de Quiloa junto de huma Ilha chamada Miza, aferrou hum peixe no anzol da linha, que tinha lançada ao mar; e sentindo elle no barafustar do peixe ser grande, polo não perder, desamarrou-se donde estava, e foi-se á vontade do peixe, o qual ora que elle levasse o batel, ora as correntes, que alli são grandes, quando o pescador quiz tornar ao porto era já tão apartado delle, que não soube atinar. Finalmente com fome, e sede elle foi ter mais morto que vivo ao porto de Çofala, onde achou huma náo de Magadaxo, que alli vinha resgatar, na qual tornado pera Quiloa, contou o que passára, e víra do resgate do ouro. E porque no contracto do commercio, que havia entre estes Gentios, e os Mouros de Magadaxo, era, que

lhe

lhe haviam de trazer cada anno certos Mouros mancebos pera haverem casta delles; tanto que ElRey de Quiloa pelo pescador soube parte deste tracto, e das condições delle, mandou logo lá huma não, a qual assentou com os Cafres commercio; e quanto aos mancebos Mouros, que pediam, que por cada cabeça lhe queriam dar tantos pannos; e que se o fazia por causa de haver geração delles, que alli veriam alguns moradores de Quiloa assentar vivenda com Feitoria de mercadorias, os quaes folgariam de tomar suas filhas por mulheres, com que se multiplicaria a sua gente, com a qual entrada os Mouros de Quiloa tomáram posse daquelle resgate. Depois correndo o tempo per via de commercio, que os Mouros tinham com aquelles Cafres, os Reys de Quiloa se fizeram absolutos senhores daquelle tracto do ouro, principalmente aquelle, que chamáram Daut, de que atrás fizemos menção, que per algum tempo alli reinou, e depois foi reinar em Quiloa; e dalli por diante sempre estes Reys de Quiloa mandavam Governadores a Çofala, porque tudo se fizesse por mão de seus Feitores. Hum dos quaes Governadores foi Yçuf filho de Mahamed, e era este cego que Pero da Nhaya alli achou, que se tinha intitulado por Rey de Çofala, sem querer obedecer

aos

aos Reys de Quiloa polas revoltas, e differenças que havia naquelle Reyno, ſegundo atrás eſcrevemos. O qual Yçuf vendo que o Viſo-Rey D. Franciſco tomára a Cidade Quiloa, temia que por Çofala ſer ſubjecta a ella, deſta aução quizeſſe bolir com elle; e eſte temor foi a parte principal de elle receber com gazalhado a Pero da Nhaya, querendo-ſe per eſta via ſegurar de nós. E tambem querer-ſe aproveitar do noſſo favor contra ſeu genro Mengo Muſaf, que era homem poderoſo, e de opinião, e ſentia nelle que por ſua morte havia de querer tomar aquella herança a ſeus filhos. Pero da Nhaya, ſem ſaber o que entre elles paſſava, como teve elegido o lugar pera a fortaleza, andou buſcando alguma pedra; mas como aquelle ſitio era chão apaulado ſem haver alguma, ordenou de a fazer de madeira por entre tanto, e depois pelo tempo, ſabida a terra, ſe faria como levava ordenado per ElRey D. Manuel. E porque a madeira principal, que alli havia pera eſte miſter, eram mangues, que ſe criam ao longo daquelles alagadiços, páos mui fortes, e pezados, os quaes lhe cuſtavam muito a tirar do lugar onde os cortavam, por poupar a gente, e lhe não adoecer naquelle trabalho, a qual elle havia miſter bem diſpoſta pera as armas, ſe as houveſſem de veſ-

veſtir, provocou a gente da terra a eſte ſerviço, pagando-lhe ſeu jornal nas couſas que levava deſte Reyno. Os Mouros, principalmente o genro d'ElRey, a quem eſta obra não era mui apraſivel, vendo que os Cafres com cubiça do premio acudiam bem ao trabalho que alumiava na obra, per artificios, e modos que tiveram com elles, os auſentáram todos do ſerviço della, com que notoriamente entendeo Pero da Nhaya donde iſto procedia. Pera remediar o qual deſaviamento, metteo-ſe em dous bateis com alguma gente armada, e foi-ſe á povoação ver com ElRey; o qual poſto que ficou aſſombrado, quando lhe diſſeram que o Capitão vinha a lhe fallar naquelle modo com gente armada, não ſe moveo de ſua caſa, antes como homem ſeguro o eſperou. E ſabendo que a cauſa de ſua ida era o máo aviamento, que achava na gente da terra, mandou logo niſſo prover com diligencia per homens ſem ſuſpeita, com que Pero da Nhaya fez a fortaleza de madeira quão forte podia ſer. Em torno da qual tinha huma cava, e com a terra que tiráram della, entulhou os páos da madeira entre hum, e o outro á maneira de taipaes, em altura que foſſe amparo aos que andaſſem per dentro; e per ſima tinha ſuas guaritas, tudo mui bem acabado, pera ſe defender de gen-

te

te mais induſtrioſa, do que eram os Cafres daquella terra, o grão número dos quaes os noſſos temiam mais que os Mouros. Poſta eſta obra em termo que ſe podia eſcuſar a gente das tres náos que haviam de ir pera a India pera a carga da pimenta, eſpedio-as Pero da Nhaya; na ſua ficou por Capitão o Piloto della, que era Gonçalo Alvares, e da ſegunda João Vaz d'Almíada, e da terceira era Pero Barreto, que ficou por Capitão de todas; o batel da qual ao embarcar com a mareſia ſe perdeo com o cofre do dinheiro, em que hia o cabedal pera a carga da pimenta, e a maior parte da gente, em que entrou o Contrameſtre da náo, e Franciſco da Gama moço da Camara d'ElRey Eſcrivão della. Partido Pero Barreto com eſtas tres náos, dahi a poucos dias vendo Pero da Nhaya que ficava já pacífico, e ſeguro na terra, leixando hum bargantim, que ſe alli armou pera ſerviço da fortaleza, mandou ſeu filho Franciſco da Nhaya com dous navios pera andar d'Armada ao longo daquella coſta té o Cabo de Guardafu, como levava por Regimento. E tambem pera favorecer todos aquelles lugares, que eſtavam por noſſos, que eram, Moçambique, Quiloa, e Melinde, onde o Viſo-Rey leixou ordenadas Feitorias pera as roupas, e fazenda, que

ſe

ſe alli haviam de haver pera o tracto do ouro de Çofala; no maneio da qual fazenda eſtes navios, que levava Franciſco da Nhaya, haviam de ſervir. O qual foi tão ditoſo neſta viagem, que partindo de Çofala em Fevereiro, quando veio a vinte e ſinco de Março, entrou em Quiloa em hum zambuco em que ſe ſalvou, tendo perdido os dous navios, hum em Moçambique, querendo-o tirar a monte por lhe alquebrar a mingua de não ter apparelhos pera iſſo, e o outro em as Ilhas de S. Lazaro, na qual viagem elle tinha tomado dous zambucos, eſte em que foi, e outro que tinha esbulhado, polos achar com fazenda da que ſe reſgatava em Çofala. Ao qual Franciſco da Nhaya de boa hoſpedage Pero Ferreira prendeo, dando-lhe a culpa da perdição dos navios, e mais por a preza dos outros, e lhe achar algum ouro do que ſe reſgatava em Çofala, que por bem do Regimento d'El Rey perdia. Pero Barreto partido de Çofala, diante delle, quando chegou a Quiloa hum Domingo de Ramos com as ſuas tres náos, que o achou neſte eſtado de prizão, parece que ou por temer que hum homem, que tão preſtes perdia dous navios cada hum por ſeu modo, tinha ventura pera ſe perder em todolos que ſe metteſſe, ou per outro qualquer reſpeito; quando veio em Maio,
que

que elle Pero Barreto partio com ſuas *náos* pera a India, não quiz levar Franciſco da Nhaya, entregando-lhe Pero Ferreira com ſuas culpas pera o Viſo-Rey o julgar, nem menos quiz recolher os homens, que com elle ſe perdêram. E Deos, em cujo poder eſtam os juizos deſtas couſas, no tempo em que iſto negou, tambem elle Pero Barreto ſe perdeo na barra, e ficou com o batel da ſua náo, em que ſe ſalvou com ſua gente. E porque as outras duas de ſua conſerva hiam já diante caminho de Melinde, tornou elle a grão preſſa a Quiloa ao concertar, e ao outro dia ſeguio as náos neſte batel, que alevantou com alguma gente da principal que levava, e per eſta maneira ficou em jogo com Franciſco da Nhaya. Porque elle Pero Barreto á ſahida de Çofala perdeo o batel, e o cofre do cabedal com alguma gente, e á ſahida de Quiloa a náo, e partio dalli no batel armado como caravelão, ſeguindo as *náos* té Melinde, onde eſperava de as tomar, como tomou; e Franciſco da Nhaya entrou em Quiloa em *hum* zambuco com perda de dous navios, com que ambos ficáram iguaes na ventura, mas não em modo de caridade. E por derradeiro todos foram ter á India, cada hum com ſua parte de culpas; por iſſo ninguem condemne as primeiras de ſeu *vizinho*, *em*

quan-

quanto tiver vida, porque ainda tem tempo pera ver as segundas em sua casa.

## CAPITULO III.

*Como Pero da Nhaya foi cercado per os Cafres da terra, donde se causou ir elle matar ElRey: e do que mais passou té ser alevantado hum seu filho, que poz a terra em paz.*

PEro da Nhaya acabando de assentar as cousas da fortaleza, sem ter sabido esta perdição de seu filho, começou de entender em as do resgate do ouro, o qual corria mui pouco com as mercadorias que se leváram deste Reyno, que eram conformes ás que resgatavam no castello de S. Jorge da Mina, e não as que queriam os Negros de Çofala, que todas haviam de ser das que os Mouros haviam da India, principalmente de Cambaya. E não sómente as mercadorias, mas té as defezas de algumas cousas, tudo era ordenado ao modo da fortaleza da Mina, que deo logo no princípio muito trabalho ao Capitão Pero da Nhaya, e as defezas, (como adiante veremos,) foram causa de muito mal. Porém com a vinda das mercadorias, que lhe levou Gonçalo Vaz de Goes, as quaes o Viso-Rey Dom Francisco d'Almeida ordenou que lhe fossem

ſem das que tomou em a Cidade Quiloa, e Mombaça, (como atrás diſſemos,) por ſerem as proprias que os Cafres queriam, começáram elles a correr a fio com ouro, porque recebiam muito mais proveito da fortaleza, que da mão dos Mouros, e aſſi bom tractamento de ſuas peſſoas, que foi cauſa de os Mouros deſcubrirem o odio que tinham guardado, té verem eſte termo do reſgate, em que elles eſperavam de ſe determinar. A qual paixão não ſómente moveo os principaes, per cuja mão ante da noſſa vinda corria eſte tracto, mas ainda ao genro d'ElRey, que era o maior contrario que alli tinhamos, aqueixando-ſe a ElRey mui gravemente de dar azo a que as couſas vieſſem áquelle termo. ElRey vendo-ſe afadigado delle, peró que lhe tornou repetir as cauſas que o movêram a dar licença a Pero da Nhaya pera que fizeſſe aquella fortaleza, diſſe-lhe, que pois os Portuguezes já eſtavam bem tomados das febres, e doença da terra, ſegundo lhe diziam, elle tinha cuidado hum modo pera todolos que eſtavam nella ſerem mortos ſem nenhum perigo dos ſeus naturaes, o qual modo lhe denunciou, com que elle Muſaf, e os outros de ſua opinião ficáram ſatisfeitos, e foi eſte, que logo poz em execução. Havia dentro pola terra hum Principe Cafre

fre per nome Moconde, homem mui poderoso, que senhoreava huma Comarca daquella terra de Çofala da mão de Monomotápa, ao qual Moconde ElRey de Çofala notificou, como alli eram vindos homens estrangeiros de máo tracto, e viver, que como vádios andavam pelo mar roubando sem perdoar a alguem, dos quaes roubos tinham alli hum grão thesouro de muitos pannos de seda, e ouro, e outras cousas da India, as quaes pertenciam mais a Monomotápa, por ser Senhor da terra, que a elles. E por elle os ter apertados com os mantimentos, que não consentia que lhe dessem, estavam postos em tanta fome, que entre ella, e febres não tinha força pera se defender, e pera os tomar não haveria mais detença que chegar, e levar-lhes as vidas fazenda na mão, o que elle per si não queria fazer, sem primeiro saber delle se queria ser neste caso, porque determinava de a hum certo dia mandar entrar com elles. Moconde, como vio estas offertas, por ser homem barbaro, cubiçoso, e sem cautela alguma, passou o rio; e porém com fundamento, que quando lhe não succedesse bem o caso pera que era chamado, dar na povoação dos Mouros, de que levaria alguma preza, com que sua vinda não fosse de balde. O qual modo, (ainda que se poz em effeito,) alguns

Mou-

Mouros, que conheciam a natureza dos Cafres, temêram, porque lhes parecia que Moconde havia de commetter alguma cousa em damno d'ElRey, ou ao menos que não viesse a effeito; porque os Cafres tem tão pouco segredo, que por hum panno descubririam tudo a alguns Mouros, que lá andavam por serem omeziados, os quaes por fazerem seus partidos veriam dar aviso a Pero da Nhaya, como em effeito assi aconteceo. O qual aviso elle teve per alguns Mouros, que já viviam derrador da fortaleza, polo beneficio que della recebiam, pedindo-lhe todos, que por quanto temiam a furia dos Cafres, houvesse por bem ao tempo de sua vinda de os recolher dentro comsigo com mulheres, e filhos; entre os quaes requerentes era hum Mouro principal chamado Yacóte de natureza Abexij da terra do Preste João, o qual sendo cativo de idade de dez annos, o fizeram Mouro, o que lhe elle concedeo. Vindo o dia, em que se esperava pela vinda dos Cafres, chegáram com tanto alvoroço do roubo que vinham fazer, que sem temor, ou ordem alguma sinco, ou seis mil delles cercáram aquella fortaleza que os nossos tinham feita, e não faziam mais naquella primeira chegada que quanto lhe os Mouros que os traziam ensinavam, que era encher a cava com mato,

to, o que fizeram em breve tempo pola multidão delles. A qual tanto que foi cheia, chegáram-se aos páos das tranqueiras, delles querendo-os arrincar, outros subir per elles assima, e de quando em quando lançavam huma nuvem de setas perdidas, que faziam sombra na terra, e encraváram alguns dos nossos, principalmente dos Mouros que recolhêram comsigo, que por não andarem armados padeciam mais damno. Peró este seu atrevimento não durou muito, porque como sentíram a obra da nossa artilheria, que juncava a terra com os corpos delles, sem verem que os derribava, ao modo de gado espantado começáram a fugir huns per sima dos outros; mas isto não foi assi tão leve aos nossos, que lhes não custasse muito trabalho. Porque em toda a fortaleza não havia mais que trinta e sinco homens, que pudessem tomar armas, e os outros em tal estado, que se ajuntavam sinco, e seis pera armar huma bésta; e os melhores homens d'armas, que Pero da Nhaya naquelle tempo tinha, e que vigiavam de noite, e de dia a fortaleza, eram dous libreos, que os Cafres mais temiam que a furia da lança, ou espada dos nossos, porque os braços ainda que davam com vontade, não tinham força pera fazer damno. E parece que ainda Deos quiz nestes dous
ani-

animaes moſtrar parte do favor que nos deo contra aquelles bárbaros, porque aos de fóra tinham eſte odio; e aos Mouros, que Pero da Nhaya recolheo dentro, eram manſos como a cada hum dos Portuguezes. Pero da Nhaya vendo-ſe neſte primeiro impeto mui afadigado dos Cafres, por lhe não ficar couſa por fazer de Capitão, e Cavalleiro que elle era, com obra de vinte Mouros dos da companhia de Yacóte, e quinze Portuguezes dos melhores diſpoſtos, ſahio fóra aos Cafres; e deo-lhe Deos tanto favor, que á força de ferro das lanças derribou muitos dos que trepavam pela tranqueira aſſima, e finalmente os fez afaſtar, recolhendo-ſe todos a hum palmar, que eſtava de fronte da fortaleza. E em tres dias que alli eſtiveram ſobre ella no commettimento que per vezes fizeram, morrêram tantos, que houveram elles que os Mouros buſcáram aquelle modo de os matar, pois os traziam a pelejar contra Deos ſegundo elles diziam: cá debaixo das arvores, onde eſtavam as caſcas dellas, polo mal que fizeram em commetter aquella ſua gente branca, os matava. Iſto era, porque o pelouro da artilheria ás vezes hia eſcodeando os pés das arvores, onde elles eſtavam apoſentados, com as quaes côdeas, e rachas foram muitos delles mortos, e fe-

tidos de maneira, que não ſabiam onde pudeſſem ſegurar ſua vida. E como gente indignada deſte engano, que lhe os Mouros tinham feito em os trazer áquelle lugar, em que recebêram tanto damno, leixando a noſſa fortaleza de paſſada, roubáram a povoação dos Mouros; e ElRey houvera de padecer algum mal, ſe não provêra ſuas caſas com gente que o defendeo. Pero da Nhaya como os vio partidos, porque ElRey não reinaſſe outra maldade, ſabendo per eſcutas que pera iſſo lançou, como nas ſuas caſas não havia boa vigia, e ſe temiam pouco da fortaleza por todos eſtarem doentes, com alguns que pera iſſo achou bem diſpoſtos, de noite metteo-ſe no bargantim, e levando ſuas eſpias diante, deo nas caſas d'ElRey. O qual ſentindo o que era, poz-ſe detrás da porta, e em Pero da Nhaya vindo com huma tocha diante, que ao entrar da caſa ſe lhe apagou, ſentindo peſſoa junto de ſi, deſcarregou com hum terçado, e alcançou a Pero da Nhaya ſobre o peſcoço, que não ſe deſviando hum pouco mais per acerto, que por fugir do golpe, per o caſo ſer ás eſcuras, ſegundo elle vinha da mão de cego, alli houvera de ficar meio degollado. Mas quiz Deos que a ferida foi pequena, e com a tocha acceza ElRey recebeo maior, que

foi

foi acabar seus tristes dias, e cegueira assi da'alma, como do corpo, o qual morreo ás mãos de Manuel Fernandes, que era Feitor, e com elle se achou João Rodrigues Mealheiro, na qual revolta tambem morrêram alguns Mouros que acudíram. Pero da Nhaya como vio morto ElRey, que era a causa de sua ida, ante que o lugar se mais appellidasse, temendo que poderia receber algum damno, se tornou recolher ao bargantim, e veio-se embora á fortaleza. Os filhos d'ElRey, quando souberam da sua morte, e que os nossos eram postos em salvo na fortaleza, logo pela manhã com aquella primeira dor ajuntáram a mais gente que puderam, e foram sobre ella. Mas este seu impeto, ainda que deo trabalho aos nossos, não obrou quanto elles desejavam, porque acháram resistencia, que os fez leixar o lugar, que naquella primeira furia tomáram, chegando-se tanto á tranqueira, que tentáram subir per sima. E como a necessidade dá animo, e forças, teve esta tanto poder sobre as febres dos nossos, que muitos as perdêram com o fervor de se defender, de maneira que a guerra foi a melhor mezinha que tiveram por huns dias, porque fez alevantar a maior parte delles, no qual tempo o Mouro Yacóte, e os outros, que com elle se recolhêram, não sómente como leaes,

mas como valentes homens, ajudáram os nossos. Os filhos, e genro d'ElRey como não tiveram força pera nos primeiros dous outros dias levarem a fortaleza na mão, convertêram todo seu intento ao negocio da herança; e sobre quem havia de ficar Rey houve logo bandos, com que esquecidos da morte do pai, começáram buscar suas ajudas. Hum dos quaes chamado Soleimam, por ser mais amigo da fortaleza, per meio de Yacóte procurou favor de Pero da Nhaya pera o levantarem por Rey, o que elle fez com muita diligencia. E ainda pera este negocio haver mais cedo effeito, mandou dar da Feitoria alguma fazenda a Mouros principaes, que eram contra bando, com que este Soleimam ficou Rey pacífico, e mui amigo da fortaleza por o favor que della recebeo, e elle ser homem mancebo, subjecto, e obediente ao Capitão Pero da Nhaya, aos quaes leixaremos hum pouco té seu tempo, por dar conta das cousas, que o Viso-Rey D. Francisco fez, depois que leixámos de fallar nelle.

CA-

## CAPITULO IV.

*Como o Çamorij Rey de Calecut fez huma grossa Armada, a qual D. Lourenço filho do Viso-Rey desbaratou.*

ATrás fica relatado como o Çamorij de Calecut á instancia, e requerimento dos Mouros moradores, e tratantes no seu Reyno, enviou hum Embaixador ao Soldão do Cairo. E posto que ao tempo que o Viso-Rey D. Francisco chegou á India, elle Çamorij tinha já recado de quão bem este seu Embaixador fora recebido, e a grande Armada, que o Soldão promettia ao seu requerimento, com todas estas promessas, em que elle já tinha boa parte de sua esperança pera nos lançar da India, em quanto as não via, quiz segurar-se nas proprias, mandando fazer grão numero de navios pera defensão dos portos, e costa do seu Reyno; parecendo-lhe que a nossa guerra sería ao modo das Armadas passadas, de ir, e vir com carga da especiaria nos tempos de nossa monção, e de caminho fazer algum damno, se achassemos disposição pera isso; porém quando elle soube a entrada do Viso-Rey na India, e o que fizera em Quiloa, e Mombaça, e as fortalezas, que leixava feitas, houve que tanto fundamento faziamos

mos de conquiſtar a terra, quanto do commercio da eſpeciaria. E como quem tinha experiencia de noſſas couſas, todo o ſeu conſelho, e induſtria converteo em fortalecer ſeus portos, e accreſcentar numero de mais navios dos que tinha feito, acquirindo per huma, e outra parte força de gente, e artilheria, não ſómente com tenção de ſe defender, mas ainda de nos lançar da India ante que arreigaſſemos as raizes, que já começavamos lançar. ElRey de Cochij, polo que lhe importava, trazia ſempre em caſa do Çamorij peſſoas, que lhe davam aviſo de todas eſtas couſas; e tanto que o Viſo-Rey chegou a Cochij, depois que ſe com elle vio a primeira vez, lhe deo conta deſtes grandes apparatos do Çamorij, e tambem como algumas náos das que andavam per aquella coſta do Cabo Comorij té Chaul, e Cambaya, em o maneio dos mantimentos, e couſas neceſſarias aos póvos da coſta Malabar, com achaque de ſerem amigos dos Portuguezes, eram roubadas da Armada, que o Çamorij trazia per aquella coſta. De maneira, que eſtava já mui corrente as náos de Coulão, de Cochij, e Cananor, por noſſa cauſa não poderem navegar per aquella coſta, ſenão com grande riſco de ſerem tomados, e eram havidos os póvos deſtes tres Reynos por imigos mortaes do Çamorij, por-

porque elle assi os tratava. O Viso-Rey, peró que per ordenança de seu Regimento levava, que como o verão entrasse naquella costa té a fim delle, trouxesse sempre grossa Armada nella, por causa das náos de Méca, e Mouros, que tiráram a especiaria do Malabar, e principalmente por causa destes damnos, que nossos amigos recebiam das Armadas do Çamorij, e assi do apparato, que elle tinha feito pera se defender; ordenou, tanto que despachou as náos da carga, que vieram pera este Reyno, de mandar seu filho D. Lourenço com huma Armada, em que andava: Assi pera guarda, e favor das náos de Coulão, de Cochij, e Cananor, em quanto hiam fazer suas commutações, e commercio de suas mercadorias, humas por outras, segundo o costume da terra, per aquelles portos té Chaul, que era o lugar a que se ellas mais estendiam; como tambem pera defender, que as náos do estreito de Méca não entrassem, nem sahissem nos portos de Calecut: cá esta era a mais crua guerra, que lhe podia fazer. Porque os Reynos, cujo principal estado consiste em navegação, e que tem entradas, e sahidas de que vivem, são como o corpo animado, que se lhe tiram a entrada, e sahida das cousas, que o sustentam, não tem mais vida. Apercebida esta Armada, partia

D.

D. Lourenço com eſtas vélas ; elle em a náo, em que andava por Capitão Rodrigo Rabelo , Bermum Dias em hum navio , e Filippe Rodrigues em outro. Nuno Vaz Pereira, Gonçalo de Paiva, Antão Vaz, Lopo Chanoca, Franciſco Pereira Coutinho, cada hum em ſua caravela , e João Serrão em huma galé, porque naquelle tempo eſtes navios pequenos ſe haviam por melhores pera pelejar. E a tenção de D. Lourenço era ir acompanhando as náos dos noſſos amigos, que diſſemos, té chegar a Chaul, ſe neceſſario foſſe; e em quanto elles fizeſſem ſuas mercadorias nos portos onde hiam ordenados , daria elle huma viſta a toda a coſta , e depois os tornaria recolher. Seguindo ſeu caminho neſta ordem, como foi na paragem de Calecut, porque não achou nova ſer ſahida a Armada , que ſe dizia d'El-Rey de Calecut , leixou naquella paragem em guarda da coſta a eſtes dous Capitães, Bermum Dias, e a Franciſco Pereira, com os quaes ſe havia ajuntar mais huma galé, de que era Capitão Diogo Pires ayo delle D. Lourenço , que ao tempo de ſua partida de Cochij não eſtava de todo preſtes , e por iſſo ficou té ſe aperceber ; os quaes ficavam com regimento, que em quanto não ſahiſſe a Armada de Calecut, ſe leixaſſem andar tolhendo a entrada, e ſahida

das

das náos dos mercadores; e sahindo a Armada, que se fossem ajuntar com elle. Espedido D. Lourenço delles, foi dar huma vista a Cananor, leixando as náos dos mercadores que fossem fazer seus proveitos, por quanto já hiam seguros da Armada do Çamorij; e nestes dias que se alli deteve, veio ter com elle hum Italiano per nome Ludovico Romano, dizendo, que escondidamente sahíra da Cidade Calecut a lhe dar nova da grande Armada que estava prestes pera sahir, e o muito resguardo, que se tinha aos rios, onde se fazia prestes, que não se soubesse per os Portuguezes; e assi disse como lá andavam dous Levantiscos artilheiros offerecendo-se aos tirar daquella parte, os quaes eram aquelles, de que já atrás fizemos menção, sobre que o Çamorij tantas vezes se desavio nos contratos da paz. Contou mais este Ludovico outras cousas a D. Lourenço, que lhe conveio mandallo a seu pai em a galé de João Serrão; e ouvindo o Viso-Rey o que dizia, o tornou logo espedir pera trabalhar de trazer comsigo os dous fundidores. O qual negocio não houve effeito, porque sendo elles sentidos que se queriam vir a nós, foram mortos, e todavia elle Ludovico veio ter a este Reyno na Armada de Tristão da Cunha, e daqui se foi pera Italia, e lá escreveo em lingua

vul-

vulgar toda sua peregrinação, e estas cousas que passou com D. Lourenço com muitas daquellas partes, o qual tratado depois se trasladou em Latim, e anda encorporado em *hum volume intitulado Novus Orbis*. Da *escritura* do qual, ácerca do que elle diz da sua ida, e vinda a D. Lourenço, e a seu pai, tomámos sómente o que sabemos pelos nossos, o mais leixámos na fé do auctor. Finalmente, do que elle contou ao Viso-Rey do grande apparato da Armada do Çamorij, depois de o ter já espedido, e mandado na galé de João Serrão, em que foi, a grande pressa mandou aperceber a outra galé de Diogo Pires, que ainda não era de todo provída, e per ella mandou recado a D. Lourenço do que via fazer, e do mais que tinha sabido per via d'ElRey de Cochij ácerca dos apparatos do Çamorij pelas espias que lá trazia. O qual Diogo Pires sendo na paragem de Cananor, deo em meio de huma grande frota de té duzentas e sincoenta vélas, a maior parte das quaes eram paráos, todas a ponto de guerra, que sahíram dos portos de Calecut, onde se fizeram prestes; e posto que elle Diogo Pires correo assás de risco, todavia a véla, e remo o salvou dos paráos, que o seguíram hum bom pedaço. Sahindo desta affronta, foi dar com Bermum Dias, e Francisco Perei-

reira, que por lhe falecer agua eram idos a Cananor; e tomada, efpedindo-fe de Lourenço de Brito, com o qual houveram confelho, a grão preffa foram ter com D. Lourenço, o qual vinha de Anchediva, e trazia comfigo a Simão Martins em o feu bargantim, que eftava em ferviço da fortaleza, com o qual eram já numero de onze vélas. D. Lourenço com o recado, que lhe Diogo Pires deo de feu pai, e nova da vifta daquella grande Armada, teve logo confelho do modo que teriam no commettimento della; e pofto que o cafo ao parecer dos mais era coufa mui duvidofa efperar tamanha frota, quanto mais illa bufcar, todavia pelo recado do Vifo-Rey, que fobre iffo efcrevia a feu filho, e aos Capitães, affentou-fe que a foffem bufcar, e o modo de pelejar com ella, foffe varejar bem da artilheria fem abalroar nenhuma náo. Porque fegundo a eftimação de Diogo Pires, havia entre aquelle grão numero de vélas té feffenta náos mui fobranceiras ás noffas, das quaes fe não podiam bem ajudar, e que baftava o damno, que lhe podia fazer a noffa artilheria; e porém quando o cafo déffe outro confelho, então elle mefmo enfinaria o modo. Recolhidos todolos Capitães aos feus navios da náo de D. Lourenço, onde fe ifto affentou, começáram de fe aperceber pera

ra aquella festa de fogo, e sangue, em que esperavam de entrar, e feitos á véla, foram na volta da terra. D. Lourenço tanto que houve vista delles, trabalhou por se poer a balravento, o que fizeram todos: cá sómente isto tinham por regimento, ter olho na capitánia, e seguilla, porque dalli dependia o conselho do feito; do qual lugar tanto que foram senhores, começou a artilheria varejar per o grande cardume delles, desapparelhando huma, e mettendo outros no fundo, porque como eram bastos, nenhum tiro perdiam, carregando sobre elles de maneira, que por fugirem á nossa artilheria, que os tratava mal, hiam-se cozendo com a terra quanto podiam. E como por razão da ventage, que lhe D. Lourenço tinha no lugar de balravento, elles se não podiam aproveitar das fréchas que levavam, e artificios de fogo pera o tempo d'abalroar, e todo o damno que faziam aos nossos era com sua artilheria, a maior parte da qual por ser de ferro, era de pouca furia em comparação da nossa, começáram com o grande damno que recebiam de se poer mais em modo de salvação, que de peleja. Finalmente D. Lourenço vendo como nosso Senhor lhe mostrava victoria, toda aquella tarde os foi seguindo no modo que levava com elles, sem querer abalroar, no qual alcan-

cance, além dos zambucos, e paráos, que fôram mettidos no fundo, fez encalhar ao longo da costa huma entre outra doze náos, porque temendo ellas a artilheria, coziam-se tanto com terra, que davam em secco, e outras de se não poderem suster sobre a agua de arrombadas. As que tiveram melhor véla, vendo que naquelle tempo recebiam mais damno do que o faziam, foram-se todas metter em huma enseada por afracar a viração, e alli se encadeáram todas humas nas outras, com esperança que como viesse o terrenho, de se fazer á véla sobre as nossas, porque ficavam então iguaes no lugar do vento. D. Lourenço pelo modo que vio de todas seguirem, e ampararem huma das náos principaes, entendeo que aquella devia ser a capitánia, na qual estava o governo, e principal força da frota; e posto que o dia d'antes tinha assentado que não abalroassem por o grande numero de vélas, e muitas serem sobranceiras ás suas, visto o modo da peleja dos imigos, que era lançar nuves de setas, e a sua artilheria ser mui fraca, determinou com os Capitães, que ao seguinte dia elle, e Filippe Rodrigues abalroassem esta capitánia cada hum per seu bordo, e Bermum Dias, e Gonçalo de Paiva abalroassem outra náo grande, que estava junto della; e os outros navios, e galés, por se-

ſerem pequenos, e razos, andaſſem de fóra defendendo a outra frota, que não ſoccorreſſe a eſtas duas náos, onde parecia eſtar toda a força da Armada, ſegundo ellas moſtravam nos pelouros da artilheria, que eſpedíram de ſi, e na multidão de gente luzida que apparecia. Concertado eſte modo de commetter as duas náos, tanto que o terrenho de noite começou ventar, os Mouros ſem fazer rumor ſe fizeram á véla, e mandáram aos paráos que ſe cozeſſem com terra por ficarem a balravento das vélas. Peró como os noſſos Capitães a todalas ſuas induſtrias eſtavam cautelados, quando foi ao levantar do pouſo, tanto ſe melhoráram em lhes tomar o lugar de balravento, que por eſta ventage que lhe houveram, e aſſi porque da ponta de Cananor ao paſſar della, onde os da noſſa fortaleza puzeram huma ſerpe, com que os faziam arredar da terra, todos ſe foram metter na companhia dos outros navios grandes, que ao mar andavam em calma na parage de Tramapatam, que ſerá duas leguas de Cananor, por lhes falecer o terrenho, e a viração vir mais tarde. Com a qual, tanto que veio, ſe fizeram na volta da terra, como quem a buſcava por abrigo com o temor que já levavam dos noſſos; e o primeiro ſinal que Dom Lourenço teve de lhe Deos dar victoria,
foi

foi acudir, hum pouco de vento Noroeste tão vivo na véla, que conveio aos imigos surgirem com as náos principaes defronte da baya de Cananor. D. Lourenço, como os vio surgir, mandou tomar a véla grande, e poer em ordem de aferrar, como já tinha assentado com os Capitães; mas isto não lhe foi facil como elle cuidou, porque os Mouros tanto que víram o arpéo dentro, posto que a sua náo capitania fosse muito sobranceira á de D. Lourenço, e em muniçőes, artificios de fogo, e numero de gente tivesse muita ventage, trabalháram logo de o lançar fóra. Com tudo, desta chegada ficáram dentro nella sincoenta homens dos nossos, pessoas que neste mister trabalhavam por ser dos primeiros, os quaes eram: Rodrigo Rabelo Capitão desta náo S. Miguel, Diogo Aires, e Antonio Mendes, e dos outros seus nomes não vieram á nossa noticia. D. Lourenço quando se vio desaferrado, e hum bom pedaço per popa da náo, e que Bermum Dias, e Gonçalo de Paiva, que tambem haviam de abalroar, a força do vento os empachou no tomar das vélas, com que ficáram em vão; e Filippe Rodrigues, que houvera de ser com elle, tambem se embarcou no aferrar: começou a bradar contra Nuno Vaz Pereira, que vinha na sua esteira, que se chegasse a elle, por ter navio

vio pequeno, que o podia atoar. Nuno Vaz como era Cavalleiro, e homem mui diligente nestes tempos, vendo que dentro da náo dos Mouros ficáram os sinco homens de D. Lourenço, mandou a Vicente Landeiro mestre do seu navio, que em toda maneira aferrasse a náo. O qual mestre por ser homem de espirito, e astucioso nas cousas do mar, ainda que não foi pela parte que elle quizera, todavia a náo foi aferrada, e per modo, e lugar tão perigoso, que havendo ser isto desastre, foi em dita. Porque o navio ficou atravessado debaixo da gorja da náo, encaminhado per Deos, que deo vida aos sinco nossos, que estavam acolhidos aos castellos da proa, onde com muito trabalho, e perigo se defendiam dos Mouros, que eram todos sobre elles. E certo, que era cousa mui temerosa de olhar, quanto mais pera commetter, o que Nuno Vaz fez, porque a comparação que ha da grandeza, e ferocidade de hum bravo touro a hum ardido libreo, havia da náo dos Mouros, que sería de quinhentos toneis, atulhada delles, e de artificios de fogo, á caravela São Jorge de Nuno Vaz, que era pouco mais de sincoenta toneis. E ainda a este seu animo não faleceo boa industria delle Nuno Vaz, e diligencia do seu mestre, que cortou com hum machado a amarra da náo, com

com que ella descahio sobre a de D. Lourenço. O qual, tanto que a investio, assi por ajudar aos sinco nossos, que estavam bem necessitados, como por não lhes tornarem outra vez lançar o arpéo fóra, saltou logo dentro com hum golpe dos seus que o seguiam, entre os quaes eram Fernão Peres d'Andrade, Ruy Pereira, Vicente Pereira, João Homem, e assi se mettêram com os imigos, que seriam mais de quatrocentos homens de peleja, que desapressáram os sinco, e a Nuno Vaz, que com os seus era já na proa, onde elles estavam. Filippe Rodrigues posto que perdeo aquella primeira chegada pera aférrar com D. Lourenço, não perdeo a sorte de outra náo vizinha desta capitánia, em que tambem teve assás de trabalho, porque duas vezes lhe lançáram o arpéo fóra, té que na terceira fez melhor preza. Bermum Dias, por ter navio grande, com Gonçalo de Paiva pela ordenança que levavam, ambos cumpríram o precepto de seu Capitão, e obrigação de Cavalleiros que elles eram. As galés, e bargantim, por serem navios razos, padecêram assás de trabalho, e perigo, porque com artificios de fogo, e nuves de setas os cubriam, e houveram de Simão Martins, e João Serrão de maneira, que não se contentavam de escapar de hum perigo, senão metter-se em ou-

outro maior, por entreter os navios pequenos dos imigos, que não fossem impedir a obra que fazia D. Lourenço, e os Capitães que aferráram. Finalmente assi estes navios de remo, como as caravelas, cada hum em seu modo fez tanto per si, que difficultosamente se poderia julgar qual dos Capitães nesta batalha, e conflicto teve menos que fazer; baste saber que pelo trabalho que cada hum poz na parte que lhe coube por sorte, assi deo conta de si, que os imigos que pudéram escapulir se punham em salvo quanto podiam. D. Lourenço, porque leixava já a náo enxorada dos Mouros, parte estirados no lugar onde os tomou a morte, e parte que se acolhêram a nado pera terra, ante que as outras vélas se alongassem mais, começou de as seguir com os navios de sua Armada. E em chegando aos imigos, não fazia mais que metter huns no fundo, com outros dava á costa, e assi os foi decepando poucos, e poucos, té que já no fim do dia não os quiz elle mais seguir, e mandou a Nuno Vaz, e a Filippe Rodrigues, e aos Capitães das galés, que lhe fossem no alcance. Os quaes ao outro dia tornáram bem cansados de seguir o fim daquella victoria, que foi a dezoito dias de Março do anno de quinhentos e seis, e huma das maiores que se naquellas partes houve, considerando a des-

a desigualdade do numero das vélas dos imigos, e gente que nella vinha aos nossos. E se nelles houvera tanto animo, como vinham apercebidos de munições, e artificios de guerra, mais sangue de mortos houvera entre os nossos; mas Deos por mostrar que aquella obra fora das suas mãos, ainda que foi á custa do sangue de muitos, principalmente em os da náo de D. Lourenço, em todo furor daquelle feito houve sómente sinco, ou seis mortos. E pera curar os feridos, e dar repouso a todos, elle se recolheo em Cananor, onde foi recebido com grande solemnidade dos nossos, e do Rey da terra, que o veio visitar. Por memoria do qual feito, D. Lourenço primeiro que se dalli fosse, mandou fundar huma Ermida da vocação de *N. Senhora da Victoria* na ponta aguda da terra, onde a nossa fortaleza estava feita, no proprio lugar, em que Lourenço de Brito mandára pôr huma peça contra os imigos polos affastar da terra, como dissemos. A este tempo que D. Lourenço descançava do trabalho deste feito, estava Manuel Paçanha em a fortaleza de Anchediva em grão perigo, cercado de Mouros, e Gentios, que o Senhor de Goa mandou em huma frota de té setenta navios de remo, parte dos quaes estavam em o rio de Cintácora, cuja vizinhança o Visó-Rey

ſempre temeo, e parte vieram de Goa a ſe adjuntar com eſtes. O qual adjuntamento o Sabayo mandou fazer depois que ſoube que D. Lourenço chegára a dar viſta áquella fortaleza de Anchediva, e ſe tornára pera baixo contra o Malabar: cá lhe pareceo ſer eſte o melhor tempo de a commetter per conſelho de hum arrenegado, que vinha por Capitão da frota; ao qual, ſegundo ſe depois ſoube, elle tinha promettida a fortaleza de Cintácora, ſe déſſe modo, com que a noſſa de Anchediva foſſe tomada. E eſte arrenegado era aquelle degredado per nome Antonio Fernandes carpinteiro da ribeira, que da Armada de Pedralvares Cabral ficou em Quiloa, (como atrás fica,) o qual ſe paſſou daqui pera a India em náos de Mouros, e foi aſſentar vivenda com o Sabayo, que lhe fez honra, aſſi por ſer homem de ſua peſſoa, como por ſe fazer Mouro, cujo nome era Abedelá; e depois lhe foi muito mais accepto pola induſtria, que deo de tomar eſta fortaleza de Anchediva, pola qual razão lhe entregou a capitanía mór daquella frota. A vinda da qual, por ſer ante manhã, não houveram os noſſos viſta della, ſenão depois que deram na povoação da gente da terra, que eſtava junta da noſſa fortaleza, a qual não tinha mais defenſão que cerca baixa, e huma torre, tudo

de

de pedra, e barro. E como os nossos em tão fraca cousa não tinham as vidas mui seguras, puzeram toda a esperança da sua salvação na ponta da espada, a qual logo os Mouros começáram sentir; porque achando a desembarcação franca, pareceo-lhe que outro tanto havia de ser á chegada da fortaleza, peró a artilheria, e o ferro dos nossos os fizeram affastar. Com o qual damno, que foi mui grande naquelle primeiro impeto de sua chegada, se recolhêram a hum tezo de grande arvoredo, que estava soberbo sobre a fortaleza, como gente que dalli queria fazer a guerra; e assi a fizeram com tanto damno dos nossos, que não podiam andar por dentro da fortaleza sem serem feridos de espingardas, e fréchas, por ser mui perto della. Manuel Paçanha vendo que não tinha amparo, ordenou de pôr certas peças de artilheria miuda sobre a torre, e dalli varejava o lugar da estancia delles; e em outra parte poz outras peças grossas, com que lhe metteo algumas fustas, e vasilhas, em que vieram no fundo do mar: todavia tres, ou quatro dias apertáram tanto com a fortaleza, que mettêram os nossos em muito trabalho, porque em todo aquelle tempo não tinha espaço de comer, nem dormir senão em pé; e o que lhes dava maior paixão, era ouvir de noite as cousas,

que

que contra elles dizia aquelle arrenegado conformes ao estado, em que elle estava. Finalmente vendo os Mouros que naquelles primeiros dias não puderam levar a fortaleza na mão, e que mais damno tinham recebido que feito; e que ao tempo da sua chegada víram partir dous barcos dos nossos, que andavam no serviço da fortaleza, temêram que fossem dar aviso a D. Lourenço, que sabiam andar naquella costa de Armada, e vindo elle, ficavam em maior perigo do que os cercados estavam. Com o qual temor, e atalaias, que sobre isso traziam no mar, tanto que per ellas souberam que os nossos eram soccorridos com a vinda dos navios, que D. Lourenço mandou, com o rebate que lhe os barcos deram, começáram a grão preza levantar o cerco, e puzeramse em salvo. Chegados os Capitães que Dom Lourenço mandava, e provída a fortaleza de algumas munições, mantimentos, e gente, tornáram-se a Cananor; e sabendo elle o estado della, e que aquelle commettimento dos Mouros procedêra da vizinhança de Cintácora, onde se elles todos acolhêram, determinou de se partir pera Cochij dar razão a seu pai do perigo, em que aquella fortaleza Anchediva ficava vindo o inverno, por quão vizinha estava de Goa, e longe do soccorro que lhe havia de ir de Cochij;

e por

e por estas razões, e outras importantes ao serviço d'ElRey, foi dahi a pouco tempo desfeita. E porque de toda a victoria, que D. Lourenço houve da Armada do Çamorij, não se achou cousa de preza de maior preço, que quatro náos, que estavam com carga de especiaria, esta sómente levou comsigo, que apresentou a seu pai em Cochij, como insignias de sua victoria.

## CAPITULO V.

*Como o Viso-Rey mandou seu filho D. Lourenço descubrir as Ilhas de Maldiva, e Ilha Ceilão: e o que fez nesta viagem té tornar a Cochij.*

VEndo os Mouros, que andavam no commercio das especiarias, e riquezas da India, que com a nossa entrada nella não podiam navegar por causa destas Armadas, que traziamos na costa Malabar, onde todos vinham deferir, buscáram outro novo caminho pera navegarem as especiarias, que haviam das partes de Malaca, assi como cravo, nóz, maça, sandálo, pimenta, que haviam da Ilha Camatra em os portos de Pedir, e Pacem, e outras muitas cousas daquellas partes, o qual caminho faziam vindo per fóra da Ilha Ceilão, e per entre as Ilhas de Maldiva, atravessando aquelle

grão

grão golfão té abocar os dous estreitos que dissemos, por fugir desta costa da India que lhe defendiamos. O Viso-Rey como soube parte deste novo caminho que elles faziam, e assi da Ilha Ceilão, onde elles carregavam de canella por se nella haver toda a daquellas partes, com fundamento do muito que importava ao serviço d'ElRey tolher este caminho, e ter descuberto aquella Ilha, e assi as de Maldiva, por razão do cairo que se dellas havia, que era o essencial de toda a navegação da India, pois delle se faz toda a enxarcea, determinou mandar seu filho D. Lourenço a este negocio, por ser no tempo de monção daquella passagem. O qual levou nove vélas das que trazia em sua Armada, e pela pouca noticia que os nossos Pilotos tinham daquella navegação, peró que levasse alguns da terra, foram dar com as correntes na Ilha Ceilão, a que os antigos chamam Tapobrana, da qual faremos copiosa relação, quando escrevermos o que Lopo Soares fez nella ao tempo que fundou huma fortaleza em hum dos seus portos chamado Columbo, que he quatorze leguas assima do de Gale, onde D. Lourenço foi ter, que está na ponta da Ilha, em o qual achou muitas náos de Mouros, que estavam á carga de canella, e Elefantes pera Cambaya, os quaes quando se víram

ram cercados da nossa Armada, por segurarem suas pessoas, e fazenda, fingíram querer comnosco pazes: e que ElRey de Ceilão lhe tinha encommendado, que quando passassem pela costa da India, notificassem ao Viso-Rey, que mandasse a elle alguma pessoa pera assentar paz, e amizade com ElRey de Portugal pola vizinhança que tinha com os seus Capitães, e fortalezas, que fizeram na India, e tambem por causa da canella, que havia naquella sua Ilha, e outras mercadorias, que lhe podia dar pera a carga de suas náos per via de commutação. D. Lourenço como hia a descubrir, e tomar as náos dos Mouros de Méca, que andavam navegando do estreito pera Malaca per aquelle novo caminho, e na carga dos Elefantes, que aquelles tinham, com a mais informação que teve dos Pilotos da terra que levava, soube serem náos de Cambaya, com que não tinhamos guerra, não lhe quiz fazer damno algum: e por tambem entrar com mão armada naquella parte, onde os Mouros tinham lançado fama, que os Portuguezes eram cossairos do mar, mas ante acceptou o que offereciam da parte d'ElRey. E per meio delles fez vir alguma gente da terra, per cujo aprazimento metteo hum Padrão de pedra em hum penedo, e nelle mandou esculpir humas letras

co-

como elle chegára alli, e descubríra aquella Ilha; e Gonçalo Gonçalves, que era o pedreiro da obra, peró que não fosse Hercoles pera se gloriar dos Padrões de seu descubrimento, eram estes em parte de tanto louvor, que poz o seu nome ao pé delle, e assi fica Gonçalo Gonçalves mais verdadeiramente por pedreiro daquella columna, do que Hercoles he auctor de muitas, que lhe os Gregos dão em suas escrituras. Os Mouros como víram que D. Lourenço segurou nas palavras, que lhe elles disseram da parte d'ElRey, fingíram irem, e virem com recados a elle, e per derradeiro trouxeram quatrocentos bahares de canella da que elles tinham recolhida em terra pera carregarem, dizendo, que ElRey em sinal da paz, e amizade, que desejava ter com ElRey de Portugal, em quanto a não assentava per seus Embaixadores, lhe offerecia toda aquella canella pera carregar os seus navios, se quizesse. E porque D. Lourenço disse, que queria mandar recado a ElRey, elles se offerecêram de levar, e trazer as pessoas, que elle ordenasse pera isso, as quaes foram, Payo de Sousa, que hia em lugar de Embaixador, e por seu Escrivão Gaspar Dias filho de Martim Alho morador em Lisboa, e Diogo Velho criado de D. Martinho de Castello-branco Veador da fazenda d'ElRey,
que

que depois foi Conde de Villa Nova, e hum Fernão Cotrim, e outras pessoas de seu serviço. Os quaes entregues aos Mouros, que negociavam esta ida, foram levados per tão basto arvoredo, que quasi não viam o Sol, dando tantas voltas, que lhe parecia mais labyrintho que caminho direito pera alguma parte; e andando hum dia todo, os mettêram em hum lugar escampado, onde estava muita gente, e no cabo delle havia humas casas de madeira que parecia cousa nobre, onde lhe disseram que viera folgar, por aquelle lugar ser huma maneira de quintã. No cabo do qual escampado boa distancia das casas, os fizeram deter, dizendo, que não lhe convinha passar dalli sem licença d'ElRey; e começáram de ir, e vir com recados, e perguntas a Payo de Sousa, como que vinham d'ElRey, mostrando ter contentamento de sua ida. Finalmente Payo de Sousa sómente com dous dos seus foi levado áquelle lugar, onde, segundo diziam os Mouros, estava a pessoa d'ElRey; e tanto que chegáram a elle, logo os espedio, mostrando ter contentamento de ver cousas d'ElRey de Portugal, dando graças a elle Payo de Sousa por sua ida, e ao Capitão mór que os mandára a elle; e que sobre a paz, e amizade, que desejava ter com ElRey de Portugal, el-

elle mandaria a Cochij ſeus Embaixadores, e que em ſinal della enviára a cancha, e lhe mandaria dar o que houveſſe miſter pera provisão da Armada, e com iſto o eſpedio. O qual modo de Payo de Souſa em ir, e vir per mão daquelles Mouros, e chegada a eſte lugar, e prática que teve com eſta peſſoa, que lhe diziam ſer d'ElRey de Ceilão, tudo foi artificio delles, e quaſi huma repreſentação de couſas que não eram, parte das quaes Payo de Souſa entendeo, e depois ſe ſouberam em verdade. Cá eſte homem com quem elle fallou, ainda que em o tractamento de ſua peſſoa, e gente, que o reverenciava, parecia ſer quem lhe diziam, elle não era ElRey de Ceilão, mas o Senhor do porto de Galé; e outros quizeram dizer que nem elle era, mas qualquer outra peſſoa nobre, que por ſeu mandado, e artificio dos Mouros ſe moſtrou aos noſſos naquelle modo, e lugar, iſto a fim que elles por aquella vez ſeguraſſem ſuas náos; e em quanto andavam niſto, recolherem a fazenda que tinham nellas a terra, como fizeram. D. Lourenço quando ſoube de Payo de Souſa o que paſſava, e ſentia daquelle caſo, diſſimulou com os Mouros; porque como aquella Ilha era de Rey Gentio, (poſto que naquelle tempo não ſe ſabia verdadeiramente de ſuas couſas,) pareceo-lhe que

ora

ora elle fosse aquelle, com que Payo de Sousa fallou, ou não, podia ser tudo ordenado per elle, por todolos Reys Gentios serem mui superſticiosos no modo de se communicar comnosco, e que per ventura os Mouros o teriam assombrado que o não fizesse; e sem querer mais examinar este caso, porque o tempo lhe não consentio estar naquelle porto em que corria risco, fez-se na volta de Cochij. E porque Nuno Vaz Pereira com o tempo rijo, que os fez alevantar, quebrou a verga grande do seu navio, foi necessario tornar outra vez ao porto, onde achou que o nosso Padrão estava já chamuscado de fogo, como que lho puzeram ao pé; e pedindo razão disso aos Mouros que alli estavam, deram a culpa aos Gentios da terra, dizendo, que por ser gente idólatra se lhe entolharia alguma cousa por onde o fizessem. Nuno Vaz amoestando o caso em modo de ameaças, se naquillo mais procedessem, dissimulou o passado; e concertada a verga do seu navio, tornou-se a D. Lourenço, o qual achou na costa da India em hum lugar chamado Berinião, que he do senhorio de Coulão. E porque alguns Mouros que alli viviam foram na morte de Antonio de Sá, sahio D. Lourenço em terra, e queimou o lugar; em que tambem houve sangue dos naturaes,

e dos

e dos nossos na resistencia que fizeram ao sahir em terra, e queimar de certas naos, que alli estavam esperando carga; e tomada este emenda do damno que aquelles Mouros tinham feito, partio-se D. Lourenço pera Cochij, aonde chegou com sua frota.

## CAPITULO VI.

*Da viagem, que fez Cyde Barbudo com Pero Quaresma: e como por causa das novas, que elle levou ao Viso-Rey, que Pero da Nhaya era falecido em Çofala, e divisões, que havia em Quiloa, por ser morto ElRey Mahamed, elle Viso-Rey mandou a Nuno Vaz Pereira a prover nestas cousas, e a servir de Capitão em Çofala: e das mais cousas, que succedêram em Quiloa, té que de todo a leixámos.*

CYde Barbudo, e Pero Quaresma, (como atrás fica,) partidos deste Reyno, cuidando que tinham dobrado o Cabo de Boa Esperança, achâram-se na angra das areas, que he áquem delle obra de cento e sincoenta leguas, e com voltas ao mar, e á terra trabalhosamente chegâram á aguada de Saldanha, onde fizeram algum resgate de mantimenros com os Cafres; e aqui se passou Cyde Barbudo ao navio de Pero Quaresma, por elle levar o cargo deste des-

cu-

cubrimento, e Pero Quaresma á sua náo. Dobrado o cabo, porque os tempos o não leixáram descubrir á sua vontade, principalmente no lugar da suspeita, que era na aguada de S. Braz, sendo a este tempo já apartado de Pero Quaresma, tanto andáram com os tempos hum sobre outro, té que se ajuntáram no lugar, onde o Piloto se affirmava ver estar Pero de Mendoça encalhado, vindo elle por Piloto da náo de Lopo d'Abreu. E por este lugar ser o da suspeita, onde parecia que a náo podia vir á costa, lançou Cyde Barbudo dous degredados em terra, os quaes hiam offerecidos a esse trabalho de correrem ao longo da costa, e saberem dos Cafres se havia alguma gente branca no sertão, os quaes dahi a sete dias tornáram áquelle lugar de suspeita, onde os navios não podiam chegar com os tempos, e deram por nova acharem parte da liação da náo queimada, como que viera ter á costa, sem os Cafres lhe saberem dar razão da gente. Pelos quaes sinaes houveram que a náo era perdida, e tiveram pera si que o fogo fora posto pelos Cafres, por tirarem a pregadura da náo, por entre elles o ferro ser estimado; e o maior damno que fizeram a estes dous degredados, foi despojallos do vestido que levavam. Tornando Cyde Barbudo á sua náo, e Pero

Qua-

Quaresma ao navio, fizeram-se via de Çofala, onde acháram Pero da Nhaya morto, e muita parte da gente, e a outra tão debilitada de doença, que a fortaleza estava na cortezia dos Mouros; posto que Manuel Fernandes, que então servia de Capitão, trabalhasse muito na vigia della. Cyde Barbudo leixando-lhe alguma gente, e provisão do que levava, e a Pero Quaresma em o seu navio pera melhor guarda da fortaleza, partio-se dalli em Junho do anno de quinhentos e seis; e passando per Quiloa, achou que em seu modo estava em tanta necessidade, como Çofala; porque o nosso Mahamed Anconij era morto, e sobre a succesão do Reyno estava a terra posta em bandos, assi entre os Mouros, como ácerca do Capitão Pero Ferreira, e Officiaes; e posto que Cyde Barbudo em aquelle negocio fez pouco por não poder mais, fez muito com sua chegada á India. Cá sabendo o Viso-Rey parte do estado em que ficavam estas duas fortalezas, espedio logo a Nuno Vaz Pereira em o navio, em que andava Gonçalo Vaz de Góes, pera vir estar por Capitão em Çofala, e prover em as differenças de Quiloa. E mandou com elle hum navio, de que era Capitão Duarte de Mello de Serpa seu sobrinho, e assi vinha Francisco da Nhaya pera arrecadar a fa-

a fazenda do ſeu pai defunto , e o ouro , que lhe Pero Ferreira tomou em Quiloa ao tempo que alli veio ter perdido ; e aſſi vinha com elle pera ſervir de Alcaide mór da fortaleza de Çofala Ruy de Brito, que era provído por ElRey na vagante de Ruy de Souſa , por a eſte tempo elle ſer já falecido, e Antonio Rapoſo, e Sancho Sanches por Eſcrivães da Feitoria. Trazia mais Nuno Vaz , e a Luiz Mendes de Vaſconcellos da Ilha da Madeira , e Antonio de Souſa, que fora de Çofala com Cyde Barbudo , e Fernão de Magalhães , que depois ſe lançou em Caſtella com a empreza de Maluco ; e aſſi outras peſſoas nobres, por Nuno Vaz ſer homem bem quiſto , e por razão de ſua amizade, folgáram de vir com elle , poſto que era ſem cargos. E o primeiro porto, que tomou no fim de Novembro de quinhentos e ſeis, foi Melinde, onde o Rey da terra os recebeo com muito prazer , e á eſpedida lhe concedeo Nuno Vaz que pudeſſe mandar duas faraçolas , que ſerão trinta e ſeis arrates dos noſſos de contas de Cambaya pera ſe lá reſgatarem a troco d'ouro ; e aſſi lhe deo hum Mouro velho, que trazia por eſcravo, o qual fora tomado em Quiloa por cativo, porque ao tempo que coroavam Mahamed Anconij por Rey , eſte Mouro em deſprezo de

ſua peſſoa lhe fez hum deſacatamento , as quaes couſas Nuno Vaz lhe concedeo por honra de ſua peſſoa. Porém pedio-lhe que lhe déſſe licença que levaſſe o Mouro a Çofala , por ſer homem que ſabia os negocios della , e que de lá lho mandaria polo Feitor , per quem elle enviava as contas de Cambaya ; e depois que Nuno Vaz poz eſte Mouro em ſua liberdade , ficou no eſtado que d'antes tinha , que era dos principaes da terra : fazemos delle eſta menção , porque ao diante ſerve ſaber eſte fundamento de ſuas couſas. E porque Nuno Vaz ſoube aqui mais particularmente a cauſa das differenças de Pero Ferreira com os Officiaes da fortaleza , que era a morte d'ElRey Mahamed , donde procedeo deſpovoar-ſe Quiloa , o qual negocio elle trazia mui encommendado do Viſo-Rey , ſerá neceſſario ſabermos o fundamento della , como atrás eſcrevemos. Por razão do Regimento , que ElRey D. Manuel mandou a Quiloa ſobre a guarda da coſta de Çofala , que ninguem tractaſſe com roupa , e fazenda ; porque ſe havia ouro das mãos dos Cafres da terra , andavam d'Armada hum navio , e hum bargantim , que Pero Ferreira Capitão de Quiloa ordenou pera eſta guarda ; e entre algumas prezas que fizeram foi tomar huma náo , que vinha das Ilhas de Angoxa , em

a qual

a qual ſe achou hum filho d'ElRey de Tirendincunde. O qual, poſto que mui vizinho era de Quiloa, como eſtava de guerra comnoſco por ſer parente de Habraemo Rey que foi della, Pero Ferreira o houve por cativo, e a toda ſua familia. ElRey Mahamed Anconij, como era homem novo, e ſem parentes na terra, deſejando ganhar os vizinhos com beneficios pera os ter no tempo de ſuas neceſſidades, reſgatou eſte filho d'ElRey com toda ſua familia por tres mil miticaes d'ouro, e bem tractado, e veſtido, como filho de quem era, o mandou a ſeu pai. O qual quando o vio livre em tão breve tempo, primeiro que elle niſſo commetteſſe alguma couſa, mandou logo a ElRey Mahamed grandes agradecimentos daquella tão grande obra d'amizade, pedindo-lhe que por quanto elle eſtava em odio com a noſſa fortaleza, e não podia ir a ella, vieſſe ver-ſe com elle, pera praticarem em couſas que muito importavam ao bem d'ambos, dando-lhe a entender caſamentos d'entre filhos; e que quando foſſe, lhe entregaria os miticaes que dera polo filho. ElRey Mahamed polo grande deſejo que tinha de comprazer a eſte, poſto que o Capitão Pero Ferreira o aviſou que não ſe fiaſſe delle, cá pois eſtava mal comnoſco, tambem o eſtaria com elle por ſer

parente de Habraemo, todavia em huns zambucos com alguns ſeus, mais em acto de feſta, e viſtas de amizade, que ſuſpeita de traição, ſe foi ver com o outro, que o matou em pagamento do beneficio que lhe tinha feito, jazendo ElRey Mahamed dormindo em o zambuco em que foi. Tomando por deſculpa deſta maldade dizer, que mais obrigado era ao ſangue, e parenteſco que tinha com ElRey Habraemo, (por vingança do qual elle fazia aquella obra,) que ao beneficio de Mahamed Anconij. Sobre a ſucceſsão do qual ſe armou toda a divisão que diſſemos, e eſtava a Cidade repartida neſtas duas partes: os Officiaes da Feitoria com alguns Mouros por parte de Agi Hocem filho deſte Mahamed defunto, apreſentavam a Carta do Viſo-Rey D. Franciſco, em que relatava os ſeus meritos ácerca das couſas do ſerviço d'ElRey D. Manuel, e as traições, e maldades de Soltão Habraemo, polas quaes cauſas elle em nome d'ElRey D. Manuel o fazia Rey daquella Cidade de Quiloa com todas as terras, e ſenhorios que tinha, e lhe dava o dito Reyno de juro, e herdade com as condições na doação conteúdas. De outra parte o Capitão Pero Ferreira, e alguns Mouros principaes da terra, e os Cafres da Ilha Songo huma legua de Quiloa, diziam que

não

não era ſerviço d'ElRey de Portugal reinar homem tão baixo, como o filho de Mahamed Anconij; com as quaes diviſões polos bandos, e odios que dellas recreſcêram, muitos moradores da Cidade ſe foram viver a Melinde, e a Mombaça, e per toda aquella coſta. Ajuntou-ſe tambem a eſtas differenças as tomadias, que os noſſos faziam por cauſa da defeza do regimento; que defendia que os Mouros não tractaſſem em as couſas que tinham valia em Çofala; e porque elles muitas vezes eram comprehendidos neſta defeza, e os noſſos que andavam em os navios em guarda da coſta, com titulo de ſerviço d'ElRey, ás vezes excediam o modo, deſpovoava-ſe a terra com eſtes rigores. Nuno Vaz ſabendo parte deſtas couſas, como deſejava que Quiloa tornaſſe a ſeu eſtado, perguntando polo remedio dellas, per conſelho de hum Antonio d'Afonſeca, que já eſtivera em Çofala com Franciſco da Nhaya, e aſſi parecer delle meſmo que alli vinha, e de outras peſſoas, que entendiam bem o tracto da terra, mandou notificar em Melinde, Mombaça, e Quiloa, e per toda aquella coſta, que todo o mercador natural de Quiloa ſeguramente pudeſſe vir a ella a tractar em mercadorias que tractava, aſſi, e pola maneira que ſe fazia em tempo d'ElRey Habraemo,

ſem

ſem incorrerem nas penas em que incorriam pela defeza. Com a qual couſa tanto que foi ſabida per toda a terra, começáram os Mouros embarcar com ſuas mulheres, e filhos de maneira, que quando Nuno Vaz chegou á Cidade de Quiloa hiam já em ſua companhia mais de vinte zambucos, todos carregados de povoadores, que levavam muitas mercadorias pera Quiloa, onde chegou meado Dezembro, e alli achou Lionel Coutinho Capitão da náo Leitoa, que com hum temporal ſe perdeo da Armada de Triſtão da Cunha, (como adiante veremos.) E porque todas as diviſões da terra procediam da eleição do Rey novo, tanto que Nuno Vaz repouſou de ſua chegada, quiz logo entender niſſo, pera que foram chamados todolos principaes Mouros da terra, e os que com elle vinham de Melinde, e aſſi as partes que contendiam neſte negocio, que era hum Mouro chamado Micante, primo de Habraemo Rey paſſado, e Hocem filho de Mahamed Ancônij. Os quaes em juizo mandou Nuno Vaz que cada hum per ſi allegaſſe de ſeu direito, e moſtraſſe a acção que tinha em ſeu requerimento; e dada primeiro a voz a Micante, como homem favorecido do Capitão, e de Lionel Coutinho, e de outros de ſua valia, com boa parte dos principaes

da

da terra, diſſe, que a razão que tinha na ſucceſsão daquelle Reyno, era ſer pedido por Rey por todos os principaes da terra, por elle proceder do real ſangue dos Reys, que fundáram, e povoáram aquella Cidade, e ſer conjuncto em parenteſco com ElRey Habraemo, o qual não ſendo deſterrado, mas em poſſe do Reyno, eſtando em artigo de morte, o denunciára por ſeu herdeiro, polas quaes razões todos o recebêram ſem contradicção por Rey, ſómente algumas peſſoas, que alli eram preſentes. E que aſſi no eſtado, em que aquelle Reyno eſtava, que era em poder d'ElRey de Portugal, a elle por ſerviço do dito Senhor ſe lhe devia dar, pola terra eſtar em paz, e concordia, e não ſe deſpovoar polo deſcontentamento que tinham em eſtar debaixo da obediencia, e governo de homem, que não era da linhagem dos Reys de Quiloa. Hocem filho d'ElRey Mahamed, quando lhe Nuno Vaz mandou que diſſeſſe de ſeu direito, reſpondeo, que elle não tinha mais que dizer, que quanto eſtava eſcrito naquella patente, que apreſentava do Viſo-Rey, em que ſe reſumiam os ſerviços de ſeu pai, e os delictos d'ElRey Habraemo: que quanto ao que Micante dizia, que com elle ſería a terra mais pacifica, a Cidade não ſe governava por ſeu pai, nem menos ſe havia de go-

governar por Micante, ſenão pelos Capitães d'ElRey de Portugal ſeu Senhor, que alli reſidiſſem, por aquella Cidade ſer ſua, e a ter ganhada por juſtiça de armas, da qual elle podia diſpôr como de couſa ſua propria. Que ſe os Capitães da fortaleza favoreceſſem a qualquer peſſoa em nome d'ElRey ſeu Senhor, iſto baſtava pera toda a Cidade eſtar em paz, quanto mais ſendo peſſoa, a quem ElRey de Portugal ſeu Senhor tinha concedido a real dignidade: a qual quando per elle foſſe concedida a alguma peſſoa, ainda que defectos tiveſſe, o ſeu querer habilitava a parte; e aquelles que o contradiſſeſſem, deviam ſer ſuſpeitoſos a ſeu ſerviço. Ouvindo Nuno Vaz eſtas, e outras razões, que ſobre eſte caſo per ambas as partes foram allegadas, julgou que ſe cumpriſſe a doação que Hocem tinha, e que per ella elle o havia por Rey de Quiloa, e logo alli o denunciou com ſolemnidade que lhe foi feita. E porque a cauſa principal, que fazia deſpovoar a Cidade, procedia do modo com que os Officiaes queriam executar as penas da defeza do Regimento, e ſobre iſſo era tomada alguma fazenda a tres, ou quatro Mouros principaes; tanto que Nuno Vaz lha mandou tornar com a mais liberdade que concedeo pera que tractaſſem, (ſegundo a noti-

tificação que mandára,) ficáram todos tão contentes, que não se tractou mais na successão do novo Rey, e a Cidade ficou posta em quietação, com que muitas casas, que estavam fechadas, foram abertas, e povoadas. Assentadas estas, e outras cousas, que havia pera fazer em Quiloa, em que Nuno Vaz mostrou ter tanta parte de prudencia, como tinha de cavalleiro, leixando alli por Official a Luiz Mendes de Vasconcellos, que viera em sua companhia, partio-se pera Çofala. E passando per Moçambique achou alli tres náos, e hum navio, de que eram Capitães as pessoas que adiante veremos, as quaes vélas foram deste Reyno aquelle anno de quinhentos e seis com Tristão da Cunha, a viagem do qual diremos neste seguinte Livro, leixando Nuno Vaz, que foi tomar posse da capitanía de Çofala, aonde chegou a salvamento a tempo que ella tinha bem necessidade de sua chegada. Porém ante que entremos nesta relação, porque dahi a poucos dias que Nuno Vaz assentou as cousas de Quiloa, ella se tornou a revolver sómente por a successão do Reyno, que causou desfazer-se a fortaleza que alli tinhamos, por não tornarmos mais a ella, procederemos no que succedeo depois. Agi Hocem novo Rey, como nos primeiros dias se vio com o favor

de

de Nuno Vaz, que eſtava em Çofala poſto naquelle eſtado, ordenou logo fazer guerra ao matador de ſeu pai: pera effecto da qual ſecretamente mandou a hum Principe Gentio dos Negros chamado Munha Monge, homem poderoſo em gente, que vieſſe per terra com todo ſeu poder ſobre Tirendincunde, e elle iria per mar a hum certo dia pera darem nelle deſapercebido, com que o deſtruiſſem a fogo, e a ſangue. Concertada eſta ida a poder de grandes dadivas, que Hocem deo a eſte Munha Monge, que entre elles quer dizer Senhor do Mundo, deram ambos em Tirendincunde, e deſtruíram toda a terra, levando os Cafres a maior parte da gente cativa, e o ſeu Rey eſcapou. Com a qual victoria elle ficou tão glorioſo, que cauſou todo o trabalho que depois teve, porque dahi em diante começou de ſe querer com a noſſa converſação pôr em maior eſtado do que era a renda, gaſtando quaſi quanto lhe ficou de ſeu pai, e neſte tempo eſcrevia aos Reys de Melinde Zeinzibar, e de toda aquella coſta, como homem que ſe tinha em mais conta que elles. E como os Mouros tem niſto grande vaidade, aſſi ficáram eſcandalizados delle, que os ganhou por imigos, e tambem porque muitos vaſſallos delles eram mortos na ida que elle Hocem fez, em que
hou-

houve eſta victoria ; os quaes neſte tempo que elle partio eſtavam em Quiloa fazendo mercadorias , e entre rogo , e força os levou comſigo , por razão dos quaes mortos havia muitas lagrimas , e pragas entre todolos Mouros ; e o que elles mais abominavam era ſer elle cauſa de os Cafres levarem tantos Mouros cativos. Finalmente entre inveja , odio , e paixões de ſeu governo , aſſi os que eram contra elle que não reinaſſe , como eſtes Reys noſſos amigos , que nomeámos , que elle ganhou por imigos com a mageſtade de ſeu eſcrever , todos foram em hum animo de o diſpôr , o fim do qual negocio acabou em cada hum deſtes per ſi eſcrever ao Viſo-Rey á India , que ſe queria ter aquella terra em paz , e que ſe não deſpovoaſſe Quiloa , mandaſſe tirar do governo a Hocem , e pôr nelle Habraemo Rey que fora della ; e quando elle não quizeſſe , foſſe ſeu primo Micante , que já eſtivera electo pera iſſo. O Viſo-Rey vendo tanto requerimento contra Hocem , eſcreveo ſobre iſſo a Pero Ferreira ; e por Habraemo não ſe fiar de nós , não acceptou o governo da terra , e foi alevantado por Rey Micante , e diſpoſto Hocem : o qual vendo-ſe com toda a fazenda , que herdára de ſeu pai , gaſtada na vingança de ſua morte , e que eſtando em Quiloa corria

riſ-

riſco de o matarem ſeus imigos ,. pedio a Pero Ferreira que o mandaſſe pôr em Mombaça , como fez , onde dahi a pouco tempo acabou ſeus dias mais miſeramente que hum homem do povo. Micante , que o ſuccedeo , poſto que nos primeiros dous annos moſtrou bom governo , damnou-ſe depois em tanta maneira , que deo maior trabalho á terra do que tinha em tempo de Hocem ; porque não ſómente era aborrecido dos noſſos por ſe tomar muito do vinho com que fazia grandes males , mas ainda dos proprios Mouros , que ſolicitáram vir elle áquelle eſtado , porque a huns tomava as mulheres , a outros matava , fingindo que o queriam matar , de maneira que andava entre elles como hum açoute por parte de Hocem , diſpoſto daquelle eſtado. E o que damnou mais as couſas deſte Mouro , foi acabar Pero Ferreira de ſervir de Capitão , e ſuccedeo-lhe Franciſco Pereira Peſtana filho de João Peſtana ; que como era homem de condição forte , e achou diſpoſição em Micante , accendeo-ſe o fogo na materia , que hum ſe não fiava do outro. No qual tempo eſte Micante , ſabendo que ſeu primo Habraemo deſterrado ſentia muito eſtar elle no governo daquella Cidade , temendo-ſe delle , ordenou de lhe fazer guerra , a qual rompida houve entradas de huma , e ou-

outra parte, em que os nossos vertêram seu sangue, e os metteo em grande afronta. Porque succedeo esta guerra em tempo que na fortaleza não havia mais que quarenta homens que tomassem armas, todolos outros eram enfermos: em huma das quaes entradas, que os Mouros da terra firme fizeram na Ilha com grande número de Cafres, de que era Capitão Mungo Cayde irmão de Habraemo, (porque elle nunca ousou de vir em pessoa,) Francisco Pereira lhe cativou hum sobrinho per nome Munha Came, e matou muita gente ao passar do rio, ao qual Francisco Pereira teve muito tempo prezo. E porque com estes trabalhos da guerra, e cuidado de se defender, Micante algum tanto andava emendado de seus vicios, e pelejava como cavalleiro, e pelo odio que tinha ao primo guardava lealdade á fortaleza, Francisco Pereira lhe sofria seus desmanchos. Com as quaes revoltas se damnou tanto o fundamento pera que ElRey D. Manuel mandou tomar aquella Cidade de Quiloa, que sendo avisado disso, principalmente depois que Affonso d'Albuquerque foi Capitão mór da India, que não favorecia muito as cousas, em que o Viso-Rey poz algum trabalho, polas differenças que ambos tiveram, (como se adiante verá,) que lhe mandou desfazer

a for-

a fortaleza de Quiloa, e que Francisco Pereira se passasse pera a de Socotorá, que elle Affonso d'Albuquerque ajudou a tomar em companhia de Tristão da Cunha, (como logo veremos na entrada do primeiro Livro da segunda Decada:) assi que vindo este mandado d'ElRey D. Manuel, desejando Francisco Pereira, ante que se fosse de Quiloa, dispôr a Micante, e metter em posse da Cidade a Habraemo, mandou-lhe sobre isso alguns recados; mas elle não confiava que verdadeiramente Francisco Pereira o queria fazer, ante lhe parecia que os odios dentre elle, e Micante eram artificios pera o haverem ás mãos, por ver que no tempo da guerra, que contra elle se fazia, eram mui conformes; e mais mandava-lhe por resposta que lhe tinha prezo seu sobrinho Munha Came, como podia esperar delle o que lhe mandava offerecer. Finalmente estando Francisco Pereira já embarcado pera se partir, soltou Munha Came; e Habraemo se veio ver com elle no mar, e ficou mettido na posse da Cidade, fugindo della Micante, o qual depois perseguido deste seu primo, acabou seus dias tão miseravelmente como Agrihocem, e jaz enterrado em a Ilha Quirimba, onde se elle acolheo. Partido Francisco Pereira pera a India, ficou Habraemo Rey pacifico

re-

reformando a terra em melhor eſtado do que a tinha ante que per nós lhe foſſe tomada ; porque os trabalhos que paſſou o enſináram a governar, encommendando ſempre a ſeus filhos que foſſem leaes ao ſerviço d'ElRey D. Manuel: aſſi que o diſcurſo da vida deſte Habraemo, poſto que foſſe Rey, acabou em huma notavel comedia das voltas do Mundo, e a morte de Mahamed Anconij, e de ſeu filho Micante em tragedias, que em ſeu modo muito ſervem pera contemplação das couſas delle.

FIM DA DECADA I.

J.C. Sc.

Barros Asia T.I. Part. II. no Fim

Royal Asiatic Society

00046067

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 25 June, 2016